

A Profecia Celestina

James Redfield

Editorial Notícias

Digitalização e Arranjo

Agostinho Costa

Título original:

The Celestine Prophecy

Tradução:

António M. Gonçalves

(C) James Redfield;

Edição publicada com o acordo
new Books, Inc., Nova Iorque

Direitos Reservados para Portugal por
Editorial Notícias
Carreira, 4-B 1150 LISBOA

Capa: Fernando Felgueiras

Imagem da Capa: Arte peruana,
fragmento de tecido
Edição n.º 01301054-0496

Depósito Legal n.º 89532/95

Fotocomposição e fotolito:
Atelier de Imagem,
Publicações e Artes Gráficas, Lda.

Impressão e acabamento:
Rolo & Filhos - Artes Gráficas, Lda.

EDITORIAL NOTÍCIAS

A Sarah Virginia Redfield

Os que tiverem sido sensatos resplandecerão como a
luminosidade do firmamento, e os que tiverem levado
muitos aos caminhos da justiça brilharão como estrelas
com um esplendor eterno.

E tu, Daniel, guarda isto em segredo e conserva selado



este livro até ao tempo final. Deixa que muitos errem por aqui e por além em busca de conhecimento.

DANIEL 12,3-4

AGRADECIMENTOS

Foram tantos os que influenciaram este livro que seria impossível mencioná-los a todos. Mas não posso deixar de agradecer a Alan Shields, Jim Gamble, Mark Lafountain, Marc e Debra McElhaney, Dan Questenberry, BJ Jones, Bobby Hudson, Joy e Bob Kwapien, Michael Ryce, autor da série de filmes Porque é que isto me voltou a acontecer, e, acima de tudo, a minha mulher, Salle.

ÍNDICE

NOTA DO AUTOR	11/00
I - A MASSA CRÍTICA	15/00
II - UM PRESENTE MAIS AMPLO	37/01
III - O PROBLEMA DA ENERGIA	67/02
IV A LUTA PELO PODER	107/03
V A MENSAGEM DOS MÍSTICOS	141/05
VI PROJECTANDO LUZ SOBRE O PASSADO	187
VII APANHANDO O FLUXO EM ANDAMENTO ..	227
VIII A ÉTICA INTERPESSOAL	269
IX A CULTURA EMERGENTE	323/12

NOTA DO AUTOR

Vai para cinquenta anos que uma nova consciência vem impregnando o mundo humano, uma nova maneira de ver que só pode ser dita transcendente, espiritual. Se lhe acontecer descobrir-se a si próprio, ao ler este livro, então é possível que sinta já o que está acontecendo, e que o sinta em si. Isto começa quando cresce em nós a sensação de que a nossa vida avança por um caminho sem obstáculos. Notamos que as coisas têm ar de acontecer no momento certo, e que as pessoas certas aparecem, para, de

repente, projectarem a nossa vida numa nova e importante direcção. Mais do que outros, em outras épocas, intuímos que um sentido mais elevado está agindo nessas ocorrências misteriosas. Sabemos que a vida é na verdade uma revelação espiritual, revelação essa que é pessoal e fascinante mas cuja natureza nem a ciência, nem a filosofia, nem a religião conseguiram até hoje esclarecer integralmente. E ainda sabemos algo mais: sabemos que, logo que tivermos compreendido o que está a acontecer, e aprendido como nos empenhar no aludido processo, de modo a maximizar, nas nossas próprias vidas, essas ocorrências,

11

a sociedade humana, no seu todo, dará um salto qualitativo, na senda de uma nova vida, que não só realiza o melhor da nossa tradição como cria uma cultura que tem sido a meta de toda a história.

A história que se segue é uma oferta a essa nova compreensão da realidade. Se ela o comover, se ela conseguir cristalizar algo que tenha compreendido na vida, então transmita a outrem o que viu, porque, em minha opinião, é exactamente assim que se está expandindo a nova maneira de ver o mundo espiritual; não já mediante qualquer alarido mediático, mas de pessoa a pessoa, através de uma espécie de contágio psicológico positivo entre uma e outra.

O que compete a cada um de nós fazer é suspender as dúvidas e distrações pelo tempo que for necessário... até que esta realidade se torne, miraculosamente, a nossa.

12

I. A MASSA CRÍTICA

Conduzi até ao restaurante e arrumei o carro; só então me recostei no banco para pensar durante alguns instantes. Charlene já se encontraria, provavelmente, à minha espera, lá dentro, para falar comigo. Mas porquê? Durante seis anos, não me dera sinal de vida. Porque se mostraria justamente agora, quando eu me tinha sequestrado a mim próprio, por uma semana, no bosque?

Saltei para fora da camioneta e pus-me a caminho do restaurante. Por detrás de mim, a derradeira incandescência do pôr-do-Sol afundava-se no poente, lançando clarões de um âmbar dourado sobre a maior parte do parque de estacionamento molhado. Tudo fora encharcado, uma hora antes, por um breve aguaceiro, e agora aquele entardecer estival sabia-me a fresco e renovado, quase surreal. Por cima da minha cabeça, pendia uma meia-lua. Enquanto caminhava, antigas imagens de Charlene vinham-me ao espírito. Ainda continuaria bonita,

intensa? Em que sentido a teria modificado o tempo?

13

E que pensar do manuscrito que ela mencionara - um artefacto antigo descoberto na América do Sul de que era urgente dar-me conhecimento?

- Tenho de esperar duas horas, no aeroporto - dissera-me ela, ao telefone. - Podes encontrar-te comigo para jantar? Vais gostar do que diz o manuscrito - é justamente o tipo de enigma que aprecias.

O meu tipo de enigma? Que queria ela dizer?

O restaurante estava cheio. Vários casais esperavam por mesa. Quando dei com a responsável, esta informou-me de que Charlene já se instalara e orientou-me para um terraço, situado por cima da sala de jantar principal.

Subi os degraus e reparei que, à volta de uma das mesas, estavam muitas pessoas apinhadas. Entre elas, dois polícias. De repente, estes deram meia volta, passaram por mim a correr, e desceram as escadas. Quando toda a gente se dispersou, pude ver quem parecia ter sido o foco das atenções - uma mulher, que continuava sentada à mesa... Charlene!

Fui rapidamente ter com ela.

- Charlene, o que é que se passa? Há algum problema?

Recuou a cabeça, fingindo irritação; depois levantou-se, fazendo brilhar o seu famoso sorriso. Reparei que o penteado talvez fosse diferente, mas as feições eram as mesmas que eu guardava na memória: um rostinho delicado, uma boca grande, uns imensos olhos azuis.

- Tu nem vais acreditar - disse ela, dando-me um amistoso e apertado abraço. - Foi o tempo de ir à casa de banho, alguns minutos; entretanto, alguém me roubou a pasta que eu trazia.

- O que havia lá dentro?

- Nada de importante, uns quantos livros e revistas que trouxe para a viagem. Que loucura! As pessoas das outras mesas contaram-me que foi um homem que entrou, pegou nela simplesmente e saiu, exactamente como entrara. Deram aos polícias a descrição dele, e estes afiançaram que iam vasculhar a zona.

- Talvez eu possa ajudá-los ...

- Não, não. Vamos esquecer o que se passou. Não tenho muito tempo e gostava de falar contigo.

Concordei e Charlene sugeriu que nos sentássemos. Um criado veio ter connosco, olhámos para a lista e encomendámos. Em seguida, passámos dez a quinze minutos a cavaquear sobre generalidades. Tentei falar, como mau actor, sobre o meu auto-imposto isolamento, mas não lhe escaparam os ares vagos que eu fazia. Inclinou-se para mim e voltou a sorrir-me com aquele seu sorriso.

- Então, o que é que se passa realmente contigo? - perguntou.

Olhei-a nos olhos, tão intensamente
como ela me olhava.
- Queres a história toda, e já, não é verdade?
- Sempre - respondeu.
- A verdade é que decidi tirar um tempo só para
mim, e passá-lo à beira do lago. Tenho trabalhado demasiado e
estou a pensar em orientar de outra maneira a minha vida.
- Lembro-me de me teres falado desse lago. Julguei
que tu e a tua irmã pensavam vendê-lo.
- Ainda não, mas o problema é a contribuição
autárquica. Como fica muito perto da cidade, os impostos têm
vindo a aumentar.
Ela concordou, com um gesto de cabeça.
- Nesse caso, o que é que vais fazer a seguir?
- Ainda não sei. Algo diferente.
Lançou-me um olhar intrigado.
- Isso soa como se estivesse inquieto, como toda a
gente.
- Acho que sim - respondi. -Porque perguntas?

14 15

- Está no Manuscrito.
Fez-se um silêncio, enquanto lhe devolvia o seu
olhar contemplativo.
- Fala-me sobre esse manuscrito - disse.
Ela recostou-se na sua cadeira, como se quisesse
arrumar os pensamentos e, em seguida, voltou a olhar-me olhos
nos olhos.
- Eu disse-te ao telefone, creio, que deixei o
jornal
há vários anos e que fui trabalhar para uma empresa de
investigação que faz pesquisas sobre as mutações culturais e
demográficas, para as Nações Unidas. O meu último trabalho foi
no Perú.
Enquanto estava lá, a completar algumas pesquisas, na
Universidade de Lima, fui ouvindo aqui e além rumores sobre um
velho manuscrito que tinha sido descoberto - só que ninguém
consegua dar-me o mais pequeno pormenor que fosse, nem mesmo
nos departamentos de arqueologia e de antropologia. E quando
contactei o Governo sobre a matéria, eles negaram saber do que
se tratava.
Uma pessoa disse-me que, pelo contrário, o
Governo está neste momento particularmente interessado em
destruí-lo, por uma razão qualquer que desconheço. Embora,
mais uma vez, essa pessoa também não tivesse nenhuma relação
directa com o assunto.
- Tu sabes como eu sou - continuou ela -, como
sou curiosa. Quando o meu trabalho terminou, decidi
ficar mais um dia ou dois, e ver o que conseguia descobrir. A
princípio, todas as pistas se revelaram inconsequentes, até
que, estando eu a almoçar num café dos arredores de Lima,
reparei num padre que me observava. Alguns minutos depois, ele
veio ter comigo e admitiu que, um pouco antes, nesse mesmo
dia, me
tinha ouvido fazer perguntas sobre o Manuscrito. Não
me quis dizer como se chamava, mas mostrou-se disposto a

responder a todas as minhas perguntas.

Ela hesitou durante um momento, continuando a olhar para mim intensamente.

- Segundo me disse, o Manuscrito data aproximadamente de 600 a.C. Prevê uma transformação global da sociedade humana.

- A começar quando? - perguntei.

- Nas últimas décadas do século xx.

- Por esta altura?

- Sim, sim, a começar agora.

- Mas que espécie de transformação? - perguntei.

Durante uns instantes, pareceu ficar pouco à vontade; foi então que afirmou com convicção:

- Segundo me disse o padre, trata-se de uma espécie de renascimento da consciência, que ocorrerá de forma muito lenta. Embora espiritual, não é um movimento de natureza religiosa. Estamos a descobrir algo de novo sobre a vida humana neste planeta, sobre o significado das nossas existências, e, segundo o padre, esse conhecimento alterará dramaticamente a cultura humana.

Voltou a calar-se e, em seguida, acrescentou:

- O padre contou-me que o Manuscrito está dividido em segmentos, ou capítulos, cada um dos quais encerrando um olhar profundo e específico sobre a vida.

O Manuscrito prevê que nesta época os seres humanos começarão a compreender esses olhares profundos, uns após outros, sequencialmente, como se emigrássemos daqui, onde actualmente nos encontramos, para uma cultura completamente espiritual na Terra.

Eu abanei a cabeça e franzi cinicamente o sobrolho.

- Acreditas mesmo em tudo isso?

- Bem, eu penso... - começou ela a dizer.

- Olha à tua volta - interrompi-a, apontando para as pessoas sentadas no piso abaixo do nosso. - Este é o mundo real. Estás a ver alguma coisa a modificar-se nele?

16 17

Mal acabei de falar, fez-se ouvir uma observação ríspida vinda de uma mesa situada perto da parede mais distante, uma observação que eu poderia não ter compreendido, mas que foi suficientemente sonora para silenciar toda a sala. Comecei por pensar que o barulho

fora provocado por outro roubo, mas logo me dei conta de que se tratava apenas de uma discussão. Uma mulher, que parecia ter uns trinta anos, tinha-se levantado, olhando indignada para o homem sentado à sua frente.

- Não - gritou ela. - O problema é que o nosso relacionamento não está a ir por onde eu esperava que fosse. Estás a perceber? Não está!

Recompôs-se, atirou o guardanapo para cima da mesa, e foi-se embora. Charlene e eu olhámos um para o outro, chocados por a explosão ter ocorrido no preciso momento em que falávamos das pessoas que se encontravam no piso inferior. Por fim, Charlene apontou para a mesa onde o homem continuava sozinho e disse:

- O mundo real está a mudar.

- Como assim? - perguntei, ainda desconcertado.

- A transformação começa com o Primeiro Olhar Profundo, e segundo o padre, esse olhar perspicaz vem sempre à superfície, sem que o notemos, sob a forma de um profundo sentimento de inquietação.

- Inquietação?

- Sim.

- Pelo que estamos a ver?

- É isso mesmo! Ao princípio, não temos a certeza.

Segundo o Manuscrito, começamos por vislumbrar uma outra espécie de experiência ... momentos em que as nossas vidas parecem, de algum modo, diferentes, mais intensas e inspiradas. Mas não sabemos de que experiência se trata nem como fazer com que ela dure, como dar-lhe forma, e quando ela se esvai deixa-nos um sentimento de frustração e de inquietude, com a vida a tornar-se, mais uma vez, banal.

- Achas que era essa inquietação que estava por detrás da cólera daquela mulher?

- Sim. Ela é como todos nós. Andamos à procura de mais realização nas nossas vidas e desvalorizamos tudo o que parece torná-las medíocres. É esta procura inquieta que alimenta a atitude que nos leva a pôr o nosso eu acima de tudo, o eu antes de mais típico que tem caracterizado as décadas mais recentes e isso toca a todos, de Wall Street aos bandos de rua. - Ela olhou-me directamente: - E quando esta atitude atinge as nossas relações íntimas, tornamo-nos tão exigentes que elas se tornam quase impossíveis.

Esta última observação trouxe-me de volta à memória as minhas duas últimas relações. Ambas tinham começado intensamente, e ambas tinham acabado um ano depois. Quando voltei a concentrar-me em Charlene, ela estava pacientemente à espera.

- Que andamos exactamente a fazer às nossas relações amorosas? - perguntei.

- Falei muito com o padre sobre isso - retomou ela. - Disse-me que quando duas pessoas se tornam demasiado exigentes na sua relação, quando cada uma delas espera que a outra viva no seu mundo, esteja sempre lá, que a acompanhe nas suas actividades, então desenvolve-se inevitavelmente uma guerra de personalidades.

O que ela dizia atingiu-me em cheio. Os meus dois últimos casos tinham efectivamente degenerado em luta de poder. Quer num, quer noutro, tínhamos acabado num conflito de agendas. O ritmo tornara-se demasiado rápido. Tínhamos pouco tempo para coordenar as nossas ideias divergentes sobre o que fazer, aonde ir, o que interessava levar por diante. Lá para o fim, saber quem mandava, quem ia determinar a orientação

18 19

do dia tornara-se um problema totalmente insolúvel.

- Por causa desta guerra de controlo - continuou Charlene, - o Manuscrito diz que vamos achar praticamente impossível viver com alguém, seja qual for o período de tempo.

- Perspectiva que não parece muito espiritual...
- disse eu.
- Foi precisamente o que respondi ao padre - retomou ela.
- Sugeriu que eu não perdesse de vista que, apesar de a maior parte dos males actuais da sociedade estarem, em graus diversos, relacionados com esta inquietação e com esta maneira de ver, o problema é temporário e está a chegar ao seu termo. A percepção consciente daquilo que de facto valorizamos, a noção de que há, na realidade, uma outra experiência mais fecunda está abrindo o seu caminho. Quando o compreendermos plenamente, teremos alcançado o Primeiro Olhar Profundo.

O jantar que tínhamos encomendado chegara entretanto e fizemos uma pausa de alguns minutos, enquanto o criado nos servia vinho e provávamos a comida um do outro. Charlene torceu o nariz e pôs-se a rir, sem motivo aparente, quando estendeu a mão, por cima da mesa, para provar, do meu prato, um pouco de salmão. Reparei como não era nada complicado estar com ela.

- Tudo bem - disse eu. - Em que consiste então essa experiência que estamos a valorizar cada vez mais? O que é isso de Primeiro Olhar Profundo?

Ela hesitou, como se não soubesse bem por onde começar.

- É difícil de explicar - começou por dizer. - Mas o padre pôs as coisas deste modo: o Primeiro Olhar Profundo acontece quando tomamos consciência das coincidências que ocorrem na nossa vida. - Ela inclinou-se na minha direcção. - Nunca tiveste um choque ou uma intuição sobre uma coisa qualquer que gostarias de fazer? Um rumo qualquer que desejasses dar à tua vida? E pensaste como poderia isso vir a acontecer? Não que desejasses algo de impossível, mas tão-só imprevisível, para o teu quadro de vida. Não te aconteceu, em seguida, teres-te quase esquecido disso e teres-te concentrado noutras actividades? Nunca te aconteceu, depois, encontrares de repente alguém, ou leres alguma coisa, ou ires a um lado qualquer que te conduziu exactamente a essa oportunidade que tinhas imaginado? Pois bem - continuou ela -, na opinião do padre, essas coincidências estão a dar-se com uma frequência cada vez maior e, quando ocorrem, atingem-nos como se ultrapassassem tudo o que poderíamos esperar, em termos de puro acaso. Ficamos com a sensação de que trazem com elas como que uma orientação, como se as nossas vidas estivessem a ser guiadas por uma qualquer força inexplicada. Tais experiências induzem, em nós, uma sensação de mistério e de vibração que se traduz na sensação de estarmos mais vivos.

O padre disse-me que essa experiência é a que vislumbrámos e que, agora, procuramos que se manifeste em permanência. Cada dia surge mais gente convencida de que este misterioso movimento é qualquer coisa de real, de que traz com ele um sentido, de que algo se está a passar nas estruturas básicas da vida quotidiana. Quando esta sensação se torna consciência e conhecimento, tem-se a experiência do Primeiro Olhar Profundo.

Olhou para mim, expectante, mas eu continuei calado.

- Não estás a ver? - perguntou-me. - O Primeiro Olhar Profundo é uma maneira de tomar a sério o mistério que envolve as nossas vidas individuais neste planeta. O mistério inerente às nossas vidas. Experimentamos, cada vez mais frequentemente, estas misteriosas

20 21

coincidências, e mesmo se as não compreendemos ainda, sabemos que são reais. Voltámos a sentir, de novo, como na infância, que existe um outro lado da vida, um lado que ainda nos resta descobrir, um conjunto de outros processos que estão agindo nos bastidores.

Charlene debruçou-se ainda mais na minha direcção, fazendo gestos com as mãos enquanto falava.

- Estás mesmo apanhada, não estás?

- perguntei-lhe.

- Sou bem capaz de me lembrar de uma época - respondeu ela, frontalmente, - em que eras tu quem falava deste tipo de experiências.

O seu remoque abalou-me. Ela tinha razão. Existira, de facto, um tempo na minha vida em que experimentara essa espécie de coincidências e em que, inclusivamente, procurara compreendê-las em termos psicológicos. Algures, na minha trajectória, deixara de ver assim as coisas. Por uma razão qualquer, começou a encarar algumas dessas percepções como imaturas e irrealistas, e deixara até de reparar nelas.

Apesar de me sentir na defensiva, encarei Charlene e respondi-lhe:

- Nessa época, talvez eu andasse a ler filosofia oriental ou misticismo cristão. É disso que deves estar lembrada. Seja como for, sobre aquilo a que tu chamas Primeiro Olhar Profundo já muito se escreveu ao longo da história, Charlene. O que há agora de tão diferente? Como é que a percepção das ocorrências misteriosas vai induzir uma transformação cultural?

Charlene baixou o olhar para a mesa, durante alguns instantes, e só depois olhou para mim:

- Não vejas as coisas assim - disse ela. - É óbvio que este tipo de consciência já foi sentido e descrito antes. O padre, na realidade, fez questão em salientar que este Primeiro Olhar Profundo não tem nada de

novo. Afirmou mesmo que sempre houve pessoas que, através dos tempos, se aperceberam destas coincidências inexplicáveis, e que este tipo de percepção está por detrás de muitas tentativas filosóficas e religiosas. Mas agora o facto novo relativamente ao passado é o número. Segundo o padre, a transformação está a verificar-se agora devido ao grande número de pessoas que, todas ao mesmo tempo, têm a noção dessas ocorrências misteriosas.

- O que quis ele dizer exactamente? - perguntei.

- Contou-me que o Manuscrito diz que o número

de pessoas que estão conscientes dessas coincidências vai começar a aumentar significativamente na sexta década do século xx. E que esse crescimento vai continuar até a um dado momento do próximo século, altura em que atingiremos um nível específico desse tipo de pessoas - nível que equiparo a uma massa crítica.

O Manuscrito prediz - continuou ela - que, uma vez atingida essa massa crítica, toda a cultura começará a tomar seriamente em consideração essas experiências coincidentes. Vamos maravilhar-nos em massa sobre o porquê desse misterioso processo que sustém a vida humana neste planeta. E quando essa interrogação for partilhada ao mesmo tempo por um número significativo de pessoas, começarão a vir à consciência os outros olhares profundos - porque segundo o Manuscrito, quando houver um número suficiente de pessoas a colocar-se seriamente a questão do que está a acontecer à vida, nós começaremos a saber a resposta. Os outros olhares profundos desvendar-se-ão ... uns atrás dos outros.

Fez uma pausa para comer um pouco.

- E quando captarmos os outros olhares profundos - perguntei - será que, aí, a cultura vai mudar?

- Foi isso que o padre me disse - respondeu ela.

Olhei para ela, durante uns instantes, deixando pairar

22 23

no meu espírito a ideia de massa crítica, e depois disse:

- Sabes, tudo isso soa a muita sofisticação para um manuscrito escrito em 600 a.C.

- Eu sei - replicou ela. - Eu própria me interroguei sobre isso. Mas o padre garantiu-me que os primeiros cientistas que traduziram o Manuscrito estavam absolutamente convictos da sua autenticidade. Sobretudo porque estava escrito em aramaico, a mesma língua em que foi escrita grande parte do Antigo Testamento.

- Aramaico na América do Sul? Como é que ele lá foi parar em 600 a.C.?

- O padre ignorava-o.

- A Igreja dele apoia o Manuscrito? - perguntei.

- Não - esclareceu ela. - Contou-me que o grosso dos padres se esforça o mais que pode para dar sumiço ao Manuscrito. Era essa a razão porque não me quisera dizer o seu nome. Aparentemente, só falar sobre este assunto já o fazia correr um risco real.

- Disse porque é que a maioria dos representantes da Igreja estava contra?

- Sim: porque interpela o carácter acabado da religião deles.

- De que maneira?

- Não sei como exactamente. Não discutimos muito isso, mas aparentemente os olhares profundos que se seguem dão outra amplitude, outro conteúdo prático, a ideias tradicionais da Igreja, no sentido em que inquietam os clérigos mais idosos, que pensam que o que está bem não é para mudar.

- Compreendo.

- O padre disse - continuou Charlene - que, na

sua opinião, o Manuscrito não subverte nenhum dos princípios da Igreja. Se faz alguma coisa é esclarecer com exactidão o que se deve entender por essas verdades espirituais. Ele acreditava seriamente que os chefes da Igreja acabariam por dar-se conta disso se tentassem olhar de novo para a vida como um mistério e progredissem, então, através dos olhares profundos.

- Ele disse-te quantos eram esses olhares profundos?

- Não, mas mencionou um Segundo Olhar Profundo. Disse-me que era a interpretação mais correcta da história recente, dado clarificar ainda mais a transformação em curso.

-

Alongou-se sobre essa questão?

- Não, não teve tempo. Disse-me que tinha de ir tratar de outro assunto. Combinámos voltarmo-nos a encontrar em sua casa, nessa tarde, mas quando lá cheguei ele não estava. Esperei três horas e ele não apareceu. Por fim, tive de me vir embora; tinha o meu voo de regresso à espera.

- Queres dizer que não pudeste voltar a falar com ele?

- É verdade. Não voltei a falar com ele.

- E nunca recebeste, por parte do Governo, qualquer confirmação relativamente ao Manuscrito?

- Nem a mais pequena.

- E há quanto tempo se passou tudo isso?

- Aí há um mês e meio.

Durante alguns minutos, comemos em silêncio. Finalmente, Charlene levantou os olhos e perguntou:

- Então, o que pensas?

- Não sei o que pensar - disse. - Uma parte de mim permanece céptica relativamente à ideia de que o comportamento humano possa realmente modificar-se. Mas uma outra parte ficou excitadíssima só de pensar que um manuscrito que diz coisas dessas possa mesmo existir. Ele mostrou-te uma cópia ou qualquer coisa parecida? - perguntei.

- Não. Tudo o que tenho são os apontamentos que tomei.

24 25

Ficámos calados, de novo.

- Sabes uma coisa? - disse ela. - pensei que ias ficar excitado com estas ideias.

Olhei para ela.

- Acho que preciso de uma prova; algo que mostre que esse manuscrito é verdadeiro e diz a verdade.

Ela voltou de novo a arvorar um largo sorriso.

- O que é que se passa? - perguntei.

- Foi exactamente o que eu disse.

- A quem? Ao padre?

- Sim.

- O que é que ele disse?

- Ele respondeu dizendo-me que é a experiência que dá testemunho, que é a experiência que revela a evidência.

- O que é que ele queria dizer com isso?

- Queria dizer que as nossas experiências confirmam o que

o Manuscrito diz. Quando reflectimos verdadeiramente sobre como nos sentimos no nosso íntimo, como estão a evoluir as nossas vidas neste momento da história, podemos chegar à conclusão de que as ideias do Manuscrito não são absurdas, antes fazem sentido, há algo nelas que soa a verdadeiro.

Ela hesitou.

- Isto diz-te alguma coisa?

Pensei um momento. Dir-me-ia? Seria que toda a gente sentia a mesma inquietação que eu sentia e, se fosse esse o caso, seria que essa inquietação resultava da simples percepção - da simples consciência acumulada em trinta anos - de que há na vida mais coisas do que aquelas que conhecemos, de que há mais coisas do que as que podemos experimentar?

- Não tenho a certeza - acabei por dizer - sinto que preciso de algum tempo para pensar nisso.

Fui até ao jardim ao lado do restaurante e fiquei parado atrás de um banco de cedro, voltado para a

fonte. À minha esquerda podia ver pulsar as luzes do aeroporto e ouvir os reactores de um avião prestes a descolar.

- Que beleza de flores - disse Charlene atrás de mim.

Voltei-me e vi-a caminhar ao longo do carreiro, a maravilhar-se com as rosas, as petúnias e as begónias que bordejavam a zona de repouso. Parou a meu lado e pus um braço por cima dos seus ombros. Flutuaram recordações no meu espírito. Anos antes, quando vivíamos juntos em Charlottesville, na Virgínia, tínhamos passado tardes inteiras a conversar. A maior parte das nossas discussões era sobre teorias académicas e o desenvolvimento psicológico. Vivíamos fascinados um pelo outro e pelo facto de conversarmos. Embora reparasse agora em como a nossa relação fora sempre platónica.

- Não imaginas - disse ela - quão agradável é estar de novo contigo.

- Eu sei - retorqui-lhe. - Ver-te traz-me à memória imensas recordações.

- É espantoso como perdemos o contacto um com o outro. Não achas? - perguntou ela.

A pergunta dela levou-me de volta ao passado. Lembrei-me da última vez em que vira Charlene. Ela estava a dizer-me adeus no meu carro. Nesse tempo, eu estava cheio de ideias novas e de regresso a casa para ir trabalhar com crianças profundamente maltratadas. Julgava saber como é que essas crianças podiam ultrapassar as reacções intensas, as passagens obsessivas ao acto que as impedem de viver as suas próprias vidas. Mas, com o passar do tempo, a minha abordagem falhou. Fui obrigado a reconhecer a minha ignorância. Continuava sem saber como é que os seres humanos se podiam libertar do seu próprio passado.

Ao olhar para os últimos seis anos, soube que a

experiência valera a pena. E também que tinha de ir em frente. Mas para onde? Para fazer o quê? Desde que ela me tinha ajudado a cristalizar as minhas ideias sobre o trauma infantil, só raramente tinha pensado em Charlene, e de novo ali estava ela, de retorno à minha vida - e sentia a nossa conversa tão excitante como antigamente.

- Acho que me deixei absorver totalmente pelo meu trabalho - disse.

- Também eu - disse ela, por seu turno. - Com o jornal, era uma história atrás da outra. Nem tinha tempo para levantar a cabeça. Perdi de vista tudo o resto.

Estreitei-a pelos ombros.

- Sabes uma coisa, Charlene, tinha-me esquecido de como é bom falar contigo; a nossa conversa parece tão fácil e espontânea!

Os seus olhos e o seu sorriso confirmaram a minha impressão.

- Eu sei - disse ela - conversar contigo traz-me tanta energia!

Estava para fazer um outro comentário, quando Charlene começou a olhar, por detrás de mim, para a entrada do restaurante. O seu rosto tornou-se ansioso e pálido.

- O que é que se passa? - perguntei, virando-me para olhar nessa direcção. Várias pessoas dirigiam-se para o parque de estacionamento, falando com à-vontade, mas não me pareceu que se passasse algo de anormal. Voltei-me para Charlene, que parecia ainda alarmada e confusa.

- O que foi? - tornei a perguntar.

- Perto da primeira fila de carros, não reparaste num homem de camisa cinzenta?

Voltei a olhar mais uma vez para o parque de estacionamento. Reparei que um outro grupo de pessoas estava a sair do restaurante.

28

- Qual homem?

- Acho que já não está lá - disse ela, continuando a esforçar-se para dar com ele.

Olhou-me directamente nos olhos.

- Quando as pessoas das outras mesas descreveram o homem que me roubou a pasta, disseram que ele tinha pouco cabelo, usava barba e vestia uma camisa cinzenta. Tenho a impressão de o ter visto no meio dos carros. .. vigiando-nos.

Uma bola de ansiedade formou-se-me no estômago. Disse para Charlene que voltava já e dirigi-me para o parque de estacionamento para dar uma olhadela, tendo o cuidado de não me afastar demasiado. Não vi ninguém que correspondesse à descrição.

Quando voltei para o banco, Charlene aproximou-se mais de mim e disse-me com suavidade:

- Achas que ele suspeita de que eu tenho uma cópia do Manuscrito? E que essa é a razão porque me tirou a pasta? Está a tentar recuperá-la?

- Não sei - respondi. - Mas vamos chamar outra

vez a polícia e contar-lhe o que tu viste. Acho que eles também deviam controlar os passageiros do teu voo.

Voltámos para dentro e chamámos a polícia que, quando chegou, foi informada do que sucedera. Levaram vinte minutos a inspeccionar carro após carro, e depois explicaram que não podiam dedicar mais tempo ao caso. Concordaram em verificar todos os passageiros do avião em que Charlene ia viajar.

Depois de a polícia se ter ido embora, Charlene e eu vimo-nos de novo sozinhos ao pé da fonte.

- De que estávamos a falar - perguntou ela -, antes de eu ter visto o homem?

- Estávamos a falar de nós - respondi. - Charlene, porque é que pensaste em contactar-me à cerca de tudo isto?

Ela lançou-me um olhar perplexo.

29

- Quando estava no Perú e o padre me estava a falar do Manuscrito, tu não me saías do pensamento.

- Ah sim?

- Nessa altura não pensei muito nisso - prosseguiu ela -, mas posteriormente, depois de ter regressado a Virgínia, cada vez que pensava no Manuscrito, pensava sempre em ti. Comecei mesmo várias vezes a marcar o teu número, mas nunca consegui ir até ao fim. Foi então que recebi esta missão em Miami, para onde estou agora a ir, e dei-me conta, depois de já ter embarcado, que ia fazer uma escala aqui. Quando desembarquei, procurei o teu número de telefone. O teu atendedor automático informou-me de que, em caso de emergência, e só nesse caso, podias ser contactado no lago, mas decidi que faria bem em ligar-te.

Olhei para ela durante uns momentos, não sabendo o que pensar.

- É óbvio - respondi-lhe por fim - que estou contente por o teres feito.

Charlene olhou para o relógio.

- Está a fazer-se tarde. É melhor voltar para o aeroporto.

- Eu levo-te lá - sugeri.

Dirigimo-nos para o terminal principal e fomos a pé até à zona de embarque. Eu prestava atenção para ver se notava algo fora do normal. Quando chegámos, o avião já estava a embarcar passageiros e um dos polícias, que já havíamos encontrado, controlava-os, um a um. Quando nos abeirámos dele, informou-nos de que verificara toda a gente e não encontrara ninguém que correspondesse à descrição do ladrão.

Agradecemos-lhe e, depois de ele se ter ido embora, Charlene voltou-se para mim e sorriu-me.

- Acho melhor ir - disse ela, estendendo os braços para me envolver o pescoço. - Tens aqui os meus números. Desta vez, vamo-nos manter em contacto.

- Ouve - disse eu -, quero que tenhas cuidado. Se vires algo estranho, chama a polícia.

- Não fiques preocupado comigo - replicou ela. - Vai tudo correr às mil maravilhas.

Por alguns instantes,
olhámo-nos olhos nos olhos.

- O que é que vais fazer a propósito do Manuscrito? -
perguntei.

- Ainda não sei. Acho que vou esperar por notícias
na imprensa.

- E se ele for destruído?

Ela dirigiu-me outro dos seus enormes sorrisos.

- Eu sabia - disse ela. - O isco pegou. Ficaste apanhado.
Eu disse-te que ias adorar. O que é que vais tu fazer agora?
Encolhi os ombros.

- Ver se consigo saber mais alguma coisa, provavelmente.

- É assim mesmo. E se souberes, não deixes de mo
dizer.

Dissemos mais uma vez adeus e ela foi-se embora.
Fiquei a vê-la ainda; voltou-se uma vez mais e acenou,
desaparecendo então no corredor de embarque. Dirigi-me para a
minha carrinha e voltei para o lago, parando apenas para meter
gasolina.

Logo que cheguei, saí para a varanda protegida por
um toldo e sentei-me numa das cadeiras de baloiço.

A noite vibrava com o ruído dos grilos e o coaxar das
rãs e, ao longe, eu podia ouvir uma ave nocturna.* Na
outra margem do lago, a lua descera mais para oeste e
enviava, pela superfície das águas, uma linha brilhante
de reflexos até junto de mim.

A noite tinha sido interessante, mas eu continuava
céptico acerca de qualquer ideia de transformação cultural.

* (N. T.: O nome do pássaro, whip-o-Wil, inclui as
palavras ,chicote e vontade, arbítrio, futuro").

30 31

Como acontecera a tantas outras pessoas, eu fora
apanhado pelo idealismo social dos anos 60 e 70, e até
mesmo pelas preocupações espirituais dos anos 80. Mas
era difícil avaliar o que realmente acontecera. Que espécie de
nova informação tornaria possíveis alterações na integralidade
do mundo humano? Tudo aquilo soava a
um truque demasiado idealista. Apesar de tudo, há
muito que os seres humanos vivem neste planeta. Por
que carga de água, depois de todo este tempo, iríamos
adquirir, de repente, agora, uma nova percepção da
existência? Ainda fiquei ali, mais um tempo, a olhar
para a água lá fora, depois apaguei as luzes e fui para o
quarto ler.

Na manhã seguinte, acordei sobressaltado com um
sonho ainda fresco na memória. Durante um ou dois
minutos, fiquei com os olhos pespegados no tecto,
rememorando-o integralmente. Eu caminhava através de uma
floresta, à procura de uma coisa qualquer. A floresta era
imensa e excepcionalmente bela.

Na minha procura,
encontrara-me num certo
número de situações em que me sentira totalmente perdido e
desorientado, sem saber como agir. Inacreditavelmente, em cada
uma dessas situações tinha aparecido alguém, vindo não se sabe
de onde, mas como se viesse
com o desígnio de me esclarecer sobre a direcção que eu
devia tomar. Eu nunca soube o que procurava, mas o
sonho tinha-me deixado uma sensação inacreditável de
exaltação e de confiança.

Sentei-me na cama e reparei num raiar de sol
difundindo-se a partir da janela, através do quarto. Brilhava
com partículas suspensas de poeira. Fui até à janela
e abri as cortinas. Estava um dia bonito: um Sol brilhante,
num céu azul. Uma brisa densa baloiçava-se com leveza nas
árvores. O lago devia estar ligeirissimamente

encrespado e resplandescente àquela hora do dia, e o
vento seria refrescante na pele de um nadador.

Saí e dei um mergulho. Vim à superfície e nadei até
a meio do lago, pondo-me de costas para olhar para as
montanhas que me eram familiares. O lago ficava num
vale profundo para onde convergiam três cristas de
montanhas, uma perfeita paisagem lacustre descoberta
pelo meu avô na sua juventude.

Cem anos tinham já passado, desde que, pela primeira vez,
o garoto aventureiro que ele era caminhara por aquelas
cristas, e as vira como um prodígio a nascer de
um mundo que era ainda selvagem, com pumas, javalis e
índios creek que viviam em cabanas rudimentares na vertente
norte da montanha. Ele jurara então que um dia viveria naquele
vale maravilhoso com as suas imponentes árvores antigas e as
suas sete nascentes, e acabara por fazê-lo - construía mais
tarde um lago e uma cabana e
fizera com um neto longas caminhadas. Eu nunca entendera
perfeitamente o fascínio que o meu avô sentia por aquele vale,
mas procurei sempre preservar aquela terra,
mesmo quando a civilização a invadiu e, depois, a cercou.

Do meio do lago, conseguia ver um determinado
rochedo destacando-se perto da crista norte. No dia
anterior, seguindo a tradição do meu avô, subira até
àquele penhasco procurando encontrar alguma serenidade na
vista que dele se desfrutava, nos cheiros e no modo como o vento
rodopiava nas copas das árvores.
E enquanto estava sentado lá em cima, a ver o lago em
toda a sua extensão e a densa folhagem no vale que
ficava a meus pés, fui-me sentindo progressivamente
melhor, como se a energia e a perspectiva estivessem
dissolvendo, no meu espírito, algum bloqueio. Algumas
horas depois, encontrava-me a conversar com Charlene
e a ouvir falar sobre o Manuscrito.

Voltei a nado e saltei para o ancoradouro de madeira
diante da cabana. Sabia que tudo aquilo era demais para
acreditar.

Quer dizer, ali estava eu refugiando-me naquelas colinas, sentindo um total desencanto pela minha vida quando, vinda do nada, inesperadamente, aparece Charlene a explicar a causa da minha inquietação - trazendo à colação um certo manuscrito antigo que prometia o segredo da existência humana.

Mas eu também sabia que a vinda de Charlene era exactamente uma dessas coincidências de que falava o Manuscrito, dessas que parecem demasiado inverosímeis para resultarem de meros acasos. Poderia aquele antigo documento bater certo? Estaríamos nós a construir, apesar das nossas denegações e do nosso cepticismo, uma massa crítica de pessoas conscientes destas coincidências? Estariam os seres humanos, agora, em condições de compreender este fenómeno e, finalmente, a perceber o objectivo que, como pano de fundo, preside à própria vida?

Perplexo, perguntava-me: qual poderá ser esse novo entendimento? Os subsequentes olhares profundos, constantes no Manuscrito, iriam esclarecer-nos sobre esta questão, como dissera o padre?

Encontrava-me perante uma decisão. Por causa do Manuscrito, sentia que uma nova direcção se abria na minha vida, um novo centro de interesse. Tratava-se de saber: que fazer naquele momento? Eu podia ficar onde estava ou procurar um caminho que me permitisse ir mais além. Veio-me à mente uma intuição de perigo. Quem roubara a pasta de Charlene? Alguém que visava a destruição do Manuscrito? Como poderia eu saber?

Reflecti bastante sobre os riscos possíveis, mas, por fim, prevaleceu a minha faceta optimista. Decidi não me inquietar. Procuraria agir com prudência e ir devagar. Fui para dentro e telefonei para a agência de viagens que tinha o maior anúncio das páginas amarelas. O empregado com quem falei informou-me de que podia de facto arranjar-me uma viagem para o Perú. E, na realidade, por sorte, tinha havido uma desistência que eu poderia colmatar - um voo com reserva já confirmada num hotel de Lima. Eu podia conseguir o conjunto com desconto, disse-me ... se pudesse partir no voo daí a três horas.

Três horas?

34 35

II

UM PRESENTE MAIS AMPLO

Após o frenesim das malas e uma correria louca pela auto-estrada, cheguei ao aeroporto, precisamente a tempo de pegar no meu bilhete e embarcar no avião para o Perú. Mal entrei no corredor do aparelho e me sentei à janela, a fadiga abateu-se sobre mim.

Pensei em dormir um pouco, mas quando me estirei e fechei os olhos, soube que não poderia relaxar-me. Senti-me de repente nervoso e ambivalente face à viagem. Não era mesmo loucura partir sem nenhuma preparação? Para onde iria no Perú? Com quem é que ia falar?

A confiança que sentira no lago murchava rapidamente, para dar lugar ao cepticismo. Quer o Primeiro Olhar Profundo, quer a ideia de uma transformação cultural pareceram-me, de novo, uma e outra, fantasistas e irreais. E, à medida que eu pensava no assunto, o conceito de um Segundo Olhar Profundo parecia-me, numa só palavra, inverosímil. Como é que uma nova perspectiva histórica podia fazer com que a percepção das tais coincidências se tornasse permanente e consciente no espírito das pessoas?

37

Estirei-me ainda mais e respirei fundo. Talvez se tratasse de uma viagem para nada, concluí eu, o tempo de chegar ao Perú e de voltar para trás. Talvez não passasse de uma perca de dinheiro e nada mais.

O avião arrancou aos solavancos e foi posicionar-se na pista. Fechei os olhos e senti uma leve tontura quando o grande jacto atingiu a velocidade crítica e se lançou para o interior de uma espessa camada de nuvens. Quando atingimos a altitude de cruzeiro, só então relaxei e me entreguei ao sono. Trinta ou quarenta minutos mais tarde, uma fase de turbulência despertou-me e decidi ir à casa de banho.

Quando atravessava o salão de convívio, reparei num homem alto, de óculos redondos, de pé junto à janela, à conversa com um comissário. Ele olhou para mim de relance, e continuou a conversar. Tinha cabelos castanho-escuros e aparentava uns quarenta e cinco anos. Por momentos pensei já o ter visto, mas depois de ter olhado mais de perto as suas feições, concluí que nunca o vira antes, em lado nenhum. Ao passar por ele, pude ouvir parte da conversa.

- De qualquer modo, estou-lhe agradecido - dizia o homem. - Como vai tantas vezes ao Perú, pensei que já pudesse ter ouvido falar do Manuscrito.

Voltou-se e dirigiu-se para a parte da frente do aparelho.

Fiquei mudo de espanto. Estaria a referir-se ao mesmo manuscrito? Entrei na casa de banho e tentei reflectir sobre a decisão a tomar, tanto mais que uma parte de mim mesmo procurava esquecer tudo. Provavelmente, o homem estava a falar de uma outra coisa qualquer, de um outro livro.

Voltei para o meu lugar e fechei de novo os olhos, satisfeito por ter resolvido comigo mesmo o incidente, feliz por não ter perguntado ao homem a que documento se estava a referir. Mas, ali sentado, veio-me ao espírito a excitação que sentira no lago. E se aquele homem tivesse realmente informações sobre o Manuscrito? O que iria passar-se? Se eu não perguntasse, ficaria sem saber, e

para sempre.

Hesitei bastante, até que me levantei e me dirigi

para a parte dianteira do avião, dando com o homem mais ou menos a meio da coxia. Mesmo por detrás dele, havia um lugar vazio. Voltei para trás e disse ao comissário que queria mudar de lugar; peguei então nas minhas coisas e fui-me sentar atrás do homem. Deixei passar uns minutos, até lhe bater no ombro.

- Desculpe-me - disse-lhe. - Ouvi-o mencionar um manuscrito. Estava a falar do que foi encontrado no Perú?

Olhou para mim surpreendido e, depois, prudente.

- Sim, estava - respondeu ele, cauteloso.

Apresentei-me e expliquei-lhe que uma amiga minha tinha estado recentemente no Perú e me tinha informado da existência do Manuscrito. Acalmou visivelmente e apresentou-se como sendo Wayne Dobson, um professor-assistente de História na Universidade de Nova Iorque.

Enquanto conversávamos, reparei no olhar de irritação que nos lançava um sujeito sentado ao pé de mim. Recostara-se no seu assento, preparando-se para dormir, e a nossa conversa incomodava-o.

- Você viu o Manuscrito? - perguntei ao professor.

- Só partes - respondeu. - E você?

- Não, mas a minha amiga falou-me do Primeiro Olhar Profundo.

O homem ao meu lado mudou de posição.

Dobson olhou para ele.

- O senhor que me desculpe. Sei que estamos a incomodá-lo. Importava-se de trocar de lugar comigo?

- Não - respondeu o homem. - Seria preferível.

38 39

Saímos todos para a coxia; fui sentar-me no assento junto à janela e Dobson sentou-se ao meu lado.

- Conte-me o que ouviu sobre o Primeiro Olhar Profundo - disse Dobson.

Parei durante uns instantes, tentando resumir no meu espírito o que tinha compreendido.

- Acho que o Primeiro Olhar Profundo capta as misteriosas ocorrências que mudam a vida de cada um de nós, instilando a sensação de que há outros processos a agir.

Senti-me estranho ao falar naquilo.

Dobson reparou imediatamente no meu desconforto.

- O que pensa você desse olhar profundo? - perguntou ele.

- Não sei o que pensar - disse eu.

- Não se enquadra muito no senso-comum dos nossos dias, não é verdade? Não estaria mais à vontade se pusesse tudo isso de lado e voltasse a ocupar-se unicamente de coisas práticas?

Ri e abanei afirmativamente a cabeça.

- Ora aí está, essa é a tendência de toda a gente.

Quando acontece pensarmos, temos a clara percepção de que há mais, qualquer coisa mais a passar-se na nossa vida, mas a nossa maneira habitual de pensar considera

esse tipo de ideias inabordáveis. A maneira que hoje temos de pensar marimba-se completamente para a consciência. Por isso é que é necessário o Segundo Olhar Profundo. Se olharmos para os antecedentes históricos da nossa consciência, esse olhar parecer-nos-á mais válido.

Anuí, com um sinal de cabeça.

- Quer dizer então que, enquanto historiador, você concorda em que o Manuscrito é rigoroso quando prediz uma transformação global?

- Sim.

- Enquanto historiador?

- Sim! Mas deve-se olhar para a história com um

olhar adequado. - Respirou fundo. - Acredite em mim; quem lhe diz isto passou muitos anos a estudar e a ensinar História da maneira errada! Concentrei-me exclusivamente nas realizações tecnológicas da civilização e nos grandes homens que contribuíram para esses progressos.

- O que é que há de errado nessa abordagem?

- Nada, tão longe quanto se enxergue. Mas o que é realmente importante é a visão do mundo própria de cada época histórica, o que cada povo foi sentindo e pensando. Levei muito tempo a compreendê-lo. Parte-se do princípio de que a história serve para dar a conhecer o contexto mais amplo em que se inscrevem as nossas vidas. A história não é só a evolução da tecnologia, mas a evolução do pensamento. Ao tentarmos compreender a realidade das pessoas que vieram antes de nós, compreendemos por que razão vemos o mundo da maneira como o fazemos e qual

é o nosso contributo no sentido de um maior progresso. Podemos saber com precisão onde nos situamos, por assim dizer, no desenvolvimento mais amplo da Civilização, e ficamos com uma ideia de para onde vamos. - Fez uma pausa e, em seguida, acrescentou: - O Segundo Olhar Profundo permite olhar para a história exactamente nesta perspectiva, pelo menos do ponto de vista do pensamento ocidental. Ao situar as predicções do Manuscrito num contexto mais amplo, fá-las parecer não só plausíveis mas também inevitáveis.

Perguntei a Dobson a quantos olhares profundos ele tivera acesso, e ele disse-me que só aos primeiros dois. Tinha-os encontrado, disse ele, depois de ter ouvido uns rumores sobre o Manuscrito, numa viagem rápida que fizera ao Perú, três meses antes.

- Uma vez chegado ao Perú - continuou ele -, encontrei um casal de peruanos que, ainda que morto de medo só de falar no assunto, me confirmou a existência do Manuscrito. Disseram-me que o Governo tinha

ficado um pouco loco e ameaçava fisicamente quem tivesse cópias ou desse informações.

O seu rosto tornou-se sério.

- A coisa deixou-me inquieto. Contudo, um pouco

depois, um criado de mesa do meu hotel contou-me que conhecia um padre que vivia a falar do Manuscrito. Segundo ele, o padre tentava opor-se aos esforços do Governo, que procurava destruir o documento. Na sequência desta informação, não resisti à minha curiosidade e fui a uma casa particular onde, supostamente, o padre passava a maior parte do seu tempo.

Devo ter parecido surpreendido, porque Dobson perguntou-me:

- O que é que se passa?

- A amiga que me falou do Manuscrito - respondi - também obteve as informações que me transmitiu através de um padre. Ele não lhe disse como se chamava, mas foi com ele que ela falou sobre o Primeiro Olhar Profundo. Encontraram-se uma vez e combinaram voltar a encontrar-se, mas ele não apareceu.

- É possível que tenha sido a mesma pessoa - disse Dobson. - Porque eu também não consegui encontrá-lo. A casa estava fechada e parecia inabitada.

- Então nunca o viu?

- Não, mas já que fora até lá, resolvi dar uma olhadela por ali. Nas traseiras, havia um velho armazém que estava aberto e, por um motivo que desconheço, por uma daquelas intuições que a gente tem, resolvi entrar e pôr-me a vasculhar. Por detrás de um monte de lixo, reparei num quadro preto encostado à parede, e foi debaixo dele que fui dar com traduções do Primeiro e do Segundo Olhares Profundos.

E dirigiu-me um olhar experiente.

- Foi assim, sem mais, que deu com elas? - perguntei.

- Sim.

- Trouxe consigo essas traduções, nesta viagem?

Ele abanou a cabeça.

- Não. Resolvi estudá-las minuciosamente e deixá-las, depois disso, com uns colegas meus.

- Pode fazer-me um resumo do que se vê no Segundo Olhar Profundo? - perguntei.

Fez uma longa pausa e só então sorriu e concordou.

- Imagino que é por esse motivo que estamos aqui.

- O Segundo Olhar Profundo - começou ele a dizer - coloca a nossa consciência habitual no contexto mais amplo da perspectiva histórica. Tudo somado, quando a década de 90 chegar ao fim, não é só o século xx que chega ao seu termo, mas igualmente um período de mil anos de história. Completar-se-á todo um segundo milénio. Antes que nós, no Ocidente, possamos compreender onde estamos, e o que vai acontecer em seguida, temos de compreender o que de facto tem acontecido durante este período de mil anos.

- O que é que o Manuscrito diz exactamente? - perguntei.

- Ele diz que no fecho do segundo milénio - ou seja, agora - nos vamos tornar capazes de ver todo este período da história como um todo, e de identificar o intento essencial que se foi desenvolvendo no decorrer da última metade deste milénio, a que se convencionou chamar Idade Moderna. A nossa consciência actual das

coincidências representa uma espécie de despertar desse intento essencial.

- De que intento se trata? - perguntei.

Lançou-me um sorriso meio travesso:

- Está a postos para reviver o milénio?

- É óbvio, pode começar a contar.

- Não chega que eu lhe conte. Lembre-se do que eu lhe disse antes: para compreender a história, não podemos perder de vista o modo como se desenvolveu a nossa visão actual do mundo, como foi formada pela

42 43

realidade que os outros, antes de nós, construíram. Foram necessários mil anos para que se verificasse esta evolução que conduziu à maneira moderna de ver as coisas; para que possa, realmente, compreender onde é que hoje nos encontramos, você deve redesenhar por si próprio esta trajectória de mil anos, ir ao ano 1000, e daí avançar por todo o milénio, experimentando-o, como se estivesse actualmente a viver, no espaço de uma só vida, todo esse período.

- Como é que eu faço isso?

- Eu guio-o.

Tive uma ligeira hesitação, durante a qual olhei para as formações continentais, bem abaixo de mim. Comecei a sentir o tempo de outra maneira.

- Vou tentar - disse, por fim.

- Okay - respondeu ele -, imagine que está a viver no ano mil, no que chamamos Idade Média. A primeira coisa que você deve compreender é que a realidade desse tempo começa a ser definida pelos poderosos clérigos da Igreja Cristã. Devido à posição que ocupam, essa gente exerce uma grande influência sobre as mentes da população. E o mundo que esses clérigos descrevem como real é, acima de tudo, espiritual. Estão a criar uma realidade que coloca, no verdadeiro centro da vida, a ideia que eles têm sobre o plano de Deus para a humanidade.

Tente visualizar o que lhe estou a dizer - continuou ele. - Você encontra-se no grupo social do seu pai - essencialmente, você é camponês ou aristocrata - e sabe que nunca sairá desse grupo social. Mas, independentemente da classe onde se encontra, ou da profissão específica que exerça, depressa verificará que a posição social é secundária relativamente à realidade espiritual da vida, tal como é definida pelos eclesiásticos.

Você vai descobrir que viver é passar um teste espiritual. Os homens da Igreja explicam que Deus colocou a humanidade no centro do seu universo, e rodeou-a de todo um cosmos, com um único objectivo: alcançar ou perder a salvação. E nessa prova você deve escolher correctamente entre duas forças opostas: a força de Deus e as tentações dissimuladas do diabo.

Mas entenda que não é sozinho que vai enfrentar essa luta - continuou ele. - Na realidade, como mero indivíduo, você não tem qualificação para determinar o seu estatuto nesse combate. Essa é a função dos clérigos;

são eles que interpretam as Escrituras e lhe indicam os passos a dar para que esteja em consonância com Deus ou em consonância com Satanás. Se você seguir as instruções que os clérigos lhe dão, pode contar com uma recompensa na vida que se segue imediatamente à morte. Mas se fraquejar na atenção que lhes deve dar quanto ao trajecto que eles prescrevem, então, está feito... é a excomunhão e a condenação inevitável às penas do inferno.

Dobson olhou para mim intensamente.

- O Manuscrito insiste em que o que importa compreender é que cada aspecto do mundo medieval tem a sua correspondência numa outra mundivivência. Todos os fenómenos da vida - desde o azar de um temporal ou de um terramoto até à sorte de uma boa colheita ou à morte de um ser amado - são definidos como manifestações da vontade de Deus ou como efeitos da malícia do diabo. Não existe um conceito de clima, nem de forças geológicas, nem de horticultura, nem de doença. Todos esses conceitos só aparecerão mais tarde. Por agora, você acredita integralmente nos homens da Igreja; o mundo que você tem por certo só funciona com significações espirituais.

Parou de falar e olhou para mim.

- Está a seguir?

- Sim, consigo ver em que consiste essa realidade.

44 45

- Pois bem, imagine agora essa realidade a começar a dar de si.

- O que é que quer dizer?

- A maneira medieval de ver o mundo, que é a sua maneira de ver o mundo, começa a ruir nos séculos xiv e xv. Para começar, você nota alguns comportamentos incorrectos por parte dos próprios clérigos: violam secretamente os votos de castidade, por exemplo, ou aceitam gratificações para fechar os olhos quando os Governos oficiais violam as leis das Escrituras. Esses comportamentos incorrectos preocupam-no, porque esses clérigos continuam a ser o único elo de ligação entre você e Deus. Lembre-se de que eles são os únicos intérpretes das Escrituras, os únicos árbitros da sua salvação.

De repente, você dá por si no meio de uma revolta total. Um grupo liderado por Martinho Lutero apela a uma ruptura completa com o cristianismo papal. Os clérigos são corruptos, afirma ele, exigindo o fim do reinado dos homens da Igreja sobre as mentalidades do povo. Começam a formar-se novas igrejas, assentes na ideia de que cada pessoa seria capaz de ter pessoalmente acesso às Escrituras e de as interpretar segundo a sua própria inspiração sem passar por intermediários.

Enquanto você observa, incrédulo, a situação, a rebelião avança. Os clérigos começam a perder. Durante séculos, esses homens definiram a realidade, e agora, sob os seus olhos, você vê-os perderem a credibilidade de que usufruíam. Em consequência disso, tudo começa

a ser posto em questão. O consenso evidente àcerca da natureza do universo e relativamente às finalidades da espécie humana neste mundo, que se fundava exclusivamente na descrição dos homens da Igreja, desmorona-se - deixando-o a si e a todos os outros seres humanos, integrados na cultura ocidental, numa situação particularmente precária.

46

Apesar de tudo, você cresceu acostumado a ter na sua vida uma autoridade para definir a realidade e, sem essa orientação exterior, sente-se confuso e perdido. Se a descrição da realidade dos clérigos e se as razões que presidem à vida humana estão erradas, você pergunta-se então: onde está a verdade?

Calou-se durante uns momentos.

- Dá-se conta do impacte desta derrocada nas pessoas daquela época?

- Suponho que deve ter sido algo perturbador - respondi.

- É o mínimo que se pode dizer - replicou ele. Foi um tremendo abalo. A velha visão do mundo começou a ser posta em causa por toda a parte. Efectivamente, por volta de 1600, os astrónomos tinham incontestavelmente demonstrado que o Sol e as estrelas não giravam à volta da Terra, como defendia a Igreja. Dito

claramente, a Terra não passava de um pequeno planeta rolando em torno de um pequeno Sol numa galáxia que continha biliões de estrelas dessas.

Debruçou-se sobre mim.

- Isto é importante. A humanidade perdeu o lugar que tinha no centro do universo de Deus. Está a ver o efeito que isto tem? A partir de agora, quando você observa o tempo, ou as plantas a crescer, ou alguém que morre repentinamente, o que você sente é uma ansiosa frustração. No passado, você podia ter dito que Deus era responsável, ou o diabo. Tudo aquilo com que você contou vai precisar agora de uma nova definição, sobretudo a natureza de Deus e o seu relacionamento com Ele.

É com essa consciência - continuou ele - qque começa a Idade Moderna. Assiste-se ao desenvolvimento do espírito democrático e a uma desconfiança em massa relativamente às autoridades papal e real. Definições do universo baseadas em especulações, ou na fé, ou

47

nas Escrituras deixam de ser automaticamente aceites. Apesar de termos perdido as certezas, não queríamos correr o risco de ver a nossa realidade a ser controlada por um novo grupo, como tinha acontecido com o dos clérigos. Se você tivesse estado lá, teria participado na criação de um novo mandato para a ciência.

- Um quê?

Ele riu-se.

- Você teria olhado para esse vasto universo indefinido e

teria pensado, como aliás fizeram os pensadores de então, que aquilo de que precisávamos era de um método de construção de consensos, uma maneira de explorar sistematicamente o novo mundo que era o nosso. E a esse novo caminho de descoberta teria chamado método científico, que não é mais do que testar uma ideia àcerca do modo como funciona o universo, chegando depois a uma dada conclusão, que é submetida a outros, para ver se concordam.

Nesse contexto - continuou ele - você teria preparado exploradores que partiriam para esse novo universo, cada um deles animado com o método científico, e ter-lhes-ia atribuído uma missão histórica: a exploração desse lugar e a descoberta de como funciona; a descoberta, sobretudo, do que significa, para nós próprios, estarmos vivos aqui.

Como sabe, tínhamos perdido as nossas certezas relativamente ao papel de Deus no universo e, devido a isso, deixáramos de ter certezas relativamente à natureza do próprio Deus. Mas achou-se que se tinha um método, um processo consensual de construir certezas, pelo meio do qual se podia descobrir a natureza de tudo quanto nos rodeava, inclusivamente Deus e o verdadeiro objectivo da existência da espécie humana neste planeta. Envia-se então esses exploradores à descoberta da verdadeira natureza da sua situação e ordena-se-lhes que voltem para dizer o que encontraram.

Fez uma pausa e olhou para mim.

- O Manuscrito - retomou ele - afirma que foi aí que começou a preocupação de que actualmente estamos despertando. Enviámos esses exploradores em busca de uma explicação completa para a nossa existência mas, devido à complexidade do universo, eles não foram capazes de voltar tão depressa quanto desejávamos.

- Qual era essa preocupação?

- Tente mais uma vez situar-se nessa época - disse ele. - Quando o método científico se revelou incapaz de nos dar uma nova imagem de Deus e dos propósitos da espécie humana neste planeta, a falta de certeza e de sentido daí decorrentes afectou profundamente a cultura ocidental. Precisávamos de nos ocupar com alguma coisa, enquanto as nossas perguntas esperavam respostas. Chegámos finalmente ao que parecia ser uma solução bastante lógica. Olhámos uns para os outros, e dissemos: Muito bem, enquanto os nossos exploradores não descobrem em que consiste a nossa verdadeira situação espiritual, enquanto esperamos, pois, pelas respostas que nos trarão, porque não nos instalamos neste nosso novo mundo? Se aprendermos o suficiente para nos servirmos dele, em nosso próprio proveito, trabalharemos neste meio tempo para melhorar o nosso nível de vida e darmos uma resposta eficaz à nossa necessidade de segurança num mundo hostil e perigoso. - Ele olhou para mim e sorriu. - E foi isto o que de facto fizemos... desde há quatro séculos! Chutámos fora a sensação de andarmos perdidos, tomámos o assunto em mãos, concentrando-nos na conquista da Terra e utilizando os seus recursos para melhorar a nossa situação, e só agora, à

medida que nos aproximamos do fim do milénio, podemos enxergar no que andámos metidos. O nosso centro de interesse foi-se tornando aos poucos uma preocupação. Perdemos-nos totalmente de vista, ao

48 49

criar uma sociedade laica, com uma segurança e uma economia desse tipo; acabámos por substituir a segurança espiritual que havíamos perdido pela segurança material que conquistámos. A questão do porquê de estarmos vivos e a pergunta sobre o que, de um ponto de vista espiritual, estamos a fazer aqui, foram lenta, mas seguramente, postas de lado, acabando por ser totalmente censuradas.

Olhou para mim intensamente e, em seguida, disse:

- Trabalhar para atingir um estilo de vida mais confortável, um modo mais confortável de sobreviver, foi um objectivo que foi ganhando força, até se tornar a sua própria finalidade e a nossa razão de viver; enquanto isso, íamos-nos metódica e gradualmente esquecendo das perguntas que inicialmente puséramos. Esquecemo-nos que ainda não sabemos para que estamos a sobreviver.

Pela janela, lá muito em baixo, pude ver uma grande cidade. A julgar pelo nosso plano de voo, suspeitei de que fosse Orlando, na Florida. Fez-me impressão o traçado geométrico das ruas e das avenidas, a configuração planeada e ordenada do que os seres humanos haviam construído. Olhei para Dobson. Mantinha os olhos fechados e parecia ter adormecido. Durante uma hora, contara-me o que sabia sobre o Segundo Olhar Profundo, até que chegara a nossa refeição e nos puséramos a comer, e eu lhe falara de Charlene e por que motivo tinha decidido partir para o Perú. Depois disso, só queria olhar para as formações das nuvens e pensar no que ele dissera.

- Então, em que é que está a pensar? - perguntou ele de repente, olhando-me com um ar estremunhado.

- Percebeu em que consiste o Segundo Olhar Profundo?

- Não sei bem.

Ele apontou para os outros passageiros.

- Sente-se como se tivesse agora uma perspectiva mais clara sobre o mundo humano? Já reparou como toda a gente anda preocupada? Esta perspectiva explica muito do que está a acontecer. Quantas pessoas não conhece você que vivem obcecadas com o seu trabalho, que são do tipo A, ou que sofrem de esgotamento e não sabem como livrar-se dele? E não conseguem livrar-se porque utilizam as suas próprias rotinas para se distrair, para reduzir a sua vida a meras considerações práticas. E fazem-no para evitarem lembrar-se de como se sentem inseguras quanto às razões de viver.

O Segundo Olhar Profundo amplia a nossa percepção do tempo histórico - acrescentou ele. - Ensina-nos como devemos olhar para a cultura, não apenas na perspectiva do nosso

próprio tempo de vida, mas na perspectiva de todo o milénio. Revela-nos qual é a nossa preocupação e eleva-nos acima dela. Você acaba justamente de viver essa história mais longa, para passar a viver num tempo presente mais amplo. Quando, a partir de agora você olhar para o mundo humano, será capaz de detectar com clareza essa obsessão, a intensa preocupação com o progresso económico.

- Mas o que há de mal nisso? - protestei eu. - Foi isso que tornou grande a civilização ocidental.

Ele riu alto.

- É evidente, tem toda a razão. Ninguém disse que isso estava errado. Na realidade, o Manuscrito afirma que essa preocupação era um desenvolvimento necessário, um estágio da evolução humana. Contudo, para ele, já passámos tempo que baste a instalarmo-nos no mundo. Chegou o momento de sair dessa preocupação e de voltar a pôr a pergunta original: o que é que sustenta a vida neste planeta? Qual a verdadeira razão por que estamos aqui?

50 51

Olhei para ele durante bastante tempo e, depois, perguntei:

- Acha que existem outros olhares profundos, onde seja explicado esse objectivo?

Dobson abanou a cabeça.

- Acho que vale a pena ir ver. Espero tão-só que ninguém destrua o resto do Manuscrito antes de termos a oportunidade de o fazer.

- Como é possível que o Governo peruano pense que pode destruir um documento importante sem que ninguém reaja?

- Eles fá-lo-iam às escondidas - replicou ele. - A informação oficial é a de que o Manuscrito nem sequer existe.

- Eu acho que a comunidade científica se levantaria em peso.

Ele olhou para mim com uma expressão resoluta.

- E é o que fazemos. É por isso que estou de volta ao Perú. Represento dez proeminentes cientistas, todos eles exigindo que o manuscrito original seja tornado público. Enviei uma carta aos responsáveis dos departamentos mais importantes do Governo peruano, informando-os da minha vinda e dizendo-lhes que conto com a sua colaboração.

- Estou a ver. Estou ansioso por ver como vão reagir.

- Provavelmente com negativas. Mas, pelo menos, será um começo oficial.

Virou-se para o outro lado, absorto nos seus pensamentos, e eu voltei a olhar pela janela. Enquanto estava a olhar para baixo, veio-me à ideia que o avião em que viajávamos compendia na sua tecnologia quatro séculos de progresso. Tínhamos evoluído muito no modo de manipular os recursos que encontráramos na Terra.

Quantas pessoas, imaginei, quantas gerações foram precisas para criar os produtos e o saber que tornaram

possível este avião? E quantas passaram toda a sua vida concentradas num pormenor mínimo, uma pequena etapa, sem nunca elevar o espírito para além dessa preocupação?

De repente, nesse mesmo instante, o alcance da história de que Dobson e eu havíamos falado pareceu integrar-se, todo ele, na minha consciência. Eu conseguia ver com clareza o milénio, como se fosse parte da minha própria história. Há mil anos, vivíamos num mundo onde Deus e a espiritualidade humana estavam claramente definidos. E perdêramos isso tudo, ou melhor, tínhamos decidido que a história não se reduzia a isso. Consequentemente, havíamos enviado exploradores à descoberta da verdadeira realidade, com a missão de nos virem relatar o que tinham descoberto, mas como haviam demorado demasiado a regressar, começámos a preocupar-nos com uma nova e laica finalidade, a de nos instalarmos no mundo, a de vivermos mais confortavelmente.

Foi o que fizemos. Descobrimos que podíamos fundir minérios e fazer com eles toda a espécie de engenhocas. Inventámos fontes de energia, primeiro o vapor e, em seguida, o gás, a electricidade e a fissão do átomo. Sistematizámos a produção agrícola e a produção em massa e estamos agora à frente de grandes stocks de bens materiais e de vastas redes de distribuição.

A mover tudo isto estava o apelo do progresso, o desejo do indivíduo de assegurar a sua própria segurança, que se tornara a sua finalidade, enquanto esperava pela verdade. Decidíramos criar um mundo mais confortável e mais agradável, para nós e para os nossos filhos e, no curto espaço de tempo de quatrocentos anos, a preocupação por que nos guiávamos tinha criado um mundo humano onde podiam ser produzidos agora todos os confortos da vida. O problema era que a nossa insistência em conquistar a natureza e em criar uma

52 53

vida mais confortável deixara poluídos os sistemas naturais do planeta, e à beira do colapso. Era impossível continuar por este caminho.

Dobson tinha razão. O Segundo Olhar Profundo fazia com que a nossa nova maneira de encarar as coisas parecesse inevitável. Estávamos a atingir um clímax na nossa finalidade cultural. Estávamos em vias de alcançar o que decidíramos colectivamente realizar e, no momento em que isso acontecia, a nossa preocupação essencial estava a quebrar-se e despertávamos para qualquer coisa de diferente. Quase podia visualizar o impulso da Idade Moderna a perder progressivamente a sua força, à medida que nos aproximávamos do fim do milénio. Uma obsessão com quatro séculos estava em vias de se esgotar. Tínhamos criado os meios da segurança material, e agora parecíamos prontos - em posição, dir-se-ia - de descobrir o porquê de tudo o que fizéramos.

Nos rostos dos passageiros à minha volta notava sinais da preocupação, mas julguei também detectar breves lampejos de consciência. Quantos deles, pensei, já teriam notado as coincidências?

O avião inclinou-se e iniciou a descida, enquanto o comissário de bordo informava que em breve aterrariamos em Lima.

Dei a Dobson o nome do meu hotel e perguntei-lhe onde ia ficar. Ele deu-me o nome do seu hotel e disse que ficava a um par de milhas do meu.

- Qual é o seu plano? - perguntei.

- Já pensei nisso várias vezes - respondeu. - A primeira coisa a fazer, quanto a mim, é contactar a embaixada americana e dizer-lhes que cheguei, apenas para que conste.

- Boa ideia.

- Em seguida, vou tentar falar com todos os cientistas peruanos que puder. Os da Universidade de Lima já me informaram de que não sabem nada do Manuscrito, mas há outros, a trabalhar em vários sítios arqueológicos, que talvez estejam dispostos a conversar. E você? Quais são os seus planos?

- Não tenho nenhum - respondi. - Importa-se que eu ande consigo?

- Que ideia! Ia precisamente propor-lho.

Depois da aterragem, pegámos nas nossas bagagens e combinámos encontrar-nos mais tarde no hotel de Dobson. Saí do aeroporto e chamei um táxi. O dia estava a chegar ao fim, o ar era seco e o vento bastante fresco.

Logo que o meu táxi começou a andar, reparei que um outro partiu logo a seguir e se veio colocar atrás de nós no tráfego. Após vários desvios, continuava a seguir-nos; pude ver que levava uma única pessoa no banco de trás. Uma onda de nervosismo invadiu-me o estômago. Pedi ao motorista, que falava inglês, que não fosse directamente para o hotel, mas andasse às voltas, durante um bom bocado. Que queria fazer turismo, disse-lhe. Fez o que lhe pedi, sem comentar. O outro táxi continuava a seguir-nos. O que significava aquilo?

Ao chegarmos ao hotel, pedi ao motorista que esperasse, abri então a porta do meu lado, e fiz de conta que estava a pagar a corrida. O táxi que vinha atrás de nós estacionou igualmente a alguma distância; o homem que lá vinha dentro saiu e começou a andar, sem pressas, para o hotel.

Saltei para dentro do meu táxi, fechei a porta e disse

ao motorista que continuasse a andar. Enquanto nos afastávamos, o homem voltou a sair para a rua e ficou a olhar-nos, até desaparecermos de vista. Pelo espelho retrovisor, observei a cara do motorista do meu táxi. Ele observava-me igualmente, mas a expressão do seu rosto era tensa e atenta.

- Desculpe o sucedido - disse. - Resolvi mudar de hotel.

Forcei-me a sorrir e dei-lhe o nome do hotel de Dobson - enquanto isto, uma parte de mim queria ir direitinha para o aeroporto apanhar o primeiro avião que partisse para os Estados Unidos.

A meio de um quarteirão, a curta distância do novo destino, pedi ao motorista que parasse.

- Espere aqui por mim - disse-lhe - que eu volto já.

As ruas estavam apinhadas de gente, sobretudo de peruanos. Mas, aqui e além, cruzei-me com um ou outro americano ou europeu. Ver turistas naquelas circunstâncias exerceu sobre mim um efeito calmante, fez-me sentir mais seguro. Quando me encontrava a cinquenta metros do hotel, parei. Qualquer coisa não estava bem.

De repente, enquanto eu esperava, soaram tiros e o ar encheu-se de gritos. As pessoas que se encontravam à minha frente atiraram-se para o chão, deixando-me ver todo o passeio. Dobson vinha a correr direito a mim, com os olhos alucinados, em pânico. Vinham uns tipos a persegui-lo. Um deles fez fogo com a sua arma para o ar, ordenando a Dobson que parasse.

Ao aproximar-se, Dobson procurou concentrar-se, e reconheceu-me.

Corra! - gritou ele. - Por amor de Deus, corra!

Dei uma volta e, aterrorizado, pus-me a correr e entrei numa ruela. À minha frente, havia uma paliçada de madeira, de quase dois metros de altura, bloqueando o caminho. Quando cheguei ao pé dela, saltei o mais alto que consegui, agarrei as extremidades das tábuas com as mãos e passei a perna direita por cima. Ao passar a perna esquerda e saltar para o outro lado, olhei para a rua atrás de mim. Dobson corria desesperadamente. Soaram mais tiros. Ele tropeçou e caiu.

Continuei a correr às cegas, saltando por cima de montes de lixo e pilhas de caixas de cartão. Por instantes, julguei ouvir passos nas minhas costas, mas não ousei olhar para trás. Adiante, a ruela desembocava na rua seguinte, também apinhada de gente, mas aparentemente não alarmada. Ao entrar na rua, lancei uma olhadela à retaguarda, com o meu coração sempre a martelar. Não havia ninguém. Apressei-me a seguir pelo passeio da direita, com o intuito de sumir no meio da multidão. Porque é que Dobson se pusera a correr?, perguntei a mim mesmo. Estaria morto?

- Espere um minuto - ouvi alguém dizer num destacado sussurro por cima do meu ombro esquerdo.

Comecei a correr, mas ele estendeu o braço e agarrou o meu.

- Por favor, espere um minuto - voltou ele a dizer.

- Eu sei o que aconteceu. Estou a tentar ajudá-lo.

- Quem é você? - perguntei, a tremer.

- O meu nome é Wilson James - disse ele. - Depois lhe explico. Agora, o que temos a fazer é sair daqui.

Havia algo na sua voz e na sua atitude que me acalmou e,

por isso, resolvi segui-lo. Pusémo-nos a andar na rua e entrámos numa loja de artigos de couro. Ele cumprimentou com a cabeça um homem que se encontrava atrás do balcão e levou-me para um quarto vazio e bolorento das traseiras. Fechou a porta e correu as cortinas.

Era um homem na casa dos sessenta, embora parecesse bastante mais jovem. Um brilho no olhar ou algo de parecido. Tinha a pele morena e os cabelos pretos. Parecia um peruano de bem, mas o inglês que falava soava quase a americano. Trazia uma t-shirt azul-berrante e usava jeans.

- Por um tempo, aqui está seguro - disse ele. - Porque é que andam atrás de si?

Eu não respondi.

- Você está aqui por causa do Manuscrito, não é verdade? - perguntou ele.

- Como é que sabe?

56

57

- Imagino que o sujeito que estava consigo esteja aqui pela mesma razão ...

- Sim, chama-se Dobson. Como sabia que éramos dois?

- Tenho um quarto que dá para a ruela. Estava a olhar pela janela quando os vi correrem atrás de vocês. - Atiraram sobre Dobson? - perguntei, cheio de medo pelo que podia ouvir em resposta.

- Ignoro - disse ele. - Não lhe sei dizer. Mas quando vi que você tinha escapado, corri para a rua para o tirar de apuros. Pensei que talvez pudesse ajudar.

- Porquê?

Durante uns breves momentos, olhou para mim, como se não soubesse como responder à minha pergunta, até que a sua expressão se tornou calorosa.

- Você não vai perceber, mas eu estava à janela, e começaram-me a vir pensamentos sobre um velho amigo meu. Ele já morreu. Morreu porque entendia que o Manuscrito devia ser dado a conhecer às pessoas. Quando vi o que lhe estava a acontecer na ruela, senti que poderia ajudá-lo.

Ele tinha razão. Eu não estava a perceber. Mas tive a sensação de que ele estava a ser absolutamente sincero comigo. Ia perguntar-lhe outra coisa quando ele me interrompeu de novo:

- Podemos falar disto depois - disse ele. - Acho que é melhor mudarmos para um lugar mais seguro.

- Espere aí, Wilson! - intervim. - Eu só quero encontrar uma maneira de regressar aos Estados Unidos. Como é que posso fazê-lo?

- Trate-me por Wil - retorquiu ele. - Em minha opinião, não deve tentar o aeroporto. Se ainda andarem à sua procura, é lá que irão procurá-lo. Tenho alguns amigos que vivem fora da cidade. Eles escondem-no. Há outras maneiras de sair do país, à sua escolha. Quando estiver pronto, eles mostrar-lhe-ão aonde ir.

58

Abriu a porta do quarto e olhou para dentro da loja; em seguida saiu para a rua e verificou se havia perigo. Quando voltou, fez-me sinal para que o acompanhasse. Fomos pela rua até um jipe azul. Ao entrar nele, reparei que o banco de trás estava cuidadosamente arrumado com provisões, tendas e sacos, como se fôssemos fazer uma longa viagem.

Rolámos em silêncio. Recostei-me no lugar do morto e tentei pensar. Tinha um nó de medo no estômago. Nunca esperara o que me estava a acontecer. E se me tivessem prendido, atirado para uma prisão peruana, ou simplesmente assassinado? Tinha de avaliar a situação em que me metera. Não tinha roupas, mas trazia dinheiro comigo e um cartão de crédito e, por uma razão qualquer, confiava em Wil.

- O que é que você e - Dobson, não é? - fizeram para porem aquela gente toda atrás de vocês? - perguntou Wil de repente.

- Tanto quanto sei, nada - respondi. - Encontrei Dobson no avião. Ele é historiador e veio para cá com a intenção de investigar oficialmente o Manuscrito. Representa um grupo de cientistas.

Wil olhou-me surpreendido.

- O Governo sabia que ele vinha?

- Sim, ele escreveu a algumas autoridades do Governo, a pedir cooperação. Não posso acreditar que tenham tentado prendê-lo; ele nem sequer trazia as cópias dele consigo!

- Ele tem cópias do Manuscrito?

- Só dos dois primeiros olhares profundos.

- Não fazia ideia de que houvesse cópias nos Estados Unidos. Onde é que as obteve?

- Numa viagem anterior, disseram-lhe que um determinado padre conhecia o Manuscrito. Não conseguiu encontrar-se com ele, mas descobriu cópias nas traseiras da casa onde foi procurá-lo.

59

Wil pareceu triste.

- José.

- Quem? - perguntei.

- Era o amigo de quem lhe falei, o que foi morto. Queria à viva força que o maior número de pessoas ouvisse falar do Manuscrito.

- O que é que lhe aconteceu?

- Foi assassinado. Não se sabe por quem. O seu corpo foi encontrado num bosque a alguns quilómetros de casa. Sou levado a pensar que foram os seus inimigos.

- O Governo?

- Alguém do Governo ou da Igreja.

- A Igreja dele chegaria a esse extremo?

- É possível. A Igreja, secretamente, é contra o Manuscrito. Alguns padres compreendem o documento e defendem-no secretamente, mas têm de tomar muitas precauções. José falava dele abertamente a

quem quer que o procurasse. Eu aconselhei-o durante meses, antes da sua morte, a que fosse mais subtil, a deixar de dar cópias a quem quer que aparecesse. Ele disse-me que andava a fazer o que sabia ser a sua missão.

- Quando é que o Manuscrito foi descoberto? - perguntei.

- Foi traduzido, pela primeira vez, há três anos.

Mas ninguém sabe, ao certo, quando foi descoberto.

Pensamos que o original andou por aí uns anos, entre os Índios, até ser encontrado por José. Sozinho, fez com que fosse traduzido. Obviamente, logo que a Igreja se inteirou do conteúdo, a sua única preocupação foi fazê-lo desaparecer. Actualmente, tudo o que temos são cópias.

Pensamos que o original foi destruído.

Tínhamos saído da cidade em direcção a leste e rolávamos numa estrada de duas faixas através de uma região intensamente irrigada. Passámos por várias casinhas de madeira e, por fim, por um pasto rodeado por uma cerca cara.

- Dobson falou-lhe dos primeiros dois olhares profundos?

- quis saber Wil.

- Falou-me do Segundo Olhar Profundo -

respondi-lhe eu. - Tenho uma amiga que me falou do primeiro.

Ela tinha falado noutra altura com um padre, José, suponho eu.

- Você percebeu o que vêem esses dois olhares profundos?

- Acho que sim.

- Percebe como muitas vezes os encontros ocasionais têm um alcance mais amplo?

- Parece-me que sim - disse-lhe -, como está a acontecer nesta viagem, em que acontecimentos coincidentes se sucedem uns aos outros.

- Isso começa a acontecer quando você se torna atento e se liga à energia.

- Liga?

Wil sorriu.

- Trata-se de um fenómeno que é abordado mais adiante no Manuscrito.

- Gostaria de o ouvir falar sobre isso - disse.

- Depois - disse ele, fazendo-me notar com a cabeça que estávamos a entrar num caminho de cascalho. Uns trinta metros à frente, deparou-se-nos com uma modesta casa de madeira. Wil foi até junto de uma árvore frondosa, à direita da casa, e parou.

- Estes meus amigos trabalham para o dono de uma grande propriedade agrícola, que possui a maior parte das terras nesta região - informou ele - e dá-lhes alojamento. O homem tem realmente muito poder e é um apoiante secreto do Manuscrito. Aqui você estará a salvo.

Acendeu-se uma luz no alpendre e um homem baixo e atarracado, que parecia um autóctone, saiu a

60 61

correr, ostentando um largo sorriso, e dizendo, entusiasmadíssimo, qualquer coisa em espanhol. Quando chegou ao pé do jipe, pela janela aberta deu pancadinhas nas costas de Wil e olhou-me de relance com simpatia.

Wil pediu-lhe para falar em inglês e apresentou-nos.

- Ele está a precisar de uma pequena ajuda - disse Wil para o homem. - Quer voltar para os Estados Unidos, mas vai ter de tomar muitas precauções. Acho que o vou deixar aqui com vocês.

O homem fixou atentamente Wil:

- Você vai mais uma vez atrás do Nono Olhar Profundo, não vai? - perguntou ele.

- Vou - disse Wil, saltando para fora do jipe.

Abri a porta do meu lado e contornei o veículo. Wil e o seu amigo dirigiram-se para a casa, conversando sobre algo que não consegui ouvir. Como eu me aproximasse, o homem disse, enquanto continuava a andar:

- Vou fazer os preparativos.

Wil voltou-se para mim.

- O que é que ele quis dizer - perguntei-lhe -, quando o interrogou sobre o Nono Olhar Profundo?

- Há uma parte do Manuscrito que nunca foi encontrada. No texto original, estavam transcritos oito olhares profundos, mas fazia-se menção a mais um, o nono. Anda muita gente à procura dessa parte.

- Sabe onde encontrá-la?

- Não. Na verdade, não sei.

- Nesse caso, como vai encontrá-la?

Wil sorriu.

- Seguindo o mesmo caminho que José seguiu para encontrar as oito originais. O mesmo caminho que você percorreu para encontrar as duas primeiras e, depois, vir ao meu encontro. Se alguém consegue estabelecer a ligação e acumular energia suficiente, a partir daí os acontecimentos coincidentes começam a produzir-se de uma maneira consistente.

- Diga-me como é que isso se faz - pedi eu. - Em que olhar profundo se vê isso?

Wil olhou para mim, como se estivesse a avaliar o meu grau de compreensão.

- A maneira de se estabelecer ligação não é abordada especificamente em nenhum olhar profundo; está compreendida em todos eles. Lembra-se de como no

Segundo Olhar Profundo se conta como os exploradores foram enviados ao mundo com a missão de utilizarem o método científico na descoberta do sentido da vida humana neste planeta? Mas eles não voltaram logo, pois não?

- Não.

- Pois bem, os restantes olhares profundos representam, finalmente, o retorno das respostas. Só que elas não nos chegam pela via da ciência institucional. As respostas a que me refiro provêm de muitas e diversas áreas de pesquisa. As descobertas da física, da psicologia, do misticismo e da religião convergem, todas elas, no seu conjunto, numa nova síntese baseada numa percepção das coincidências.

Estamos

a tentar perceber os pormenores do significado das coincidências, como funcionam, e como, enquanto as acolhemos, construímos toda uma nova maneira de encarar a vida, olhar profundo após olhar profundo.

- Nesse caso, eu quero ouvir falar de cada um deles - disse eu. - Pode explicar-mos antes de partirmos?

- Fui tomando contacto com eles, mas não dessa maneira. Você tem de descobrir cada um deles de uma maneira diferente.

- Como?

- Não há método. Descobre-se. Para mim, as coisas não funcionam simplesmente por falarmos delas. Você pode obter informações sobre cada um desses olhares,

62 63

sem contudo os captar. Tem de os descobrir no decurso da sua própria vida, vivendo.

Cada um de nós ficou em silêncio. Wil sorriu. Falar com ele fazia-me sentir incrivelmente vivo.

- Porque é que vai partir agora em busca do Nono Olhar Profundo? - perguntei.

- Porque é o momento certo. Eu já fui guia turístico aqui, conheço a região e compreendo os oito olhares profundos. Quando estava à janela, naquela rua, a pensar no José, já tinha resolvido partir, mais uma vez, para o Norte. É lá que se encontra o Nono Olhar Profundo.

É uma coisa que eu sei. E não me estou a tornar mais jovem. Além disso, vi-me a mim próprio a dar com ele e a chegar ao que ele contém. Eu sei que é o mais importante de todos eles. Com ele, todos os outros adquirem a perspectiva correcta e ficamos a saber qual é a finalidade da vida.

De repente, parou, olhando para mim com gravidade.

- Eu teria partido trinta minutos antes, mas tive a sensação incómoda de me ter esquecido de qualquer coisa.

Voltou a parar.

- Foi justamente quando você apareceu.

Ficámos durante muito tempo a olhar um para o outro.

- Acha que eu devo ir consigo? - perguntei.

- O que é que pensa?

- Não sei - respondi, sem saber o que fazer.

Sentia-me confuso. A história da minha viagem ao Perú atravessou-me o espírito em imagens: Charlene, Dobson, e agora Wil. Eu viera ao Perú por causa de uma leve curiosidade e agora dava comigo próprio escondido, na pele de um fugitivo involuntário que nem sequer sabia quem eram os seus perseguidores. E o mais estranho de tudo aquilo era que, naquele instante, em

vez de estar cheio de medo, mergulhado num pânico total, descobria em mim um estado de excitação. Devia estar a reunir toda a minha perspicácia e todos os meus instintos para descobrir uma maneira de regressar aos Estados Unidos mas, em vez disso, o que eu realmente queria era ir com Wil - avançar para o que significava, indubitavelmente, mais perigo.

Quanto mais considerava as minhas hipóteses, tanto mais se tornava evidente que eu não tinha por onde

escolher. O Segundo Olhar Profundo pusera um termo à hipótese de eu voltar às minhas antigas preocupações. Se queria continuar consciente, só me restava continuar em frente.

- Penso passar aqui a noite - disse Wil. - Portanto, você tem até amanhã para decidir.

- Eu já resolvi - disse-lhe. - Vou consigo.

64

65

III

O PROBLEMA DA ENERGIA

Levantámo-nos ao amanhecer e rolámos para leste, toda a manhã, praticamente em silêncio. Wil tinha-me informado de que iríamos atravessar os Andes, a caminho do que ele chamou Alta Selva, uma zona formada por contrafortes cobertos de floresta e por planaltos, mas pouco mais disse.

Fizera-lhe várias perguntas sobre a sua formação e sobre o nosso destino, mas ele desviara polidamente as questões, desculpando-se com a necessidade de se concentrar na condução. Acabei, por fim, por me calar completamente, e me concentrar nas paisagens. A vista dos picos das montanhas era esplendorosa.

Por volta do meio-dia, depois de termos atingido a última das mais altas cristas, parámos num mirante para comermos no jipe um farnel de sanduiches, e para apreciarmos o vasto e árido vale à nossa frente. No outro lado do vale, despontavam contrafortes esverdeados de menor dimensão, cobertos de vida vegetal. Enquanto comíamos, Wil disse que passaríamos a noite na Hospedaria Viciente, uma velha propriedade datada do

67

século XIX, que pertencera à Igreja católica espanhola.

Viciente era, actualmente, pertença de um amigo dele, como me explicou, e funcionava como um centro especializado em congressos científicos e em reuniões de negócios.

Com esta única e breve explicação, partimos dali e rolámos, mais uma vez, em silêncio. Uma hora mais tarde, chegámos a Viciente, entrando na propriedade por um largo portão de pedra e ferro, e seguindo para nordeste por uma estreita estrada de cascalho

Mais uma vez, sondei Wil sobre Viciente e sobre o motivo de estarmos ali mas, como fizera anteriormente, Wil pôs de lado as minhas perguntas, aconselhando-me desta vez a concentrar-me na paisagem.

A beleza de Viciente tocou-me desde logo. Estávamos cercados por pastos e pomares coloridos, e a erva parecia particularmente verde e viçosa. Brotava cerrada

mesmo à sombra dos carvalhos gigantes que se erguiam, de trinta em trinta metros, no meio das pastagens. Algo naquelas imensas árvores me pareceu incrivelmente atraente, mas não consegui definir o quê.

Mais ou menos um quilómetro adiante, a estrada cortava para leste e subia ligeiramente. No topo da colina erguia-se a habitação, um vasto edifício em estilo espanhol, feito de toros de madeira e pedra cinzenta. O conjunto parecia conter uns cinquenta quartos pelo menos e uma enorme varanda coberta por um toldo corria toda a fachada virada a sul. O pátio em volta da casa respirava uma atmosfera particular, devido à presença não só de mais carvalhos enormes, mas igualmente de canteiros de plantas exóticas e de alamedas ladeadas por flores deslumbrantes e fetos. Viam-se pessoas a conversar descontraidamente na varanda e no meio das árvores.

Ao deixarmos o veículo, Wil demorou-se um pouco a compenetrar-se da paisagem. Para lá da casa, no lado

68

leste, a terra descia em declive e penetrava depois numa zona plana de pastagens e de floresta. No horizonte

desenhava-se uma outra cadeia de contrafortes roxo-azulada.

- Vou confirmar se têm quartos para nós - disse Wil. - Porque é que não vai dar uma volta por aí? Vai ver como gosta deste sítio.

- Sem dúvida! - respondi-lhe.

Já a andar, voltou-se e olhou para mim:

- Não se esqueça de ir ver os jardins experimentais. Vêmo-nos à hora do jantar.

Era evidente que Wil me deixara para ali espedaçado por algum motivo, mas não me dei ao trabalho de perceber qual. Senti-me bem e de modo algum apreensivo.

Wil já me contara que Viciente fazia entrar no país moeda forte por causa dos turistas que pagavam em dólares, e que por esse motivo o Governo sempre fizera vista grossa relativamente àquele lugar, apesar de o Manuscrito ser muitas vezes discutido ali.

Senti-me atraído por um grupo de árvores frondosas e por um carreiro sinuoso orientado a sul. Foi por aí que resolvi ir. Assim que cheguei ao pé das árvores, reparei que o carreiro passava por um pequeno portão de ferro e descia por uma escada de pedra que dava para um prado cheio de flores selvagens. Ao longe, via-se uma espécie de pomar, um riacho e mais floresta. Parei no portão e respirei fundo várias vezes, admirando a beleza que se via na parte de baixo.

- Não há dúvida de que é muito bonito, não é verdade? - perguntou uma voz atrás de mim.

Virei-me rapidamente e dei com uma mulher de uns quarenta anos, com uma mochila às costas, parada atrás de mim.

- Sem dúvida - respondi. - Nunca vi nada parecido com isto.

Durante uns momentos, ficámos a olhar para os prados

e para as cascatas de plantas tropicais que caíam dos canteiros dispostos em terraços de ambos os lados.

- Por acaso sabe onde ficam os jardins experimentais? - perguntei-lhe a seguir.

- Sei, sim - disse ela. - Vou agora para lá. Eu mostro-lhe onde ficam.

Depois de nos termos apresentado, descemos a escada e tomámos o carreiro virado a sul, que tinha todo o ar de ser muito utilizado. O nome dela era Sarah Lerner e tinha cabelos louros mechados e olhos azuis, podendo ser descrita como jovem não fosse o seu ar sério. Andámos vários minutos em silêncio.

- É a sua primeira visita aqui? - perguntou ela.

- Sim - respondi. - Não sei muito acerca deste sítio.

- Bem, eu tenho cá vindo intermitentemente desde há um ano, e daí que o possa pôr um pouco ao corrente. Há uns vinte anos, esta propriedade tornou-se conhecida por ser uma espécie de reduto científico internacional. Várias organizações científicas, sobretudo de biólogos e de físicos, reuniam-se aqui. Até que há uns anos...

Ela hesitou um momento e olhou para mim.

- Já ouviu falar do Manuscrito que foi encontrado aqui no Perú?

- Sim, já ouvi falar - respondi-lhe. - Ouvi falar sobre os dois primeiros olhares profundos.

Ia para lhe dizer como estava fascinado com o documento, mas contive-me, interrogando-me sobre se poderia confiar inteiramente nela.

- Pensei, de facto, que devia ser esse o caso - disse ela. - Você parecia estar a absorver a energia que há aqui.

Íamos a passar por cima de uma ponte de madeira que atravessava o riacho.

- Que energia? - perguntei-lhe.

Ela estacou e encostou-se à balaustrada da ponte.

- Sabe alguma coisa do Terceiro Olhar Profundo?

- Desconheço-o totalmente.

- Nesse olhar descreve-se uma nova compreensão do mundo físico. Através dele, nós, os seres humanos, vamos poder aprender a perceber um tipo de energia que, anteriormente, era invisível. Esta casa tornou-se um lugar de encontro de cientistas interessados em estudar e em falar sobre esse fenómeno.

- Quer dizer que os cientistas consideram que essa energia é real? - perguntei.

Ela estava a voltar-se para atravessar a ponte.

- Só alguns - disse ela - e, por causa disso, sofremos algumas pressões.

- Então você é cientista?

- Ensino Física numa pequena faculdade do Maine.

- E porque é que há cientistas que não concordam consigo?

Ela ficou calada um momento, como se estivesse a

pensar.

- Tem de se entender a história da ciência - disse ela, olhando-me de relance como se quisesse certificar-se de que eu desejava aprofundar o assunto. Fiz-lhe sinal com a cabeça para que continuasse.

- Pense um instante no Segundo Olhar Profundo.

Quando a visão do mundo medieval soçobrou, nós, no Ocidente, demo-nos abruptamente conta de que vivíamos num universo totalmente desconhecido. Ao procurarmos compreender a natureza desse universo, de certa maneira ficámos a saber que íamos ter de separar os factos das superstições. Nesse sentido, nós, os cientistas, assumimos uma determinada postura que ficou conhecida por cepticismo científico: qualquer nova afirmação relativa ao modo de funcionamento do mundo teria de se apoiar em factos sólidos e evidentes. Antes de acreditarmos em qualquer coisa, exigíamos provas palpáveis e visíveis. Toda a afirmação que não pudesse ser demonstrada mediante uma determinada prova física era sistematicamente rejeitada.

70

71

- Só Deus sabe - continuou ela - como essa postura nos foi de grande utilidade no estudo dos fenómenos mais imediatos da natureza, nomeadamente no estudo de objectos como as rochas, o corpo e as árvores, objectos que qualquer pessoa, por mais céptica que seja, pode compreender. Apressámo-nos a correr mundo e a dar nomes a cada parte do mundo físico, procurando compreender porque é que o universo funcionava desta e não de outra maneira. Chegámos à conclusão de que tudo o que ocorre na natureza obedece a uma dada lei natural, de que todo e qualquer acontecimento tem uma causa física compreensível. - Sorriu-me com o ar de quem está por dentro. E continuou: - Sabe, em muitos aspectos, os cientistas não têm sido muito diferentes dos outros homens da sua época. Na realidade, decidimos, em conjunto com todos os outros, apropriarmo-nos deste lugar em que nos encontrávamos. A ideia era criar uma compreensão do universo que nos desse a impressão de vivermos num mundo seguro e controlável e, de facto, a postura do cepticismo manteve-nos concentrados nos problemas concretos que faziam parecer mais segura a nossa existência.

Desde a ponte, tínhamos continuado a seguir o carreiro sinuoso, atravessáramos um pequeno prado e entráramos numa zona mais densamente coberta de árvores.

- Com esta postura - continuou ela - a ciência afastou sistematicamente do mundo todo o incerto e todo o esotérico. Concluímos, seguindo o pensamento de Isaac Newton, que o universo funcionava, em todas as circunstâncias, de maneira previsível, como uma imensa máquina. Aliás, durante muito tempo, isso era, em resumo, tudo o que se podia provar. Razão por que, relativamente a acontecimentos que ocorriam simultaneamente, mas sem ligação causal entre si, se dizia que aconteciam por obra do acaso.

Deram-se então duas investigações que nos abriram de novo os olhos ao mistério que havia no universo. Muito se escreveu nas últimas décadas sobre a revolução ocorrida na física, mas as mudanças ficaram a dever-se, na realidade, a dois grandes grupos de descobertas: as da mecânica quântica e as de Albert Einstein.

Toda a obra da vida de Einstein foi dar a ver que o que percebemos como matéria sólida é, na sua maior parte, espaço vazio atravessado por um padrão de energia. E este facto inclui-nos a nós próprios. Pelo seu lado, o que a física quântica revelou é que, quando observamos esses padrões de energia, a níveis cada vez mais profundos, podemos deparar com resultados verdadeiramente surpreendentes. As experiências demonstraram que, quando quebramos, para os separar, componentes dessa energia (a que chamamos partículas elementares), e tentamos observar como funcionam, a própria observação a que procedemos altera os resultados - como se essas partículas elementares fossem influenciadas pelo que o cientista espera encontrar. Isto é verdade até nos casos em que são esperadas em lugares para onde, segundo as leis do universo que conhecemos, as partículas não podiam ir: como, por exemplo, ocuparem dois lugares em simultâneo, avançarem ou recuarem no tempo, esse tipo de fenómenos. - Ela estacou para se voltar para mim de novo. - Por outras palavras, o material básico do universo, no seu âmago, parece ser constituído por uma espécie de energia pura, que se mostra permeável às expectativas humanas, de uma maneira que desafia o modelo mecanicista do universo que havíamos adoptado - como se as nossas próprias expectativas fizessem com que a energia fluísse de nós para o mundo e fosse afectar os outros sistemas de energia. O que, claro, é exactamente aquilo em que o Terceiro Olhar Profundo nos pede que acreditemos. - Ela abanou a cabeça. - Infelizmente,

este não é o género de ideias que a maioria dos cientistas leve muito a sério. Preferem continuar cépticos e esperar, para ver se podemos provar o que afirmamos.

- Ei! Sarah, estamos aqui - gritou uma voz fraca a certa distância. À direita, aí a uns cinquenta metros, vimos, entre as árvores, alguém a acenar.

Sarah olhou para mim.

- Preciso de ir falar com aquela gente, durante alguns minutos. Trouxe comigo uma tradução do Terceiro Olhar Profundo; se quiser, procure um sítio sossegado e leia um pouco, enquanto ali vou.

- Claro que quero - respondi.

Ela tirou uma capa do saco que trazia, estendeu-a e foi-se embora.

Peguei na capa e olhei em volta à procura de um lugar onde me sentar. O sítio onde me achava era uma mata espessa com pequenos arbustos e ligeiramente molhada, mas a leste o terreno elevava-se para o que parecia ser uma outra colina. Decidi ir nessa direcção à procura de um sítio seco.

Quando cheguei ao cimo, fiquei embasbacado. Era um lugar de uma beleza incrível. Os carvalhos engrinaldados estavam espaçados, com uns quinze metros entre si, e os seus ramos compridos reuniam-se todos no topo, formando uma abóbada. Do solo brotavam plantas tropicais muito folhudas, que se erguiam até a um metro, um metro e meio de altura, com folhas de uns 25 cm de largura. Essas plantas entrelaçavam-se com grandes fetos e arbustos radiosos de flores brancas. Encontrei um sítio seco e sentei-me. Conseguia sentir o cheiro bafiento dos arbustos e a fragrância dos rebentos.

Abri a capa e folheei-a para começar a ler a tradução pelo princípio. Uma rápida introdução explicava que o Terceiro Olhar Profundo acedia a uma compreensão diferente do universo físico. As palavras eram um eco fiel do resumo de Sarah. Prediziam que, na proximidade do final do segundo milénio, os seres humanos iriam descobrir uma nova energia que estava na base de todas as coisas, e de todas irradiava, incluindo de si próprios.

Ponderei esta ideia, durante alguns momentos, e então li algo que me deixou fascinado: o Manuscrito afirmava que a percepção humana da energia começava por uma grande sensibilidade à beleza. Quando eu estava a meditar sobre isto, o ruído de alguém a vir pelo carreiro mais abaixo chamou-me a atenção. Vi Sarah no exacto momento em que ela olhava para a colina e dava por mim.

- Este é um sítio maravilhoso - comentou ela, quando chegou ao pé de mim. - já chegou àquela parte sobre a percepção da beleza?

- Sim - respondi-lhe. - Mas não estou a ver bem o que significa.

- Mais adiante, - disse ela -, o Manuscrito entra mais em pormenores, mas eu posso explicar-lho em poucas palavras: a percepção da beleza funciona como uma espécie de barómetro que indica a cada um de nós a que distância nos encontramos da percepção da energia. Isto é tanto mais evidente quanto, ao observar essa energia, você se dá conta de que ela está no mesmo caminho da beleza.

- Ao ouvi-la, dá a impressão de que você a está a ver - disse eu.

Ela olhou para mim, sem traço de qualquer sentimento de superioridade ou de bazófia. - Sim, é verdade, mas a primeira coisa que eu desenvolvi foi um mais elevado apreço pela beleza.

- Mas como é que isso funciona? A beleza não é uma coisa relativa?

Ela fez que sim com a cabeça.

- As coisas que percebemos como belas podem

ser diferentes, mas as características que atribuímos ao que é belo são as mesmas. Pense no que lhe estou a dizer. Quando alguma coisa lhe salta à vista como bela, essa coisa liberta uma maior presença, surge mais nítida, revela um colorido mais vivo, não é assim? Ela sai como que para fora, salienta-se. Brilha. Parece-lhe quase iridiscente se comparada com a opacidade de outros objectos menos atraentes.

Concordei.

- Repare neste sítio - continuou ela. - Sei que, como todos nós, você está encantado com ele. Ele como que salta para si. As cores e os contornos parecem magníficos. Pois bem, o nível de percepção que se segue imediatamente é a visão de um campo de energia adejando à volta de tudo.

Eu devo ter parecido assarapantado, porque ela riu, para dizer depois com um ar sério:

- Poderíamos ir talvez até aos jardins experimentais. Ficam aí a uns quinhentos metros mais a sul. Creio que vai achá-los interessantes.

Agradei, por ter perdido o seu tempo a explicar-me o Manuscrito, a mim, que era um perfeito estranho, e por me mostrar os campos à volta de Viciente. Ela encolheu os ombros.

- Você parece simpatizar com o que estamos a tentar realizar - disse ela. - E todos nós aqui sabemos que estamos envolvidos num esforço de relações públicas. Para que esta investigação prossiga, temos de passar a palavra, nos Estados Unidos e noutras partes. As autoridades locais não parecem apreciar-nos muito.

Subitamente, uma voz chamou atrás de nós.

- Por favor, desculpem! - Voltámo-nos e vimos três homens a caminhar depressa pelo carreiro na nossa direcção. Todos pareciam rondar os cinquenta anos e vestiam roupas de marca.

- Podem indicar-nos onde ficam os jardins experimentais? - perguntou o mais alto dos três.

- Podem dizer-me o que fazem aqui? - perguntou Sarah em resposta.

- Os meus colegas e eu próprio temos licença do dono desta propriedade para ver os jardins e falar com alguém sobre as supostas investigações que estão a ser feitas aqui. Somos da Universidade do Perú.

- Pela maneira como fala, parece não concordar com as nossas descobertas - retorquiu Sarah, com um sorriso, procurando obviamente esclarecer a situação.

- É claro que não - respondeu um dos homens. Pensamos que é deslocado afirmar que se pode observar agora uma energia misteriosa que nunca foi observada antes.

- Já tentou vê-la? - perguntou Sarah.

O homem ignorou a pergunta e voltou a perguntar:

- Pode dizer-nos qual é o caminho mais directo para os jardins?

- Mas certamente - disse Sarah. - Aí uns cem metros mais à frente, vai encontrar um carreiro que vira para leste. Vá por aí e siga em frente; anda uns oitocentos metros e dá com eles.

- Obrigado - disse o homem, enquanto ele e os

outros se apressavam a seguir naquela direcção.

- Você indicou-lhes o caminho errado - disse.

- Não é bem assim - respondeu ela. - Há outros jardins nesta zona, onde se encontram pessoas mais preparadas para falar com este tipo de cépticos. De vez em quando, recebemos pessoas deste género, e não só cientistas, mas também investigadores de curiosidades, pessoas que não conseguem perceber o que fazemos..., o que aponta para o problema que existe ao nível da compreensão científica.

- O que é que quer dizer? - perguntei.

- Como eu lhe disse antes, a antiga postura céptica

76

77

era excelente quando o que estava em causa era explorar os fenómenos mais visíveis e, portanto, mais óbvios do universo, como as árvores ou o brilho do Sol ou os temporais. Mas existe um outro grupo de fenómenos observáveis, mais subtis, que não se pode estudar - de facto, nem sequer se pode dizer se de todo em todo existem - a menos que se suspenda o cepticismo e se tente uma qualquer via que nos permita observá-los.

Uma vez conseguido isso, pode-se regressar ao estudo rigoroso.

- Interessante - disse.

Mais à frente, terminava a zona florestal e fomos dar com dezenas de talhões cultivados, cada qual com um tipo diferente de plantas. A maioria parecia ser plantas comestíveis: de todo o género, desde as bananas aos espinafres. Na bordura leste de cada cultura, havia um caminho de cascalho que ia dar ao que parecia ser uma estrada nacional. Três armazéns metálicos tinham sido construídos ao longo do caminho e quatro ou cinco pessoas trabalhavam junto de cada um deles.

- Estou a ver alguns dos meus amigos - disse Sarah, e apontou para o armazém mais próximo. - Vamos até lá. Seria bom para si encontrar-se com eles.

Sarah apresentou-me a três homens e uma mulher, todos eles envolvidos na investigação. Os homens foram breves a falar comigo e pediram desculpa por continuarem o trabalho que estavam a fazer, enquanto a mulher, uma bióloga chamada Marjorie, pareceu disposta a conversar.

Surpreendi o olhar de Marjorie.

- O que é que estão exactamente a investigar aqui? - perguntei.

Ela pareceu ser apanhada desprevenida, mas sorriu, e por fim respondeu à minha pergunta:

- É difícil saber por onde começar - disse ela. - Você está

familiarizado com o Manuscrito?

- Só com os primeiros capítulos - respondi. Estava

justamente a começar o Terceiro Olhar Profundo.

- Okay, é para isso que estamos todos aqui. Venha comigo, vou-lhe mostrar.

Propôs-me que a seguisse e demos a volta ao armazém a caminho de um talhão de feijões. Notei que tinham uma aparência excepcionalmente saudável, sem traços de danos causados pelos insectos nem folhas mortas. As plantas estavam a crescer num solo que me pareceu ter um alto teor de húmus, um solo quase fofo; as plantas estavam espaçadas com cuidado, os caules e as folhas de cada uma desenvolvendo-se perto uns dos outros, mas nunca se tocando.

Ela apontou para a planta mais próxima:

- Tentamos olhar para estas plantas como para um sistema global de energia, e pensar no que cada uma precisa para florescer - solo, nutrientes, humidade, luz. O que descobrimos é que o ecossistema global em que a planta está envolvida é, no fundo, um sistema de vida, um organismo. E o bem-estar de cada uma das suas partes influi no bem-estar do todo. - Ela hesitou e, depois, disse: - O ponto básico é este: quando começamos a pensar nas relações energéticas que envolvem uma planta, começamos a descobrir resultados impressionantes. As plantas que estudámos não eram particularmente maiores, mas, do ponto de vista nutricional, tinham muito mais qualidade. - Como é que se mediu isso?

- Essas plantas continham mais proteínas, mais hidratos de carbono, mais vitaminas e mais minerais. Ela olhou para mim, à espera da minha reacção. - Mas esse não é o aspecto mais fantástico! Descobrimos que as plantas que foram objecto de uma atenção humana mais directa tinham mais qualidade do que as outras.

- Que espécie de atenção? - perguntei.

- Nada de especial - disse ela -, perder tempo

78 79

com o terreno à sua volta, inspeccioná-las todos os dias. Esse género de coisas ... Lançámos uma experiência com um grupo de controlo: a umas dávamos uma atenção especial, a outras não; e os resultados confirmaram o que tínhamos descoberto. Mas há mais - continuou ela -, nós alargámos o conceito e tivemos um investigador não só a dar-lhes atenção, mas igualmente a pedir-lhes mentalmente que crescessem mais fortes.

Essa pessoa passou a sentar-se junto delas e a focalizar toda a sua atenção e todo o seu interesse no seu crescimento.

- E cresceram mais vigorosas?

- Significativamente, e também mais depressa.

- É inacreditável.

- Sim, é-o de facto. - A sua voz emudeceu quando reparou num senhor aparentando uns sessenta anos que caminhava na nossa direcção. - O senhor que vem ali é um micronutricionista - disse ela discretamente.

- Veio até cá há coisa de um ano e pediu imediatamente uma licença temporária da Universidade do Estado de Washington. É o professor Hains. Realizou alguns estudos

formidáveis.

Logo que ele se abeirou, fui apresentado. Era um homem solidamente constituído, com madeixas grisalhas nas têmporas. Depois de algumas provocações de Marjorie, o professor passou a resumir-me a sua investigação. Estava muito interessado, ao que me dizia, no funcionamento dos órgãos do corpo medido por meio de testes de sangue muito sensíveis, especialmente no respeitante às relações existentes entre o seu funcionamento e a qualidade dos alimentos ingeridos.

Contou-me que o que mais o interessava eram os resultados de um determinado estudo que revelara que, embora as plantas nutricionalmente ricas, como as que eram cultivadas em Viciente, aumentassem significativamente a eficiência do corpo, esse aumento era muito superior ao que seria razoavelmente de esperar dos nutrientes envolvidos, comparativamente ao que sabíamos sobre o modo como actuam na fisiologia humana. Havia, pois, na estrutura dessas plantas, algo que produzia um efeito ainda não tomado em consideração.

Olhei para Marjorie e, depois, coloquei uma pergunta: - Será que a concentração da atenção nessas plantas lhes dá algo que, ao serem ingeridas, provoca um efeito de retorno que aumenta o vigor das pessoas? É a essa energia que se refere o Manuscrito?

Marjorie olhou para o professor. Ele, como reacção, limitou-se a sorrir um pouco.

- Ainda não sei - respondeu.

Interroguei-o sobre as suas futuras descobertas, e ele explicou-me que estava a procurar criar no Estado de Washington um jardim idêntico e lançar algumas linhas de investigação de longo prazo, para ver se as pessoas que comessem aquele tipo de plantas ficavam com mais energia ou mais saudáveis, durante um longo período de tempo. Enquanto ele falava, não pude deixar de lançar, de vez em quando, uns olhares de interesse a Marjorie. De repente, ela pareceu-me incrivelmente bela. O seu corpo surgia longo e esbelto, apesar de coberto por jeans folgados e por uma t-shirt. Os seus olhos e o seu cabelo eram castanho escuros, e o penteado caía-lhe em caracóis à volta do rosto.

Senti no corpo toda uma poderosa atracção física. Ela voltou a cabeça. Olhou-me abertamente nos olhos e esboçou um gesto de recuo, no momento em que eu comecei justamente a tomar consciência dessa atracção.

- Tenho de me ir encontrar com uma pessoa - disse ela. - Talvez o volte a ver mais logo.

Disse adeus a Hains, sorriu-me estranhamente e desceu pelo carreiro, passando além do armazém metálico.

Depois de alguns minutos de conversa com o professor, desejei-lhe um bom dia e voltei para trás, para o sítio onde se encontrava Sarah. Ela ainda estava a falar

animadamente com um dos investigadores. Reparei que, enquanto eu me aproximava, me seguia com os olhos.

À medida que me fui abeirando deles, o homem com quem ela estava sorriu, arrumou as notas na sua pasta e encaminhou-se para o armazém.

- Descobriu alguma coisa? - perguntou Sarah.

- Sim, - respondi-lhe distraidamente - tudo isto vibra de gente que está a fazer coisas interessantes.

Eu estava a olhar para o chão, quando a ouvi dizer:

- Onde é que Marjorie disse que ia?

Ao olhá-la de relance, pude ver que pairava no seu olhar uma ponta de divertimento.

- Ela disse que se ia encontrar com alguém.

- Você desligou-se dela? - perguntou ela, mas a sorrir.

Ri também.

- Penso que sim. Mas eu não disse nada.

- Nem tinha que dizer - retorquiu ela. - Marjorie pôde detectar uma mudança no seu campo. Era manifestamente evidente. Estive a vê-lo sempre daqui.

- Uma mudança no meu quê?

- No campo de energia à roda do seu corpo. Muitos de nós aprendemos a vê-lo, pelo menos a uma certa luz. Quando uma pessoa tem pensamentos sexuais, o seu campo de energia transforma-se numa espécie de turbilhão à sua própria volta e lança-se, de imediato, para a pessoa que é objecto da atracção.

Aquela história pareceu-me totalmente fantasista, mas antes que eu pudesse comentar, fomos distraídos por um grupo de pessoas que vinha a sair do armazém.

- Está na hora de fazer as projecções de energia - disse Sarah. - De certeza que vai querer assistir.

82

Fomos atrás de quatro rapazes, aparentemente estudantes, até a um campo de milho. Foi já quando nos encontrávamos mais perto que verifiquei que o campo estava dividido em dois talhões, cada um com mais ou menos três metros quadrados. O milho num deles tinha aproximadamente setenta centímetros de altura. No outro, as plantas tinham menos de trinta centímetros. Os quatro rapazes dirigiram-se para o talhão de milho mais desenvolvido, sentaram-se, cada um num canto do talhão, voltados de frente para o campo. A um sinal, deram-me a impressão de concentrarem o olhar nas plantas. O sol do entardecer brilhava atrás de mim, banhando o local numa luz suave de âmbar, enquanto os bosques à nossa frente, lá longe, iam escurecendo. Contra esse horizonte quase negro, distinguam-se nitidamente as silhuetas do talhão de milho e dos estudantes.

Sarah estava de pé ao meu lado.

- Está tudo a correr na perfeição - disse ela. - Olhe! Consegue ver o que se está a passar?

- O quê?

- Eles estão a projectar a energia deles sobre as plantas.

Olhei atentamente para a cena, sem conseguir distinguir o que quer que fosse.

- Não consigo ver nada - disse.

- Baixe-se então um pouco - disse Sarah -, e concentre o seu olhar no espaço compreendido entre as pessoas e as plantas.

Durante alguns instantes, pensei ver uma luz mortiça, mas cheguei à conclusão de que se tratava de uma imagem da minha imaginação, uma partida que os meus olhos me estavam a pregar. Fiz várias tentativas para ver se conseguia detectar alguma coisa, mas acabei por desistir.

- Eu não sou capaz de fazer isto - disse, levantando-me.

83

Sarah deu-me uma palmadinha no ombro.

- Não se preocupe com isso. A primeira vez é sempre a mais difícil. Normalmente, só depois de várias tentativas é que se encontra a melhor maneira de focalizar o olhar.

Um dos estudantes, ou melhor dizendo, um dos meditantes, olhou para nós e, pondo um dedo nos lábios, fez-nos sinal para que nos calássemos; aproveitámos para voltar para o armazém.

- Vai ficar muito tempo aqui, em Viciente? - perguntou Sarah.

- Provavelmente não - respondi. - A pessoa com quem estou anda à procura da última parte do Manuscrito.

Ela olhou para mim, surpreendida.

- Pensava que já tinham sido todas localizadas. Também não podia sabê-lo. Tenho andado tão absorvida na parte que diz directamente respeito ao meu trabalho que nem sequer li a maior parte do resto.

Instintivamente, levei a mão ao bolso das minhas calças, porque, de repente, fiquei sem saber onde se encontrava a tradução de Sarah. Na realidade, estava dobrada no bolso de trás.

- Sabe - disse Sarah -, nós descobrimos que há dois momentos do dia que são particularmente propícios para ver os campos de energia. Um é o entardecer, ao pôr-do-Sol. Outro é o amanhecer, quando ele nasce.

Se quiser, encontro-me consigo amanhã de manhã e podemos tentar de novo.

Ela estendeu a mão para a pasta.

- Assim - continuou ela -, posso fazer uma cópia desta tradução para você levar consigo.

Ponderei durante alguns segundos, a sua sugestão e decidi que não havia inconveniente.

- Porque não? - disse. - Seja como for, tenho ainda de confirmar com o meu amigo, e verificar se temos tempo suficiente.

Dei-lhe um sorriso.

- O que é que a leva a pensar que eu consigo aprender a ver essa coisa?

- Chame-lhe palpite.

Concordámos em encontrarmo-nos na colina às seis da manhã, e parti sozinho para o quilómetro que me

separava da hospedaria. O Sol tinha desaparecido completamente, mas a sua luz ainda coloria com tons alaranjados as nuvens do horizonte. O ar estava fresco, mas não havia vento.

Na hospedaria, formava-se uma fila em frente do balcão do imenso refeitório. Senti fome e fui andando para o princípio da fila, para ver que género de comida tinham começado a servir. Wil e o professor Hains estavam de pé, perto da ponta, falando despreocupadamente.

- Então - perguntou Wil - como é que foi essa tarde?

- Esplêndida - respondi.

- Este senhor aqui é William Hains - acrescentou Wil.

- Eu sei - disse -, já nos vimos antes.

O professor confirmou com um gesto de cabeça.

Mencionei o meu encontro da manhã do dia seguinte.

Enquanto procurava um casal com quem ainda não tinha conversado, Wil disse não haver problema, e que não pensava partir antes das nove.

Entretanto, a fila foi avançando e as pessoas que estavam atrás de nós convidaram-me a juntar-me aos meus amigos. Pus-me ao lado do professor.

- Então, o que pensa do que andamos aqui a fazer?

- perguntou Hains.

84

85

- Ainda não tenho opinião, - respondi. - Vou deixar que as coisas assentem um pouco. Toda a ideia dos campos de energia é nova para mim.

- A realidade de tudo isto é nova para toda a gente - afirmou ele -, mas o curioso nisto tudo é que esta energia é a coisa que a ciência, desde sempre, tem procurado: a forma de energia subjacente a toda a matéria. Desde Einstein, em particular, a física tem procurado uma teoria do campo unificado. Ignoro se esta energia é essa ou não, mas, quanto mais não seja, este manuscrito tem estimulado algumas investigações muito interessantes.

- Que condição tem de ser preenchida para que a ciência aceite essa ideia? - perguntei.

- Um método de medida - respondeu ele. A existência desta energia não tem hoje nada de estranho. Os mestres do karaté têm falado de uma energia chi subjacente, que é responsável, segundo eles, pelas proezas aparentemente impossíveis que realizam, como partir tijolos com as mãos ou ser-se capaz de continuar sentado, imóvel, contra quatro homens que pretendam mover-nos. E todos nós já vimos atletas a fazer movimentos espectaculares, contorcer-se, virar-se e ficar a pairar no ar, por vias que desafiam a gravidade. Tudo isso resultaria dessa energia escondida a que temos acesso. É óbvio que a realidade desta energia só será realmente aceite quando mais gente a puder ver de verdade... e a pudermos medir.

- Já a observou? - perguntei.

- Já vi alguma coisa - respondeu ele. - Depende do que eu tiver comido.

- Como assim?

- Sabe, as pessoas que por aqui conseguem ver logo esses campos de energia alimentam-se sobretudo de legumes. E, normalmente, só comem legumes de alto potencial, que elas próprias cultivam.

Ele apontou para o expositor de comida.

- Isto aqui é deles, embora, graças a Deus, sirvam algum peixe e aves, para pessoas como eu, habituadas a comer carne. Mas se eu me esforçar por comer diferentemente, consigo ver alguma coisa.

Perguntei-lhe porque é que não mudava de dieta por períodos mais longos.

- Não sei - disse. - Não é fácil acabar com hábitos antigos.

A fila foi avançando e pedi unicamente legumes.

Fomo-nos juntar os três a uma mesa maior de convidados e falámos informalmente durante uma hora. Em seguida, eu e Wil fomos ao jipe buscar as nossas bagagens.

- Já viú esses campos de energia? - perguntei.

Ele sorriu e acenou com a cabeça.

- O meu quarto é no primeiro andar - acrescentou. - O seu é no terceiro. Quarto 306. Pode ir à recepção buscar a sua chave.

O quarto não tinha telefone, mas um empregado da hospedaria que vi no átrio garantiu-me que alguém bateria à minha porta, às cinco em ponto. Deitei-me e estive a pensar durante alguns minutos em como tinha tido uma tarde longa e preenchida. E compreendi o silêncio de Wil. Ele esperava que, pelos meus próprios meios, eu tivesse a experiência do Terceiro Olhar Profundo. Aquilo de que me recordo a seguir foi de alguém bater à porta. Olhei para o meu relógio: eram cinco horas. Quando o empregado voltou a bater, disse:

- Muito obrigado -, bastante alto para ele ouvir.

Levantei-me então e olhei pela pequena janela de madeira. O único indício de que era manhã era dado por um pálido fulgor para as bandas de leste.

Atravessei o corredor e tomei um duche; em seguida,

86 87

vesti-me rapidamente e fui para baixo. A sala de jantar estava aberta e já com imensas pessoas, o que me surpreendeu àquela hora da manhã. Limitei-me a comer uma fruta e saí a correr.

Bancos de neblina planavam sobre o solo e pegavam-se aos prados distantes. Nas árvores, os pássaros chamavam-se uns aos outros, com chilreios. À medida que me afastava da hospedaria, uma lista de sol irrompia no horizonte, partindo de leste. O colorido era espectacular, de pêssego brilhante. O céu estava de um azul profundo, acima do horizonte.

Cheguei ao outeiro quinze minutos mais cedo, e resolvi sentar-me, encostando-me ao tronco de uma

grande árvore; depressa me deixei fascinar pelo emaranhado de galhos que me ficavam por cima. Passados alguns minutos, ouvi passos de alguém que vinha pelo carreiro; olhei nessa direcção, contando que fosse Sarah. Em vez dela, deparei com um desconhecido, um homem com pouco mais de quarenta anos. Vi-o deixar o carreiro e vir na minha direcção; reparei que ainda não dera por mim. Quando se encontrava a uns três metros, viu-me e estacou assustado, o que também me perturbou.

- Olá - disse ele com um forte sotaque de Brooklin. Vestia jeans, vinha de botas, e pareceu-me excepcionalmente bem parecido e atlético. Tinha o cabelo ondulado e ralo.

Eu acenei com a cabeça.

- Desculpe. Quase que lhe caí em cima. Ia distraído e não reparei - disse.

- Não tem importância.

Disse-me então como se chamava - Phil Stone - e eu disse-lhe quem era e que estava à espera de uma amiga, acrescentando:

- Deve estar a fazer aqui alguma investigação, suponho.

- Não exactamente - replicou ele. - Trabalho para a Universidade do Sul da Califórnia. Estamos a investigar noutras províncias o alastrar da desflorestação mas, sempre que me é possível, pego no carro e venho até aqui apanhar ar. Gosto de andar por regiões onde a floresta ainda é diferente. - Olhou à sua volta. - Dá-se conta de que algumas destas árvores têm

perto de quinhentos anos? Esta é uma verdadeira floresta virgem, o que se tornou raro. Tudo nela se encontra num perfeito equilíbrio: as árvores maiores filtram os raios do Sol, deixando que uma multiplicidade de plantas tropicais se desenvolva por baixo. A vida das plantas numa floresta tropical também existe há muito, mas desenvolve-se diferentemente do que se vê aqui. É fundamentalmente uma selva. Aqui é mais parecido com o que vemos nas velhas florestas das regiões temperadas, como, por exemplo, nos Estados Unidos.

- Nunca vi nada como isto aqui - disse eu.

- Isso sei eu - disse ele. - Já só restam algumas.

Eu sei de muitas que foram vendidas pelos Governos às indústrias de madeira, como se uns e outros não conseguissem ver numa floresta como esta outra coisa que não fossem metros cúbicos de madeira. É um crime que alguém possa dar cabo de um sítio como este. Repare na energia que há aqui.

- Consegue ver a energia que há aqui? - perguntei.

Ele examinou-me atentamente, como se estivesse na dúvida sobre se devia responder.

- Consigo, sim - acabou por dizer.

- Eu ainda não fui capaz - disse, pelo meu lado.

- Ontem, fiz uma tentativa, quando estavam a meditar com as plantas na horta.

- Ah sim? Na minha primeira tentativa, não consegui ver campos de energia tão vastos - disse ele. - Comecei por olhar

para os meus dedos.

88 89

- O quê?

- Vamos para ali - disse ele, apontando para uma zona onde as árvores abriam uma clareira deixando ver o céu azul. - Eu vou mostrar-lhe como se faz. - Quando estávamos no sítio, ele disse: - Encoste-se para trás e faça com que as pontas dos seus indicadores se toquem. Mantenha o céu azul como pano de fundo. Agora, afaste um pouco as pontas dos dedos e olhe para a zona que fica entre elas. O que é que vê?

- Poeira nos olhos.

- Esqueça - disse ele. - Desfoque ligeiramente a vista, aproxime as pontas dos dedos e, em seguida, volte a afastá-las um pouco.

Enquanto ele falava, movi os dedos, não sabendo exactamente em que consistia a desfocalização da vista. Por fim, fixei com o olhar vago o espaço definido entre os meus dedos. As suas extremidades perderam ligeiramente a nitidez dos respectivos contornos e, quando as afastei, vi algo de parecido com fios de névoa que apareciam no espaço deixado entre elas.

- Diacho! - exclamei; e expliquei-lhe o que vira.

- É isso, é isso mesmo - disse ele. - Agora, tente repetir várias vezes.

Juntei as pontas dos quatro dedos das duas mãos e, em seguida, fiz o mesmo com as palmas das mãos e com os antebraços. Em todas essas posições, continuava a ver riscas de energia nos espaços deixados pelas partes do corpo. Deixei cair os braços e olhei para Phil.

- Quer ver a minha energia? - perguntou ele.

Endireitou-se e recuou um pouco, colocando a cabeça e o tronco de modo a que o céu ficasse em pano de fundo. Tentei durante alguns minutos, mas um ruído atrás de nós quebrou a minha concentração. Voltei-me e vi Sarah.

Phil chegou-se à frente e sorriu abertamente:

- Esta é a pessoa de quem estava à espera?

Quando chegou ao pé de nós, Sarah também estava a sorrir.

- Ei! Eu conheço-o - disse ela, apontando para Phil.

Abraçaram-se calorosamente e só depois Sarah olhou para mim, dizendo:

- Peço desculpa por chegar atrasada. O meu despertador mental, por um motivo qualquer, não funcionou. Mas agora acho que sei porquê. Ele deu aos dois a oportunidade de se falarem. O que é que têm estado a fazer?

- Ele acaba de aprender como se vêem os campos de energia entre os dedos - disse Phil.

Sarah olhou para mim.

- No ano passado, foi aqui mesmo, neste sítio, que eu e Phil aprendemos a fazer a mesma coisa.

Ela lançou, em seguida, uma olhadela a Phil e disse:

- Vamos pôr as nossas costas uma de encontro à outra. Talvez ele consiga ver a energia que há entre nós.

Foi o que fizeram, mesmo à minha frente. Sugeriu-lhes que se aproximassem e eles vieram para mais perto de mim, até o espaço entre nós ser de aproximadamente um metro. Os seus perfis destacaram-se sobre o fundo azul-escuro do céu. Para minha surpresa, o espaço entre eles parecia mais luminoso. Era de uma luminosidade amarela, ou de um amarelo-rosa.

- Ele está a ver - disse Phil, lendo-o na minha expressão.

Sarah voltou-se, pegou em Phil pelo braço e afastaram-se ambos de mim devagar, até a uma distância de três metros. Contornando os seus troncos, via-se um campo de energia de um rosa-esbranquiçado.

- Está muito bem - disse Sarah, séria. Veio até mim e agachou-se a meu lado.

- Olhe agora para esta paisagem, para a sua beleza.

90

91

Fui imediatamente apanhado pelas formas e pelos contornos que me rodeavam. Pareceu-me que seria capaz de focalizar cada um dos carvalhos, na sua globalidade, não apenas uma parte, mas a totalidade da sua forma, de uma só vez. Fiquei de imediato impressionado pela forma e pela configuração singulares dos ramos que cada um exibia. Olhei-os um a um, rodando os olhos em semi-círculo. Ao proceder deste modo, experimentei um sentimento de presença que exsudava de cada um deles para mim; era como se eu os tivesse a ver pela primeira vez, ou se aquela fosse a primeira vez que os apreciava plenamente.

De repente, a folhagem tropical que existia por debaixo dos carvalhos atraiu a minha atenção; de novo, reparei na forma única que cada planta exibia. Reparei igualmente no modo como cada uma delas crescia junto das da sua espécie, formando como que pequenas comunidades. Por exemplo, as plantas altas do tipo das bananeiras estavam muitas vezes cercadas por pequenos filodendros; estes, por seu turno, cresciam entre plantas do tipo dos fetos, ainda mais pequenas. Quando olhei globalmente para aquele micro-ambiente, senti-me mais uma vez impressionado com a singularidade da sua presença e dos seus contornos. A menos de três metros, uma folhagem particular chamou-me a atenção. Eu tivera muitas vezes em casa aquele tipo de planta, uma variedade particular de filodendro. De um verde escuro, a sua folhagem estendia-se até a um metro de distância. Os seus contornos eram particularmente saudáveis e vibrantes.

- Ei! Focalize essa, mas desprendidamente - disse Sarah.

Enquanto fazia o que ela me sugerira, brinquei com a focalização dos meus olhos. Até certo ponto, tentei focalizar um espaço de aproximadamente quinze centímetros

em torno da planta. Aos poucos, comecei a captar vislumbres de luz; com um simples ajustamento de focalização, consegui ver uma bola de luz branca a envolver a planta.

- Estou a ver uma coisa que não vi antes - disse.

- Olhe um pouco em redor - disse Sarah.

Recuei com o choque. À volta de cada planta no meu campo de visão havia um campo de luz esbranquiçada, visível mas integralmente transparente, que fazia com que nada da cor ou da forma da planta

ficasse na sombra. Dei-me conta de que o que eu estava a ver era uma expansão da beleza singular de cada planta. Era como se tivesse começado por ver a planta, depois me tivesse tornado sensível à sua singularidade e à sua presença, para, finalmente, surgir algo que houvesse ampliado a sua expressão física para pura beleza, momento em que eu vira os campos de energia.

- Veja se consegue ver isto - disse Sarah. Sentou-se à minha frente e face ao filodendro. A pluma de luz esbranquiçada que envolvia o seu corpo teve como que uma erupção e foi envolver o filodendro. O diâmetro do campo de energia da planta, por sua vez, ampliou-se várias dezenas de vezes.

- Caraças! - exclamei, o que provocou risos dos dois amigos. E eu próprio me pus a rir, consciente da peculiaridade do que estava a acontecer, mas não sentindo em absoluto nenhuma dificuldade em ver, com bastante rapidez, fenómenos de cuja existência duvidara alguns minutos antes. Dei-me conta de que a percepção dos campos, em vez de provocar uma sensação surrealista, fazia com que as coisas me parecessem mais sólidas e reais do que antes.

E, contudo, era verdade que tudo à minha volta me parecia diferente. A única comparação que eu podia fazer seria talvez com um filme que realçasse a cor de

uma floresta com o fito de a fazer parecer mística e encantada. As plantas, as folhas, o céu destacavam-se agora com uma presença e um ligeiro brilho que sugeria vida e talvez uma consciência fora do comum. Depois de ter visto o que vira, não havia maneira de voltar a olhar para uma floresta como um dado adquirido...

Olhei para Phil.

- Sente-se aqui e lance a sua energia sobre o filodendro

- disse-lhe. - Gostaria de comparar.

Phil pareceu perplexo.

- Não sei fazer isso - respondeu-me ele. - Nem sei porquê.

Olhei para Sarah.

- Algumas pessoas conseguem-no; outras, não - disse ela.

- Ainda não conseguimos tirar isso a claro. Marjorie tem analisado os estudantes dela de pós-graduação para ver quem

consegue fazê-lo. Um casal de psicólogos tem tentado estabelecer uma correlação entre essa capacidade e características da personalidade, mas até agora não se chegou a nenhuma conclusão.

- Deixe-me tentar - disse-lhe.

- Okay, avance - reagiu Sarah.

Sentei-me de novo diante da planta. Sarah e Phil ficaram de pé, desenhando um ângulo recto comigo.

- Okay, por onde devo começar?

- Limite-se a concentrar a sua atenção na planta, como se estivesse a insuflá-la com a sua energia - respondeu-me Sarah.

Olhei para a planta e imaginei a energia a avolumar-se dentro dela; passados alguns minutos, olhei para os dois.

- É pena - disse Sarah secamente -, mas você não é, manifestamente, um dos poucos eleitos.

Fiz uma careta trocista a Phil.

Vozes irritadas, vindas do carreiro que ficava mais abaixo, interromperam a nossa conversa. Através das

árvores, podíamos ver passar um grupo de homens falando asperamente entre si.

- Quem é aquela gente? - quis saber Phil, olhando para Sarah.

- Não sei quem são - respondeu ela. - Suponho que são mais umas pessoas irritadas com o que fazemos aqui.

Olhei para trás, para a floresta à nossa volta. Tudo me voltou a parecer vulgar.

- Ei! Já não consigo ver os campos de energia.

- Há coisas que nos trazem de volta à percepção habitual, não é verdade? - fez notar Sarah.

Phil sorriu e deu-me uma palmada nas costas.

- Você pode voltar a fazê-lo, a partir de agora, a qualquer momento. É como andar de bicicleta. Tudo o que tem a fazer é olhar para a beleza e partir daí.

De repente, lembrei-me de ver as horas. O Sol já ia mais alto e a brisa leve do meio da manhã fazia ondular as árvores. O meu relógio marcava dez para as oito.

- Acho que é melhor ir andando - disse eu. Sarah e Phil juntaram-se a mim. Enquanto íamos andando, olhei para trás, para o bosque que cobria a

colina. - É, de facto, um sítio maravilhoso - disse. - É pena não haver mais sítios como este nos Estados Unidos.

- Quando vir campos de energia noutros sítios disse Phil -, compreenderá até que ponto estas florestas são dinâmicas. Olhe para estes carvalhos. Já não existem muitos no Perú, mas continuam a crescer

aqui, em Viciente. O abate das florestas, especialmente quando se lhes tira a madeira dura para a substituir por pinho, tendo em vista a rentabilidade, cria campos de baixa energia. E uma cidade, excepto no que diz respeito às pessoas, tem uma qualidade de energia totalmente diferente.

Tentei focalizar uma das plantas ao longo do carreiro, mas o facto de estar a conversar dispersava a

minha concentração.

- Acha que vou voltar a poder ver esses campos?

- perguntei.

- Sem dúvida - disse Sarah. - Nunca ouvi falar de ninguém que, tendo visto, uma vez, os campos de energia, não conseguisse voltar a vê-los. Tivemos um investigador em oftalmologia que veio aqui uma vez e que, depois de ter aprendido a ver os campos de energia, se foi embora entusiasmadíssimo. Ao voltar para casa, começou a trabalhar com um certo tipo de anomalias da visão, incluindo certas formas de daltonismo, e chegou à conclusão de que o que certas pessoas têm são receptores preguiçosos na vista. Pôs-se a ensinar as pessoas a ver cores de que nunca tinham tido a experiência. Na sua opinião, ver campos de energia consistia precisamente em fazer o mesmo, em despertar outros receptores adormecidos, coisa que, em teoria, qualquer pessoa pode fazer.

- Gostaria de viver perto de um sítio como este - disse eu.

- Quem não gostaria? - respondeu Phil, passando os olhos por mim, em direcção a Sarah:

- O doutor Hains ainda cá está?

- Sim - disse Sarah. - Não consegue ir-se embora.

Phil olhou para mim.

- Aí está um tipo que investiga algo de interessante sobre o que esta energia nos pode fazer.

- É verdade - disse eu -, falei ontem com ele.

- Na última vez que passei por aqui - continuou

Phil -, falou-me de um estudo que gostaria de efectuar sobre os efeitos físicos que decorrem do simples facto de se viver perto de certos meios-ambientes ricos em altas energias, como é o caso da floresta que deixámos lá atrás. Ele ia utilizar as mesmas medidas que utiliza para medir a eficiência dos órgãos, só para ver o efeito.

- Pois bem, eu, pelo meu lado, já sei qual é o efeito

- disse Sarah. - Sempre que venho no carro para aqui, começo a sentir-me melhor. Tudo se amplia. Sinto-me mais forte, consigo pensar mais claramente e mais depressa. E as percepções que tenho de tudo isto e de como tudo isto se reflecte no meu trabalho em física é impressionante.

- Em que é que está a trabalhar? - perguntei.

- Lembra-se de eu lhe ter falado a respeito das experiências surpreendentes sobre as partículas da física, durante as quais esses pequenos elementos dos átomos surgem onde os cientistas esperam que apareçam?

- Sim.

- Pois bem, estou a tentar alargar essa ideia dos elementos procedendo a experiências da minha lavra. Não para resolver os problemas da malta que está a trabalhar nas partículas subatómicas, mas para explorar as questões de que lhe falei antes: em que medida o universo físico, como um todo - pois que é feito da mesma energia de base -, reage às

nossas expectativas? Até
que ponto as nossas expectativas criam tudo o que nos
acontece?

- Está-se a referir às coincidências?

- Sim; pense em coisas que lhe aconteceram na
vida. A velha ideia newtoniana era a de que tudo acontecia por
acaso, que cada um pode tomar boas decisões e preparar-se para
o que der e vier, mas, na realidade,
cada acontecimento tem a sua própria cadeia de causas,
independentes das nossas atitudes subjectivas. Depois
das recentes descobertas da física, podemos legitimamente
questionarmo-nos sobre se o universo não é, na realidade,
muito mais dinâmico do que essa concepção permitia supor. É
possível que ele funcione, basicamente, de uma maneira
mecânica, mas é também possível que reaja subtilmente à
energia mental que projectamos sobre ele. A minha pergunta é:
porque não? Se se consegue

96 97

fazer crescer as plantas mais depressa, talvez se consiga que
certos acontecimentos ocorram com maior
celeridade, ou mais devagar, conforme a nossa
maneira de pensar.

- O Manuscrito diz alguma coisa sobre isso?

Sarah sorriu para mim.

- É evidente. Foi onde fomos buscar estas ideias.

Começou a remexer no saco dela, enquanto caminhávamos, e
acabou por retirar uma pasta.

- Aqui tem a sua cópia -
disse ela.

Passei rapidamente os olhos por ela e coloquei-a no
meu bolso. Estávamos a atravessar a ponte e, por
momentos, senti uma hesitação, ao ver as cores e as formas das
plantas à minha volta. Alterei a minha focalização e, de
imediatamente, vi os campos de energia a envolverem tudo o que eu
via. Sarah e Phil tinham campos amplos, que pareciam coloridos
a amarelo e verde,
embora o campo de Sarah brilhasse aqui e além com um
tom de rosa.

De repente, os dois estacaram e olharam atentamente para
o carreiro adiante. À nossa frente, aí a uns quinze metros,
vinha um homem apressado na nossa
direcção. Uma sensação de ansiedade atacou-me o estômago,
apesar de eu estar firmemente decidido a manter a minha visão
da energia. À medida que se aproximava,
reconheci-o; era o mais alto dos cientistas da Universidade do
Perú que, no dia anterior, havia perguntado o caminho para os
jardins experimentais. Detectei, envolvendo-o, uma camada de
cor vermelha.

Quando chegou ao pé de nós, voltou-se para
Sarah e

disse-lhe, num tom condescendente:

- Você é cientista, não é?

- Sou, sim - respondeu Sarah.

- Nesse caso, como é que pode admitir esta espécie

de ciência? Estive a ver os jardins e nem pude acreditar na balda que observei. A sua gente não tem nada sob

controle. Além disso, existem várias explicações possíveis para o desenvolvimento mais acentuado de alguns legumes.

- Meu caro senhor, é impossível controlar tudo.

Nós estamos sobretudo atentos às tendências gerais.

Pude detectar uma irritação crescente na voz de Sarah.

- Mas, ao postular uma energia só recentemente visível como fundamento último da química da matéria viva, vocês estão a cometer um absurdo. Vocês não têm provas para o que propõem.

- Provas é justamente aquilo de que andamos à procura.

- Mas como é que podem postular a existência de alguma coisa antes de poderem avançar com uma prova?!

As vozes de um e de outro soavam agora irritadas, mas a minha escuta era mais que vaga. O que ocupava a minha atenção era a dinâmica dos seus campos de energia. Quando começou a discussão, eu e Phil recuámos um pouco, e Sarah e o tipo mais alto ficaram frente a frente, aí a uma distância um do outro de aproximadamente um metro e meio. Os campos de energia respectivos pareceram aumentar de volume e de densidade, excitando-se mutuamente, como que movidos por uma vibração interna. À medida que a discussão prosseguia, os campos começaram a misturar-se. Quando um deles marcava um ponto, o seu campo de energia criava um movimento que ia sugar o campo de energia do outro; parecia uma autêntica manobra para criar vácuo. Mas logo que a outra pessoa avançava com a sua argumentação, a energia parecia refluir de novo, para o vazio que tinha sido deixado. Em termos de dinâmica dos campos de energia, ganhar um ponto assemelhava-se a capturar uma parte da energia do campo adverso e a trazê-la para o seu próprio campo.

98 99

- Além disso - dizia Sarah para o homem -, nós observámos antes os fenómenos. É a sua explicação que procuramos agora.

O homem atirou a Sarah um olhar desdenhoso.

- Nesse caso, você é não só estúpida, como incompetente - disse, pondo-se a andar.

- E você é um dinossauro - atirou-lhe Sarah, o que

nos fez rir, a mim e a Phil. Sarah continuava, todavia, tensa.

- Esta gente põe-me furiosa - disse, ao retomarmos o nosso caminho.

- Esquece - disse Phil. - Este tipo de gente aparece, de vez em quando, por aqui.

- Mas porque é que são tantos? - interrogou ela.

- E precisamente agora?

Quando já estávamos a chegar à hospedaria, vi Wil no jipe. As portas do carro estavam abertas e as coisas espalhadas em cima do capot. Ele viu-me imediatamente e fez-me sinal para que me aproximasse.

- Parece que está na hora de me ir embora - disse-lhes eu.

A minha observação quebrou um silêncio de dez minutos que começara quando tentara explicar o que vira acontecer à energia de Sarah, durante a discussão. Obviamente, eu não conseguira explicar correctamente o que vira acontecer aos campos de energia. A única coisa que os meus comentários provocaram foi olhares de incompreensão e o início de um longo período de auto-absorção.

- Foi muito agradável tê-lo encontrado - disse Sarah, estendendo-me a mão.

Phil estava a olhar na direcção do jipe.

- Aquele é que é Wil James? - perguntou. - O tipo com quem você está a viajar?

100

- Sim - disse eu. - Porquê?

- Acho piada. Já o tenho visto por aqui. Conhece o dono deste sítio e fazia parte do primeiro grupo que incentivou aqui a investigação dos campos de energia.

- Venha daí, que eu apresento-lho - convidei eu.

- Não, tenho de ir - respondeu ele. - Voltarei a vê-lo por aí, tanto mais que você não vai conseguir estar longe.

- Sem dúvida - disse eu.

Sarah interrompeu-nos para dizer que também tinha de se ir embora e que eu podia contactá-la através da hospedaria. Ficámos a conversar mais alguns minutos e eu aproveitei para lhes agradecer as lições que me tinham dispensado.

O semblante de Sarah tornou-se grave; disse-me:

- Ver a energia - captar este novo processo de percepção do mundo físico - desenvolve-se como que por contágio. Não sabemos como funciona, mas quando uma pessoa se junta a outras que já vêem, regra geral ela passa igualmente a ver. Por isso, passe isto a alguém.

Disse que sim com a cabeça e fui a correr para o jipe. Wil acolheu-me com um sorriso.

- Já está pronto? - perguntei.

- Quase - respondeu. - Como é que correu a manhã?

- Foi interessante - disse eu. - Temos muito que falar.

- É preferível depois. - Temos de sair daqui. O ambiente está a tornar-se menos acolhedor.

Pus-me mais ao pé dele.

- O que é que se passa? - perguntei-lhe.

- Nada de muito grave - disse ele. - Depois eu explico. Vá buscar as suas coisas.

Fui para a hospedaria e peguei no pouco que deixara no meu quarto. Wil avisara-me antes que, por amabilidade do proprietário, a estadia fora-nos oferecida;

101

desci, por isso, para a recepção, dei ao empregado a chave e saí para a rua, direito ao jipe.

Wil estava debaixo do capot, a verificar alguma coisa mas, mal cheguei ao pé dele, fechou-o com um golpe.

- Okay - disse ele. - Vamo-nos embora.

Saímos do estacionamento e dirigimo-nos para a estrada principal. Saíram várias pessoas ao mesmo tempo que nós.

- O que é que está a acontecer? - perguntei a Wil.

- Um grupo de funcionários locais - explicou ele -, mais uns cientistas, vieram queixar-se de gente associada ao centro de conferências. Não alegaram que se tivesse passado algo ilegal. Apenas consideram que algumas pessoas não são realmente cientistas e são, por esse facto, indesejáveis. Essa gente é capaz de causar sérios problemas, até mesmo levar a hospedaria a perder o seu negócio. - Olhei para ele, espantado, e ele continuou: - Sabe, esta hospedaria acolhe normalmente vários grupos que vêm para aqui estudar, durante todo o ano. Só um número restrito faz investigação relativa ao

Manuscrito. Os outros grupos estão concentrados nas suas próprias disciplinas e encontram-se aqui unicamente pela beleza do enquadramento. Se as autoridades se chatearem e criarem um mau ambiente, esses grupos deixarão de se reunir aqui.

- Mas você não tinha dito que as autoridades não podiam dispensar as divisas dos turistas que vêm aqui a Viciente?

- Eu achava que não, mas alguém deve estar aflito por causa do Manuscrito. Alguém, lá nos jardins, deu pelo que se estava a passar?

- Não propriamente - respondi. - Estavam só admirados por haver de repente mais gente irritada do que o costume a rondar por aqui.

Wil ficou calado. Passámos pelo portão e virámos para sudeste. Um quilómetro e meio adiante, tomámos

102

por outra estrada que se dirigia para leste, na direcção da cadeia de montanhas que se via ao longe.

- Vamos mesmo passar junto dos jardins experimentais - disse Wil, um quilómetro e meio depois.

Mais à frente, dei com os talhões e com o primeiro armazém metálico. Quando estávamos mesmo a passar por ele, a porta abriu-se e o meu olhar foi ao encontro da pessoa que saía. Era Marjorie. Ela sorriu; voltou-se para mim quando passámos e os nossos olhares ficaram presos durante um longo momento.

- Quem era? - perguntou Wil.

- Uma mulher que encontrei ontem - respondi-lhe.
Ele acenou com a cabeça e, em seguida mudou de assunto:

- Passou os olhos pelo Terceiro Olhar Profundo?
- Deram-me uma cópia.

Wil não respondeu, parecendo de repente perdido nos seus pensamentos; aproveitei para pegar na tradução e encontrar a passagem onde parara de ler. Deixara-a onde o Terceiro Olhar Profundo falava da natureza da beleza, descrevendo-a como uma percepção mediante a qual os seres humanos iam finalmente aprender a observar os campos de energia. Logo que tal se verificasse, a nossa compreensão do universo físico ia, em sua opinião, transformar-se rapidamente.

Por exemplo, começaríamos a comer mais alimentos que ainda contivessem viva essa energia, a notar que há certos lugares que irradiam mais energia do que outros, que as radiações mais elevadas provêm de meios-ambientes naturais antigos, especialmente das florestas. Ia começar a ler as últimas páginas quando, de repente, Wil meteu conversa.

- Como é que se passaram as coisas nos jardins? - perguntou.

Comecei a relatar-lhe por miúdos, o melhor que soube, o que acontecera naqueles dois dias

103

falando-lhe, inclusivamente, das pessoas que havia encontrado. Quando lhe falei do meu encontro com Marjorie, olhou para mim e sorriu.

- Com essas pessoas com quem se encontrou, até onde foi na conversa sobre os outros olhares profundos? Fez-lhes ver como esses olhares estão relacionados com o que fazem nos jardins? - quis saber.

- Nem sequer os mencionei - respondi-lhe. - Ao princípio, não tinha confiança nelas, e depois imaginei muito simplesmente que sabiam mais do que eu.

- Não é essa a minha opinião. Acho que lhes poderia ter passado informações importantes. Pelo menos, essa era a única maneira de ser perfeitamente honesto com elas.

- Que género de informações?

Encarou-me calorosamente:

- Isso só você sabe.

Fiquei sem saber que dizer; resolvi, por isso, olhar para a paisagem. O terreno tornava-se cada vez mais montanhoso e rochoso. Grandes afloramentos de granito pendiam sobre a estrada.

- O que é que fez com que você, ao passarmos pelos jardins, voltasse de novo a ver Marjorie? - perguntou Wil. Eu ia a responder foi só uma coincidência, mas, em vez disso, disse:

- Não sei. O que é que acha?
- Eu acho que as coisas não acontecem por coincidência.

Em minha opinião, entre vocês os dois há algo de inacabado, qualquer coisa que precisam de dizer um ao outro e que ainda não foi dito.

A ideia deixou-me intrigado, mas igualmente perturbado. Toda a minha vida tenho sido acusado de me manter distante, de fazer perguntas, mas de não dizer o que penso nem me comprometer com uma posição. Espantado com o curso dos meus pensamentos, indaguei porque me lembraria disso justamente então.

104

Também reparei que começava a sentir-me diferente. Em Viciente, tinha-me sentido aventureiro e competente e agora começava a sentir o que poderia chamar uma depressão crescente, à mistura com ansiedade.

- Com o que acabou de me dizer, conseguiu pôr-me deprimido - disse.

Ele começou a rir às gargalhadas e, depois, respondeu-me:

- Não sou eu que o faço. É o facto de deixar Viciente que tem esse efeito. A energia daquele sítio dá-nos balanço. Transforma-nos em painéis de pressão. Porque é que você pensa que todos aqueles cientistas rondam há anos aquelas bandas? Eles não fazem ideia porque gostam tanto daquele sítio - e depois, voltando-se para mim -, mas nós sim, não é?

Deu atenção à estrada e voltou a olhar para mim com uma expressão de respeito espelhada no rosto.

- Quando deixamos um lugar destes, temos de atar a nossa própria energia.

Fiquei a olhar para ele, baralhado e ele deu-me um sorriso. Em seguida, ficámos ambos calados, durante um quilómetro e meio.

- Fale-me mais do que aconteceu nos jardins - pediu-me ele em seguida.

Comecei a contar-lhe mais coisas. Quando lhe descrevi como via então os campos de energia, olhou-me com admiração, mas sem fazer comentários.

- Consegue ver esses campos? - perguntei-lhe.

Olhou-me de relance.

- Sim - disse. - Continue.

Continuei a contar tudo, sem interrupção, até chegar à briga entre Sarah e o cientista peruano e lhe falar das dinâmicas dos seus campos de energia durante o confronto.

- E que disseram sobre isso Sarah e Phil? - perguntou ele.

105

- Não comentaram - disse eu. - Pareciam não saber como contextualizar o fenómeno.

- Não creio que saibam - disse Wil. - Estão de tal modo embrenhados no Terceiro Olhar Profundo que não

vêm mais nada. O objecto do Quarto Olhar Profundo é justamente a luta pela energia entre os seres humanos.

- A luta pela energia? - perguntei.

Ele limitou-se a sorrir, indicando com a cabeça a tradução que eu tinha nas mãos.

Retomei a leitura onde a deixara. O texto apontava claramente para o Quarto Olhar Profundo. Afirmava ele que os seres humanos acabariam por olhar para o universo como possuidor de uma energia dinâmica, uma energia capaz de sustentar e responder às suas expectativas. Veríamos ainda que tínhamos andado desligados dessa imensa fonte de energia, que nós próprios nos tínhamos separado dela e que isso nos tornara fracos, inseguros e carentes.

A resposta que os seres humanos deram a este déficite de energia foi a de aumentarem a sua energia pessoal da única maneira que conheciam: indo buscá-la fisiológica e logicamente aos outros - essa é a competição inconsciente que subjaz a toda a conflitualidade humana.

106

IV

A LUTA PELO PODER

Um buraco na estrada de cascalho fez o jipe dar um salto, acordando-me. Olhei para o meu relógio; eram três da tarde. Ao espreguiçar-me para acordar por completo, senti uma pontada no fundo das costas.

A viagem fora, até então, muito aborrecida. Depois de termos deixado Viciente, tínhamos passado o dia a tentar seguir em várias direcções, sem que Wil conseguisse dar com a que pretendia. Passáramos a noite num pequeno hotel, onde as camas eram duras e cheias de covas e pouco consegui dormir. E naquele momento, depois de termos viajado à dura, pelo segundo dia consecutivo, estava bom para me armar em vítima.

Olhei para Wil. Como ele estava concentrado na estrada e particularmente atento, resolvi interrompê-lo. Parecia continuar no mesmo estado de espírito sério que mostrara umas horas antes, quando tinha parado o jipe e me dissera que precisávamos de falar.

- Lembra-se de lhe ter dito que os olhares profundos têm de ser descobertos um de cada vez? - perguntara-me.

107

- Sim.

- Acredita que cada um se vai revelar por si próprio?

- Bem, até aqui foi assim - respondera eu com uma ponta de humor.

Olhara para mim com uma expressão grave.

- Encontrar o Terceiro Olhar Profundo foi fácil. Tudo o que tivemos de fazer foi ir a Viciente. Mas, a partir de agora, percorrer os restantes olhares profundos não vai ser assim tão fácil.

Calara-se por uns instantes e depois continuara:

- Acho que devíamos ir na direcção sul, para uma pequena aldeia, perto de Quilabamba, chamada Cula. Lá em cima, há uma outra floresta virgem que acho que você também deve ver. Mas é de uma extrema importância ficar alerta. Vão ocorrer com frequência várias coincidências e você deve ter consciência disso. Está a perceber o que quero dizer?

Respondera-lhe que pensava que sim e que ia tomar nota, mentalmente, do que me dissera. Em seguida, a conversa caíra e eu passara por um sono profundo - um sono que depois lamentei, pelo que me fez às costas.

Voltei a espreguiçar-me e Wil olhou na minha direcção.

- Onde estamos? - perguntei.

- Estamos de novo nos Andes - disse ele.

As montanhas haviam-se tornado altas cordilheiras e vales distantes. A cobertura vegetal era mais grosseira agora, as árvores mais pequenas e batidas pelo vento. Inspirando profundamente, reparei que o ar se tornara mais rarefeito e frio.

- É melhor pôr um agasalho - disse Wil, tirando de um saco uma camisola de algodão. - De tarde, vai fazer frio por estas bandas - acrescentou.

À nossa frente, onde a estrada fazia uma curva,

108

deparámos com um cruzamento apertado. Num dos lados, perto de uma loja branca e de uma bomba de gasolina, estava estacionado um carro com o capot aberto. Havia ferramentas espalhadas sobre um pano que cobria o guarda-lamas. Quando passámos, um homem louro saiu da loja e dirigiu-nos um olhar amistoso. Tinha um rosto redondo e usava óculos de armação escura. Olhei para ele mais de perto e o meu espírito recuou imediatamente cinco anos.

- Eu sei que não é ele - disse eu. - Mas aquele sujeito parece-se imenso com um amigo com quem trabalhei. Não pensava nele há anos.

Reparei que Wil me observava.

- Eu aconselhei-o a prestar muita atenção ao que sucedesse - acabou por me dizer. - Voltemos atrás e vamos ver se o sujeito precisa de alguma ajuda. Não parece ser daqui.

Encontrámos um sítio em que as faixas da estrada eram suficientemente largas para podermos voltar.

Quando chegámos de novo à loja, o sujeito estava a trabalhar no seu carro. Wil encostou ao pé da bomba e pôs a cabeça de fora do carro.

- Parece que está com problemas - disse Wil.
O homem empurrou os óculos para o alto do nariz, tal como o meu amigo costumava fazer.
- Sim - confirmou ele -, perdi a minha bomba de água.
O tipo era franzino e aparentava quarenta e poucos anos. Falava um inglês escolar, com um sotaque francês.
Wil saiu imediatamente do jipe e apresentou-nos.
O homem estendeu-me a mão e sorriu-me de um modo que me pareceu familiar. Chamava-se Chris Reneau.
- Você soa a francês - disse eu.
- E sou - respondeu ele. - Mas ensino Psicologia no Brasil. Estou aqui no Perú a recolher informações

109

sobre um artefacto arqueológico que foi encontrado, um manuscrito.

Hesitei uns instantes, não sabendo até que ponto podia confiar nele.

- É o mesmo motivo que nos trouxe aqui - acabei por dizer.

Ele encarou-me com profundo interesse.

- O que é que me pode dizer sobre o assunto? perguntou ele. - Já viram cópias?

Antes que eu respondesse, Wil saiu da loja, ficando a porta de lona a bater atrás dele.

- Sorte incrível - disse, dirigindo-se-me. - O proprietário tem um sítio onde podemos acampar e alguma comida quente. Podemos passar aqui a noite.

Voltou-se e olhou para Reneau, à espera da sua reacção:

- Se não se importar de partilhar as suas reservas...

- De maneira nenhuma - disse ele. - Dou as boas-vindas à rapaziada. Não vou conseguir uma bomba nova antes de amanhã de manhã.

Enquanto ele e Wil entabulavam uma conversa sobre questões de mecânica e a fiabilidade das ferramentas de Reneau, encostei-me ao jipe, sentindo o calor do Sol, e deixando-me arrastar para um agradável devaneio em que entrava o meu velho amigo que era parecido com Reneau. Esse meu amigo era de vistas largas e curioso, em tudo semelhante ao que Reneau parecia ser; andava sempre a ler. Lembrava-me até das teorias de que ele gostava, mas o tempo apagara parte das minhas recordações.

- Vamos levar as nossas coisas para o sítio onde vamos acampar - dizia Wil, enquanto me dava uma palmadinha nas costas.

- Vamos a isso - respondi, ainda absorto.

Ele abriu a porta de trás e tirou a tenda e os sacos-cama, que me pôs nos braços; em seguida, tirou um

110

saco de lona com mudas de roupa. Entretanto, Reneau

fechava o seu carro. Passámos diante da loja e descemos um lance de escada; nas traseiras da casa, a cordilheira caía a pique. Virámos à esquerda por um carreiro apertado e, aí uns vinte ou trinta metros mais adiante, começámos a ouvir água a correr; mais adiante ainda, deparámos com um rio a descer por uma cascata escavada na rocha. O ar estava mais frio e senti um forte odor a hortelã-pimenta.

Mesmo à nossa frente, o terreno nivelava-se e o rio formava um charco de cerca de oito metros de diâmetro. Alguém abrira uma clareira, onde se podia acampar, e juntara pedras para servir de fogueira. A madeira estava empilhada de encontro a uma árvore próxima.

- Isto é ótimo - disse Wil, e começou a desenrolar uma enorme tenda para quatro pessoas. Reneau estendeu a sua, que era mais pequena, à direita da de Wil.

- Você e Wil são investigadores? - perguntou-me Reneau, a dada altura. Wil acabara de montar a tenda e fora tratar do jantar.

- Wilson é guia - respondi. - Pelo que me toca, não ando a fazer nada por agora.

Reneau lançou-me um olhar interrogativo.

Eu sorri e perguntei-lhe:

- Já conseguiu ver alguma parte do Manuscrito?

- Já vi o Primeiro e o Segundo Olhares Profundos

- disse ele, abeirando-se mais de mim. - E vou dizer-lhe uma coisa - continuou ele. - Penso que tudo o que está a acontecer se dá exactamente como vem no Manuscrito. Estamos a mudar a nossa maneira de ver o mundo. Consigo vê-lo na psicologia.

- O que é que quer dizer?

Ele tomou fôlego.

- O meu campo de estudo é o conflito, ver porque razão os seres humanos se tratam uns aos outros com tanta violência.

111

Sempre soubemos que essa violência tem a sua origem numa dada pulsão que existe nos homens e que os leva a quererem controlar e dominar os outros, mas só há pouco começámos a estudar esse fenómeno do ponto de vista da consciência individual, ou seja, a partir de dentro. Pusémos a pergunta: o que é que se passa no interior de um ser humano que o leva a querer controlar outro ser humano? E descobrimos que, quando um indivíduo se dirige a outro e entabula com ele uma conversa (e isto acontece biliões de vezes por dia no Mundo), uma de duas coisas pode resultar desse encontro: o indivíduo sai desse encontro sentindo-se forte ou fraco, dependendo do que aconteceu na interacção.

Lancei-lhe um olhar interrogativo e ele pareceu ficar ligeiramente atrapalhado por se ter lançado numa exposição, que prometia ser longa, sobre o assunto. Pedi-lhe que continuasse.

- É por isso - continuou ele -, que nós, os seres humanos, parecemos estar sempre a assumir uma postura

manipulatória. Não interessa conhecer, para o caso, as particularidades de cada situação, ou o assunto em causa, porque nos preparamos sempre para dizer o que for preciso; e a única coisa de que precisamos é sairmos vencedores da conversa. Cada um de nós procura uma maneira de controlar e de dominar a conversa. Se o conseguirmos, se o nosso ponto de vista prevalecer, nesse caso, em vez de nos sentirmos fracos, receberemos um reforço psicológico.

Por outras palavras, nós, os seres humanos, excedemo-nos em astúcia para controlar os outros, não porque esteja em jogo uma meta tangível, algo de concreto que precisemos de atingir, no que respeita ao mundo exterior, mas porque precisamos da boleia psicológica que nos é dada pelo conflito. Esta é a razão por que vemos tantos conflitos irracionais no mundo, quer a nível individual, quer ao nível das nações.

É hoje consensual, no meu domínio de estudos, que toda esta problemática começa a aflorar ao nível da consciência pública. Começamos a dar-nos conta de quanto nos manipulamos uns aos outros e, conseqüentemente, começamos a reavaliar as nossas motivações. Estamos à procura de uma outra maneira de interagir. Creio que esta reavaliação é parte integrante da maneira de ver o mundo de que fala o Manuscrito.

A nossa conversa foi interrompida pela chegada de Wil.

- Eles já nos podem servir - disse ele.

Tomámos imediatamente o carreiro que conduzia ao rés-do-chão da casa, onde se situava a zona familiar do edifício. Atravessámos o hall de entrada e entrámos na sala de jantar. Sobre a mesa encontrava-se um guisado fumegante, legumes e salada.

- Sentem-se, sentem-se - dizia em inglês o proprietário, afastando as cadeiras, muito atarefado. Por detrás dele estava, de pé, uma mulher mais velha, que era aparentemente a mulher dele, e uma rapariga com cerca de quinze anos.

Ao pegar na sua cadeira para se sentar, Wil bateu sem querer com o braço no garfo. E este caiu no chão com estardalhaço. O homem olhou furioso para a mulher que, por sua vez, falou com rudeza à jovem, que ainda não se tinha mexido para ir buscar outro. Ela foi a correr à outra sala e voltou com um garfo que entregou, hesitante, a Wil. Tinha as costas curvadas e a mão tremia-lhe um pouco. Por cima da mesa, os meus olhos encontraram os de Reneau.

- Bom apetite - disse o homem, estendendo-me um dos pratos.

Durante a maior parte da refeição, Reneau e Wil falaram sobre a vida académica, os desafios do ensino e publicações. O proprietário tinha deixado a sala de jantar

112 113

mas a mulher continuava de pé, mesmo junto à porta.

Quando ela e a filha começaram a servir pratos individuais de torta, a rapariga bateu com o cotovelo no meu

copo, espalhando a água sobre a mesa, à minha frente. A mulher mais velha veio logo a correr, furiosa, gritando-lhe em espanhol e tirando-a do caminho.

- Peço muita desculpa - disse a mulher, enxugando a água.
- Esta rapariga é muito desajeitada.

Ao ouvir isto, a rapariga teve uma crise de nervos: atirou com o resto da torta à cara da mulher, perdeu o controlo e espalhou torta e louça partida pela mesa, até que chegou o proprietário.

O velho deu um berro e a rapariga saiu a correr da sala.

- Desculpem - disse ele, correndo para a mesa.

- Não tem importância - disse-lhe. - Não sejam tão duros com ela.

Wil já estava de pé, conferindo a conta, e saímos depressa dali. Reneau não tinha dito nada até então mas, quando íamos a sair, descendo as escadas, abriu-se:

- Reparou na rapariga? - perguntou, olhando para mim. - É um exemplo clássico de violência psicológica. Isto é o produto da necessidade humana de controlar os outros, quando a deixamos agir a seu bel prazer. O velho e a mulher dominam totalmente a rapariga. Viu como anda nervosa e curvada?

- Sim - respondi. - Mas parece que já está farta.

- Exacto! Os pais não a deixam em paz. E ela, do seu ponto de vista, só tem uma saída; reagir violentamente. É a única hipótese que lhe resta para ganhar um pouco de controlo sobre si própria. Infelizmente, quando crescer, e devido a este trauma precoce, vai pensar que tem de controlar e de dominar os outros com a mesma intensidade. Esta característica arreigar-se-á profundamente nela e fará com que se torne uma pessoa

tão dominadora como o são os pais dela agora, sobretudo quando se encontrar no meio de pessoas vulneráveis, como as crianças.

Na realidade, antes de lhe acontecer a ela, o mesmo

trauma aconteceu, sem dúvida, aos pais. São forçados a ser agora dominadores, por causa do modo como os seus pais os dominaram. Isto significa que a violência psicológica se transmite de umas gerações às outras.

De repente, Reneau calou-se.

- Preciso de ir buscar o meu saco-cama à camioneta - disse ele. - Volto já.

Concordei, e Wil e eu continuámos o nosso caminho para o acampamento.

- Você e Reneau têm conversado bastante - notou Wil.

- Sim, temos - anuí.

Ele sorriu.

- Na realidade, é Reneau que tem feito a conversa toda. Você ouve e responde directamente, mas não oferece muito mais em troca.

- Estou interessado no que ele tem para dizer - disse eu, para me desculpar.

Wil passou por cima da minha resposta e continuou:

- Viu como se movimentava a energia entre os

membros daquela família? O homem e a mulher estão a sugar a energia da criança, até a deixarem quase morta.

- Esqueci-me de reparar no fluxo de energia - disse eu.

- Não acha que Reneau também gostaria de a poder ver? Mas, para começar, a que se deve, na sua opinião, o seu encontro com ele?

- Não sei.

- Não acha que tem algum significado? Nós vamos a andar na estrada e você vê alguém que lhe lembra um velho amigo e, quando você o aborda, acontece que ele

114 115

também anda à procura do Manuscrito. Não lhe cheira a coincidência?

- Cheira.

- É possível que se tenham encontrado por ele ter informações que podem dar continuidade à sua estada aqui, não acha? E quem sabe se, em consequência disso, você não terá informações que o possam interessar a ele?

- Sim, é provável. Na sua opinião, que lhe deveria dizer?

Wil olhou de novo para mim com a sua característica expressão calorosa:

- A verdade - disse ele.

Antes que eu pudesse responder alguma coisa, já

Reneau vinha aos pulos pelo carreiro abaixo, ao nosso encontro.

- Trouxe um candeeiro, para o caso de virmos a precisar... - disse ele.

Pela primeira vez, dei-me conta do crepúsculo e olhei para o poente. O Sol já se tinha posto, mas o céu mantinha ainda a sua cor laranja brilhante. Algumas nuvens aproximavam-se vindas de oeste, trazendo um colorido mais escuro e avermelhado ao local. Por momentos, julguei ver um campo de luz esbranquiçado a envolver as plantas, mas a imagem desvaneceu-se.

- Que belo pôr-do-Sol! - disse eu. Notei, entretanto, que Wil fora para a sua tenda, enquanto Reneau retirava do invólucro o saco-cama.

- Sim, é verdade - disse Reneau, distraído, sem sequer ter olhado.

Aproximei-me do lugar onde ele se atarefava. Levantou os olhos para mim e perguntou:

- Creio que não lhe perguntei a quantos olhares profundos teve acesso.

- Os dois primeiros foram-me simplesmente descritos - respondi-lhe. - Mas acabamos de passar estes dois últimos dias na hospedaria Viciente, perto de Satipo. Enquanto lá estivemos, houve uma pessoa, que está lá a fazer investigação, que me deu a cópia do Terceiro Olhar Profundo. É algo de verdadeiramente impressionante.

Os seus olhos brilharam.

- Tem-na consigo?
- Sim. Quer dar-lhe uma olhadela?

Ele saltou sobre a oportunidade e levou-a para dentro da tenda, para a poder ler à vontade. Entretanto, encontrei alguns fósforos e jornais velhos e acendi uma fogueira. Quando o fogo já se encontrava bem ateado, Wil saiu de gatas da tenda.

- Onde é que está Reneau? - quis saber.
- Está a ler a tradução que me deu Sarah - respondi.

Wil abeirou-se e foi sentar-se numa acha lisa que alguém pusera perto da fogueira. Sentei-me também, ao pé dele. A escuridão descera finalmente e não se via nada a não ser os contornos das árvores à nossa esquerda, as luzes fracas da bomba de gasolina atrás de nós, e um brilho silencioso, proveniente da tenda de Reneau. A floresta continuava viva, com os seus sons nocturnos, alguns dos quais eu nunca ouvira antes.

Uns trinta minutos depois, mais coisa menos coisa, Reneau saiu da sua tenda, com o candeeiro na mão. Veio para o pé de nós e sentou-se à minha esquerda. Wil bocejava.

- Este olhar profundo é admirável - disse ele. Há alguém que consiga ver estes campos de energia?

Em poucas palavras, pu-lo a par das minhas experiências, começando pela nossa chegada e continuando daí para a frente até chegar ao momento em que eu próprio vira esses campos.

Ficou calado durante um minuto, e depois perguntou:

- Eles continuam a fazer experiências em que projectam

116 117

a sua própria energia nas plantas, afectando, desse modo, o crescimento delas?

- Sim, e isso também tem consequências no seu potencial nutritivo - acrescentei.

- Mas o essencial deste olhar profundo é bem mais amplo - comentou ele, quase como se falasse para si próprio.

- O essencial deste olhar consiste em ver o universo, como um todo, composto por esta energia; consequentemente, nós podemos talvez modificar não só as plantas como muitas outras coisas, exactamente como fazemos com a energia que nos pertence, com a parte que controlamos. Concentrou-se, em silêncio, durante alguns minutos e, em seguida, continuou: - Gostaria de saber como é que podemos afectar as outras pessoas com a nossa energia.

Wil olhou para mim e sorriu.

- Vou dizer-lhe o que vi - comecei eu. - Assisti a uma discussão entre duas pessoas, e vi os efeitos estranhos que as suas energias causavam.

Reneau empurrou, mais uma vez, os óculos para

cima:

- Conte-me como foi.

Wil aproveitou para se levantar:

- Creio que preciso de descansar - disse ele. Tive um dia cheio.

Ambos lhe desejámos boa noite e ele entrou na sua tenda. Em seguida, descrevi o melhor que pude a discussão entre Sarah e o outro cientista, colocando a tónica sobre a acção dos respectivos campos de energia.

- Espere aí um minuto - interrompeu Reneau. Você disse que as energias deles puxavam uma pela outra, tentando, por assim dizer, capturar a do oponente?

- Exacto - confirmei.

Ficou calado, a pensar durante alguns minutos, e depois disse-me:

- Devemos analisar tudo isso em profundidade.

Temos duas pessoas a degladiarem-se para determinar qual delas tem a visão correcta dos acontecimentos, para saber qual delas tem razão - cada uma das quais querendo sair vitoriosa vencendo a outra, nem que para tal tenha de chegar ao extremo de pôr em causa a autoconfiança do adversário, chamando-lhe nomes, inclusivamente. De repente, ele olhou para mim. - Sim, bate certo.

- O que quer dizer? - perguntei.

- O movimento dessa energia, se pudéssemos observá-lo de uma maneira sistemática, permitir-nos-ia compreender o que os seres humanos recebem quando combatem, quando discutem e quando se ferem uns aos outros. Quando controlamos um outro ser humano, é essa energia que recebemos. Ficamos melhor à custa do outro; e ficarmos melhor é o que realmente nos motiva. Escute, eu tenho de aprender a ver esses campos de energia. Onde é que fica essa hospedaria Viciente? Como é que se chega lá?

Descrevi-lhe por alto a localização, mas disse-lhe que teria de perguntar a Wil os pormenores do trajecto.

- Está bem. É o que farei amanhã - concluiu ele, satisfeito. - Por agora, gostaria de ir dormir. Quero levantar-me o mais cedo possível.

Desejou-me boa noite e entrou na sua tenda, deixando-me sozinho com o crepitar do lume e os sons nocturnos.

Quando acordei, Wil já não se encontrava na tenda. Chegou-me às narinas um cheiro a cereais quentes. Deslizei para fora do meu saco-cama e fui espreitar pela abertura da tenda. Wil segurava numa panela que mantinha por cima do lume. Não vi Reneau; a sua tenda desaparecera.

118 119

- Onde está Reneau? - perguntei.

Saí da tenda e fui para junto do lume.

- Ele já arrumou as coisas - respondeu Wil. - Está lá em cima a trabalhar no camião. Quer estar pronto para partir logo que chegue a peça que mandou vir.

Wil estendeu-me uma tigela com farinha de aveia e

fomo-nos sentar num dos toros para comer.

- Ficaram os dois a conversar até tarde? - perguntou Wil.

- Não muito - respondi. - Contei-lhe tudo o que sabia.

Justamente nesse momento, ouvimos um barulho proveniente do carreiro. Era Reneau a correr, para nos vir dizer adeus.

- Estou pronto - disse ele. - Só me resta dizer adeus.

Ficámos ainda à conversa uns minutos, e em seguida Reneau voltou a subir a escada e partiu. Eu e Wil revezámo-nos a tomar banho e a fazer a barba na casa de banho do proprietário e depois empacotámos as nossas coisas, enchemos o depósito do jipe e abalámos, em direcção a norte.

- A que distância fica Cula? - perguntei.

- Se tudo correr bem, devemos chegar lá antes de ser noite cerrada - disse ele, e acrescentou: - Então, o que aprendeu com o Reneau?

Encarei-o mais atentamente, tanto mais que tive a impressão de que ele estava à espera de uma determinada resposta.

- Não sei bem - disse.

- Que ideia é que ele lhe deixou?

- Que nós, os seres humanos, mesmo sem consciência disso, temos tendência para controlar e dominar os outros. Queremos apossar-nos da energia que existe entre as pessoas. Como se isso, de certa maneira, nos enchesse, nos fizesse sentir melhor.

Wil estava a olhar para a estrada que tinha à sua frente. Olhava-a como se, de repente, estivesse a pensar noutra coisa.

- Porque é que pergunta? - procurei saber. - É sobre esta questão que incide o Quarto Olhar Profundo?

Ele olhou para mim.

- Não exactamente. Você viu a energia fluir entre as pessoas. Mas não tenho a certeza de que você faça a mínima ideia do que se sente quando isso acontece connosco. - Então, diga-me como é! - disse eu, já a ficar inquieto. - Você acusa-me de não falar! Mas tirar de si uma informação é como tirar um dente! Tenho tentado todos estes dias saber um pouco mais relativamente às suas experiências com o Manuscrito, e tudo o que você faz é afastar-me.

Ele pôs-se a rir, e lançou-me um sorriso, dizendo-me:

- Não sei se se lembra de que fizemos um acordo. Tenho um motivo para ser reservado. Um dos olhares profundos diz respeito à maneira de interpretar os acontecimentos da nossa vida passada. É uma maneira de tornar claro quem somos, de sabermos o que estamos a fazer neste planeta. O que ando a fazer consigo é esperar, até chegarmos a essa visão, para só então discutir consigo o meu passado.

Sorri perante o tom ousado que empregara:

- Okay, estou a compreender.

Durante o resto da manhã, ficámos em silêncio.

O dia estava soalheiro e o céu azul. De vez em quando, à medida que íamos entrando na zona mais montanhosa, nuvens pesadas pairavam sobre a estrada, cobrindo o pára-brisas de humidade. Por volta do meio-dia, parámos num miradouro de onde se desfrutava uma vista espectacular sobre as montanhas e os vales a leste.

120 121

- Está zangado? - quis saber Wil.

Acenei com a cabeça e ele tirou de um saco, que estava atrás do banco, duas sanduíches embrulhadas.

Depois de me estender uma, perguntou:

- O que acha de toda esta vista?

- É muito bonita.

Ele sorriu de leve e olhou fixamente para mim, dando-me a impressão de estar a observar o meu campo de energia.

- O que é que está a fazer? - perguntei.

- Estou só a olhar - respondeu-me ele. - Os picos das montanhas são lugares especiais, que nos podem dar energia quando estamos ao pé deles. Você parece ter afinidades com os miradouros montanhosos.

Falei-lhe do vale do meu avô, dos picos montanhosos que davam para o lago e de como essa paisagem me fazia sentir desperto e cheio de energia, como no dia em que Charlene tinha chegado.

- Talvez o facto de ter crescido num ambiente desses - disse ele - o tenha preparado para algo que vá acontecer agora aqui.

Estava para lhe perguntar mais coisas sobre a energia que as montanhas facultam quando ele acrescentou:

- Quando uma floresta virgem fica numa montanha, a energia amplifica-se.

- A floresta virgem para onde vamos fica numa montanha? - perguntei.

- Veja por si próprio - disse ele. - Já pode vê-la.

Apontou para leste. A alguns quilómetros de distância, vi duas cristas montanhosas que, durante alguns quilómetros, eram paralelas uma à outra, para depois convergirem formando um espaço em forma de V. No espaço entre as duas cristas podia ver-se o que parecia ser uma pequena aldeia e, no vórtice, no ponto em que as duas cristas se encontravam, a montanha erguia-se abrupta, terminando num cume rochoso. O cume parecia ser mais alto do que aquele onde nos encontrávamos, e a zona que ficava no seu sopé dava a impressão de ser muito mais verde, como se estivesse coberta por uma vegetação luxuriante.

- Aquela zona verde? - perguntei, para confirmar.

- Sim - confirmou Wil. - Parece-se com Viciente, mas é muito mais poderosa e especial.

- Especial, como?
- Porque facilita a compreensão de um determinado olhar profundo.

- Como? - perguntei.

Ele pôs o jipe em movimento e voltou à estrada, em marcha atrás.

- Aposto - disse ele - que você vai descobrir.

Durante uma hora, nenhum de nós disse mais nada e, a dada altura, adormeci. Um pouco mais tarde, Wil abanava-me o braço.

- Acorde - disse ele. - Estamos a chegar a Cula.

Endireitei-me no assento. À nossa frente, num vale onde convergiam duas estradas, deparámos com um pequeno lugarejo. Lá estavam as duas cristas que tínhamos visto. As árvores que lhes cobriam as faldas pareciam ser tão grandes como as de Viciente e espetacularmente verdes.

-
Quero dizer-lhe uma coisa, antes de entrar alidisse ele. - Apesar da energia da floresta, este sítio é bem menos civilizado do que outros deste país. É conhecido por ser um lugar onde se podem colher informações sobre o Manuscrito, mas na última vez que cá estive vim encontrá-lo cheio de tipos ambiciosos que não sentem a energia nem compreendem os olhares profundos. É gente unicamente preocupada em ganhar dinheiro ou em obter notoriedade pelo facto de terem descoberto o Nono Olhar.

Pus-me a olhar para o casario. Na prática, não havia mais do que quatro a cinco ruas, umas estreitas, outras

122 123

mais largas. Os edifícios de madeira maiores alinhavam-se ao longo das duas ruas mais importantes que se cruzavam no centro do lugarejo, mas as outras ruas eram pouco mais do que becos ladeados por pequenas moradias. Estacionados nas imediações dos cruzamentos, viam-se talvez uns dez carros e camiões.

- O que faz aqui toda esta gente? - perguntei.

Wil esboçou um sorriso maroto:

- Para quem quer penetrar mais profundamente na região montanhosa, este é o último sítio onde pode comprar gasolina e mantimentos.

Pôs em movimento o jipe e dirigiu-se lentamente para o lugarejo, onde acabou por estacionar defronte do edifício mais importante. Não consegui ler o espanhol dos reclames mas, pelos produtos expostos, supus que se tratasse de uma loja de produtos alimentares e de quinquilharia.

- Espere aqui um minuto - disse ele. - Vou lá dentro comprar umas coisas.

Fiz que sim com a cabeça e Wil desapareceu no interior da loja. Enquanto passava os olhos pelo ambiente à minha volta, um camião parou no outro lado da rua e várias pessoas saíram dele. Uma delas era uma mulher de cabelos escuros, vestindo um camisolão gasto. Para minha surpresa, reparei que era Marjorie. Ela e um

rapaz de vinte e poucos anos atravessaram a rua e passaram mesmo à minha frente. Abri a porta do carro, saí e gritei:

- Marjorie!

Ela estacou imediatamente e olhou em volta, até que me viu e me dirigiu um sorriso:

- Olá - disse ela.

Quando ia a esboçar o movimento para vir até mim, o rapazola que a acompanhava travou-lhe o braço.

- Robert disse-nos para não falarmos com ninguém - disse ele, muito baixo, para que eu não ouvisse.

- Está bem - respondeu ela -, mas eu conheço esta pessoa. Vai andando.

O rapaz olhou para mim desconfiado, depois resolveu afastar-se e entrar na loja. Logo que ficámos sós, tentei então, meio balbuciante, explicar-lhe o que tinha acontecido entre nós, nos jardins experimentais. Ela pôs-se a rir e contou-me que Sarah lhe tinha dito tudo. Ia dizer mais qualquer coisa quando Wil saiu da loja com os braços carregados de mantimentos.

Apresentei-lha e ficámos todos à conversa, enquanto Wil colocava o que comprara na parte de trás do jipe.

- Tenho uma ideia - disse Wil. - Vamos comer qualquer coisa no outro lado da rua.

Reparei num sítio que me pareceu ser um pequeno café.

- Parece-me bem - disse eu.

- Não sei - disse Marjorie, hesitante -, vou ter de partir cedo. Tenho onde ir.

- Aonde é que você vai? - perguntei.

- A um sítio lá atrás, a alguns quilómetros para oeste. Vim visitar um grupo de estudiosos do Manuscrito.

- Depois de comer, podemos levá-la lá - sugeriu Wil.

- Está bem, acho que não há problema.

Wil olhou para mim:

- Tenho de ir buscar mais uma coisa. Vão vocês os dois adiante e encomendem, que eu peço para mim quando chegar. Não me demoro.

Concordámos e esperámos que alguns carros passassem. Wil desceu a rua orientada a sul. De repente, o rapaz com quem viera Marjorie saiu da loja, veio ter connosco e fez-nos frente.

- Aonde é que vão? - perguntou ele, segurando-a pelo braço.

124 125

- Este é um amigo meu - rebateu ela. - Vamos comer qualquer coisa e ele leva-me de volta depois.

- Oiça lá, você sabe que não pode confiar em ninguém. Sabe muito bem que Robert não ia concordar.

- Está tudo

bem - voltou ela a dizer.

- Eu quero que você venha imediatamente comigo.

Agarrei-o pelo braço e afastei-o dela.

- Você ouviu o que ela lhe disse - afirmei. Ele recuou e

olhou para mim, parecendo ficar de repente muito acanhado. Rodou sobre si e voltou para trás, em direcção à loja.

- Vamos embora - disse eu.

Atravessámos a rua e entrámos no pequeno café.

A zona das refeições ocupava uma sala onde só se viam oito mesas; o ambiente estava empestado de gorduras e fumo de tabaco. Descobri uma mesa livre à esquerda.

Enquanto nos dirigíamos para ela, as pessoas olhavam-nos de relance e voltavam rapidamente ao que estavam a fazer. A criada só falava espanhol, mas como Marjorie conhecia a língua, foi ela quem pediu para os dois. Feito isto, dirigiu-me um olhar caloroso e envolvente. Devolvi-lho, enquanto lhe perguntava:

- Quem é o sujeito que a acompanha?

- Kenny - respondeu ela. - Não sei o que lhe deu. Obrigada pela ajuda.

Olhava-me directamente nos olhos, e as suas palavras faziam-me sentir muitíssimo bem.

- Como é que você entrou em contacto com este grupo? - perguntei.

- Robert Jensen é arqueólogo. Formou um grupo para estudar o Manuscrito e procurar o Nono Olhar Profundo. Há umas semanas atrás, estive em Viciente e voltou lá há alguns dias... Eu...

- O quê? - interrompi.

- O facto é que eu tinha em Viciente uma relação de que me queria ver livre. Foi nesse contexto que encontrei Robert e que ele me encantou, porque o que estava a fazer me pareceu muito interessante. Convenceu-me de que as nossas investigações nos jardins experimentais podiam ser ampliadas pelo Nono Olhar Profundo e que ele estava em vias de o descobrir. Disse, inclusivamente, que a busca desse olhar podia muito bem ser a coisa mais emocionante que alguma vez fizera e foi então que me ofereceu um lugar na sua equipa por alguns meses, lugar que aceitei...

Marjorie fez uma pausa e baixou os olhos para a mesa. Como me parecia pouco à vontade, resolvi mudar de assunto.

- A quantos olhares profundos é que teve acesso?

- Só ao que vi em Viciente. Robert já teve acesso a outros, mas ele acredita que as pessoas têm de se libertar por si próprias das suas crenças tradicionais para poderem compreendê-los. Disse também que prefere que as pessoas aprendam com ele os conceitos-chave.

Eu devo ter feito uma careta, porque ela acrescentou: - Você não está lá muito de acordo com isto, pois não?

- Tudo isso me parece suspeito - disse.

Ela voltou a encarar-me intensamente:

- Eu própria estou admirada. Talvez, quando você me for levar, possa falar com ele e dizer-me o que acha.

A empregada chegou com o que encomendáramos e, quando ela se afastou, vi Wil à entrada. Veio rapidamente para a nossa mesa.

- Tenho de ir ter com umas pessoas, a alguns quilómetros daqui, para norte - disse ele. - Estou de volta daqui a duas horas. Pegue no jipe e vá levar Marjorie. Eu não preciso, porque tenho boleia.

Sorriu-me e acrescentou:

- Podemos encontrar-nos aqui.

Veio-me à ideia falar-lhe de Robert Jensen, mas resolvi não o fazer.

126 127

- Okay - respondi.

Ele olhou para Marjorie:

- Foi um prazer conhecê-la. Gostaria de ter tempo para ficar e conversar consigo.

Ela olhou para ele com a sua expressão tímida e disse:

- Talvez noutra altura.

Ele fez que sim com a cabeça, entregou-me as chaves e foi-se embora.

Marjorie entreteve-se alguns minutos a comer e depois disse:

- Ele dá a impressão de ser um homem com um objectivo. Como é que o encontrou?

Contei-lhe então, ao pormenor, o que me acontecera ao chegar, pela primeira vez, ao Perú. Enquanto eu falava, ela olhava-me concentradamente. Tão concentradamente que eu dei comigo, aliás, a contar-lhe toda a história, com imensa facilidade e expressando com talento as voltas e reviravoltas dramáticas e outros episódios, colocando o todo na sua verdadeira perspectiva. Ela parecia fascinada, presa a cada palavra.

- Deus meu! - disse ela, a dada altura -, acha que corre perigo?

- Não, acho que não - respondi-lhe. - Pelo menos a esta distância de Lima.

Ela continuou a olhar para mim na expectativa e, enquanto acabávamos de comer, contei-lhe resumidamente o que acontecera em Viciente até ao momento em que eu e Sarah tínhamos chegado aos jardins experimentais.

- Foi nesse momento que a vi - disse eu -, e você fugiu.

- Oh, não foi bem assim - reagiu ela -, só que eu não sabia quem você era, e quando vi o que estava a sentir, pensei que era preferível afastar-me...

128

- Está certo, peço desculpa - disse eu a rir -, por ter deixado escapar a minha energia.

Ela olhou para o seu relógio.

- Acho que está na altura de voltar. Eles já devem estar inquietos a meu respeito.

Deixei dinheiro suficiente para pagar a conta e saímos para a rua, em direcção ao jipe de Wil. A noite estava fria e podíamos ver o rasto que deixava a nossa respiração. Ao entrarmos, ela disse:

- Volte atrás, na direcção norte, por esta mesma estrada. Dir-lhe-ei quando deve virar.

Fiz que sim com a cabeça, dei uma volta rápida na própria rua e tomei a direcção indicada.

- Fale-me mais sobre a quinta para onde vamos pedi eu. -
Penso que Robert a aluga. Dá a impressão de que o grupo dele trabalha lá há muito tempo no estudo dos olhares profundos. Desde que cheguei, toda a gente passa o tempo a reunir mantimentos, a preparar veículos, coisas deste género. Alguns dos homens que trabalham com Robert parecem muito rudes.

- Porque é que ele a convidou para o acompanhar?
- perguntei.

- Ele contou-me que andava à procura de uma pessoa que o pudesse ajudar a interpretar, depois de descoberto, o último olhar profundo. Pelo menos, foi o que ele me disse em Viciente. Aqui só me tem falado em mantimentos e em ajudar a preparar a expedição.

- Para onde é que ele planeia ir?

- Ignoro - respondeu ela. - É coisa a que nunca responde, quando lhe faço a pergunta.

Já tínhamos andado aí uns dois quilómetros quando ela me indicou, numa curva à esquerda, uma estrada estreita e pedregosa que serpenteava por uma encosta acima e descia depois para um vale plano. À nossa frente via-se a casa da quinta, feita de pranchas rústicas.

129

Atrás dela, viam-se igualmente vários celeiros e armazéns. Três lamas, num pasto cercado, olharam para nós.

Quando abrandei para parar, várias pessoas rodearam o veículo e ficaram especadas a olhar, sem sorrir. Reparei num gerador, movido a gasolina, a zumbir ao lado da casa. Logo em seguida, a porta abriu-se e um homem alto, de cabelos escuros e feições fortes e secas, saiu dirigindo-se a nós.

- Este é Robert - disse Marjorie.

- Muito bem - retorqui, sentindo-me ainda forte e confiante.

Fomos ao encontro de Jensen, que encarou Marjorie.

- Estava preocupado consigo - começou ele por dizer. - Se bem compreendi, encontrou um amigo.

Apresentei-me e ele apertou-me com firmeza a mão.

- Sou Robert Jensen - disse ele. - Folgo em ver que os dois estão bem. Venham daí.

No interior, havia várias pessoas ocupadas com os mantimentos. Uma carregava para as traseiras uma tenda e material de campismo. Através da sala de jantar, vi duas mulheres peruanas na cozinha, a embalar comida. Jensen sentou-se numa das cadeiras da sala de estar e indicou-nos outras duas.

- Porque é que disse que folgava em ver que estávamos bem? - perguntei-lhe.

Ele inclinou-se na minha direcção e perguntou-me,

num tom em que havia sinceridade:

- Há quanto tempo está nesta região?

- Praticamente desde o meio-dia.

- Nesse caso, não pode saber como isto aqui é perigoso.

Há pessoas que desaparecem. Já ouviu falar no Manuscrito? No Nono Olhar Profundo que ainda não foi descoberto?

- Sim. Na verdade...

- Então precisa de saber o que vai acontecer a seguir - disse ele, interrompendo-me. - A busca do

último olhar profundo está a revelar-se difícil. Há gente perigosa envolvida nisso.

- Quem? - perguntei.

- Gente que não se preocupa minimamente com o valor arqueológico dessa descoberta e que anda à procura dos olhares profundos unicamente com objectivos pessoais.

Um tipo enorme com barba e pança interrompeu a conversa e mostrou a Jensen uma lista. Discutiram qualquer coisa em espanhol. Foram rápidos. Jensen voltou a olhar para mim:

- Também veio até cá para tentar descobrir o olhar profundo que falta? - perguntou-me ele. - Faz a mais pequena ideia daquilo em que se meteu?

Senti-me pouco à vontade, com dificuldade em expressar-me.

- Bem... estou principalmente interessado em saber

mais coisas sobre a totalidade do Manuscrito. É que, até agora, ainda não vi grande coisa.

Ele endireitou-se na cadeira e disse:

- Já pensou que o documento pertence ao Estado e que as cópias que para aí se fazem são todas ilegais, excepto nos casos em que foram autorizadas?

- Sim, estou a par. Mas alguns cientistas discordam. Têm a ideia de que o Governo anda a destruir novas...

- Não acha que o Perú, enquanto nação, tem o direito de controlar os seus próprios tesouros arqueológicos? O Governo tem conhecimento da sua presença no país?

Eu não sabia o que responder - voltei a experimentar no estômago a mesma sensação de ansiedade.

- Oiça, não quero

que me compreenda mal - disse

ele, a sorrir. - Eu estou do seu lado. Se tiver um apoio científico de qualquer género, de uma instituição estrangeira qualquer, é só dizer-mo. Mas tenho a impressão de que não é esse o caso, e que você anda por aí à deriva.

130 131

- Sim, pode dizer-se que sim - respondi-lhe.

Reparei que a atenção de Marjorie se deslocara de mim para jensen:

- Que acha que ele deveria fazer? - perguntou-lhe ela.

Jensen levantou-se e sorriu.

- Talvez eu possa arranjar-lhe trabalho aqui connosco.

Precisamos de mais gente. A região para onde vamos é relativamente segura, em minha opinião. E você poderia encontrar, entretanto, uma maneira de sair do país, se as coisas azedarem.

Ele olhou-me muito de perto.

- Mas daqui até lá, terá de fazer exactamente o que eu lhe disser.

Lancei um olhar a Marjorie. Ela continuava concentrada em Jensen. Fiquei confuso. Talvez devesse considerar a oferta de Jensen, pensei. Se ele estava em bons termos com o Governo, nesse caso aquele encontro podia ser a oportunidade que eu procurava para voltar legalmente para os Estados Unidos. Talvez tivesse andado a iludir-me a mim próprio. Era possível que Jensen tivesse razão e que eu estivesse atolado até à ponta dos cabelos.

- Acho que você devia considerar o que o Robert está a dizer - comentou Marjorie. - É demasiado terrível andar sozinho lá fora.

Embora eu soubesse que ela podia ter razão, continuava a acreditar em Wil, no que ele andava a tramar. Quis expressar esse pensamento, mas, quando fui para abrir a boca, não encontrei as palavras para o formular. Tinha deixado de poder pensar com clareza.

Subitamente, o grandalhão entrou de novo na sala e olhou lá para fora, pela janela. Jensen levantou-se de imediato e foi olhar, enquanto se voltava para Marjorie e lhe dizia num tom desprovido de emoção:

- Vem aí alguém. Por favor, peça a Kenny para vir cá acima.

132

Ela fez que sim com a cabeça e saiu. Através da janela, pude ver as luzes de um camião que se aproximava. O veículo estacionou mesmo ao pé da cerca, a uns quinze metros. Jensen abriu a porta e, quando ele ia a sair, ouvi o meu nome a ser mencionado lá fora.

- Quem é? - quis saber.

Jensen encarou-me com um olhar penetrante.

- Fique quieto - foi tudo quanto disse.

Ele e o grandalhão saíram e fecharam a porta. Pela janela, pude ver a silhueta de uma figura solitária por detrás dos faróis do camião. O meu primeiro impulso foi ficar onde estava. A análise que Jensen fizera da minha situação enchera-me de maus pressentimentos. Mas havia algo que me era familiar na pessoa que estava junto ao camião. Abri a porta e saí para a rua. Logo que me viu, Jensen voltou-se rapidamente e veio até mim.

- O que é que está a fazer? Volte lá para dentro.

Por cima do gerador, julguei ouvir de novo o meu nome.

- Volte já lá para dentro! - voltou a dizer Jensen.

- Pode ser uma armadilha.

Ele estava mesmo à minha frente, bloqueando-me a vista do camião. Insistiu:

- Volte já lá para dentro.

Fiquei totalmente confuso e em pânico, incapaz de tomar uma decisão. Nesse momento, o vulto que estava por detrás dos faróis do camião aproximou-se e consegui ver a sua silhueta junto ao corpo de Jensen. Ouvi distintamente: ... "venha aqui, preciso de falar consigo!"

Foi quando o vulto se abeirou que a minha cabeça se tornou clara e me dei conta de que era Wil. Passei a correr por Jensen.

133

- O que é que se passa consigo? - perguntou rápido Wil. - Precisamos de sair daqui.

- E o que vamos fazer com Marjorie? - perguntei.

- Por agora, não podemos fazer nada - disse Wil.

- É melhor pormo-nos a mexer.

Começámos a andar quando Jensen chamou:

- Você faria melhor em ficar aqui. Não vai conseguir o que pretende.

Olhei de relance para trás.

Wil parou e olhou para mim, dando-me a hipótese de ir ou de ficar.

- Vamos - acabei por dizer.

Passámos pelo camião em que Wil viera e reparei que mais dois homens tinham ficado à espera no banco da frente. Quando chegámos ao jipe de Wil, ele pediu-me as chaves e fomo-nos embora. O camião com os amigos de Wil seguia atrás.

Wil voltou-se e encarou-me:

- Jensen disse-me que você havia decidido ficar com o grupo dele. O que é que se passa?

- Como é que você sabia o nome dele? - disse, inseguro.

- Acabo de saber tudo sobre ele - replicou Wil. - É um tipo que trabalha para o Governo peruano. Sendo, de facto, um verdadeiro arqueólogo, comprometeu-se a manter tudo secreto em troca de ser ele a única pessoa a estudar o Manuscrito. O acordo que ele fez com o Governo não implica, todavia, que ele vá à procura do olhar profundo que ainda não foi encontrado. Aparentemente, ele decidiu violar o acordo. Corre o boato de que, muito em breve, ele vai partir à procura do Nono Olhar Profundo. Quando soube que ele era a pessoa com quem estava Marjorie, pensei que era melhor vir até cá. O que é que ele lhe disse a si?

- Disse-me que eu corria perigo e que me devia juntar a ele porque me ajudaria a sair do país, se esse fosse o meu desejo.

Wil abanou a cabeça:

- O tipo apanhou-o bem.

- O que é que quer dizer com isso?

- Havia de ter visto o seu próprio campo de energia e como ele estava quase a fluir totalmente para o campo dele. - Não estou a perceber...

- Lembre-se da discussão de Sarah com o cientista, lá em Viciente... Se tivesse visto um deles vencer, por ter

convencido o outro de que a razão lhe pertencia, teria então visto a energia do vencido fluir inteirinha para o campo de energia do vencedor, deixando o outro sentir-se esvaziado, fraco e meio confuso. Lembre-se da rapariga peruana - disse ele, sorrindo - e terá uma ideia de como você estava agora.

- Está a dizer que isso me aconteceu a mim? - perguntei-lhe.

- Sim - confirmou ele. - E foi-lhe extremamente difícil pôr fim ao controlo que ele estava a exercer sobre si e livrar-se da sua influência. Por momentos, pensei que não ia conseguir.

- Meu Deus! - disse eu. - O tipo deve ser mesmo diabólico.

- Não propriamente - contrapôs ele. - Provavelmente, só tem uma noção muito relativa do que faz. Acha-se com o direito de controlar as situações e não há dúvida de que há muito que aprendeu como fazê-lo seguindo uma determinada estratégia. Começa por se fazer muito seu amigo; em seguida, descobre algo de errado que você tenha feito, no seu caso, por exemplo, que você corria perigo. Na realidade, ele consegue muito subtilmente sabotar a confiança que você tem na orientação que está a seguir, até você acabar por se identificar com ele. Mal isso aconteça, fica nas mãos dele.

Wil olhou directamente para mim:

134 135

- Esta é só uma das estratégias que as pessoas utilizam para tirar a energia umas às outras. Quando chegar, mais tarde, ao Sexto Olhar Profundo, verá como há ainda muitas mais estratégias.

Eu já não estava a ouvi-lo; os meus pensamentos iam todos para Marjorie. Custava-me sabê-la lá.

- Não acha que deveríamos tentar tirar Marjorie de lá? - perguntei-lhe.

- Por agora, não - disse ele. - Ela, a meu entender, não corre qualquer perigo. Amanhã, quando partirmos, podemos ir até lá e tentar falar com ela.

Ficámos em silêncio durante alguns minutos, até que Wil perguntou:

- Você compreendeu o que eu disse a propósito de Jensen e de ele não saber o que anda a fazer? É o que acontece com muito boa gente. Limita-se a fazer o que o faz sentir-se como o mais forte.

- Não, não estou a perceber...

Wil ficou pensativo e acabou por dizer:

- A maior parte das pessoas ainda não tem consciência desta realidade. Todos nós sabemos o que nos faz sentir fracos e como nos sentimos melhores quando controlamos os outros. O que as pessoas ainda não realizaram é que o facto de nos sentirmos melhores se instala à custa dos outros, da energia que lhes roubamos. A maior parte das pessoas passa a vida a tentar caçar

constantemente a energia das outras.

Havia um brilho no seu olhar quando de novo me encarou:

- Por vezes, não é assim que as coisas se passam. Encontramos alguém que, pelo menos durante algum tempo, nos envia voluntariamente a sua energia.

- Aonde é que está a querer chegar?

- Recorde-se de quando estava a comer com a Marjorie no restaurante do lugarejo onde estivemos. Está a ver o momento em que entrei?

136

- Sim.

- Não sei de que estavam a falar os dois, mas era evidente que a energia dela corria toda para si. Quando entrei, vi-o claramente. Diga-me lá, o que é que você sentiu durante aquele tempo todo?

- Senti-me bem - disse eu. - O que me tinha acontecido e as minhas ideias sobre o assunto surgiam-me com a clareza de um cristal. Pude ser eu próprio a falar, sem constrangimento. Mas aonde é que você quer chegar?

Ele sorriu.

- De vez em quando, uma pessoa quer, por sua livre vontade, que definamos a seus olhos a nossa própria situação; para isso, dá-nos directamente a sua própria energia, como fez Marjorie consigo. Isso fê-lo sentir-se com mais pujança, mas você verá por si próprio que, regra geral, não é sol de muita duração. A maior parte das pessoas, Marjorie inclusive, não são suficientemente fortes para darem energia. Razão por que a maior parte das relações se transforma em guerras de poder. Os seres humanos ligam as energias entre si, criam redes de energia e, depois, entram em guerra para as controlar. E, neste jogo, quem perde paga.

De repente, parou de falar e olhou para mim:

- Percebeu o Quarto Olhar Profundo? Pense no que se passou consigo. Você começou por observar os fluxos de energia existentes entre as pessoas e interrogou-se sobre o seu significado; foi então que encontrou Reneau, que lhe contou como os psicólogos já andavam à procura do motivo por que os seres humanos procuram controlar-se uns aos outros.

Tudo isto era evidente na família peruana com quem estivemos. Você viu claramente que, dominando alguém, o dominador sente-se mais forte e mais esperto, à custa da energia vital que flui dos que são dominados. Para o caso, não importa que digamos que estamos a

137

fazê-lo para o bem do outro, ou que se trata de filhos nossos, e que é nossa obrigação estarmos sempre a controlar. Seja como for, o dano continua a ser feito.

Depois, você

encontra Jensen e experimenta na pele o que realmente se sente na situação de dominado: quando alguém nos está a dominar psicologicamente, deixamos de poder pensar. Não foi como se tivesse perdido uma discussão intelectual qualquer com Jensen. Você não tinha sequer energia ou clareza mental para discutir com ele. Todo o seu poder mental fluía para Jensen. Infelizmente, esta espécie de violência psíquica foi sempre exercida através dos tempos no contexto da cultura humana e muitas vezes por pessoas bem intencionadas. Limitei-me a concordar com um gesto de cabeça. Wil tinha resumido com exactidão a minha experiência.

- Tente assimilar plenamente o Quarto Olhar Profundo - continuou Wil. - Veja como tudo isto bate certo com o que já sabia. O Terceiro Olhar Profundo

mostrou-lhe como o mundo físico é, no fundo, um vasto sistema de energia. Agora, o Quarto chama a atenção para o facto de nós, os seres humanos, andarmos há muito a competir, sem o saber, pela parte dessa energia que está ao nosso alcance: precisamente a que flui entre as pessoas. Este é que sempre foi o conflito humano, a todos os níveis, desde os pequenos conflitos nas famílias e nos empregos até às guerras entre as nações. Tudo isto é consequência da nossa sensação de insegurança e de fraqueza e do facto de termos necessidade de tirar a energia aos outros para nos sentirmos bem.

- Calma aí - protestei. - Algumas guerras tinham de ser travadas. Eram justas.

- Certamente - respondeu Wil. - Mas a única razão por que não se consegue travar imediatamente um conflito é porque um dos lados se agarra a uma

138

posição irracional, ignorando que o que o mobiliza são objectivos energéticos.

Wil pareceu lembrar-se de qualquer coisa. Levando a mão a um saco, tirou lá de dentro um maço de papéis presos com um clip.

- Já quase me esquecia - disse ele. - Dei com uma cópia do Quarto Olhar Profundo.

Estendeu-me a cópia e não disse mais nada, olhando em frente, enquanto conduzia.

Peguei na pequena lanterna que Wil trazia no chão e nos vinte minutos seguintes li o pequeno documento.

Compreender o Quarto Olhar Profundo tal como ali estava expresso consistia em perceber que se olharmos o mundo humano na sua perspectiva veremos que tudo é uma competição pela energia e, logo, pelo poder.

Mas, como se lia ainda no documento, logo que os seres humanos compreendessem por que lutavam, começariam imediatamente a superar esse conflito e a libertar-se da disputa pela mera energia humana... porque se dariam conta de serem finalmente capazes de a receber de uma outra fonte.

Olhei para Wil.

- Qual é a outra fonte? - perguntei-lhe.

Ele limitou-se a sorrir, sem acrescentar mais nada.

V

A MENSAGEM DOS MÍSTICOS

Na manhã seguinte, acordei mal ouvi Wil a mexer-se. Tínhamos passado a noite numa casa pertencente a um dos seus amigos, e Wil estava sentado num beliche no outro lado do quarto, a vestir-se à pressa. Lá fora ainda estava escuro.

- Vamos fazer a trouxa - disse-me ele, num murmúrio.

Pegámos nas nossas roupas e fizemos várias idas e vindas entre o quarto e o jipe, com mais alguns mantimentos que Wil havia comprado. O centro do lugarejo ficava a umas centenas de metros apenas, mas não havia muitas luzes a iluminar a escuridão. O alvorecer não passava ainda de uma faixa de céu mais claro para as bandas do Leste. Além de alguns pássaros a assinalar a manhã iminente, não se ouvia quaisquer ruídos.

Quando acabámos, fiquei no jipe, enquanto Wil falava rapidamente com o amigo, que se aguentou de pé, mas sonolento, na varanda, a ver-nos arrumar as bagagens. Subitamente, ouvimos um estardalhaço para os lados do cruzamento. Vimos as luzes de três

141

camiões a dirigirem-se para o centro, e aí chegados, pararem.

- Isto pode ser coisa de Jensen - disse Wil. - Vamos até lá, a pé, ver o que eles estão a tramar, mas com cuidado.

Atravessámos várias ruas e entrámos numa travessa que dava para a rua principal, aí a uns trinta metros dos camiões. Dois dos veículos estavam a meter gasolina e o terceiro encontrava-se estacionado diante da loja. Quatro a cinco pessoas andavam por ali. Vi Marjorie a sair da loja e a pôr qualquer coisa no camião; em seguida, vi-a olhar distraidamente para o interior das lojas. Sem que o soubesse, caminhava na nossa direcção.

- Vá até lá e veja se consegue que ela venha connosco - disse-me Wil, em voz baixa. - Entretanto, eu espero aqui por si.

Dobrei a esquina, direito a ela, mas de repente comecei a sentir uma espécie de terror a tomar conta de mim. Atrás dela, defronte da loja, estavam vários tipos de Jensen de metralhadora automática aperrada. Como é que eu não me apercebera da coisa antes? Alguns momentos depois, o terror que sentia intensificou-se. Do outro lado da rua, soldados armados avançavam agachados aproximando-se lentamente do grupo de Jensen.

Foi nesse preciso instante

que Marjorie me viu; ao mesmo tempo, os homens de Jensen repararam nos soldados e puseram-se a fugir. Uma rajada de metralhadora encheu o ar. Marjorie olhou para mim, com o terror estampado nos olhos. Corri para ela e agarrei-a. Enfiámo-nos a correr na primeira travessa que encontrámos. Ouviram-se mais disparos, à mistura com gritos furiosos em espanhol. Tropeçámos numa pilha de cartão e caímos, quase tocando os rostos um no outro.

- Vamo-nos embora - disse-lhe, pondo-me de pé num salto. Foi com dificuldade que ela fez o mesmo, mas para me puxar para baixo, fazendo-me sinal com a

cabeça para o fim da rua estreita. Dois homens de metralhadora estavam escondidos ao fundo, mas de costas voltadas para nós, a observar a outra rua. Ficámos imóveis. Por fim, eles atravessaram a rua a correr, na direcção da zona arborizada que ficava em frente.

Eu sabia que tínhamos de voltar para casa do amigo de Wil, onde ficara o jipe. E tinha a certeza de que Wil estaria lá à nossa espera. Rastejámos com cuidado até à rua seguinte. Ouviam-se gritos furiosos e disparos à nossa direita, mas não conseguíamos ver viva- alma. Olhei à nossa esquerda; também não havia ninguém, nem sinal de Wil. Imaginei que ele tivesse corrido à nossa frente.

- Vamos correr, cortando pelo mato - disse a Marjorie, que já estava senhora de si e parecia determinada. - Depois continuamos a contornar o mato e cortamos à esquerda. O jipe está estacionado nessa direcção.

- Okay - disse ela.

Atravessámos rapidamente a rua e fomos até a uns trinta metros da casa. O jipe ainda lá estava, mas não vimos qualquer movimento. Quando nos preparávamos para atravessar a correr a última rua, antes da casa, um veículo militar dobrou a esquina à nossa esquerda e avançou devagar em direcção à casa. Ao mesmo tempo, Wil atravessou o terreiro a correr, pôs o jipe a funcionar e partiu como uma flecha na direcção oposta. O veículo militar foi atrás dele.

- Merda - disse eu.

- O que vamos fazer agora? - perguntou Marjorie, com o pânico a aflorar-lhe de novo o rosto.

Ouviram-se mais tiros na rua atrás de nós, mas dessa vez pareciam mais próximos. À nossa frente, a floresta adensava-se e subia em plano inclinado até à crista que dominava o lugarejo, quer para norte, quer para sul. Era a que eu tinha visto do miradouro.

- Vamos até lá acima - disse eu. - Vamos, depressa!

142 143

Andámos várias centenas de metros montanha acima. Chegados a um miradouro, parámos e olhámos para trás, na direcção do lugarejo. Os veículos militares pareciam invadir o cruzamento e muitos soldados procediam ao que parecia ser uma rusga, de casa em casa. Abaixo de nós, no sopé da crista, ouvi vozes abafadas.

Pusémo-nos a correr pela montanha acima. Tudo o

que podíamos fazer era correr.

Durante toda a manhã, seguimos a crista norte, só parando para nos baixarmos quando um veículo passava ao longo da crista paralela à nossa, à esquerda. A maior parte do tráfego era constituído por veículos militares cor de cinza-metálico, iguais ao que víamos antes e, de vez em quando, passavam alguns veículos civis: Por mais irónico que pareça, a estrada oferecia-nos o único marco e ponto de segurança contra a selva que nos envolvia por todo o lado.

Mais adiante, as duas cristas aproximavam-se uma da outra e tornavam-se íngremes, num declive mais abrupto. Afloramentos de rochas irregulares protegiam o vale, situado entre as duas cadeias montanhosas. De repente, vimos aproximar-se, vindo de norte, um jipe idêntico ao de Wil, mas virou logo para uma estrada lateral que descia para o vale.

- Parece Wil - disse, fazendo um esforço para ver melhor.

- Tentemos descer - disse Marjorie.

- Espere um pouco. E se for uma armadilha? E se já o apanharam e usam o jipe dele para nos fazer sair daqui?

A expressão do rosto dela amochou.

- Você fica onde está - disse eu. - Eu vou lá mais abaixo, enquanto você me vigia. Se não houver perigo, faça-lhe sinal para que me siga.

144

Foi sem agrado que concordou, e eu comecei a descida na direcção do sítio onde o jipe estava parado. Através da folhagem, pude vagamente ver alguém a sair do veículo, mas não consegui perceber quem era. Agarrando-me a pequenos arbustos e às árvores, fui abrindo um caminho entre as rochas, escorregando de vez em quando no húmus espesso.

Por fim, o veículo ficou bem à minha frente, no morro oposto, talvez a uns cem metros. O condutor, encostado ao pára-choques de trás, não era ainda visível. Desloquei-me para a direita para ver melhor. Era Wil. Pus-me a andar mais depressa para a minha direita e, de repente, senti-me escorregar. No último instante, consegui agarrar-me a um ramo e puxar-me a mim próprio para trás. Senti no estômago um nó de pavor quando

reparei que, mesmo por baixo de mim, se abria um precipício de uns dez metros. Por pouco não me tinha morto a mim próprio.

Continuando agarrado à árvore, pus-me de pé e tentei chamar a atenção de Wil. Ele estava a perscrutar a crista acima de mim; a um dado momento, baixou os olhos e olhou mesmo na minha direcção. Quando me viu, começou a deslocar-se, através dos arbustos, para vir até onde eu estava. Fiz-lhe sinal para que reparasse no precipício que se encontrava mais abaixo.

Ele examinou o fundo do vale, e gritou:

- Daqui não consigo ver uma maneira de atravessar - disse ele. - Vai ter de deslocar-se mais para baixo, na direcção do vale, e atravessar aí.

Fiz que sim com a cabeça e preparava-me para fazer o sinal combinado com Marjorie quando comecei a ouvir, ao longe, um veículo que se aproximava. Wil saltou para o seu jipe e entrou disparado em marcha atrás na estrada principal. Pus-me a subir o morro a todo o vapor. Através da folhagem, pude ver Marjorie a vir ao meu encontro.

145

Inesperadamente, surgiram atrás dela altos gritos em espanhol e ruídos de gente a correr. Marjorie escondeu-se debaixo de um rochedo. Mudei de direcção, continuando a correr, mas para a esquerda e o mais silenciosamente que podia. À medida que ia correndo, procurava ver Marjorie através da folhagem. Quando consegui voltar a vê-la, estava a gritar, entre dois soldados que a agarravam pelos braços e a tinham forçado a pôr-se de pé.

Continuei a correr encosta acima, mantendo-me sempre agachado, com o olhar de pavor que vira nos olhos dela congelado no meu espírito. Uma vez chegado ao alto da crista, voltei-me de novo para norte, com o coração a bater, tomado de pânico.

Depois de ter corrido mais de um quilómetro, parei e pus-me à escuta. Não consegui detectar qualquer movimento nem ouvir vozes atrás de mim. Deitado de costas, procurei relaxar e pensar com clareza, mas o espectro terrível da captura de Marjorie preenchia-me por inteiro o espírito. Era arrasador. Porque é que eu lhe pedira que ficasse sozinha lá no alto? Que iria fazer?

Pus-me de pé e respirei fundo; olhei para a estrada que ficava do outro lado. Não vira nenhum tráfego, enquanto corra. De novo, pus-me atentamente à escuta; nada se ouvia, a não ser os sons habituais da floresta. Fui-me acalmando progressivamente. Afinal de contas, Marjorie fora simplesmente capturada. Não era culpada de nada, excepto de correr para se livrar de um tiroteio. Provavelmente, só seria detida para verificação da sua identidade e até ficar esclarecida a sua qualidade de cientista certificada.

Mais uma vez, pus-me a caminho rumo a norte, sentindo as costas doerem-me um pouco. Estava sujo e cansado, e guinadas de fome assaltavam-me o estômago. Durante duas horas, marchei, sem pensar nem ver vivalma.

Foi então que, à minha esquerda, ouvi ruídos de correria. Senti-me gelar, pus-me de novo à escuta, mas os sons tinham parado. Onde me encontrava agora as árvores eram mais imponentes, protegendo do sol a terra que lhes ficava por baixo e impedindo a proliferação de arbustos. A minha vista cobria um raio de cinquenta a sessenta metros. Tudo permanecia imóvel. Passei ao lado de uma grande pedra à minha direita e de várias árvores, andando o mais ligeiro que podia. Três

enormes maciços rochosos obstruíam-me o caminho; ultrapassei dois deles. Sempre a mesma imobilidade à minha volta. Dei a volta ao terceiro maciço. Estalaram galhos atrás de mim. Rodei devagar sobre mim mesmo.

Ali, ao pé da rocha, estava especado o homem barbudo que eu vira na quinta de Jensen, com os olhos loucos, em pânico, tendo nos braços uma metralhadora automática apontada ao meu estômago. Parecia estar a fazer um esforço para se lembrar de mim.

- Espere aí - disse, gaguejando -, eu conheço Jensen.

Ele olhou para mim mais de perto e baixou a metralhadora. Foi aí, que provindo do bosque atrás dele, ouvimos ruídos de alguém a andar. O tipo barbudo passou por mim a correr, direito a norte, segurando a arma com uma das mãos. Instintivamente, fui atrás dele. Corríamos os dois o mais rápido que podíamos, desviando-nos dos galhos e das pedras e olhando de vez em quando para a nossa retaguarda.

Umhas centenas de metros adiante, ele tropeçou e eu ultrapassei-o. Fui cair entre duas rochas, onde fiquei parado a olhar para trás, tentando detectar um movimento qualquer. Vi um soldado isolado, aí a uns cinquenta metros, apontando a sua arma ao homem enorme que procurava levantar-se. Antes que conseguisse preveni-lo, o soldado fez fogo. O peito do homem explodiu, e as balas

146 147

saíram do outro lado, salpicando-me de sangue. O eco da arma a fazer fogo repercutiu-se no ar.

Durante uns momentos, ele ficou imóvel, com os olhos esgaseados, depois arqueou o corpo para a frente e caiu. Cegamente foi como eu reagi, fugindo ao soldado, tornando a correr para norte, mantendo as árvores entre mim e a zona de onde haviam partido os tiros. A crista era cada vez mais enrugada e rochosa e começava a tornar-se dramaticamente íngreme.

Todo o meu corpo estava sob o choque da exaustão e do terror, enquanto eu lutava para encontrar caminho por entre as rochas. A dada altura, escorreguei e ousei olhar para trás. O soldado aproximava-se do corpo. Escondi-me atrás de uma rocha, precisamente no momento em que ele olhava para a frente, aparentemente para ver se me via. Mantive-me agachado, rente ao chão, e arrastei-me por vários blocos rochosos. Atingi a crista que, ali, descia um pouco, impedindo o soldado de me ver; então, pus-me de pé num salto, lancei-me de novo na corrida mais rápida de que fui capaz, por entre as rochas e as árvores. Tinha o espírito imerso em névoa. Escapar era tudo no que ele conseguia pensar. Embora não ousasse certificar-me, olhando para trás, tinha a certeza de continuar a ouvir o soldado correr à minha procura.

A crista subia à minha frente e fiz face à subida, sentindo as forças faltarem-me. No cume da ascensão, o chão subia de novo, e tornava-se denso, com árvores altas e uma vegetação rasteira mas luxuriante. Logo

por detrás dela, erguia-se um paredão rochoso que fui obrigado a escalar com cuidado, vendo onde apoiar as mãos e os pés enquanto subia. Bati-me para chegar ao cimo e senti o coração desfalecer com a vista que me surgiu à frente. Um abismo de uns trinta metros ou mais bloqueava-me o caminho; não podia ir mais além.

148

Estava feito, tinha chegado ao fim. Deslizaram pedras pelas rochas atrás de mim, sinal de que o soldado se aproximava rapidamente. Caí de joelhos. Estava exausto, nas lonas e, num rasgo de lucidez, vi chegar o fim da minha luta e aceitei o meu destino. Muito em breve, pensei, iam chegar as balas. E, facto interessante, a morte pareceu-me quase um alívio vindo a propósito, um meio de acabar com o terror. Enquanto esperava, no meu espírito brilhavam visões breves, como os domingos da infância e a inocente contemplação de Deus. A morte era parecida com quê? Tentei abrir-me a essa experiência.

Após uma longa espera, durante a qual perdi a noção do tempo, tomei subitamente consciência de que nada acontecera! Olhei à minha volta e, pela primeira vez, dei-me conta de que me encontrava no ponto mais alto da montanha. Outras cristas e penhascos desciam naquele ponto, deixando-me desfrutar uma vista panorâmica em todas as direcções.

Um movimento atraiu o meu olhar. Lá longe, muito abaixo de mim, na encosta virada a sul, afastando-se de mim, ia o soldado, com a arma que pertencera ao homem de Jensen pendurada num braço.

Ver aquilo trouxe-me calor ao corpo e encheu-me de ondas de um riso silencioso. Eu sobrevivera! Rodei sobre mim próprio, sentei-me de pernas cruzadas e saboreei a euforia. Contava ficar ali para sempre. O dia estava esplêndido, com o Sol brilhando e o céu azul. Ali sentado, fiquei admirado com a proximidade das colinas purpúreas ao longe ou, mais exactamente, com a sensação de que estavam perto. A mesma sensação se repetiu com os raros tufos de nuvens brancas a flutuar lá no alto. Sentia-as como se pudesse alongar-me e tocar-lhes com as mãos.

Ao estender o braço para o céu, notei algo diferente no modo como o meu corpo sentia as coisas. O meu

149

braço deslizara para o alto com uma facilidade incrível; tinha as costas, o pescoço e a cabeça perfeitamente direitos, sem esforço absolutamente nenhum. Sem usar os braços, ergui-me da minha posição de sentado e com as pernas cruzadas, e estirei-me. A sensação que tive foi de uma leveza total.

Olhando para as montanhas distantes, reparei que uma Lua diurna tinha despontado e estava para se pôr.

Parecia-se com um quarto crescente e pairava no horizonte como uma tigela invertida. Instantaneamente, compreendi porque tinha ela aquela forma. O Sol, a milhões de quilómetros a pique sobre mim, brilhava apenas no topo da Lua que se ia pondo. Eu podia perceber a linha exacta que unia o Sol à superfície lunar e essa percepção, de certo modo, expandiu ainda mais a consciência que eu tinha do que me rodeava.

Conseguia imaginar a Lua já depois de ter mergulhado na linha do horizonte e a forma exacta que apresentaria aos olhos de quem vivia mais a oeste e podia vê-la ainda. Então imaginei qual seria o seu aspecto quando ela passasse por debaixo de onde eu estava, mas no outro lado do planeta. Para as gentes de lá, ela pareceria cheia, porque o Sol acima da minha cabeça brilhava para além da Terra e batia-lhe em cheio.

Este quadro trouxe-me à espinha uma onda de sensações e as minhas costas pareceram erguer-se ainda mais, ao imaginar, não, ao experimentar que o mesmo espaço que costumava sentir por cima de mim existia igualmente nos meus antípodas, do outro lado do globo. Pela primeira vez na minha vida, soube que o facto de a Terra ser redonda não era um conceito intelectual, mas uma sensação daquele instante.

A um dado nível, esse despertar excitou-me, mas ao mesmo tempo pareceu-me perfeitamente natural, de todos os dias. Nesse instante, tudo o que eu queria fazer era imergir-me a mim próprio numa sensação de estar

150

suspenso, flutuando, no âmbito de um espaço que existia em todas as direcções. Mais do que ter de me pôr a mim próprio fora da Terra, com as minhas pernas, como se estivesse ali especado, a resistir à gravidade da Terra, começava a sentir-me como se estivesse a ser levado por uma qualquer flutuabilidade interna, como se estivesse a ser cheio como um balão, apenas com o hélio suficiente para me levantar do solo e ficar a tocá-lo com os pés. Eu tinha a sensação de estar a atingir uma condição atlética perfeita, como a que se obtém depois de um ano de intenso treino, só que muito mais integrada e luminosa.

Sentei-me de novo na rocha e, mais uma vez, tudo me pareceu próximo: o rugoso afloramento onde me encontrava sentado, as árvores altas mais abaixo na colina e as outras montanhas ao longe. E enquanto olhava os ramos das árvores a moverem-se levemente na brisa, experimentei não só uma percepção visual do facto, mas igualmente uma sensação física, como se os ramos, ao mexerem-se ao vento, agissem como penugem sobre o meu corpo.

Compreendi como tudo fazia, de certo modo, parte de mim. Estar sentado no cume da montanha a olhar as paisagens que, a partir de mim, partiam em todas as direcções fez-me sentir que o que eu sempre tomei como

sendo o meu corpo físico mais não era do que a cabeça de um corpo muito mais vasto, feito de tudo o que o meu olhar pudesse abarcar. Experimentei o universo inteiro como se ele se visse a si próprio através dos meus olhos.

Esta percepção induziu um borbotar de memória. O meu espírito voltou-se rapidamente para o tempo que passara, para antes de eu chegar ao Perú, para antes da minha infância e do meu nascimento. Tornava-se bem presente a ideia de que a minha vida não começara, de facto, com a minha concepção e o meu nascimento neste planeta. Tudo começara muitíssimo antes, tudo começara

151

com a formação do resto de mim, do meu corpo real, o próprio universo.

A ciência da evolução aborrecera-me sempre, mas, naquele momento, com o meu espírito a recuar no tempo, tudo o que eu lera sobre o assunto começou a vir-me à memória, inclusivamente as conversas que tivera com o amigo que se parecia com Reneau. Recordei-me de que este era o campo de saber que o interessava: a evolução.

Todo o conhecimento parecia abismar-se nas recordações presentes. De certo modo, eu estava a recordar-me do que havia acontecido, e o retorno dessas recordações levava-me a olhar para a evolução sob um novo ponto de vista.

Vi como a primeira matéria explodiu no universo e compreendi, como o Terceiro Olhar Profundo havia descrito, que nela não existia nada de efectivamente sólido. A matéria é simplesmente a energia a vibrar a um certo nível e, no princípio, existia unicamente na sua forma vibratória: o elemento a que chamamos hidrogénio. Hidrogénio e só hidrogénio, eis tudo quanto existia no universo.

Vi os átomos de hidrogénio começarem a gravitar juntos, como se o princípio dominante, o impulso, desta energia que eu estava a ver fosse dar início a um movimento em direcção a um estádio mais complexo. E quando as bolsas desse hidrogénio atingiram uma densidade suficiente, ele começou a aquecer e a incendiar-se, a tornar-se naquilo a que chamamos uma estrela, e nesse processo de incendiamento o hidrogénio fundiu-se e saltou para a vibração mais complexa seguinte, o elemento a que chamamos hélio.

Continuando a olhar, vi como essas primeiras estrelas envelheceram e acabaram por explodir, expelindo para o universo o hidrogénio que ainda tinham e o hélio recentemente criado. E todo o processo recomeçou mais

152

uma vez. O hidrogénio e o hélio começaram a gravitar juntos, até atingirem a temperatura que possibilitava a formação de novas estrelas e estas se fundiram com o hélio, dando origem ao elemento lítio, que vibrava no nível superior seguinte.

E assim por diante... cada geração sucessiva de estrelas criava uma matéria que não existia antes, até se formar o espectro completo da matéria - os elementos químicos de base - e este se expandir por toda a parte. Matéria que fora evoluindo, a partir do hidrogénio, a mais simples vibração da energia, até chegar ao carbono, que vibrava a uma velocidade extremamente elevada. As bases estavam, pois, colocadas, para se poder construir um novo patamar da evolução.

Enquanto se formava o nosso Sol, bolsas de matéria entraram em órbita à volta dele, e uma dessas, a Terra, continha todos os elementos recentemente criados, o carbono inclusive. À medida que a Terra ia arrefecendo, os gases outrora prisioneiros da massa derretida vinham à superfície e fundiam-se uns com os outros, para dar origem ao vapor de água, e grandes chuvas começavam a cair, formando os oceanos na crosta estéril. Quando a água já cobria a maior parte da superfície da Terra, os céus clarearam e o Sol, ardendo, incandescente, inundou o novo mundo de luz, calor e radiação.

E nas lagoas e bacias pouco profundas, no meio de grandes tempestades e relâmpagos que, de tempos a tempos, varriam o planeta, a matéria passou além do nível vibratório do carbono e atingiu um estágio mais complexo: o da vibração representada pelos aminoácidos. Todavia, e pela primeira vez, este novo nível de vibração não era estável, nem dentro nem fora de si mesmo. A matéria tinha de absorver continuamente outra matéria para sustentar a sua vibração. Tinha de comer. Emergira a vida, o novo impulso da evolução.

153

Apesar de a vida estar confinada a evoluir unicamente no meio aquático, vi-a dividir-se em duas formas distintas. Uma dessas formas - a que damos o nome de plantas - vivia na matéria inorgânica e transformava-a em alimento, utilizando o dióxido de carbono existente na atmosfera. Como subproduto, as plantas libertavam, pela primeira vez, o oxigénio livre no mundo. A forma de vida das plantas espalhava-se rapidamente pelos oceanos para, posteriormente, se disseminar também sobre o solo firme.

A outra forma - a que damos o nome de animais - absorvia unicamente formas da vida orgânica para manter a sua vibração. Vi os animais encherem os oceanos na grande era dos peixes e as plantas, quando já tinham libertado oxigénio bastante na atmosfera, iniciarem o seu próprio trajecto em terra firme.

Eu vi os anfíbios - metade peixes e metade feitos de algo novo - deixarem pela primeira vez a água e usarem pulmões para respirar o novo ar. Então, a matéria deu outro salto, e apareceram os répteis que cobriram a Terra na grande era dos dinossauros. Depois apareceram os mamíferos de sangue quente que, como as outras espécies anteriores, cobriram a Terra. E vi que cada uma destas espécies emergentes representava a

vida - a matéria - movendo-se a caminho do nível superior mais próximo de vibração. Por fim, a progressão iniciada chegou ao seu termo. Ali, no pináculo, estava a espécie humana.

A espécie humana. A visão acabara. Tinha sentido, num único e contínuo fluir da visão, a história da evolução, a história da matéria até se tornar ser e, em seguida, evoluir, como se estivesse a seguir um plano prévio, para estados de vibração cada vez mais altos, criando as condições exactas e necessárias para que, finalmente, os seres humanos emergissem... para que cada um de nós, enquanto indivíduos, pudesse surgir.

154

Ali sentado, naquela montanha, quase poderia depreender como esta evolução ia prosseguir, mais além ainda, nas vidas dos seres humanos. A continuação da evolução estava de algum modo relacionada com a experiência das coincidências da vida. Havia qualquer coisa nessas ocorrências que nos orientava para diante, nas nossas próprias vidas, criando uma vibração mais alta que, por sua vez, levava por diante a própria evolução. Contudo, por mais que tentasse, não consegui compreendê-lo bem.

Durante muito tempo, continuei sentado diante do precipício rochoso, deixando-me consumir pela paz e pela plenitude. De repente, e sem qualquer hiato, dei-me conta de que o Sol começava a mergulhar no oeste. Também reparei que na direcção noroeste, aí a uns dois quilómetros, havia um lugarejo ou algo semelhante. Distinguiam-se os contornos dos telhados. A estrada na crista oeste parecia serpentear até lá.

Pus-me de pé e comecei a descer as rochas. Ri alto. Ainda continuava ligado à paisagem e daí que me sentisse como se estivesse a andar ao lado do meu corpo e, mais do que isso, era como se estivesse a explorar regiões do meu próprio corpo. A sensação era inebriante.

Abri caminho através dos penhascos e entrei na zona arborizada. A tarde solarenta projectava sombras compridas sobre o solo da floresta. A meio da descida, cheguei a uma zona arborizada particularmente densa, com árvores imensas, e ao entrar nela senti no meu corpo uma mudança perceptível; fiquei com a sensação de estar ainda mais leve e coordenado. Estaquei e olhei mais de perto para as árvores e os arbustos rasteiros, focalizando a minha atenção nas suas formas e na sua beleza. Conseguia ver halos de luz branca e o que se parecia com um brilho rosado em torno de cada planta.

Prosseguei o meu caminho, chegando a um rio que irradiava um azul-claro e me encheu de uma ampla

155

tranquilidade e, até, de uma certa sonolência. Por fim, abri caminho através do vale e subi a crista seguinte, até atingir a estrada. Saltei para a superfície de cascalho e fui andando desprevenido pela berma, rumo a norte.

Mais à frente, tive a visão de um homem vestido de padre, a dobrar a curva seguinte. A visão emocionou-me. Não sentindo qualquer medo, desatei a correr, para ir falar com ele. Sabia exactamente o que dizer e como proceder. Tive uma sensação de perfeito bem-estar. Mas, para minha surpresa, ele desaparecera. À direita, uma outra estrada virava na direcção do vale que ficava em baixo, mas não deparei com ninguém que fosse nessa direcção. Continuei pela estrada principal, mas também não vi vivalma. Pensei em voltar para trás e tomar a estrada por que passara, mas sabia que o lugarejo se encontrava adiante e, por esse motivo, prossegui no mesmo caminho. O que não me impediu de pensar várias vezes na outra estrada.

Uns cem metros à frente, quando eu ia a dobrar outra curva, ouvi o roncar de veículos. Através das árvores, foi-me possível ver uma fila de veículos militares aproximando-se a alta velocidade. Hesitei por uns instantes, pensando que podia continuar na estrada, mas nesse momento o terror dos tiros na montanha veio-me à memória.

Quase nem tive tempo para me atirar para fora da estrada, à direita, e ficar ali, imóvel. Dez jipes passaram por mim a grande velocidade. Eu atirara-me para um sítio que estava completamente a descoberto e tudo o que podia fazer era esperar que nenhum deles desse por mim. Cada veículo passava a uns sete metros de onde eu estava. Podia até sentir o cheiro dos tubos de escape e ver a expressão de cada rosto.

Felizmente, ninguém reparou em mim. Depois de eles terem passado, arrastei-me para trás de uma grande árvore. Tinha as mãos trémulas e a sensação de paz e de

156

ligação esfumara-se por completo. Agora, era a ponta já conhecida de ansiedade que me atava o estômago. Por fim, fui-me aproximando aos poucos da estrada. O barulho de mais veículos obrigou-me a correr de novo pela encosta abaixo, enquanto mais dois jipes passavam por mim a grande velocidade. Comecei a sentir náuseas.

Dessa vez, mantive-me bem fora da estrada e retomei o caminho por onde viera movimentando-me com prudência. Voltei para a estrada por onde passara antes. Depois de ter escutado cuidadosamente os ruídos e os movimentos, decidi caminhar pelo bosque que lhe ficava à beira, fazendo um grande desvio, antes de voltar ao vale. O meu corpo sentia-se de novo pesado. Que andara eu a fazer?, perguntava-me a mim próprio. Porque me pusera eu a andar pela estrada? Devia estar doido, de juízo perdido com o choque do tiro, arrebatado por um estado qualquer de euforia. Entra na realidade, disse a mim mesmo. Tens de ser prudente. Há aqui gente que te matará se cometeres o mais pequeno erro!

Senti-me gelar. À minha frente, talvez a uma centena de metros, estava o padre, sentado à sombra de uma árvore frondosa envolvida por muitas rochas. Enquanto

eu olhava para ele, abriu os olhos e olhou directamente para mim. Recuei, mas o padre limitou-se a sorrir e fez-me sinal para que me aproximasse.

Cautelosamente, aproximei-me. Ele continuava sem se mexer; era um homem alto e magro, de cinquenta anos aproximadamente. Tinha o cabelo castanho-escuro cortado curto, o que combinava com os olhos.

- Parece que precisa de ajuda - disse ele, num inglês impecável.

- Quem é o senhor? - perguntei-lhe.

- Eu sou o padre Sanchez. E o senhor?

Expliquei-lhe quem era e de onde vinha, caindo estonteado sobre um joelho e depois sobre as nádegas.

157

- Você participou no que aconteceu em Cula, não é verdade? - perguntou ele.

- O que é que sabe sobre isso? - perguntei-lhe cautelosamente, ignorando se podia confiar nele.

- Sei que há alguém no Governo que está furioso - disse ele. - Não querem que se publicite o Manuscrito.

- Porquê? - perguntei.

Ele ergueu-se e olhou-me de cima:

- Porque é que não vem comigo? A nossa missão fica a menos de um quilómetro daqui. Connosco, está em segurança.

Levantei-me com esforço, reconhecendo que não tinha escolha, e disse que sim com a cabeça. Ele conduziu-me devagar pela estrada, numa atitude deliberada e respeitosa. Media cada uma das suas palavras.

- Os soldados ainda andam à sua procura? - perguntou-me ele, a dada altura.

- Não sei - respondi.

Durante alguns minutos, não disse nada, e depois perguntou:

- Anda à procura do Manuscrito?

- Isso era dantes - disse eu. - Agora só quero sobreviver a tudo isto e voltar para casa.

Ele acenou com a cabeça, num gesto tranquilizador, e dei por mim a começar a ter confiança nele. Havia algo no seu olhar e na sua atitude calorosa que me impressionava favoravelmente. Lembrava-me Wil. Chegámos à missão, um conjunto de pequenas casas que davam para um pátio e uma pequena igreja. Estava situada num lugar de grande beleza. Enquanto caminhávamos, ele disse qualquer coisa em espanhol a outros homens de batina, que se afastaram. Tentei ver para onde iam, mas a fadiga tomava conta de mim. O padre levou-me para dentro de uma das casas.

Lá dentro, havia uma pequena sala-de-estar e dois quartos de dormir. Havia lume na lareira. Logo a seguir

158

a eu ter entrado, veio um outro padre com uma bandeja

com pão e sopa. Enquanto eu comia, exausto, Sanchez sentou-se educadamente numa cadeira ao meu lado. Em seguida, e por insistência sua, estendi-me ao comprido numa das camas e caí num sono profundo.

Quando entrei no pátio, reparei imediatamente em como os terrenos estavam imaculadamente cuidados. Os carreiros cobertos de cascalho encontravam-se ladeados por arbustos e sebes arranjados com muita perícia. Todos os arbustos pareciam ter sido plantados de modo a realçar a forma plenamente natural de cada um. Nenhum era podado.

Espreguicei-me e senti no corpo a camisa engomada que pusera. Era de algodão áspero e arranhava-me levemente o pescoço. Mas estava limpa e passada de fresco. Começara por ser acordado por dois padres que despejavam água quente numa bacia e estendiam roupas limpas. Depois de me ter lavado e vestido, passara para outra sala, onde me esperavam biscoitos quentes e frutos secos sobre a mesa. Comera com imenso apetite enquanto os padres continuavam por perto. Quando acabara, eles foram-se embora e eu saíra também para a rua, onde então me encontrava. Andei por ali e acabei por me sentar num dos bancos de pedra voltados para o pátio. O sol acabava de atingir a copa das árvores, aquecendo-me o rosto.

- Como é que dormiu? - perguntou uma voz atrás de mim.

Voltei-me e deparei com o padre Sanchez de pé, muito direito, sorrindo para mim.

- Muito bem - respondi-lhe.
- Posso sentar-me ao pé de si?
- Certamente.

Durante alguns minutos, ficámos os dois em silêncio;

159

mas como o silêncio persistisse, senti algum desconforto. Por várias vezes o encarei, prestes a dizer alguma coisa, mas ele continuava a olhar para o Sol, com o rosto ligeiramente inclinado para trás e os olhos semicerrados.

Por fim, acabou por falar:

- Belo sítio que você escolheu - disse ele.

Aparentemente, referia-se ao banco e àquela hora da manhã.

- Sabe, preciso de lhe pedir um conselho - disse-lhe. - Qual é a maneira mais segura de eu regressar aos Estados Unidos?

Ele olhou-me com um ar sério:

- Não sei. Depende do perigo que você representa, do ponto de vista do Governo. Fale-me do que aconteceu em Cula.

Contei-lhe tudo o que sabia, desde o primeiro momento em que ouvira falar do Manuscrito. Só ao de leve aludi à sensação de euforia que sentira na montanha por me parecer, com o recuo dos factos, fantasista e pretensiosa.

No entanto, Sanchez não deixou de me fazer algumas perguntas sobre o assunto. Manifestamente, era algo que o interessava. - O que é que você fez depois de o soldado o ter perdido de vista? - perguntou.

- Fiquei simplesmente sentado onde estava, durante umas horas - respondi -, sentindo-me reviver, creio eu.

- E que mais sentiu? - perguntou.

Contorci-me um pouco, mas resolvi tentar uma descrição. - É difícil descrever o que aconteceu - comecei por dizer. - Senti aquela ligação eufórica com o todo a que me referi, uma sensação plena de segurança e de confiança. Deixei de me sentir cansado.

Ele sorriu.

- Você teve uma experiência mística. Não é o primeiro

160

que diz tê-las experimentado naquela floresta, perto do cume.

Hesitante, concordei com a cabeça. Ele voltou-se no banco, de modo a encarar-me olhos nos olhos:

- Essa é a experiência que os místicos de todas as religiões sempre disseram ter tido. Já leu alguma coisa sobre o assunto?

- Sim, há muitos anos - disse-lhe.

- Mas até ontem era só um conceito intelectual?

- Sim, suponho que sim.

Um padre jovem veio até nós, saudou-me com a cabeça e, em seguida, disse qualquer coisa, em voz baixa, a Sanchez. Sanchez mostrou, com um movimento da cabeça, ter compreendido e o jovem padre virou-se e foi-se embora. Enquanto ele se afastava, o velho padre ficou a vê-lo andar. Viu-o atravessar o pátio e entrar numa espécie de parque, a cerca de trinta metros. Era um sítio repleto de uma grande variedade de plantas, de arbustos e de flores e reparei - era a primeira vez que reparava nisso - em como o todo tinha um ar extremamente arranjado e cuidado. Vi o jovem padre dirigir-se para vários recantos, hesitando em cada um, como se andasse à procura de alguma coisa, até se sentar num deles. Fiquei com a impressão de que ele escolhera conscientemente aquele sítio, embora eu não estivesse a perceber os motivos da sua escolha: parecia estar a fazer um exercício qualquer.

Sanchez sorriu com agrado; depois, voltou a sua atenção para mim.

- Julgo que tentar sair agora do país não é aconselhável no seu caso - disse ele. - Mas vou tentar saber como é que evolui a situação no exterior. Talvez consiga também alguma informação sobre os seus amigos. - Levantou-se e encarou-me: - Vou ter de me afastar agora. Tenho que fazer. Peço-lhe, por favor, que compreenda que o ajudaremos na medida do possível.

161

Por agora, espero que se sinta bem instalado e que continue

assim. Relaxe-se e recupere as suas forças.

Eu fiz que sim com a cabeça.

Ele meteu a mão no bolso e tirou alguns papéis que me estendeu:

- Este é o Quinto Olhar Profundo. Aborda precisamente o tipo de experiência que você teve. Creio que vai gostar de o ler.

Foi com uma certa relutância que peguei nos papéis, enquanto Sanchez continuava a falar:

- O que é que retirou do último olhar profundo? perguntou-me.

Senti-me hesitar. Não desejava pensar, dali para a frente, nem no Manuscrito, nem nos olhares profundos. Mas acabei por lhe dizer:

- Que os seres humanos estão ferrados a uma espécie de competição pela energia uns dos outros. Que quando conseguimos trazer alguém para o nosso ponto de vista, ele passa a identificar-se connosco. Que, nesse caso, a energia dele flui para nós. E que nós nos sentimos mais fortes com isso.

Ele sorriu.

- Nesse caso - continuou ele -, o nosso problema é a necessidade de controlar e de manipular os outros, por uma questão de energia; porque nos sentimos em déficite, é isso?

- É isso mesmo.

- Acha que esse problema tem solução? Em seu entender, haverá outra fonte de energia?

- É disso que trata o último olhar profundo, não é verdade? - procurei confirmar.

Ele anuiu com um gesto da cabeça e, numa passada decidida, dirigiu-se para a igreja, onde entrou.

Durante uns momentos, fiquei onde estava, não olhando sequer para a tradução, com os cotovelos fincados nos joelhos e o corpo inclinado para a frente. Continuava

162

a sentir-me relutante. Os acontecimentos dos últimos dois dias tinham-me arrefecido o entusiasmo e, em vez de ler a tradução, preferia pensar em como regressar aos Estados Unidos. Estava imerso nestes pensamentos quando reparei que, na zona arborizada do outro lado do caminho, o jovem padre se levantara e estava a andar lentamente para outro lugar, situado a uns seis metros daquele onde precedentemente se encontrava. Virou-se para mim e sentou-se.

Fiquei a magicar no que ele andaria a fazer. Era possível que estivesse a praticar algum exercício aconselhado pelo Manuscrito. Pelo menos, foi o que me veio à cabeça. Peguei nos papéis. Olhei para a primeira página e comecei a ler.

Descrevia uma nova compreensão daquilo a que, durante muito tempo, se chamara consciência mística. Nas últimas décadas do século xx, dizia-se, essa consciência iria divulgar-se como um modo de ser ao alcance de qualquer

um, um caminho perfeitamente utilizável,
como fora demonstrado pelos mais esotéricos praticantes
de muitas religiões. Para muita gente, esse estado de
consciência continuaria a ser um conceito intelectual,
um tema de conversa e de discussão. Mas, para um
número crescente de pessoas, ele iria tornar-se
experiencialmente real: no decorrer das suas vidas, os rasgos
e visões próprios desse estado de consciência passariam a
fazer parte do seu capital de experiência. Mas o
Manuscrito dizia ainda que esse estado de consciência era a
chave que ia fechar o tempo dos conflitos humanos no
mundo. E porquê? Porque, no decorrer de tais experiências
místicas, iríamos receber energia de uma outra fonte, fonte
que aprenderíamos a canalizar e de que nos
serviríamos sempre que o quiséssemos.

Parei de ler e olhei, de novo, para o jovem padre.
Tinha aberto os olhos e parecia estar a fitar-me. Acenei
com a cabeça, embora, àquela distância, houvesse pormenores

163

do seu rosto que me escapavam. Para surpresa minha, ele
retribuiu-me o aceno e sorriu para mim ao de leve. Nessa
altura, levantou-se e pôs-se a andar. Segui-o com os olhos,
vi-o atravessar, pela minha esquerda, o pátio e entrar em
casa, mas ele evitou sempre trocar o
seu olhar com o meu.

Ouvi atrás de mim ruído de passos, voltei-me e vi
Sanchez a sair da igreja. Sorriu-me ao chegar ao pé de
mim.

- A coisa não foi muito demorada - disse ele. Gostaria de
conhecer melhor o lugar?

- Sim, gostaria - respondi. - Fale-me daqueles
recantos ali, onde se sentam.

E aponte para a zona onde estivera o jovem padre.

- Vamos até lá - disse ele.

Enquanto íamos andando pelo pátio, Sanchez contou-me que
a missão existia há quatrocentos anos e que fora fundada por
um missionário vindo de Espanha
que achava que os índios autóctones deviam ser convertidos
pelo coração e não pela força das espadas. O método de
abordagem resultara, prosseguiu Sanchez,
e esse sucesso ficara a dever-se, em parte, ao facto de a
missão estar isolada, o que permitira que o padre levasse por
diante o seu trabalho em paz.

- Nós continuamos a sua
tradição. Continuamos a
tentar encontrar o caminho que leva à verdade - disse
Sanchez.

A zona dos recantos para sentar, como no meu
íntimo lhe chamei, estava primorosamente ajardinada.

Aproximadamente um acre de floresta densa fora
desbastado, sendo aquela substituída por arbustos e flores,
entremeados de caminhos cobertos de seixos. Como as

do pátio, as plantas tinham sido plantadas no respeito
absoluto pelos espaços entre elas, de modo a realçar as suas

formas originais.

- Onde é que gostaria de se sentar? - perguntou Sanchez.

Olhei em redor, para ver que lugar escolher. À nossa frente, havia várias zonas cuidadas - recantos que pareciam constituir, em si próprios, mundos completos. Todas compreendiam um espaço aberto, envolvido por belas plantas, rochas e árvores de maior porte e de diversos feitios. Uma delas, à nossa esquerda, onde o jovem padre tinha estado sentado por último, tinha mais rochas.

- E se fosse ali? - sugeri.

Ele acedeu meneando a cabeça, dirigimo-nos para lá e sentámo-nos. Sanchez respirou fundo durante alguns minutos, e depois olhou para mim.

- Fale-me mais uma vez do que lhe aconteceu no cume da montanha - pediu ele.

Opus uma certa resistência:

- Não sei dizer mais do que lhe disse. Não durou muito.

O padre fitou-me com severidade:

- Justamente por isso. O facto de ter voltado a sentir medo não nega a sua importância, não é verdade.

Talvez seja algo que deva ser reconquistado.

- Talvez seja - respondi-lhe. - Mas é difícil para mim concentrar-me na sensação cósmica que senti quando há gente que anda à minha procura para me matar.

Pôs-se a rir e fitou-me com um ar caloroso.

- Vocês, aqui na missão, andam a estudar o Manuscrito? - perguntei-lhe.

- Sim - disse ele. - Ensinamos a outros como

continuar a ter o tipo de experiência que você teve lá em cima. Você gostaria com certeza de voltar a sentir algo parecido com o que sentiu, não gostaria?

Uma voz vinda do pátio interrompeu a nossa conversa: um padre chamava por Sanchez. O ancião desculpou-se e foi até ao pátio falar com o padre que o tinha

164

165

chamado. Voltei a sentar-me e pus-me a olhar para as plantas e as rochas que me rodeavam, deixando que a vista se desfocasse ligeiramente. À volta do arbusto mais próximo, mal detectava uma zona de luz, mas quando tentei o mesmo com as rochas, não consegui ver nada.

Entretanto, Sanchez voltava.

- Tenho de sair durante um tempo - disse-me ele, quando já estava ao pé de mim. - Vou a uma reunião na cidade e talvez consiga saber alguma coisa sobre os seus amigos ou, pelo menos, se não é arriscado para você viajar agora.

- Muito bem - disse eu. - Ainda volta hoje?

- Penso que não - respondeu-me ele. - É mais provável amanhã de manhã.

Devo ter mostrado receio, porque ele colocou-se à minha beira e pôs-me a mão sobre o ombro:

- Não se preocupe. Não tem de ter medo enquanto aqui estiver. Considere, por favor, esta casa como sua. Ande por aí e olhe à vontade. Aproveite para falar com os padres, mas não se esqueça de que alguns são mais receptivos do que outros, depende da sua evolução.

Concordei.

Ele sorriu, dirigiu-se para as traseiras da igreja e entrou num camião em que eu até aí não reparara. Depois de várias tentativas, o camião pegou, deu a volta pelas traseiras da igreja e fez-se à estrada, em direcção ao cume da montanha.

Fiquei muito tempo na zona dos recantos. Sentia-me feliz por pôr em ordem as minhas ideias. Perguntava-me se Marjorie estaria livre de perigo e se Wil teria conseguido escapar. A imagem do homem de Jensen a ser baleado atravessou-me o espírito, por diversas vezes, mas, sempre que ela se apresentou, afugentei-a da memória e continuei sereno.

Por volta do meio-dia, notei que vários padres preparavam uma mesa comprida no pátio, dispondo nela pratos de comida. Quando acabaram os preparativos, uma dúzia ou mais doutros padres veio juntar-se-lhes; serviram-se e, depois, foram todos sentar-se nos bancos a comer pacatamente. Muitos (a maior parte) sorriam com simpatia uns para os outros, mas onde eu estava quase nem ouvia o que diziam. Um deles olhou para mim e apontou para a comida.

Eu fiz sinal de ter compreendido, desci para o pátio e preparei um prato de milho com feijão. Todos eles estavam particularmente cônscios da minha presença, mas nenhum meteu conversa comigo. Os meus comentários sobre a comida eram recebidos com sorrisos e gestos de delicadeza. E era tudo. Se eu procurava olhá-los nos olhos, baixavam-nos imediatamente.

Acabei por me ir sentar sozinho num banco a comer os meus legumes e feijões sem sal, temperados com ervas apenas. Quando a refeição acabou e os padres puseram os seus pratos sujos sobre a mesa, um outro saiu da igreja e abeirou-se de nós. Preparou a sua comida e, quando terminou, procurou com os olhos em volta onde se sentar; foi então que os nossos olhos se

encontraram. Sorriu-me e eu reconheci nele o padre que eu vira antes, na zona dos recantos, a olhar fixamente para mim. Devolvi-lhe o sorriso, ele aproximou-se e pôs-se a falar comigo num inglês mascavado.

- Posso sentar-me ao pé de si? - perguntou-me.

- Sim, faça o favor - respondi-lhe.

Ele sentou-se e começou a comer muito devagar, mastigando compenetradamente os seus legumes e feijões e sorrindo-me uma vez por outra. Era baixo e pequeno,

com uma constituição sólida e cabelos pretos cor de carvão. Os seus olhos eram de um castanho mais claro.

- Gosta da comida? - perguntou-me ele.

Tinha o meu prato no colo. Vários grãos de milho

havam sobrado.

166 167

- Oh, sim - respondi, dando uma garfada.

O facto de ele comer devagar, por mastigar conscienciosamente a comida, começou a fazer-me espécie. Tentei fazer o mesmo com o que me restava, e só então me dei conta de que os outros padres tinham comido exactamente da mesma maneira.

- São legumes cultivados aqui na missão?

Ele hesitou antes de responder:

- Sim, a comida é muito importante.

- Medita com as plantas? - perguntei.

Ele encarou-me com uma surpresa evidente estampada no rosto.

- Você leu o Manuscrito? - perguntou-me.

- Sim, os primeiros quatro olhares profundos.

- Já cultivou alimentos? - perguntou.

- Oh, não. Ando só a inteirar-me de tudo isto.

- Consegue ver os campos de energia?

- Sim, às vezes.

Ficámos uns minutos sentados em silêncio, enquanto ele comia cuidadosamente mais alguns grãos.

- A comida é a primeira via para adquirir energia - disse ele.

Concordei.

- Mas, se quiser absorver a totalidade da energia que há nela, tem de a apreciar e - pareceu ter dificuldade em encontrar a palavra certa em inglês - e, sobretudo, saborear - acabou ele por dizer. - O gosto é a porta de entrada. Você tem de apreciar o gosto e o sabor. É por essa razão que se deve rezar antes de comer. Não é só para agradecer, mas também para fazer do acto de comer uma experiência sagrada, para que a energia saia da comida e entre no seu corpo.

Olhou-me fixamente, como se procurasse ver se eu tinha compreendido. Eu concordei, sem comentar. Ele pareceu-me pensativo. O que me estava a dizer - pensei para comigo - era que, por detrás do costume religioso tradicional de dar graças antes de comer estava uma espécie de valorização consciente da comida, daí resultando que dos alimentos se extraísse uma energia mais elevada.

- Mas comer deste modo - dizia ele - é só o primeiro passo. Depois de se aumentar a energia pessoal por esta via, tornamo-nos muito mais sensíveis à energia que há em tudo... e aí aprendemos como ir buscá-la sem passar pelos alimentos.

Mais uma vez, eu estava de acordo e nada disse, enquanto ele continuava:

- Tudo o que nos envolve, tudo o que nos rodeia tem energia. Mas cada coisa tem a sua forma específica de energia. Esta é a razão por que certos lugares aumentam mais a energia do que outros. Isso depende da maneira como a sua forma se adapta à energia do lugar.

- Era o que você estava a fazer ali, há pouco? perguntei-lhe. - Estava a aumentar a sua energia?

Ele pareceu satisfeito.

- Sim - respondeu-me.

- Como é que faz? - perguntei-lhe.

- Você tem de se abrir, de estabelecer ligação, pôr a funcionar o seu sentido de avaliação, como o faz com os campos de energia. Mas pode levar ainda mais longe este primeiro passo se tiver a sensação, se sentir, conscientemente, que você próprio se torna mais amplo.

- Não tenho a certeza de estar a compreender - reagi.

Ele franziu o sobrolho perante a minha falta de argúcia:

- Quer ir comigo até à zona dos recantos? Eu mostro-lhe como se faz.

- Okay. Porque não?

Fui atrás dele. Atravessámos o pátio e entrámos na zona dos recantos. Logo que chegámos, ele parou e pôs-se a olhar à sua volta, como se estivesse à procura de alguma coisa.

168 169

- Acolá - disse ele, apontando para um sítio próximo da densa floresta.

Seguimos pelo carreiro que passava pelo mato e pela

zona arborizada. Ele escolheu um sítio mesmo em frente de uma grande árvore que crescera entre pedras de tal modo que o seu enorme tronco parecia encarrapitado sobre rochas. As raízes enroscavam-se à volta e pelo meio das pedras, antes de penetrarem na terra. Arbustos em flor de uma mesma espécie cresciam em semicírculo diante da árvore e eu comecei a sentir o estranho odor suave que se exalava das suas flores amarelas. A densa arborização oferecia, como pano de fundo, uma sólida cortina verde.

O padre mandou-me sentar num lugar limpo e desobstruído entre os arbustos que ficava mesmo em frente da árvore engrinaldada. Veio sentar-se ao meu lado e perguntou-me:

- Acha que esta árvore é bonita?

- Sim.

- Nesse caso, uh... sinta-a... uh...

Deu-me de novo a impressão de estar à procura da palavra certa. Pensou uns instantes e voltou a perguntar-me:

- O padre Sanchez contou-me que você teve uma experiência lá em cima; consegue lembrar-se de como se sentiu?

- Senti-me leve, ligado a qualquer coisa, em segurança.

- Ligado como?

- É difícil de descrever - disse-lhe. - Como se toda a paisagem fizesse parte de mim.

- Mas qual era a sensação?

Pensei um bocado. Qual era a sensação? Então, a coisa veio ter comigo:

- De amor - disse eu. - Creio que sentia amor por todas as coisas.

170

- Sim, é isso mesmo - confirmou ele e então disse-me: - Sinta isso por esta árvore.

- Calma aí - reagi. - O amor acontece por si. Eu

não me posso obrigar a amar isto ou aquilo.

- Você não tem de se obrigar a amar - disse ele. Você só deixa que o amor o penetre. Mas para que isso aconteça, deve sintonizar o seu espírito com a recordação do que sentiu e tentar voltar a sentir o mesmo.

Olhei para a árvore e tentei lembrar-me da emoção que sentira no cume da montanha. Aos poucos, comecei a admirar a sua forma e a sua presença. A minha apreciação foi crescendo até se transformar numa emoção de amor. O que eu sentia era exactamente o que sentia em criança pela minha mãe, e em jovem pela rapariguinha especial que fora o meu amor de menino. Assim, apesar de estar a olhar para a árvore, era essa forma de amor singular que eu sentia como pano de fundo de tudo o que estava a acontecer. Eu estava a apaixonar-me por todas as coisas.

O padre afastou-se alguns passos e voltou a olhar para mim intensamente.

- É isso mesmo - disse ele - Você está a aceitar a energia.

Reparei que os olhos dele estavam ligeiramente desfocados.

- Como é que sabe? - perguntei.

- Porque estou a ver o seu campo de energia a ampliar-se.

Fechei os olhos e tentei reviver os sentimentos intensos que experimentara no alto da montanha, mas não consegui voltar a sentir o que sentira. O que eu estava a sentir estava na sua continuidade, mas num grau inferior ao que sentira antes. O não ter conseguido viver a experiência deixou-me frustrado.

- O que foi? - perguntou-me ele. - A sua energia está a retrair-se.

171

- Não sei - respondi-lhe. - Não estou a conseguir que seja tão intensa como dantes.

Ele encarou-me. A sua primeira reacção foi de achar graça, mas a seguir notei que se tornava impaciente.

- O que você sentiu no alto da montanha foi uma graça que lhe foi concedida, uma fenda, um olhar para um novo caminho. Mas agora vai ter de aprender a reencontrá-la por si próprio, aos poucos e poucos. Recuou mais um passo e voltou a encarar-me: - Tente, agora, mais um pouco. Fechei os olhos e tentei sentir profundamente. A emoção acabou por me submergir de novo. Fiquei com ela, tentando aumentá-la por meio de pequenas ampliações progressivas. Focalizei o meu olhar na árvore.

- Está a fazer muito bem - disse ele de repente. - Você

está a receber energia e a transmiti-la à árvore.

Olhei directamente para ele:

- Estou a reenviá-la para a árvore?

- Quando você admira a beleza e a singularidade das coisas - explicou-me ele -, recebe energia. Quando atinge um nível onde sente amor, você pode reenviar a energia para onde quiser, é só querer.

Fiquei muito tempo sentado em frente da árvore.

Quanto mais eu focalizava a árvore e admirava nela a forma e a cor, mais o estado amoroso parecia crescer em mim, como experiência inusitada. Imaginei a minha energia a fluir e a inundar a árvore. Apesar de não conseguir ver o campo que se estava a formar, não deixei de focalizar. Não sei quanto tempo estive assim, mas, a dada altura, reparei que o padre se levantara e se preparava para ir embora.

- O reenvio da energia para a árvore parece-se com

quê? - perguntei-lhe ainda.

Ele descreveu-me a percepção em pormenor. O que ele me disse assemelhava-se imenso ao que eu vira quando Sarah projectara a energia para o filodendro, em

Viciente. Embora o tivesse conseguido, Sarah não tinha aparentemente consciência de que era necessário um estado de amor para que a projecção se efectuasse. Ela deve ter adquirido progressiva e naturalmente esse estado sem se dar conta disso.

O padre desceu para o pátio e saiu do meu ângulo de visão. Quanto a mim, fiquei na zona dos recantos até ao entardecer.

Os dois padres cumprimentaram-me polidamente quando entrei em casa. Um fogo crepitante cortava o frio do cair da tarde e várias candeias iluminavam a sala da frente. O ar estava repleto do cheiro a sopa de legumes, ou talvez de batata. Sobre a mesa estava uma tigela de barro, várias colheres e um prato com quatro fatias de pão.

Um dos padres virou-se e saiu sem sequer me lançar um olhar e o outro, sempre de olhos baixos, apontou com a cabeça para uma grande panela de ferro fundido colocada ao lume. Um cabo saía debaixo da tampa. Assim que vi a panela, o segundo padre perguntou:

- Precisa de mais alguma coisa?

- Creio que não - respondi-lhe e agradei: - muito obrigado.

Ele anuiu com a cabeça e foi-se embora, deixando-me sozinho. Levantei a tampa da panela, e vi que tinha sopa. O cheiro era forte e delicioso. Despejei várias conchas para uma tigela e sentei-me à mesa. Em seguida, tirei do bolso a parte do Manuscrito que Sanchez me dera e coloquei-a ao lado do meu prato, com a intenção de a ler. Mas a sopa sabia tão bem que me concentrei inteiramente nela. Quando acabei, pus os pratos numa travessa maior e fiquei a olhar para o lume, hipnotizado,

até as chamas irem enfraquecendo. Então apaguei as candeias e fui-me deitar.

172 173

Na manhã seguinte, despertei sentindo-me totalmente descansado. Lá fora, uma neblina matinal corria pelo pátio. Preparei a lenha, amontoei uns tantos gravetos sobre o carvão e abanei-o até o fogo pegar. Estava na cozinha à procura de qualquer coisa para comer quando ouvi chegar o camião de Sanchez.

Quando cheguei à rua, já ele vinha das traseiras da igreja, com uma mochila num braço e vários pacotes no outro.

- Tenho algumas notícias - disse ele, fazendo-me sinal para que o seguisse para dentro de casa.

Vários padres apareceram com tigelas de milho, aveia e demais frutos secos. Sanchez cumprimentou os homens, e só depois se sentou comigo à mesa, enquanto os padres saíam apressados.

- Estive reunido com alguns padres do Conselho do Sul - disse ele. - Reunimo-nos para falar sobre o Manuscrito. Na ordem de trabalhos estavam as atitudes agressivas do Governo. Foi a primeira vez que um grupo de padres se reuniu para apoiar publicamente esse documento, e estávamos para começar a nossa discussão quando um representante do Governo bateu à porta e pediu para participar. - Fez uma pausa, enquanto se servia; em seguida, pegou nalguns grãos e mastigou-os meticulosamente. - O representante - continuou ele - garantiu-nos que o único objectivo do Governo era proteger o Manuscrito contra manipulações estranhas. Informou-nos ainda de que todas as cópias em poder de cidadãos peruanos careciam de autorização legal. Disse-nos que compreendia a nossa preocupação e pediu-nos que cumpríssemos a lei e entregássemos as cópias que tínhamos em nosso poder. Prometeu que as cópias oficiais legalizadas nos seriam entregues logo de seguida.

- E devolveram-nas? - perguntei.

- Claro que não.

Durante uns minutos, comemos ambos em silêncio. Eu tentava mastigar mais para poder apreciar o sabor.

- Interrogámo-lo sobre a violência praticada em Cula - retomou Sanchez -, e ele disse-nos que aquela acção se impunha contra um tal Jensen, tanto mais que vários dos seus homens eram agentes armados de um outro país. Segundo nos informou, planeavam encontrar a última parte do Manuscrito, roubá-la e levá-la para fora do Perú. Essa a razão porque a única opção do Governo era prendê-los. Não há notícias, nem de Jensen, nem dos amigos dele.

- Vocês acreditaram no tipo do Governo?

- Não, não acreditámos. Depois de ele ter saído, continuámos a reunião. Concordámos em que a nossa linha de conduta só podia ser a da resistência passiva. Vamos continuar a fazer cópias e a distribuí-las com prudência.

- Os chefes da vossa Igreja vão deixar-vos fazer isso? - perguntei.

- Não sabemos - disse Sanchez. - Os mais velhos, na nossa Igreja, não estão de acordo com o Manuscrito, mas até ao momento não procuraram a sério saber quem é quem em toda esta história. Não sabem quem anda envolvido na sua difusão. A nossa principal preocupação é um cardeal que mora mais para norte, o cardeal Sebastian. É sobretudo ele quem levanta a voz contra o Manuscrito e tem, de facto, muita influência. Se ele convencer a chefia a fazer declarações duras, nessa altura vamos ter de tomar uma decisão muito interessante.

- Porque razão se opõe ele tanto ao Manuscrito?

- Porque tem medo.

- Porquê?

- Há muito que não falo com ele, e sempre evitámos abordar a questão do Manuscrito. Eu creio que ele pensa que o papel do homem é participar no cosmos; mas o ser humano de quem ele fala está forçosamente

174

175

desprovido de conhecimentos espirituais. A sua única função é participar na criação pela fé. Ele pensa que o Manuscrito subverterá o status quo, o esquema de autoridade que actualmente vigora.

- Como é que o Manuscrito pode provocar isso?

Ele sorriu e atirou a cabeça ligeiramente para trás, dizendo:

- A verdade libertar-vos-á.

Fiquei a olhar para ele, tentando compreender o alcance das suas palavras; entretanto, enquanto eu acabava de comer o que me restava de pão e de fruta no prato, ele terminara a sua refeição e puxara a sua cadeira para trás.

- Você parece muito mais forte - disse ele. Falou com alguém daqui?

- Sim - respondi-lhe. - Aprendi com um dos seus padres um método para me ligar à energia. Eu... não me recordo do nome dele. Estava sentado na zona dos recantos enquanto nós os dois conversávamos no pátio, ontem de manhã, lembra-se? Quando depois falei com ele, mostrou-me como absorver energia e como projectá-la de volta à origem.

- Chama-se John - disse Sanchez, fazendo-me sinal para que continuasse.

- Foi uma experiência fantástica - disse eu. - Ao voltar a lembrar-me do amor que experimentara, vi como era capaz de me abrir. Passei o dia todo sentado lá fora a ruminar lentamente na coisa. Não consegui alcançar o estado em que estive no alto da montanha, mas fiquei perto.

Sanchez pareceu-me mais sério:

- O papel do amor foi, durante muito tempo, das coisas menos compreendidas. Amar não é algo que gostaríamos de fazer para sermos bons ou para tornar o mundo melhor, segundo

uma qualquer responsabilidade moral abstracta; nem sequer supõe que desistamos do nosso hedonismo. Ligarmo-nos à energia faz-nos sentir emocionados, e por isso eufóricos e apaixonados. Procurar a energia de que precisamos para nos mantermos nesse estado de amor é certamente uma maneira de ajudar o mundo, mas é sobretudo uma maneira de nos ajudarmos a nós próprios. É a coisa mais hedonista que possamos fazer.

Concordei com o que ele dizia; reparei, entretanto, que ele puxara mais para trás a cadeira em que estava sentado e se pusera a olhar-me intensamente, com o olhar desfocado.

- Como está, hoje, o meu campo? - perguntei-lhe.

- Está muito mais amplo - disse ele. - Deve sentir-se muito melhor.

- É verdade.

- Está a ver? É isso que fazemos aqui.

- Fale-me sobre isso - pedi-lhe.

- Treinamos padres para irem trabalhar com os Índios. É um trabalho eminentemente solitário, porque exige que se penetre cada vez mais no interior das montanhas. E uma missão impossível se os padres não forem suficientemente fortes. Todos os homens que vê aqui foram seleccionados. Todos eles tiveram uma experiência, a que se chama experiência mística; é, aliás, a única coisa que têm em comum.

Durante muitos anos, estudei esse tipo de experiência - prosseguiu ele -, ainda o Manuscrito não tinha sido encontrado, e é minha convicção que, quando alguém já teve uma experiência mística, voltar a esse estado e aumentar o seu nível pessoal de energia torna-se muito mais fácil. Há outras maneiras de nos ligarmos à energia, mas são muito mais longas. Uma memória intensa dessa experiência facilita a sua recriação, como, aliás, penso que você viu em si mesmo. Depois disso, qualquer um pode voltar a senti-la, desde que o faça lentamente.

176 177

- Com que aspecto fica o campo de energia quando isso acontece?

- Amplia-se e muda ligeiramente de cor.

- Passa para que cor?

- Normalmente, passa de um branco-baço para um verde-azulado. Mas o mais importante é o facto de o campo se ampliar. Por exemplo, durante o seu encontro místico, a sua energia foi como uma luz a percorrer, reluzindo, todo o universo. Essencialmente, você ligou-se a toda a energia do cosmos e drenou-a para si; em troca, a sua energia expandiu-se para abarcar tudo o que existe, onde quer que ele se encontre. Consegue lembrar-se de como se sentiu?

- Sim - respondi-lhe. - Senti-me como se o universo inteiro fosse o meu corpo, de que eu seria simplesmente a cabeça, ou talvez, com mais precisão, os olhos.

- Sim - disse ele -, e nesse momento, o seu campo de energia e o campo de energia do universo eram um só. O universo era o seu corpo.

- Tive uma recordação estranha durante o tempo todo que durou aquela sensação - disse eu. - Eu parecia lembrar-me de como esse corpo mais vasto, esse meu universo, tinha evoluído. Eu estava lá. Eu vi as primeiras estrelas formarem-se a partir do simples hidrogénio e, em seguida, a matéria tornar-se mais complexa, através das sucessivas gerações desses sóis. Só não vi matéria. O que eu vi foram simples vibrações de energia que iam evoluindo sistematicamente a caminho de estádios complexos mais elevados. Foi então... que a vida começou e foi evoluindo até aparecer a espécie humana...

De repente parei de falar e ele notou a minha mudança de estado de espírito.

- Que foi? - perguntou ele.

- Foi aí que parou a memória da evolução - tentei explicar -, no momento em que surgiu a espécie humana. Senti que a história devia continuar, mas não consegui captá-la muito bem.

- A história vai continuar - disse ele. - A espécie humana está a levar o universo para estados vibratórios cada vez mais complexos.

- De que modo? - perguntei.

Ele sorriu mas não me respondeu:

- Falamos disso depois. Eu tenho realmente de ir tratar de uma série de assuntos. Vejo-o daqui a uma hora, aproximadamente.

Concordei com um simples gesto de cabeça. Ele pegou numa maçã e saiu. Logo a seguir, saí também. Andei um pouco pelo pátio; depois lembrei-me da cópia do Quinto Olhar Profundo que tinha deixado no quarto e fui buscá-la. Estivera a pensar, momentos antes, na floresta onde Sanchez estava sentado, da primeira vez que o vira. Apesar da minha fadiga e do pânico que sentia, reparei como esse lugar era extraordinariamente belo; decidi, por isso, descer a estrada para oeste, até dar com o sítio exacto, e depois sentar-me eu próprio aí.

Encostado a uma árvore, clarifiquei o meu espírito e estive vários minutos simplesmente a olhar à minha volta. A manhã estava luminosa e fresca e observei o vento a fustigar os ramos por cima da minha cabeça. O ar sabia a fresco, quando o inspirei em sucessivas e profundas inalações. Aproveitei uma bonança da brisa para tirar para fora o Manuscrito e olhar para a página onde parara antes a leitura. Porém, antes que eu pudesse dar com ela, ouvi o barulho típico de um motor de camioneta.

Deitei-me no chão, ao lado da árvore, e tentei perceber de onde vinha. O som vinha da missão. À medida que se aproximava, pude ver que era o velho calhambeque de Sanchez, que aliás vinha a guiá-lo.

- Pensei que podia encontrá-lo aqui - disse ele, ao

saltar do caminhão, no sítio onde eu me encontrava. Venha daí. Temos de nos ir embora.

- O que é que está a acontecer? - perguntei-lhe, deslizando para o lugar do morto.

Ele rumou em direcção à estrada principal, enquanto me ia dizendo:

- Um dos meus padres veio dizer-me que ouviu uma conversa na aldeia. Parece que alguns representantes do Governo foram lá saber de mim e fazer perguntas sobre a missão.

- Em sua opinião, de que é que eles andam à procura?

Ele olhou-me, tranquilizador:

- Não sei ao certo. O que sei é que já não estou tão certo como dantes de que nos vão deixar em paz. Achei, como medida de prudência, que era melhor irmos para as montanhas. Um dos meus padres vive perto de Machu Pichu. É o padre Carl. Até termos uma noção mais clara da situação, estaremos mais protegidos em casa

dele. - Ele sorriu para mim, e depois continuou: - Seja como for, quero que veja Machu Pichu.

Veio-me de repente à ideia a suspeita de que ele fizera um acordo qualquer e que me ia entregar às autoridades. Resolvi agir com prudência e ficar atento, até me sentir em segurança.

- Já acabou a tradução? - perguntou-me ele.

- Na sua maior parte - disse eu.

- Você interrogou-me sobre a evolução humana. Já acabou essa parte?

- Não.

Tirou os olhos da estrada e olhou para mim com intensidade. Eu fiz que não tinha reparado.

- Alguma coisa não bate certo? - perguntou ele.

- Está tudo bem - respondi-lhe. - Quanto tempo é que demoramos a chegar a Machu Pichu?

- Aí umas quatro horas.

180

Procurei ficar em silêncio e deixar Sanchez aguentar a conversa, esperando que ele acabasse por se denunciar, mas não consegui controlar a curiosidade que sentia pela questão da evolução.

- Como é que os seres humanos vão levar mais longe a evolução? - perguntei-lhe.

Ele olhou-me de relance e perguntou-me:

- Como acha que vai ser?

- Não sei - disse-lhe. - Mas quando estive no alto da montanha, pensei que estava de certo modo relacionado com as coincidências significativas de que fala o Primeiro Olhar Profundo.

- É isso mesmo - disse ele. - Coaduna-se com os outros olhares profundos, não acha?

Fiquei sem saber o que responder. Eu estava quase a compreender, mas havia ainda algo que se me escapava.

Resolvi não abrir a boca.

- Pense na sequência em que surgem os olhares profundos - disse ele. - O Primeiro Olhar Profundo surge quando tomamos a sério as coincidências. Elas fazem-nos sentir que existe mais qualquer coisa, algo de espiritual agindo implicitamente em tudo o que fazemos.

O Segundo Olhar Profundo afirma que a nossa

consciência é efectivamente real. Acabámos por perceber que temos andado preocupados com a sobrevivência material, centrados no controlo da nossa situação no universo, na perspectiva da segurança, e sabemos que a nossa abertura representa hoje uma espécie de despertar para o que está realmente a acontecer.

O Terceiro Olhar Profundo abre uma nova perspectiva sobre a vida. Define o universo físico como um puro universo de energia, uma energia que, de certo modo, corresponde à nossa maneira de formar pensamentos.

E o Quarto mostra a tendência dos seres humanos para irem buscar energia a outros seres humanos e como,

181

para o efeito, os controlam, apoderando-se dos seus espíritos, um crime no qual estamos todos envolvidos, porque nos sentimos muitas vezes desprovidos de energia e queremos colmatar esse déficite. É óbvio que essa escassez de energia pode ser ultrapassada, quando nos ligamos com uma fonte não-humana e de maior potencial. O universo tem tudo aquilo de que precisamos, se nos

soubermos abrir a ele. Esta é a revelação do Quinto Olhar Profundo.

Veja, por exemplo, você - continuou ele. - Você teve uma experiência mística que lhe deu acesso, num curto espaço de tempo, à espantosa quantidade de energia a que podemos ter acesso. Mas esse estado é algo que vai à frente de cada um de nós e projecta luz sobre o futuro. É óbvio que não se trata de um estado que possamos fazer durar indefinidamente. Sempre que tentamos falar com alguém que opera no estado de consciência habitual, ou procuramos viver num mundo em que ainda exista conflito, somos forçados a sair desse estado avançado e a voltar ao estado dos nossos próprios egos.

- E aí -

continuou ele -, a questão está em ir recuperando aos poucos o que vislumbrámos, e em iniciar um retorno progressivo ao último estado de consciência mais elevado. Mas, para fazer isso, temos de aprender a acumular conscientemente a energia em nós, porque é ela que provoca as coincidências, e estas, por sua vez, ajudam-nos a manter de forma permanente o novo estado energético alcançado. - Eu devia parecer boquiaberto, porque ele prosseguiu dizendo: - Pense nisto: quando, nas nossas vidas, acontece algo que está para além do acaso e, todavia, nos força a ir para diante, nós sentimo-nos realizados, mais realizados do que dantes. Sentimo-nos como se tivéssemos atingido o que o destino tinha

reservado para nós, aquilo em que ele nos pedia que nos tornássemos. Quando tal acontece, o nível de energia que provocou as coincidências iniciais estabiliza

182

em nós, adquire uma certa permanência. Podemos vir a ser escoraçados desse estado e a perder a energia, porque, por exemplo, entrámos em pânico, mas esse nível serve como um novo limite mínimo que podemos facilmente repor. Assim que nos vamos tornando uma nova pessoa. Passamos a existir a um nível mais elevado de energia, a um nível - não esqueça o que lhe vou a dizer - de maior vibração.

Consegue visualizar agora todo o processo? Nós ampliamo-nos, crescemos e, com base nesse crescimento, dá-se nova ampliação e assim sucessivamente. É assim que a espécie humana dá continuidade à evolução do universo, conduzindo-o para estados cada vez mais elevados e complexos de vibração.

Por momentos manteve-se calado, dando a impressão de estar a pensar em algo que gostaria de acrescentar, e então disse:

- Esta é a evolução que tem vindo a processar-se inconscientemente na história humana. Esta é a razão por que a civilização progride e por que os seres humanos se desenvolvem cada vez mais, vivem durante mais tempo e assim por diante. Agora, porém, e é esse o facto novo, estamos a tornar todo este processo consciente. É isto o que o Manuscrito nos veio dizer. É nisto que consiste, antes de mais, a caminhada para uma consciência espiritual mundial.

Eu era todo ouvidos, estava totalmente fascinado com o que Sanchez me dizia.

- Em suma, o que todos temos a fazer - perguntei-lhe - é ampliarmo-nos com a energia, como eu aprendi a fazer com John, para que as coincidências comecem a ocorrer de uma maneira mais consistente e menos episódica; é isso?

- Sim, mas a coisa não é tão simples como você a está a fazer. Antes de podermos ligar-nos a essa energia de uma maneira permanente, há ainda um outro obstáculo

183

que temos de ultrapassar. Esse é o tema do próximo olhar profundo, o sexto.

- Em que consiste?

Ele olhou-me, impaciente:

- Passamos a vida a controlar os outros e cada um de nós fá-lo à sua maneira. É essa maneira específica que temos de o fazer que vamos ter de enfrentar. Lembre-se do conteúdo do Quarto Olhar Profundo. Segundo ele, os seres humanos sempre sentiram falta de energia e, por isso, são forçados a controlar-se uns aos outros para captar a energia que flui entre eles. O Quinto vem a seguir e mostra que existe outra fonte alternativa, mas, na realidade, nós não podemos ligar-nos a essa fonte,

enquanto continuarmos, como indivíduos, agarrados ao nosso método particular de controlar os outros; enquanto não pararmos com isso e não perdermos esse hábito, continuaremos desligados dessa fonte alternativa.

Perdermos esse hábito não é fácil porque, para começar, foi coisa que sempre fizemos sem nos darmos conta disso. A chave para deixarmos de o fazer está em tornarmo-nos integralmente conscientes do nosso método específico e começarmos a perceber que foi através dele que, na infância, aprendemos a chamar a atenção dos outros sobre nós; essa chamada de atenção desviava para nós a energia que fluía entre as pessoas, e essa é a razão por que ficámos fixados no nosso próprio hábito e ele se tornou a nossa maneira de ser, o nosso estilo. Estilo esse que repetimos, vezes sem conta. É aquilo a que eu chamo o nosso drama de controlo inconsciente.

Eu chamo-lhe drama, porque, na realidade, trata-se de uma cena familiar, exactamente como uma cena de cinema para a qual tivéssemos, quando jovens, escrito o guião. Passamos e repassamos, vezes sem conta, essa cena nas nossas vidas quotidianas sem sequer reparar que o estamos a fazer. Tudo aquilo de que nos damos

184

conta é de que o mesmo género de acontecimentos nos acontece repetidamente. E é aí que está o problema: se andamos o tempo todo a passar e a repassar essa mesma cena, como é que as outras cenas do filme real da nossa vida, a grande aventura marcada pelas coincidências, vão ter espaço para se dar? Somos nós que paramos o filme quando repetimos esse drama único com o objectivo de manipularmos alguém por causa da sua energia.

Sanchez reduziu a velocidade e passou com cuidado por uma série de sulcos de rodas profundos, autênticos buracos deixados na estrada. Dei-me conta de que me sentia frustrado. Ainda não percebera como funcionava o meu drama de controlo. Estive quase para abordar o assunto com Sanchez, mas não fui capaz. Apercebi-me de como ainda me sentia distante dele e tão pouco à vontade para me abrir.

- Compreendeu? - perguntou ele.

- Não sei se compreendi - respondi secamente. Nem sei se tenho um drama de controlo.

Ele dirigiu-me um olhar caloroso e disse, no gozo:

- Não faz a coisa por menos? - perguntou ele. Nesse caso, explique-me lá porque é que você age sempre com tanto distanciamento?

185

Mais à frente, a estrada estreitava e de repente virava rente ao paredão rochoso da montanha. O camião saltou sobre uma série de pedregulhos e teve de passar lentamente a curva. A nossos pés, os Andes erguiam-se imponentes e as suas cristas transpunham as nuvens brancas como neve.

Olhei para Sanchez. Estava tenso, curvado sobre o volante. Passáramos a maior parte do dia a trepar por

encostas muito acentuadas e a procurar passagem através de grandes pedregulhos espalhados pela estrada. Eu tentara abordar de novo o assunto do drama de controlo, mas não houvera oportunidade. Sanchez dava impressão de precisar de toda a energia para conduzir e, por outro lado eu não sabia ao certo o que desejava perguntar. Lera o resto do Quinto Olhar Profundo e encontrara na leitura o eco exacto do que Sanchez me havia dito. A ideia de abandonar o meu processo específico de controlo parecia-me desejável, sobretudo se isso contribuísse para tornar mais rápida a minha evolução, mas o que era facto era que eu ainda não percebia como funcionava o drama de controlo.

187

- Em que está a pensar? - perguntou Sanchez.

- Acabei de ler o Quinto Olhar Profundo - disse.

- E estava a pensar nesses tais dramas. Partindo do que me disse sobre o assunto, concluo que, para si, o meu drama está relacionado com o facto de eu ser distante.

Ele não me respondeu logo. Estava concentrado na estrada. Uns trinta metros mais à frente, um grande veículo de tracção às quatro rodas bloqueava-a. Um homem e uma mulher estavam parados diante de um precipício rochoso, a uns quinze metros do veículo. Quando nos ouviram aproximar, voltaram-se para nós.

Sanchez parou o camião, procurou num relance ver quem eram e depois sorriu.

- Conheço a mulher - disse para mim. - É Júlia. Não há problema. Vamos falar com eles.

Tanto um como o outro eram morenos e pareciam peruanos. A mulher era mais velha, aparentava uns cinquenta anos, enquanto que o homem não devia passar dos trinta. Quando saímos do camião, ela abeirou-se de nós.

- Padre Sanchez! - exclamou.

- Como está, Júlia? - cumprimentou Sanchez.

Os dois abraçaram-se. Em seguida, Sanchez apresentou-me Júlia e esta, por sua vez, apresentou o homem com quem viajava, Rolando.

Sem dizer nada, Júlia e Sanchez viraram-nos as costas e foram até à saliência rochosa onde antes se encontravam Júlia e Rolando. Este encarou-me frontalmente, como se me quisesse estudar e eu, instintivamente, virei a cara e fui para o pé dos outros dois. Rolando foi atrás de mim, continuando a olhar-me como se quisesse qualquer

coisa. Apesar de, pelo cabelo e pelo aspecto, ser ainda novo, a sua compleição era a de um sanguíneo. Por um motivo qualquer que eu ignorava, fiquei ansioso.

Por várias vezes, enquanto caminhávamos para junto dos outros, olhou-me como se quisesse dizer-me alguma

188

coisa, mas eu não me mostrava disponível, desviava os olhos e apressava o passo. Ele permaneceu silencioso. Quando chegámos ao precipício, escolhi uma rocha para me sentar de modo a que ele não pudesse sentar-se ao meu lado. Júlia e Sanchez estavam a uns sete metros de distância, ambos sentados numa pedra maior.

Rolando sentou-se o mais perto de mim que conseguiu. Apesar de o seu olhar insistente me incomodar, eu começava, ao mesmo tempo, a ficar curioso.

Ele apanhou-me a olhar para ele e disparou:

- Está aqui por causa do Manuscrito?

Não lhe respondi logo.

- Ouvi falar dele - acabei por lhe dizer.

Ele pareceu perplexo.

- Já o viu?

- Uma parte - respondi-lhe. - Tem alguma coisa a ver com o assunto?

- Interessá-me - disse ele -, mas ainda não vi nenhuma cópia.

Seguiu-se um período de silêncio.

- Você é dos Estados Unidos? - perguntou-me.

A pergunta perturbou-me e decidi, por isso, não lhe responder, fazendo-lhe antes uma pergunta:

- O Manuscrito tem alguma coisa a ver com as ruínas de Machu Pichu?

- Acho que não - respondeu ele. - Só que foi escrito na época em que ele foi construído.

Continuei calado, a olhar para a paisagem incrível dos Andes. Mais cedo ou mais tarde, se eu continuasse sem dizer nada, ele acabaria por me revelar o que ele e Júlia andavam a fazer relativamente ao Manuscrito. Estivemos assim, sem dizer nada, aí uns vinte minutos. Finalmente, Rolando levantou-se e encaminhou-se para onde os outros dois estavam a conversar.

Fiquei surpreendido com a reacção dele, sem saber o que fazer. Procurara não me ir sentar junto de Júlia e de

189

Sanchez, porque tivera a impressão nítida de que queriam falar a sós. Deixei passar mais uma meia-hora, ficando onde estava, a olhar para os picos montanhosos e prestando atenção ao que se dizia perto de mim. Nenhum deles me dedicava a mínima atenção. Acabei por resolver juntar-me a eles mas, antes que o pudesse fazer, os três levantaram-se e começaram a encaminhar-se para o veículo de Júlia. Atalhei pelas rochas, para ir ter com eles.

- Eles precisam de se ir embora - disse-me Sanchez, quando cheguei ao pé dele.

- Lamento não termos tido tempo para conversar - acrescentou Júlia. - Espero que nos voltemos a ver.

Ela olhava para mim com aquela expressão calorosa que muitas vezes me dispensava Sanchez. Como manifestei o meu acordo, acenando com a cabeça, ela baixou ligeiramente a dela e acrescentou:

- Para lhe dizer a verdade, tenho a sensação de que nos veremos em breve.

Enquanto descíamos o caminho pedregoso, senti o desejo de lhe dizer alguma coisa em troca, mas o pensamento bloqueara-se-me. Quando chegámos ao pé do carro dela, só Júlia fez um ligeiro gesto de cabeça e disse um rápido até breve. Ela e Rolando entraram e Júlia dirigiu-se para norte, pela estrada de onde eu e Sanchez tínhamos vindo. Tudo o que ali acontecera era, para mim, um quebra-cabeças.

Uma vez dentro do carro, Sanchez perguntou-me:

- Rolando disse-lhe alguma coisa sobre Wil?

- Não - respondi. - Eles estiveram com ele?

Sanchez pareceu-me atarantado.

- Sim, estiveram com ele numa aldeia a sessenta quilómetros daqui, para leste.

- Wil disse-lhes alguma coisa sobre mim?

- Júlia disse que mencionou que se tinha separado

190

de si. E que Wil falou sobretudo com Rolando. Você não disse a Rolando quem era?

- Não, eu não sabia se podia confiar nele.

Sanchez encarou-me com uma expressão de decepção total estampada no rosto:

- Eu disse-lhe que era óptimo conversar com eles.

Há anos que conheço Júlia. Ela dirige um negócio em Lima mas, desde que o Manuscrito foi descoberto, anda à procura do Nono Olhar Profundo. Júlia não viajaria com alguém em quem não tivesse confiança. Não havia perigo. Agora, você perdeu o que poderiam ser informações importantes. - Sanchez encarou-me com um olhar grave: - Isto é um perfeito exemplo de como o drama de controlo interfere - explicou ele. - Você põe-se tão longe que impede que ocorra qualquer coincidência significativa.

Eu devo ter dado a impressão de estar na defensiva.

- Não fique amofinado - disse ele -, toda a gente representa, de uma maneira ou de outra, um drama de controlo.

- Não estou a perceber patavina - reagi eu. Concretamente, como é que eu represento o meu?

- O seu modo de controlar as pessoas e as situações

- explicou-me ele -, no sentido de desviar a energia na sua direcção, consiste em criar no seu espírito esse drama, durante o qual você se isola, dando a impressão

para o exterior de que conhece algo de misterioso e secreto. Você diz a si próprio que está a ser prudente, mas o que de facto está a fazer é esperar que alguém entre para dentro desse drama e se ponha a imaginar o que se passa consigo. Quando alguém cai na armadilha, você torna-se vago, forçando-o a lutar, a escavar e a tentar discernir o que você realmente sente.

Enquanto a pessoa está ocupada com isso, ela dá-lhe plena atenção e, ao dar-lha, está-lhe a dar a sua energia. É evidente que quanto mais tempo

191

you fazer durar a coisa, mantê-la confusa e interessada em si, mais energia você recebe. Infelizmente, quando você faz de distante, a sua vida tende a evoluir ao ralenti, porque você está ocupado a representar essa cena vezes e vezes sem conta. Se se tivesse aberto com Rolando, o filme da sua vida teria tomado uma nova e significativa direcção.

Eu senti que a depressão me estava a invadir.

Um outro exemplo da verdade de tudo isto foi que Wil, ao ver-me sem vontade de dar informações a Reneau, me forçou quase a dar-lhas. Tudo isto era a pura verdade. Eu tendia a ocultar o que realmente pensava. Olhei pela janela para o exterior, enquanto ia seguindo a estrada sempre a subir a caminho do alto da montanha. Sanchez estava de novo concentrado, procurando evitar uma queda fatal no abismo. Quando a estrada voltou a endireitar-se, olhou na minha direcção e disse:

- O primeiro passo a dar, para cada um de nós, é o de tornar claro, o de trazer totalmente à consciência a nossa maneira específica de controlar. Nada poderá ser feito enquanto não olharmos realmente para nós próprios e não descobrirmos como manipulamos pessoas e situações para captar a energia que flui entre elas. É isto que acaba de se passar consigo.

- Qual é o passo seguinte? - perguntei-lhe.

- Cada um de nós tem de olhar para o seu passado, mais especificamente para o passado da sua vida familiar e ver como é que apanhou esse hábito. Ver como isso tudo começou mantém a nossa maneira de controlar sob controlo da consciência. Não esqueça que a maior parte dos membros da nossa família faziam, também eles, funcionar o seu próprio drama, tentando, quando crianças, extrair energia dos restantes membros que a compunham. O primeiro passo é, pois, compreender as causas do nosso drama específico. Cada um de nós tinha uma estratégia para desviar em seu proveito o fluxo de energia e ela está sempre relacionada com os membros da

192

nossa família: é em relação a eles que criamos o nosso drama específico. Contudo, logo que reconheçamos as dinâmicas energéticas que se desenvolviam nas nossas famílias, podemos ultrapassar essas estratégias de controlo e ver o que realmente aconteceu.

- O que quer dizer com realmente aconteceu?

- Cada um de nós tem de reinterpretar a sua experiência familiar de um ponto de vista evolutivo, ou seja, de um ponto de vista espiritual, e descobrir quem realmente é. Logo que consigamos fazer isto, o nosso drama de controlo desvanece-se e começa a história real da nossa vida.

- Por onde é que eu devo começar?

- Por compreender como se formou o seu drama familiar. Fale-me do seu pai.

- É um homem bom que gosta de se divertir.

É uma pessoa competente, mas... - e aqui hesitei, não querendo dar a impressão de estar a ser ingrato com o meu pai.

- Mas o quê? - quis saber Sanchez.

- Bem recomecei -, ele estava sempre a criticar.

Para ele, nada do que eu fazia estava bem feito.

- Como é que ele o criticava? - perguntou-me Sanchez.

A imagem do meu pai, jovem e forte, veio-me ao espírito.

- Fazendo perguntas e procurando ver se havia algo de errado nas respostas.

- E o que acontecia com a sua energia?

- Sentia-me drenado. Era por isso que evitava dizer-lhe o que quer que fosse.

- Quer dizer que se tornou vago e distante, tentando dizer-lhe as coisas de uma maneira que, por um lado, captasse a atenção dele e, por outro, não lhe desse nada para criticar. Ele era um inquisidor e você esquivava-se. Estava distante e ao lado dele.

193

- Sim, creio que é isso. Mas o que é um inquisidor?

- Um inquisidor é um outro estilo de drama. As pessoas que utilizam essa forma de adquirir energia montam uma cena em que interrogam e sondam o universo de uma outra pessoa, com o objectivo específico de encontrarem algo de errado nele. Uma vez atingida essa finalidade, começam a criticar aspectos da vida da outra pessoa. A estratégia resulta quando a pessoa criticada se dispõe a entrar nesse filme. De repente, descobre que a presença do inquisidor a intimida, começa a prestar atenção ao que ele faz e a pensar no que ele pensa, com o objectivo de não fazer nada de errado que o interrogador possa notar. A deferência psíquica, assim criada, dá ao interrogador a energia que ele deseja.

Tente lembrar-se das vezes que conviveu com pessoas assim. Quando lhe aconteceu deixar-se enredar num drama desses, lembra-se como tendia a agir de uma certa maneira, para que essa pessoa não pudesse criticá-lo? Ela desviava-o do seu próprio caminho e orientava para ela a sua energia, porque você passara a avaliar as coisas pelo que ela podia estar a pensar.

Lembrei-me então exactamente dessa sensação, e a pessoa que me veio ao espírito foi Jensen.

- Quer dizer que o meu pai era um interrogador?

- perguntei.

- É o que parece.

Por momentos, devaneei pelo drama da minha mãe.

Se o meu pai era um inquisidor, a minha mãe era o quê?

Sanchez perguntou-me em que estava a pensar.

- Estava a interrogar-me sobre o drama de controlo da minha mãe - disse eu. - Há quantas espécies de drama?

- Deixe-me explicar-Lhe as classificações de que fala o Manuscrito - respondeu Sanchez. - Uma pessoa pode manipular as outras, no caso de controlo de energia, de uma maneira agressiva, forçando directamente as

194

outras a darem-lhe atenção, ou de uma maneira passiva, jogando com a simpatia ou a curiosidade das outras, mas sempre com o objectivo de atrair as atenções. Por exemplo, se alguém o ameaçar, de uma maneira verbal ou física, você é obrigado, com medo de que alguma coisa lhe aconteça, a dar-lhe atenção e a pagar-lhe o seu tributo de energia. A pessoa que o ameaça está a envolvê-lo no mais agressivo dos dramas, a que o Sexto Olhar Profundo chama drama do intimidante.

Se, por outro lado, alguém lhe vem contar a si coisas horríveis que lhe estão sempre a acontecer, insinuando que talvez seja você o culpado e que, se você se recusar a dar-lhe ajuda, a série interminável de coisas horríveis não será quebrada... se lhe acontecer encontrar uma pessoa dessas, saiba que está perante alguém que procura controlar a sua energia ao mais baixo nível possível da passividade. A este drama chama o Manuscrito drama da vítima. Pense um pouco na coisa. Nunca lhe aconteceu encontrar, no seu círculo de relações, alguém que, pela sua presença, o fizesse sentir-se culpado, mesmo sabendo você que não existia nenhuma razão para se sentir assim?

- Sim.

- Está a ver? Isso foi porque você se deixou enredar no mundo dramático de uma vítima. Tudo o que ela diz e faz é para o colocar numa posição em que você tem de se defender contra a ideia implícita de não estar a fazer o suficiente por ela. Por isso, só o facto de a ver fá-lo sentir-se culpado.

Concordei.

- O drama de qualquer um pode ser visto e analisado - continuou ele - segundo o lugar que ocupa no espectro que vai de agressivo a passivo. Se uma pessoa é subtil na sua agressão, andando à procura de defeitos e encontrando maneira de sabotar aos poucos e poucos o mundo dos outros, para lhes captar a energia, nesse caso,

195

como vimos com o seu pai, essa pessoa poderia ser um inquisidor. Menos passivo do que o da vítima seria o seu drama, o do distante. Assim, a ordem dos estilos dramáticos poderia ser a seguinte: o intimidante, o inquisidor, o distante e a vítima. Parece-lhe coerente tudo isto?

- Acho que sim. Em sua opinião, todas as pessoas estão situadas num ponto qualquer dessa gama?

- Isso mesmo. Algumas pessoas usam mais do que um, em circunstâncias diferentes, mas a maior parte tem um drama de controlo dominante que tende a repetir-se indefinidamente; esse era o estilo que funcionava bem com os membros da família onde nasceu.

E, de repente, fez-se luz. A minha mãe agia exactamente como o meu pai. Olhei para Sanchez:

- A minha mãe. Já sei o que ela era. Também era um inquisidor.

- Nesse caso, você apanhou a dobrar - disse Sanchez. - Não admira que seja tão distante. Mas, tudo somado, eles não conseguiram intimidá-lo e você nunca temeu pela sua segurança.

- Que teria acontecido nesse caso?

- Você teria sido encurralado num drama de vítima. Está a ver como a coisa funciona? Se você é uma criança e se alguém drena a sua energia ameaçando-o com castigos corporais, não lhe serve de nada tornar-se distante. Porque não é fazendo de sonso que vai conseguir desviar a energia deles. Eles estão-se marimbando para o que se passa dentro de si. Eles abordam-no com toda a força que têm. Por isso, você é obrigado a tornar-se ainda mais passivo e a tentar o estilo de vítima, apelando para o que os outros têm de bondoso e, ao mesmo tempo, explorando a culpa que eventualmente sintam pelo mal que lhe estão a fazer.

Se isso não funcionar, a criança vai esperar até crescer mais um pouco, e entretanto aguenta, mas logo que possa vai explodir contra a violência, responder à agressão

196

com agressão. - Sanchez fez uma pausa, e depois continuou: - Como essa criança de que me falou naquela família peruana que vos deu de jantar. Uma pessoa fará tudo, irá até aos extremos, se preciso for, para captar no seu quadro familiar a energia disponível e desviá-la para si; tudo fará para chamar a atenção. É assim que, depois de tudo isso, a estratégia que resultar se vai tornar a sua via dominante de captação da energia que flui entre as pessoas e o seu drama repetir-se-á vezes sem conta.

- Compreendo o drama do intimidante - disse eu -, mas como é que se desenrola o do inquisidor?

- O que é que você faria se fosse criança e os membros da sua família nunca estivessem presentes ou não dessem sequer por si, por estarem preocupados com as suas carreiras ou coisa do género?

- Não sei.

- Armar-se em distante não ia atrair as atenções deles; eles nem sequer reparariam. Não iria tentar valer-se do que investigasse, do que espiasse e finalmente encontrasse de errado, nessa gente distante, para os obrigar a dar-lhe atenção e, conseqüentemente, a orientar para si a energia deles? É precisamente isto que faz o

inquisidor.

Eu começava a compreender.

- As pessoas distantes criam inquisidores! - disse eu. -

Exacto.

- E os inquisidores, por sua vez, tornam as pessoas distantes! E os intimidantes criam as vítimas ou, se isso falhar, um outro intimidante.

- Exactamente. É por isso que os dramas de controlo se perpetuam uns aos outros. Mas não perca de vista a tendência que temos para vermos estes dramas nos outros e pensarmos que, quanto a nós, não há problema, que já estamos livres disso. Cada um de nós deve ultrapassar esta ilusão antes de começar. Todos nós

197

temos tendência para nos fixarmos num dado drama; pelo menos, é o que fazemos a maior parte do tempo, e temos de recuar para olharmos para nós próprios e descobrirmos qual é ele.

Ficámos calados durante um certo tempo.

Finalmente, olhei de novo para Sanchez e perguntei-lhe:

-

Quando chegamos à conclusão de qual é o nosso, o que acontece a seguir?

Sanchez abrandou para poder encarar-me olhos nos olhos:

- Ficamos realmente livres para nos tornarmos mais do que o drama que inconscientemente representamos. Como lhe disse antes, podemos encontrar uma significação mais elevada para as nossas vidas, uma razão espiritual para termos nascido na família em que nascemos. Quando nos apercebemos do drama que desempenhamos, podemos começar a ver claramente quem somos.

- Já estamos quase lá - anunciou Sanchez.

A estrada passava entre dois picos. Ao passarmos pela enorme formação montanhosa à nossa direita, reparei numa pequena casa adiante, adossada a um outro majestoso pináculo de rocha.

- O carro dele não está cá - disse Sanchez.

Estacionámos e dirigimo-nos para a entrada. Sanchez abriu a porta e entrou, enquanto eu ficava à espera cá fora. Inspirei várias vezes. O ar muito rarefeito estava fresco. O céu estava cinza-escuro e coberto de espessas nuvens. A chuva parecia iminente.

Sanchez apareceu à entrada.

- Não está cá ninguém - disse ele. - Deve estar nas ruínas.

- Como é que se vai até lá?

De repente, ele pareceu-me exausto.

- Ficam aí adiante, a pouco menos de um quilómetro

198

- respondeu ele, estendendo-me as chaves do camião. E depois acrescentou: - Siga por aquela estrada, até passar a próxima crista, e logo as verá mais adiante,

em baixo. Leve o carro. Eu prefiro ficar por aqui a meditar. - Okay, então vou indo - retorqui-lhe, dando a volta ao carro para me sentar ao volante.

Segui por um pequeno vale e subi a crista seguinte, prevendo já a vista que ia ter. A visão não me desiludiu. Mal ultrapassei o morro, deparei com o enorme esplendor das ruínas de Machu Pichu: um complexo templo de pedregulhos maciços trabalhados, pesando toneladas, empilhados uns sobre os outros nas faldas da montanha. Mesmo debaixo daquela luminosidade densa e nublada, a beleza do lugar era verdadeiramente opressiva.

Parei o camião e, durante uns dez a quinze minutos, enchi-me ou, mais exactamente, ensopei-me de energia. Alguns grupos de pessoas passeavam-se pelas ruínas. Reparei num homem, com um colarinho de padre, a sair do que ainda restava de uma construção e a dirigir-se para um veículo estacionado nas proximidades. A distância a que me encontrava e o facto de ele trazer vestido um blusão de coiro em vez de uma batina de padre deixaram-me sem saber se se tratava do padre Carl.

Pus o camião em marcha e aproximei-me. Mal ouviu o som, olhou para cima e sorriu, tendo aparentemente reconhecido o veículo como sendo o de Sanchez. Quando viu que era eu quem ia lá dentro, pareceu-me curioso e abeirou-se. Tinha uma compleição pequena e atarracada, cabelos castanho-escuros e feições de gorducho, com um intenso olhar azul. Aparentava uns trinta anos.

- Vim com o padre Sanchez - disse-lhe eu, saindo do veículo e apresentando-me. - Ele ficou em sua casa. Ele estendeu-me a mão:

199

- Sou o padre Carl.

Passei de relance o olhar pelas ruínas. O corte das pedras ainda era mais impressionante visto de perto.

- É a primeira vez que aqui vem? - perguntou-me.

- Sim - respondi. - Aqui há uns anos, ouvi falar deste lugar, mas nunca imaginei que fosse assim.

- Este é um dos mais fortes centros de energia do Mundo - disse ele.

Observei-o com mais atenção. Era óbvio que estava a falar de energia no sentido que o Manuscrito dava à palavra. Concordei com um movimento da cabeça e acrescentei:

- Estou a tentar aprender a acumular conscientemente energia e, ao mesmo tempo, a ver se tenho mão no meu drama de controlo. Este é o resumo da minha situação actual.

Senti-me um tanto pretensioso ao falar daquela maneira, mas, ao mesmo tempo, bem comigo próprio por estar a ser honesto.

- Já não parece estar muito longe - disse ele.

Fiquei embatucado.

- Como é que soube qual era o meu drama? -

perguntei-lhe.

- Desenvolvi um sexto sentido nessa matéria. Essa

é a razão por que me encontro aqui.

- O seu trabalho é ajudar as pessoas a ver o seu estilo de controlo?

- Sim, e ajudo-as igualmente a ver o seu eu verdadeiro. Os seus olhos brilhavam de sinceridade. Era uma pessoa totalmente directa, sem mostrar ponta de embaraço por estar a revelar-se a si próprio a um estranho.

Como eu ficasse calado, ele acrescentou:

- Você compreendeu os primeiros cinco olhares profundos?

- Li a maior parte deles - respondi-lhe - e tenho falado com várias pessoas.

Mal acabei de dizer aquilo, senti que começava a ser vago; por isso, acrescentei:

- Creio ter compreendido os primeiros cinco. O sexto ainda não me é inteiramente claro.

Ele concordou e disse-me:

- A maioria das pessoas com quem tenho falado nem sequer ouviu mencionar o Manuscrito. Chegam aqui e entram em transe com a energia. E isso é suficiente para as levar a repensar as suas vidas.

- Como é que as encontra?

Ele olhou para mim com uma expressão de perito.

- Parece que dão comigo - respondeu.

- Você disse que ajuda as pessoas a encontrar o seu verdadeiro eu. Como é que faz?

Ele inspirou fundo e depois disse:

- Só há uma maneira. Cada um de nós tem de rever a sua experiência familiar, a época da sua infância, o lugar onde a passou. Rever no sentido de voltar lá e deixar desenrolar o filme do que aconteceu. Uma vez que nos tornemos conscientes do nosso drama de controlo específico, podemos concentrar-nos na verdade profunda da nossa família: para lá da luta pela energia que se desenrolou no seu seio, existiu igualmente nela, por assim dizer, um lado bom. Essa verdade, uma vez descoberta, transmite uma nova energia às nossas vidas, uma energia que nos diz quem somos, o caminho em que nos encontramos e o que andamos a fazer.

- Foi isso que Sanchez me explicou - disse-lhe eu.

- Gostaria de saber mais em pormenor como se descobre essa verdade.

Ele puxou para cima o fecho-éclair do seu blusão, para se proteger do frio do entardecer.

- Espero que possamos vir a falar sobre o assunto

200 201

- disse ele. - Mas agora gostaria de ir cumprimentar o padre Sanchez.

Olhei para as ruínas e ele acrescentou:

- Fique à vontade para dar uma volta por aí, durante o tempo que quiser. Vejo-o logo lá em casa. Durante a hora e meia que se seguiu vagueei por aquele lugar antigo. Demorava-me nos sítios onde me sentia mais leve e alegre. Ficava a pensar, fascinado, na Civilização que havia construído aqueles templos. Como é " que tinham conseguido trazer aquelas pedras para um lugar tão alto e as haviam disposto umas sobre as outras daquela maneira? Parecia uma coisa impossível. Aos poucos, o meu interesse pelas ruínas perdeu a sua intensidade. Voltei então o pensamento para o estado presente do meu caso. Apesar das circunstâncias da minha vida não se terem modificado, sentia-me já com mais força, menos medo. A confiança que Sanchez depositara em mim trouxera-me mais segurança. Eu tinha sido estúpido em duvidar dele. E já gostava do padre Carl. Entretanto, escurecera, eram horas de voltar; fui até ao camião, pu-lo em marcha e parti. Ao entrar em casa, ouvi risos e reparei em dois homens, de pé na cozinha, a prepararem o jantar. O padre Carl cumprimentou-me, indicando-me um lugar; sentei-me preguiçosamente diante do imenso fogo que ardia na lareira e deixei os olhos deslizarem à vontade pelo ambiente em volta. A sala onde estávamos era espaçosa e revestida de tábuas largas ligeiramente manchadas. Pude também ver dois quartos, aparentemente de dormir, ligados por um corredor estreito. A casa estava iluminada por lâmpadas fracas e julguei ter ouvido o zumbido resignado de um gerador. Logo que terminaram todos os preparativos, fui convidado a sentar-me a uma mesa de madeira, feita de tábuas não trabalhadas. Sanchez proferiu uma breve oração.

202

Em seguida, começámos a comer, enquanto os dois homens continuavam a conversa. Quando acabámos, voltámos para junto da lareira.

- O padre Carl falou com Wil - começou Sanchez.
- Quando? - perguntei, particularmente interessado.
- Wil passou por aqui há uns dias - disse o padre Carl. - Conheci-o há um ano e passou por cá agora para me dar algumas informações. Disse-me que tinha quase a certeza de saber quem estava por detrás da acção governamental contra o Manuscrito.
- Quem? - perguntei.
- O cardeal Sebastian - respondeu Sanchez.

- O que é que ele anda a fazer? - perguntei.

- Aparentemente - explicou Sanchez -, utiliza a sua influência junto do Governo para aumentar a pressão militar contra o Manuscrito. E fá-lo à sua maneira: sempre preferiu trabalhar discretamente com o Governo, em vez de forçar divisões dentro da Igreja. Neste momento, está a intensificar os seus esforços e, ao que parece, a obter resultados. Infelizmente.

- O que quer dizer? - perguntei.
- Com excepção de alguns padres do Conselho do Norte e de algumas pessoas como Júlia e Wil, ninguém mais tem cópias do Manuscrito. Pelo menos, é o que se calcula.
- E o que se passa com os cientistas de Viciente? - perguntei.

Os dois homens guardaram silêncio durante uns momentos, silêncio que foi interrompido pelo padre Carl:

- Wil contou-me que o Governo fechou a hospedaria. Os cientistas foram presos e os dados da sua investigação confiscados.
- E a comunidade científica vai reagir. - perguntei.
- Não. E, aliás, que outra saída tem? - disse Sanchez.
- A investigação que faziam não era aceite pela maioria

203

dos cientistas. O Governo, aparentemente, está a tentar vender a ideia de que agiam à margem da legalidade.

- Não posso acreditar que o Governo se safe, procedendo desse modo.
- Aparentemente, está a safar-se - disse o padre Carl. - Fiz vários telefonemas para confirmar e em todos eles ouvi a mesma história. Apesar de estar a agir muito discretamente, o Governo está de facto a intensificar a repressão.
- Que acham que irá acontecer? - perguntei aos dois.

O padre Carl encolheu os ombros.

- Não sei - limitou-se a dizer o padre Sanchez. Depende do que Wil encontrar.
- Porquê? - perguntei.
- Ao que parece, ele está muito perto de encontrar a parte que falta do Manuscrito, o Nono Olhar Profundo. É possível que, quando o encontrar, ele se revele de um interesse tal que consiga criar aqui um movimento de âmbito mundial.
- Ele disse para onde ia? - perguntei ao padre Carl.
- Ele não sabia exactamente, mas disse-me que as suas intuições o levavam mais para norte, para perto da Guatemala.
- As suas intuições o levavam?
- Sim. Você compreenderá o que isso quer dizer depois de saber claramente quem é e de passar ao Sétimo Olhar Profundo.

Olhei para os dois: pareceram-me tão incrivelmente serenos que não pude deixar de lhes perguntar:

- Como é que podem estar tão calmos? Eles não podem vir ocupar isto tudo e prender-nos?

Olharam para mim com uma expressão de paciência e o padre Sanchez disse-me:

- Não confunda serenidade com falta de cuidado. O semblante pacífico que vê em nós é sinal de que estamos

204

profundamente ligados à energia. Mesmo que não tomássemos em conta as circunstâncias em que nos encontramos, continuarmos ligados a ela é o melhor que temos a fazer. Você compreende isto, não é verdade?

- Sim - respondi-lhe -, de certeza que é. Acho é que não me está a ser fácil manter-me a mim próprio ligado.

Os dois homens sorriram.

- Permanecer ligado - disse o padre Carl - vai-lhe ser muito mais fácil quando souber claramente quem é.

O padre Sanchez levantou-se e saiu, avisando que ia lavar a loiça.

Encarei o padre Carl e disse-lhe:

- Okay. Como é que posso ver claro em mim próprio?

- O padre Sanchez contou-me - começou ele por dizer - que você já compreendeu os dramas de controlo de seus pais.

- É verdade. Ambos eram inquisidores e isso fez de mim um distante.

- Okay. Agora você vai ter de olhar para lá da competição energética que existiu na sua família, para descobrir por que razão nasceu nessa e não noutra.

Olhei para ele com a expressão de quem não estava a perceber.

- Encontrar a sua verdadeira identidade espiritual

é um processo que parte de um simples princípio: olhar

para toda a nossa vida como uma longa história e procurar encontrar nela o ponto mais alto da sua significação. Comece por colocar a si próprio esta pergunta: porque é que eu nasci nesta família concreta. Qual poderá ter sido o objectivo implícito de ter nascido nela?

- Ignoro - respondi-lhe.

- O seu pai era um inquisidor; que mais era ele.

205

- Quer saber como é que ele vivia, qual era a sua maneira de estar?

- Sim.

Reflecti durante uns instantes e depois respondi-lhe: - O meu pai acredita sinceramente que a vida é para ser gozada. Acha, obviamente, que deve ser vivida com integridade, mas tirando o que ela oferece de melhor. Sabe como é, viver com toda a intensidade possível.

- Ele foi

capaz de viver de acordo com isso?

- Só até certo ponto. A vida dele tem algo de estranho, porque foi sempre nos momentos em que ele imaginou que, finalmente, ia poder viver como sonhara que acabou por ser impedido por circunstâncias desfavoráveis. Foi sempre no último momento que o gozo de viver lhe foi, de certo modo, roubado.

O padre Carl cerrou ligeiramente os olhos como se estivesse a contemplar algo:

- Ele acredita que a vida é para brincar e para ozar, mas ainda não conseguiu alcançar esse objectivo? é isso?

- É isso mesmo.
- E você já procurou saber porquê?
- Na realidade, não. Sempre o vi como um homem sem sorte.
- Talvez ele não tenha ainda encontrado o caminho para lá chegar. Que lhe parece?
- Talvez não.
- E com a sua mãe, como é que as coisas se passam?
- Ela já morreu.
- Lembra-se de como é que ela vivia?
- Sim, a sua vida era a igreja. Batia-se pelos princípios cristãos.
- De que maneira?
- Ela acreditava no serviço da comunidade e que era necessário seguir as leis de Deus.
- Foi isso que ela fez? Ela seguiu as leis de Deus?
- À letra. Pelo menos, até onde a sua igreja lhe indicava.
- E conseguiu convencer o seu pai a proceder do mesmo modo?
- Pus-me a rir.
- Nem por iso. A minha mãe procurava que ele fosse à igreja todas as semanas e tomasse parte nos programas comunitários. Mas, como lhe disse, ele tinha um espírito mais livre do que isso.
- E você, no meio disso tudo?
- Olhei para ele.
- Nunca pensei nisso.
- Eles não queriam que você se aliasse com um deles? Não era precisamente por essa razão que eram inquisidores consigo? Para se assegurarem de que você não aderiria aos valores do outro? Não queriam os dois que você pensasse que a via deles era a melhor?
- Sim, tem razão.
- E como é que você reagiu?
- Eu procurei precisamente não tomar posição, acho eu.
- Os dois passaram a vida a medi-lo para ver se você estava à altura dos pontos de vista de cada um deles e você, incapaz de agradar aos dois, tornou-se distante.
- É mais ou menos isso - disse eu.
- E o que é que aconteceu à sua mãe? - perguntou.
- Apanhou a doença de Parkinson e morreu, depois de ter estado muito tempo doente.
- Ela manteve-se convicta da sua fé?
- Absolutamente - respondi-lhe. - Sempre.
- Sendo assim, que mensagem é que ela lhe deixou?
- O quê?
- Você anda à procura do significado que a sua

vida tem para si, a razão por que nasceu para a viver, o que veio aprender aqui. Todo o ser humano, quer tenha

consciência disso quer não, mostra ao longo da sua vida como pensa que um ser humano deve vivê-la. A sua obrigação agora é descobrir o que ela lhe ensinou e, ao mesmo tempo, o que na vida dela podia ter corrido melhor, o que ela poderia ter feito com mais perfeição. O que você teria mudado, relativamente à sua mãe, faz parte daquilo que você próprio anda a fazer agora.

- Porquê só parte?

- Porque falta a parte do seu pai, ou seja, aquilo que você teria aperfeiçoado na vida dele.

Eu continuava sem perceber. Ele colocou a sua mão no meu ombro, enquanto me dizia:

- Nós não somos unicamente uma criação física dos nossos pais; somos igualmente uma criação espiritual deles. Foi dessas duas pessoas que você nasceu e as vidas que viveram tiveram um efeito irrevogável sobre quem você se tornou. Para descobrir o seu verdadeiro eu, tem de aceitar que o real começa para si numa posição mediana, algures entre duas verdades. Essa é, de facto, a razão porque você nasceu entre eles: para adoptar uma perspectiva mais elevada, que englobe aquilo por que ambos se bateram. Ou, se preferir, o seu caminho consiste em descobrir uma verdade que seja uma síntese espiritual mais ampla daquilo em que essas duas pessoas acreditaram.

Compreendi o que ele me estava a dizer e assenti com a cabeça.

- Se assim é, como é que você expressaria o que os seus pais lhe ensinaram?

- Não sei bem - respondi-lhe.

- O que acha?

- O meu pai pensava que a vida consistia em levar o mais longe possível o facto de estar vivo, o prazer de ser quem ele era, e foi isso que tentou alcançar. A minha mãe

acreditava mais no sacrifício e em dispendir o seu tempo no serviço aos outros, negando-se a si própria. Ela sentia que era isso que as Escrituras mandavam.

- E você, o que pensa a esse respeito?

- Não sei.

- Qual é o ponto de vista que você escolheria para si, o da sua mãe ou o do seu pai?

- Nem um, nem outro. Quero dizer, a vida não é assim tão simples.

Ele pôs-se a rir.

- Lá está você a esconder-se...

- Acho que não sei.

- Mas se tivesse que escolher um dos dois?

Hesitei, procurando pensar com honestidade, e foi aí que a resposta me veio:

- Os dois tinham razão... e nenhum a tinha.

Os olhos dele brilharam intensamente:

- Como assim?

- Não sei exactamente, mas, a meu entender, uma maneira correcta de viver a vida deve incluir os dois pontos de vista.

- O problema, no seu caso - disse o padre Carl -,

está no como. Como fazer de uma vida uma vida que seja dos dois? Da sua mãe recebeu a certeza de que a vida é, antes de mais, uma realidade espiritual. Com o seu pai, você aprendeu que a vida é, antes de mais, uma expansão alegre e aventureira de si próprio.

- Então, a minha vida - interrompi-o - é, de certo modo, a combinação desses dois pontos de vista?

- Isso mesmo. Mas, no seu caso, é na dimensão espiritual que está o problema. Toda a sua vida se passará na busca de uma via que seja auto-estimulante. Esse é o problema que os seus pais não foram capazes de deslindar e que lhe deixaram. Esse é o seu problema evolucionário, o tesouro que terá de encontrar nesta existência.

208 209

O que acabava de ouvir lançou-me em profunda meditação. O padre Carl disse ainda outras coisas, mas eu deixara de prestar atenção a elas. A força decrescente do lume exercia sobre mim um efeito relaxante. Dei-me então conta de como estava cansado.

O padre Carl pôs-se de pé e disse:

- Acho que você está sem energia esta noite. Mas permita-me que o deixe com um pensamento. Você pode ir deitar-se e nunca mais voltar a pensar sobre o que discutimos. Você pode voltar para o seu drama, ou pode acordar amanhã e aderir a esta nova maneira de se ver a si próprio. Se seguir esta última hipótese, está-lhe aberto o acesso a uma nova fase, que consiste em examinar de perto tudo o que lhe aconteceu, desde o seu nascimento. Se você olhar para a sua vida como que para uma história, que começou com o seu nascimento e se desenrolou até este momento, você vai reparar como foi sempre disto que você andou à procura: como resolver o problema que os seus pais lhe deixaram. Compreenderá então como era aqui, no Perú, que a sua vida viria desaguar e o que tem à sua frente para fazer.

Concordei com ele e olhei-o com intensidade. O seu olhar era caloroso e sincero, com aquela expressão que eu vira tantas vezes estampada no rosto de Wil e de Sanchez.

- Boa noite - desejou-me o padre Carl. Depois, foi para o seu quarto e fechou a porta. Desenrolei o meu saco-cama e caí rapidamente no sono.

Acordei com Wil no pensamento. Continuei, deitado no saco-cama, a pensar e disse a mim próprio que iria perguntar ao padre Carl se tinha mais informações sobre os planos de Wil. Entretanto, o padre Carl entrou na sala discretamente e começou a reactivar o lume na lareira. Só deu por mim quando corri o fecho do saco.

- Bom dia - disse ele, alertado pelo ruído e voltando-se para mim. - Dormiu bem?

- Muito bem - respondi-lhe, pondo-me de pé.

Ele colocou novos gravetos sobre o carvão e, por cima, achas secas, boas para o lume.

- Wil disse-lhe alguma coisa sobre o que pensava fazer? - perguntei.

O padre Carl ficou de pé à minha frente:

- Sim. Que ia para casa de um amigo esperar por informações. Suponho que sobre o Nono Olhar Profundo.

- Disse-lhe mais alguma coisa? - perguntei.

- Sim. Que pensava que o próprio padre Sebastian se pusera à procura do último olhar profundo. Em sua opinião, o cardeal não estaria longe de o conseguir. Wil pensa que quem o encontrar decidirá, na prática, o destino de todo o Manuscrito.

- Porquê?

- Só sei dizer-lhe o que ele me disse. Quem o achar determinará se o Manuscrito será - ou não - dado a conhecer. Agora, não sei dizer-lhe porquê ao certo. Wil foi das primeiras pessoas a ler e a meditar sobre os olhares profundos. Compreende-os melhor do que ninguém. Ele tem a intuição, penso eu, de que só à luz deste último olhar todos os outros se tornam plenamente compreensíveis.

- Acha que é mesmo assim? - perguntei-lhe.

- É coisa que ignoro - respondeu. - Wil sabe mais do que eu. Tudo o que sei e compreendo é a missão que devo levar a cabo.

- Ou seja...

Calou-se um bocado e depois respondeu-me:

- Como já tive oportunidade de lhe dizer, a minha verdade está em ajudar os outros a descobrir quem são na realidade. Quando li o Manuscrito, essa missão tornou-se-me evidente.

210 211

O Sexto Olhar Profundo é o meu olhar, aquele que me diz particularmente respeito. A minha verdade é ajudar os outros a compreendê-lo. E sei que posso fazê-lo, porque eu próprio passei por todo esse processo.

- Qual era o seu drama de controlo? - perguntei.

Ele olhou para mim, com uma ironia infantil a bailar-lhe nos olhos:

- Eu era um inquisidor.

- Controlava as pessoas procurando o que havia de errado na vida delas, é isso?

- Isso mesmo. O meu pai era uma vítima e a minha mãe uma distante. Ignoravam-me totalmente. A única maneira que eu tinha de atrair as atenções deles sobre mim e desviar em meu benefício a energia dessa atenção era examinar com minúcia o que faziam e pôr a nu o que não estava certo na maneira de proceder deles.

- E quando é que ultrapassou esse drama?

- Aí há um ano e meio, quando encontrei o padre Sanchez e comecei a estudar o Manuscrito. Depois de ter olhado francamente para os meus pais, tornou-se-me claro que a experiência que tinha tido com eles me preparara para o que era a minha missão. Veja, o meu pai vivia voltado para a realização de objectivos. Alcançar metas era o que mais lhe interessava. Programava o seu

tempo ao minuto e avaliava-se a si próprio pelos resultados que obtinha. A minha mãe, pelo seu lado, era muito intuitiva e mística. Era sua convicção que cada um de nós recebia uma orientação espiritual. Viver e seguir essa orientação eram para ela sinónimos.

- E o que pensava seu pai sobre isso?

- Na opinião dele, era pura loucura.

Sorri, sem fazer comentários.

- Consegue ver aonde é que isto me levou?. . . -
perguntou o padre Carl.

Abanei com a cabeça. Não estava a ver.

- Por causa do meu pai - explicou-me ele -,
tornei-me sensível à ideia de que a vida é uma realização

212

de objectivos: ter algo de importante a fazer e procurar fazê-lo. Mas, ao mesmo tempo, a minha mãe estava ali para me dizer que a vida tem a sua própria orientação, uma espécie de orientação intuitiva. Dei-me então conta de que a minha vida era uma síntese dos dois pontos de vista. O meu problema estava em descobrir como é que podíamos ser orientados para uma missão que só nós podíamos cumprir sabendo que era sumamente importante fazê-lo para nos sentirmos felizes e realizados.

Mostrei, em
silêncio, estar de acordo.

- E você pode compreender agora - continuou ele

- por que motivo o Sexto Olhar Profundo espevitava tanto o meu interesse. Logo que o li, soube que o meu trabalho seria ajudar as pessoas a verem claro, no sentido de desenvolverem esta noção de cumprimento de objectivos, de realização de metas.

- Sabe como foi que Wil enveredou por este caminho?

- Sim. Pelo que pude perceber do que ele me disse, o seu drama era o do distante, como você. Também, no caso dele, os pais eram inquisidores e cada um deles seguia uma forte filosofia de vida; cada um procurou, pois, que Wil adoptasse a sua. O pai de Wil era um romancista alemão. Defendia que o destino último da espécie humana era aperfeiçoar-se a si própria. Ao que parece, foi um homem que nunca defendeu outra coisa que não fossem os princípios humanitários mais puros, mas os nazis utilizaram a sua ideia básica de perfeição para legitimarem a liquidação assassina de raças inferiores.

Presenciar a corrupção do seu lema destruiu-o e levou-o a emigrar para a América do Sul com a mulher e com o filho. A mãe de Wil era uma peruana que crescera e fora educada na América. Também era uma escritora, mas basicamente oriental nas suas posições filosóficas. Afirmava que a vida consistia em encontrar uma espécie de iluminação interior, uma consciência mais elevada

213

caracterizada pela paz do espírito e pelo desprendimento relativamente às coisas do mundo. Segundo ela, a vida

não consistia em procurar a perfeição, mas em libertar-se da necessidade da perfeição, da necessidade de fazer algo de completo, de ter de ir a alguma parte... Está a ver aonde é que isto levou Wil?

Abanei a cabeça.

- Foi levado a ocupar uma posição extremamente difícil - continuou o padre Carl. - O pai dele era um defensor acérrimo da ideia ocidental de que viver é perseguir conscientemente um ideal de progresso e de perfeição, enquanto que a mãe estava do lado da crença oriental que afirma que a vida consiste unicamente em procurar a paz interior, e nada mais. Sem o saberem, e sem ele próprio inicialmente se dar conta do facto, aquelas duas pessoas prepararam Wil para a missão de integrar as principais diferenças filosóficas existentes entre a cultura oriental e a ocidental. Começou por ser um engenheiro, convicto promotor do progresso, para se tornar posteriormente um simples guia em busca da paz, levando as pessoas a visitar belos locais, conduzindo-as a lugares remotos e pouco conhecidos do interior deste país.

Mas o ter encontrado o Manuscrito despertou nele todo este conjunto de coisas, já que os olhares profundos focalizam directamente o principal problema que Wil tinha para resolver. Mostram-lhe como o pensamento do Ocidente e do Oriente podem ser integrados numa verdade mais ampla. Porque, por um lado, o Ocidente tem razão em afirmar que a vida é sobretudo progresso, um evoluir constante para algo de mais elevado. Mas, por outro lado, o Oriente também tem razão quando realça que temos de deixar de controlar essa evolução com o nosso ego. Não podemos progredir utilizando exclusivamente a lógica. É igualmente necessário atingirmos uma mais ampla consciência, e estabelecermos uma ligação interior com Deus, porque só desse modo a nossa evolução para algo de melhor poderá ser guiada por uma parte superior de nós próprios.

Quando Wil começou a descobrir os olhares profundos, a sua vida tornou-se particularmente fluida, flexível. Foi nessa altura que encontrou o padre José, que foi a primeira pessoa a descobrir o Manuscrito e a traduzi-lo. A seguir, conheceu o proprietário de Viciente e deu um impulso inicial à investigação que aí se fez.

E quase na mesma altura, encontrou Júlia, uma mulher de negócios e, simultaneamente, uma guia especializada em florestas tropicais.

Foi com Júlia que Wil sentiu uma maior afinidade. Deram-se bem imediatamente, porque ambos tinham problemas muito afins. Júlia cresceu com um pai que falava de ideias espirituais, mas de uma maneira caprichosa e complicada. Por outro lado, a mãe era uma professora universitária de retórica, uma polemista, que exigia que se pensasse com clareza. Naturalmente, Júlia deu consigo própria a procurar informação sobre questões de espiritualidade, mas de uma maneira inteligível e exacta.

Wil andava à procura de uma síntese entre o Ocidente e o Oriente que explicasse a espiritualidade humana, e Júlia queria que essa explicação fosse perfeitamente clara.

Havia algo no Manuscrito que podia proporcionar isso mesmo a um e a outro.

- O pequeno-almoço está pronto - disse Sanchez, falando da cozinha.

Voltei-me, surpreendido. Eu nem sequer dera por Sanchez se ter levantado. Deixando por ali a nossa conversa, eu e o padre Carl fomos-nos juntar a Sanchez, para uma refeição de frutas e cereais. Quando acabámos, o padre Carl pediu-me que fosse com ele dar um passeio pelas ruínas. Concordei, tanto mais que desejava voltar lá mais uma vez. Olhámos os dois para o padre Sanchez e

214 215

este, por delicadeza, declinou o convite, dando como desculpa que precisava de ir ao vale fazer uns telefonemas.

No exterior, o céu estava de um cristal claro e o Sol mostrava-se brilhante por cima dos picos da montanha. Pusémo-nos a caminho particularmente bem dispostos.

- Acha que há uma maneira qualquer de entrar em contacto com Wil? - perguntei.

- Não - respondeu ele. - Ele não me disse quem eram os amigos de que me falou. A única possibilidade era ir de carro até Iquitos, uma cidade perto da fronteira norte, mas acho muito arriscado fazer isso agora.

- Porquê lá? - perguntei.

- Ele disse-me que pensava que a sua busca o ia conduzir até lá. Há muitas ruínas próximas dessa

cidade. O cardeal Sebastian tem uma missão lá perto.

- Acha que Wil vai encontrar o último olhar profundo?

- Não sei.

Durante vários minutos, caminhámos em silêncio.

A dada altura, o padre Carl perguntou-me:

- Já tomou alguma decisão sobre o rumo que vai dar à sua vida?

- Que quer saber ao certo?

- O padre Sanchez contou-me que você, inicialmente, quando chegou à missão, só falava em regressar aos Estados Unidos, mas que ultimamente, ao que parece, voltou a estar interessado em aprofundar os olhares profundos. Por isso lhe perguntei como se sente agora e o que pensa fazer.

- Sinto-me numa situação muito precária - disse-lhe eu. - Mas, por um motivo qualquer, conto igualmente continuar.

- Eu compreendo, um homem foi morto mesmo a seu lado.

- É verdade.

- E, mesmo assim, você quer continuar?

- Não, não é bem assim - respondi-lhe. - Quero dar o fora, não quero arriscar a vida... mas, apesar disso, estou aqui.

- E que significa tudo isso? - perguntou ele.

Tentei perceber a expressão dele.

- Não sei. Você sabe? - acabei por inquirir.

- Recorda-se onde ficou a nossa conversa de ontem

à noite?

Se me lembrava? .

- Tínhamos descoberto o problema que herdei dos meus pais: encontrar uma espiritualidade que seja uma expansão de nós mesmos, que nos dê o sentido da aventura e nos traga plenitude. E você disse que se eu olhasse em pormenor para a evolução de toda a minha vida, acabaria por colocá-la na sua verdadeira perspectiva e compreenderia claramente o que me está a acontecer aqui.

Ele sorriu de uma maneira misteriosa.

- Sim, segundo o Manuscrito, assim é.

- Como é que isso se faz? - perguntei.

- É uma questão de analisar as épocas de mudança.

Cada um de nós teve na sua vida pontos de viragem significativos. Há que reinterpretá-los à luz do nosso problema evolucionário específico.

Abanei a cabeça, sem compreender aonde é que ele queria chegar.

- Tente perceber a sequência dos seus centros de interesse, dos amigos importantes que teve, das coincidências que lhe aconteceram ao longo da sua vida. Tente perceber a direcção que lhe foi sendo indicada por esses interesses, por esses amigos, por essas coincidências. Está a compreender?

Pensei na minha vida, desde a minha infância, mas, à primeira vista, não encontrei nenhum dispositivo constante, nenhum fio condutor.

- Como é que você passava o tempo quando era miúdo? - perguntou ele.

216 217

- Não sei bem. Fui uma criança banal, acho eu. Lia muito.

- O que é que você lia?

- Na sua grande maioria, eram histórias de fantasmas, de mistério, ficção científica, esse género de coisas.

-

Depois disso, como é que evoluiu a sua vida?

Recordei-me da influência que o meu avô teve em mim, e falei ao padre Carl sobre o lago e a montanha.

Ele fez sinal com a cabeça de que estava a compreender. - Continuou a crescer, e que aconteceu a seguir?

- Fui para a universidade. O meu avô morreu quando eu estava na faculdade. Não assisti à sua morte.

- Que estudou na universidade?

- Sociologia.

- Porquê?

- Encontrei um professor de quem gostei. O conhecimento que ele tinha da natureza humana interessou-me. Resolvi, nessa altura, estudar com ele.

- E que aconteceu depois?

- Formei-me e fui trabalhar.

- Gostava do que foi fazer?

- Sim. Durante muito tempo.

- Ou seja, a certa altura, fartou-se. É isso?

- Comecei a sentir que o que fazia não me chegava. Trabalhava com adolescentes emocionalmente perturbados. Até dada altura, julguei que sabia como é que podiam ultrapassar os seus traumas passados, parar de agir com violência, inverter a vida autodestrutiva que levavam. Achava que podia ajudá-los a orientarem as suas próprias vidas, até que me dei conta, ao ver os resultados que obtinha, que havia algo que faltava à minha abordagem.

- E então o que fez?

- Desisti.

- E?

- Foi então que uma velha amiga me telefonou e me falou do Manuscrito.

- Foi quando você decidiu vir para o Perú.

- Sim.

- Que pensa da sua experiência aqui?

- Penso que estou doido varrido - disse eu. - Acho que vou acabar assassinado.

- Mas o que pensa da maneira como a sua experiência se desenrolou?

- Não estou a entender...

- Quando o padre Sanchez me contou o que lhe tinha acontecido desde que você chegou ao Perú - disse ele -, fiquei espantado com a série de coincidências que o puseram em contacto com os diferentes olhares profundos do Manuscrito, precisamente nos momentos em que estava a precisar deles.

- E, em sua opinião, qual é o significado desse facto? - perguntei-lhe.

Ele parou de andar e voltou-se para mim:

- Essa série de factos mostra que você estava preparado. Você é como todos nós aqui. Chegara a um ponto da sua vida em que precisava absolutamente do Manuscrito para que ela continuasse a evoluir. Basta que pense como os acontecimentos da sua vida se encaixam uns nos outros. Desde o princípio, você interessou-se por temas misteriosos, e esse interesse conduziu-o ao estudo da natureza humana. Porque é que acha que encontrou esse professor e não outro? A função dele foi cristalizar os seus interesses e levá-lo a olhar para o maior dos mistérios: a situação da espécie humana neste planeta, a questão de saber em que consiste viver. Até a um certo ponto, você suspeitava de que o significado da vida estava relacionado com o problema de transcendermos ou não os nossos próprios condicionalismos passados, para podermos realizar plenamente as nossas próprias

218 219

vidas. Foi por isso que você andou a trabalhar com essas crianças.

Mas, como você próprio compreende agora, os olhares profundos eram absolutamente necessários para que visse o que faltava no seu relacionamento com elas. Se queria que essas crianças emocionalmente perturbadas evoluíssem, elas tinham de fazer o que todos nós temos

igualmente de fazer, ou seja, manterem-se ligadas a uma fonte de energia suficiente que lhes permitisse ver, através dos seus intensos dramas de controlo, a que você chamou passagens violentas ao acto, como provocar uma viragem nas suas vidas, de modo a que estas se tornem um processo espiritual. É esse processo que você tem tentado compreender durante toda a sua vida.

Tente ver a perspectiva mais ampla que se desenha em todos esses acontecimentos. Tudo aquilo por que se interessou e em que se ocupou foram meras etapas de um processo de crescimento que o foi preparando para estar, aqui e agora, a explorar os olhares profundos. O que é que, na realidade, você tem feito, toda a sua vida? Você tem andado à procura de uma auto-ampliação da sua espiritualidade, porque essa é, de facto, a sua busca evolucionária concreta. A sua. E a energia que você foi buscar à paisagem onde cresceu, a energia que o seu avô procurou mostrar-lhe, deu-lhe finalmente coragem para vir para o Perú. Você está aqui porque é aqui que deve estar. Porque só aqui pode dar continuidade à sua própria evolução. Toda a sua vida é uma longa estrada que o conduziu directamente a este lugar e a este momento. - Ele sorriu e continuou: - Quando fizer sua esta maneira de ver a sua própria vida, você terá alcançado um dado nível de consciência. Nos termos do Manuscrito, essa consciência é a consciência clara do caminho espiritual próprio. Segundo ele, todos temos de passar o tempo que necessário for para que o passado fique esclarecido. A maior parte de nós tem um drama

220

de controlo a superar mas, uma vez feito isso, podemos compreender o significado mais amplo de termos nascido daqueles pais e não de outros, e de que modo as voltas e reviravoltas das nossas vidas nos foram preparando para o que realmente temos de fazer. Porque, tudo somado, temos todos um objectivo espiritual, uma missão, que, sem termos consciência disso, vimos prosseguindo; quando esse propósito se tornar claro e consciente, as nossas vidas ampliar-se-ão espantosamente.

No seu caso, você já descobriu qual é o objectivo da sua vida... Agora, é só ir em frente, deixando que as coincidências o guiem, de modo a ter, a partir de agora e cada vez mais, uma percepção clara da sua missão, do que tem ainda a fazer aqui. Desde que está no Perú, você tem vivido da energia de Wil e do padre Sanchez.

Mas chegou a hora de aprender a evoluir por si próprio... conscientemente.

Ele ia dizer-me mais qualquer coisa, mas fomos ambos distraídos pelo camião de Sanchez, que vinha em grande velocidade na nossa direcção.

- O que é que se passa? - perguntou o padre Carl.

- Tenho de voltar já para a missão. É só o tempo de arrumar as minhas coisas - disse Sanchez. - Está lá a tropa do Governo... e o cardeal Sebastian.

Saltámos os dois para o camião. Sanchez ia a conduzir e,

pelo caminho, até à casa do padre Carl, contou-nos que a tropa estava na missão com ordens para confiscar

todas as cópias do Manuscrito e, provavelmente, encerrá-la.

Mal chegámos e entrámos em casa, o padre Sanchez pôs-se de imediato a fazer as malas. Que iria eu fazer? Era a pergunta que eu me punha. Entretanto, o padre Carl abeirou-se de Sanchez e disse-lhe:

- Acho que,devo ir consigo.

- Acha que é a decisão certa? - perguntou-lhe Sanchez, voltando-se para o outro.

221

- Sim, creio que é.

- Com que objectivo?

- Não sei bem ainda.

Sanchez encarou-o um momento, e depois voltou a ocupar-se das suas bagagens, limitando-se a dizer:

- Se você pensa que é melhor assim...

Continuando encostado à ombreira da porta, não pude deixar de perguntar:

- E eu? Que devo fazer?

Os dois homens olharam para mim.

- Você é que decide - disse o padre Carl.

Fiquei a olhar para eles.

- Vai ter de tomar uma decisão - confirmou Sanchez.

Eu não queria acreditar que estivessem a ser tão indiferentes em relação à minha decisão. Ir com eles significava, quase de certeza, ser preso pelas tropas peruanas. Mas como é que eu podia ficar ali, sozinho?

- Esperem aí - disse eu -, eu não sei o que fazer. Vocês têm de me ajudar. Conhecem alguém que me possa esconder?

Eles entreolharam-se.

- Não conhecemos ninguém - disse o padre Carl.

Olhei para os dois, sentindo no estômago o velho nó de ansiedade. O padre Carl sorriu para mim e disse-me:

- Fique calmo. Lembre-se de quem é.

Sanchez foi até à mochila e tirou de lá um folheto:

- Esta é uma cópia do Sexto Olhar Profundo. Talvez possa ajudá-lo a tomar uma decisão.

Peguei na cópia, enquanto Sanchez olhava para o padre Carl e lhe dizia:

- De quanto tempo vai precisar, até partirmos?

- Preciso ainda de contactar umas pessoas - respondeu-lhe o padre Carl. - Cerca de uma hora, talvez.

Sanchez dirigiu-se-me, dizendo:

- Leia entretanto e pense; depois conversamos.

222

Os dois homens voltaram aos seus afazeres. Eu saí e fui sentar-me numa grande rocha. Só então abri o Manuscrito. Encontrei nele o eco exacto das palavras do padre Sanchez e do padre Carl. Projectar luz sobre o

passado era um processo, com etapas definidas, uma maneira de tomar consciência do nosso estilo individual e específico de controlo da energia. A soma dos hábitos que adquiríamos na infância, para chamarmos a atenção dos outros sobre nós. Uma vez transcendido esse estilo, dizia ele, podíamos encontrar o nosso eu mais amplo, a nossa identidade evolucionária.

Em menos de trinta minutos, li o texto todo e, quando acabei de o ler, soube que tinha compreendido, finalmente, o essencial do olhar profundo em apreço: importava despertarmos para nós mesmos, sabermos quem de facto éramos antes de acedermos plenamente a esse estado especial da mente que tanta gente começava a vislumbrar, ou seja, a experiência de caminharmos na vida guiados por misteriosas coincidências.

A dada altura, o padre Carl teve de contornar a casa. Viu-me e veio para o pé de mim.

- Já acabou? - perguntou-me. Vi nele a expressão calorosa e fraterna a que já estava habituado.

- Sim - respondi-lhe.

- Importa-se que me sente aqui um bocado consigo?

- Dar-me-ia muito prazer.

Sentou-se à minha direita e ficou calado. Algum tempo depois, perguntou-me:

- Já conseguiu compreender como a sua via de descoberta passa, neste momento, por aqui?

- Penso que sim. Mas a minha pergunta, neste momento, é outra: e agora?

- Agora, o que tem a fazer é acreditar realmente que é mesmo assim.

- Como? Quando me sinto com tanto medo?

223

- Fazendo um esforço para compreender o que está aqui em causa. A verdade que você persegue não lhe diz unicamente respeito a si. Ela é igualmente importante para a evolução do próprio universo. De outro modo, ele não vai poder continuar a evoluir.

Não está a ver? O padre Sanchez falou-me da visão que você teve no alto da montanha. Você viu como a matéria evoluiu, como desde a simples vibração do hidrogénio ela percorreu todo um caminho até chegar à espécie humana. Nesse instante, você interrogou-se sobre como é que os seres humanos iam dar continuidade a essa evolução. Não encontrou a resposta na altura. Não conseguiu ver como. Mas, neste momento, você sabe qual é a resposta: todos os seres humanos nascem em determinadas circunstâncias históricas e é justamente nessas circunstâncias que vão encontrar o motivo que os fará ir mais longe. É por esse motivo que se unem, sabendo-o ou não, a um outro ser humano, que também tem o seu motivo.

A criança que nascer dessa união vai ter de conciliar os dois motivos, ou seja, as posições de seus pais, para dar origem a uma síntese mais elevada, inspirada pelas coincidências. Que aprendeu você com o Quinto Olhar

Profundo? Que cada vez que nos enchemos de energia e ocorre uma coincidência que faz progredir a nossa vida, estabelece-se em nós um novo patamar energético que nos permite existir a um nível mais elevado de vibração. Os nossos filhos partem desse nível e tentam elevá-lo ainda mais. Esse é o modo como nós, enquanto seres humanos, damos continuidade à evolução.

A diferença entre nós, hoje, e as gerações precedentes, é que a nossa geração está preparada para dar uma continuidade consciente a este processo e, portanto, torná-lo mais rápido. Que importa que sinta medo? Chegado aqui, que outra opção é que você tem? Quando se sabe em que consiste a vida, já não se pode mais dizer

que não se sabe; é um conhecimento insusceptível de ser apagado. Se tentar dar uma outra orientação à sua vida, sentirá continuamente que há qualquer coisa que lhe está faltando.

- Mas que vou eu fazer agora?

- Isso não sei. Isso só você pode saber. Mas sugiro-lhe, para começar, que carregue as suas baterias.

O padre

Sanchez apareceu à esquina da casa e veio juntar-se a nós, evitando cuidadosamente fazer qualquer ruído ou cruzar os olhos connosco, como se não desejasse, de modo algum, interromper-nos. Tentei concentrar-me e focalizar o pico montanhoso que envolvia a casa. Inspirei fundo e dei-me conta de que, desde que viera cá para fora, estivera totalmente absorvido por mim próprio, como se tivesse palas nos olhos e só visse um túnel à minha frente. Desligara-me, por minha iniciativa, da beleza e da majestade das montanhas.

Ao olhar o que me circundava, tentei conscientemente apreciar o que me era dado ver, e comecei a sentir o que então identificava como a experiência da proximidade. De repente, tudo me pareceu ter mais presença e um ligeiro brilho. Comecei a sentir-me mais leve, com um corpo mais pairante.

Olhei primeiro para o padre Sanchez e, em seguida, para o padre Carl. Eles olhavam-me com intensidade; dir-se-ia que estavam a ver o meu campo de energia.

- Que tal estou? - perguntei-lhes.

- Melhor - disse Sanchez. - Não saia de onde está e aumente a sua energia o mais que puder. Nós ainda vamos precisar de mais uns vinte minutos para arrumarmos tudo. - Sorriu de um modo estranho e disse-me: - Depois disto, estará pronto para outra.

Os dois padres voltaram para dentro de casa e eu

fiquei alguns minutos a contemplar a beleza das montanhas, esperando captar mais energia. Aconteceu que, entretanto, perdi a focalização e me abandonei imperceptivelmente a um devaneio, onde entrava Wil. Onde é que ele estaria naquele momento? Estaria quase a encontrar o Nono Olhar Profundo?

Imaginei-o a correr através da selva, com o Nono na mão e tropa por todo o lado, atrás dele. Pensei em Sebastian a orquestrar a caça ao homem. Era claro, no meu sonho acordado, que Sebastian, apesar de toda a sua autoridade, não tinha razão, que algures se enganava sobre o impacto que os olhares profundos podiam ter sobre as pessoas. Senti que devia haver alguém capaz de o convencer a mudar de opinião, bastando para tanto que descobrisse qual a parte do Manuscrito que lhe metia particularmente medo.

Enquanto estava absorto nestes pensamentos, a imagem de Marjorie veio-me ao espírito. Onde estaria ela naquele momento? Imaginei que a voltava a ver

227

mais uma vez. Vi-me a encontrar-me com ela. Seria possível?

O bater da porta de casa atrás de mim trouxe-me de volta à realidade. Senti-me de novo fraco e enervado. Sanchez contornou a casa e veio até onde eu estava sentado. O seu andar era rápido, determinado.

Sentou-se a meu lado e perguntou-me:

- Já decidiu o que vai fazer?

Fiz não com a cabeça.

- Não parece estar muito forte... - disse ele.

- Não me sinto, de facto, muito forte.

- É possível que você não esteja a ser suficientemente sistemático na sua maneira de acumular energia.

- Como assim?

- Se não se importa, digo-lhe como é que eu, pessoalmente, carrego as minhas baterias. Talvez o meu método o ajude a criar o seu.

Fiz-lhe sinal com a cabeça para que continuasse.

- A primeira coisa que faço - começou ele a dizer

- é focalizar o ambiente à minha volta; imagino que você também faz o mesmo. Em seguida, tento recordar-me do aspecto que as coisas têm quando as olho pleno de energia: a presença que revelam ter, a beleza e a forma únicas de cada uma, sobretudo no caso das plantas, e como as cores parecem fulgir e se apresentam mais brilhantes. Está a acompanhar-me?

- Sim, eu também procuro fazer como você faz.

- Em seguida - continuou ele -, procuro atingir a experiência da sensação de proximidade, sentir, seja qual for a distância a que a coisa se encontre, que a posso tocar, ligar-me a ela. Quando estou a sentir a sua proximidade, respiro, inspirando-a.

- Inspira-a?

- O padre John não lhe falou disto?

- Não, não falou.

Sanchez perturbou-se um pouco.

- É possível que ele tivesse a intenção de voltar a falar consigo e, nessa altura, abordasse a questão. Muitas vezes, ele é um pouco teatral. Vai-se embora, deixa a pessoa que está a ensinar sozinha a pensar no que ele disse e depois volta, na hora que julga mais oportuna, para completar a instrução. Suponho que ele pensava voltar a falar consigo, mas entretanto tivemos de partir à pressa.

- Gostaria que me falasse você sobre o assunto - disse eu.

- Lembra-se da sensação de flutuar, como a que teve no alto da montanha? - perguntou ele.

- Sim.

- Para voltar a ter essa sensação, eu tento respirar a energia com a qual acabo de me ligar.

Enquanto Sanchez me explicava, eu seguia o que ele dizia. Só de ouvir o método que expunha, comecei a aumentar a minha ligação. Tudo à minha volta tinha crescido em presença e em beleza. Cada rochedo me parecia ter um brilho esbranquiçado e o campo de energia de Sanchez mostrava-se amplo e azul. Eu via como ele respirava conscientemente fundo, retendo o ar durante aproximadamente cinco segundos, antes de voltar a expirá-lo. Comecei a seguir-lhe o exemplo.

- Quando visualizamos - dizia ele -, cada inspiração traz-nos energia e enche-nos como se fôssemos um balão; como neste momento, em que estamos a ficar mais energéticos e a sentir-nos muito mais leves e mais flutuantes.

Após algumas inspirações, comecei também a sentir-me como ele dizia.

- Depois de respirar a energia - prosseguiu Sanchez -, procuro ver se estou a sentir a emoção certa. Como lhe disse antes, é por essa emoção que afiro se estou realmente ligado.

- Está a referir-se ao amor?

- É isso mesmo. Como conversámos na missão, o

228 229

amor não é um conceito intelectual, nem um imperativo moral, não tem nada a ver com isso. É a emoção de fundo, a emoção básica, que se revela quando alguém está ligado à energia de que é feito o universo e que, como é óbvio, é a energia de Deus.

O padre Sanchez olhou para mim, com o olhar ligeiramente desfocado.

- Neste momento - disse ele, vendo o meu campo de

energia -, você está a conseguir. Esse é o nível de energia que você precisa de ter. Estou só a dar-lhe uma pequena ajuda, porque já está apto a mantê-lo por si próprio.

- O que quer dizer com estar a dar-me uma pequena ajuda?

O padre Sanchez abanou com a cabeça:

- Não se preocupe com isso agora. Vai saber o que é no Oitavo Olhar Profundo.

O padre Carl apareceu à esquina da casa, olhou para nós dois e pareceu ficar agradado com o que viu. Ao

abeirar-se de onde estávamos, olhou-me de relance:

- Já decidiu?

A pergunta irritou-me; tentei combater a consequente perca de energia.

- Não caia no seu drama de distante - disse o padre Carl. - Não pode mais protelar o momento de tomar uma decisão. Que pensou sobre o que tem a fazer a seguir?

- Não estive a pensar em nada - respondi-lhe. Esse é que é o problema.

- Tem a certeza? Quando nos ligamos à energia, as ideias modificam-se.

Lancei-lhe um olhar interrogativo.

- As palavras com que você está acostumado, na sua cabeça, a controlar logicamente os acontecimentos - explicou ele -, esfumam-se quando você sai do seu drama de controlo. Quando se enche de energia interior, uma outra espécie de pensamentos vem à tona. Esses pensamentos

230

são-lhe enviados pela parte mais elevada de si próprio. São as suas intuições. Parecem diferentes. Surgem precisamente na parte recuada do seu espírito (por vezes, sob a forma de sonho acordado ou de mini-visão) e manifestam-se-lhe directamente, vindas para o guiar.

Eu continuava sem compreender o que ele queria dizer.

- Diga-nos lá em que estava a pensar quando o deixámos há pouco sozinho - pediu-me.

- Não sei se sou capaz de me lembrar de tudo - respondi-lhe.

- Tente.

Tentei concentrar-me.

- Creio que estava a pensar em Wil, se porventura estaria perto de encontrar o Nono Olhar Profundo, e também na cruzada de Sebastian contra o Manuscrito.

- E em que mais?

- Interroguei-me sobre Marjorie, sobre o que lhe teria acontecido. Mas não estou a ver em que é que isto me vai ajudar a saber o que fazer.

- Eu explico-lhe em quê, se não se importa - disse-me o padre Sanchez. - A partir do momento em que você armazenou energia suficiente, ficou em condições de dar conscientemente continuidade à evolução, de a fazer fluir, de produzir as coincidências que o vão orientar para o passo que deve dar a seguir. Será sempre de uma maneira específica, que é só sua, que o seu caminho dará continuidade à evolução. Para começar, como lhe disse, você armazena energia suficiente e, em seguida, recorda-se da pergunta-base da sua vida, ou seja, a que os seus pais lhe deixaram, porque é essa pergunta que lhe fornece o contexto geral da sua evolução. O passo seguinte é concentrar-se no seu caminho para descobrir o que fazer de imediato, um desses pequenos problemas com que você correntemente se defronta na vida. Esses pequenos problemas inscrevem-se sempre

231

no seu problema contextual e definem onde você se encontra actualmente na busca de toda a sua vida.

Como tomou consciência dos problemas imediatos, vai ver como recebe inevitavelmente uma espécie de direcção intuitiva para o que tem a resolver ou para onde tem de ir. Você capta um sinal relativo ao passo seguinte. E isto acontece sempre, excepto se tiver em mente perguntas erradas. Como está a ver, na vida o problema é receber respostas, é receber sinais, indicações. A única coisa que temos a fazer é identificar os nossos problemas imediatos. Uma vez definidas as perguntas certas, as respostas vêm sempre ter connosco.

Quando você capta uma intuição sobre o que se vai seguir - continuou ele -, o que tem a fazer é ficar alerta, permanecer o mais atento que puder. Mais tarde ou mais cedo, as coincidências vão manifestar-se para o levar à direcção indicada pela intuição. Está a acompanhar?

- Penso que sim.

- Então - continuou ele -, não lhe parece que, nesta perspectiva, esses pensamentos que teve sobre Wil, Sebastian e Marjorie têm a sua importância? Pergunte-se, do ponto de vista da história da sua vida, porque é que eles surgiram agora. Você sabe que saiu da sua família para ver se havia maneira de fazer da vida espiritual uma aventura de auto-ampliação, não é verdade?

- Sim.

- Então? Quando era miúdo, interessou-se por temas misteriosos, estudou Sociologia e trabalhou com pessoas, embora ignorasse os motivos por que o fazia, não é verdade? Em seguida, quando começava a abrir-se, ouviu falar do Manuscrito e veio para o Perú, e foi encontrando, um a um, os olhares profundos, e cada um deles fê-lo descobrir aspectos da espiritualidade de que você andava à procura, não é assim? Agora que isto se tornou claro para si, se você formular essas perguntas práticas e imediatas de que lhe falámos e ficar à espera

232

das respostas que lhe serão dadas, terá um acesso espantosamente consciente a essa evolução, não será assim?

Fiquei a olhar para ele.

- Quais são os seus problemas imediatos? - perguntou ele.

- Acho que quero ter acesso aos outros olhares profundos - respondi-lhe. - Mas, mais concretamente, quero saber se Wil vai encontrar o Nono Olhar Profundo. Quero saber o que aconteceu a Marjorie. E quero informar-me sobre Sebastian. - E quais são as suas intuições a esse respeito?

- Não sei. Eu estava a pensar em voltar a ver Marjorie; estava a ver Wil a correr com as tropas atrás dele. Que quer isto tudo dizer?

- Onde é que Wil estava a correr?

- Através da selva.

- É possível que isso seja uma indicação relativa ao seu destino imediato. Iquitos fica na selva. E o que é que se passava com Marjorie?

- Eu voltava-me a encontrar com ela.

- E com Sebastian?

- Imaginei que ele era contra o Manuscrito por ignorância; vi que podia mudar de ponto de vista se alguém conseguisse saber o que ele pensa sobre a questão, e, sobretudo, o que ele teme exactamente no Manuscrito.

Os dois homens olharam um para o outro espantosamente admirados.

- O que é que isto tudo quer dizer? - perguntei-lhes.

O padre Carl reenviou-me a pergunta:

- Qual é a sua opinião?

Pela primeira vez desde o alto da montanha, começava a sentir-me de novo cheio de energia e de confiança. Olhei para eles e disse:

- Acho que tudo aponta na mesma direcção. Que

233

devo ir para a selva e tentar descobrir quais os aspectos do Manuscrito que a Igreja não aprecia.

- É precisamente isso - disse-me o padre Carl a sorrir. - Pode pegar no meu camião.

Fiz que sim com a cabeça e demos a volta à casa, para irmos buscar os veículos que estavam estacionados do outro lado. As minhas coisas já estavam arrumadas no camião do padre Carl, assim como algumas provisões e água. O veículo do padre Sanchez também já estava pronto.

- Gostaria de lhe dizer o seguinte - era Sanchez quem falava: - Não se esqueça de parar sempre que necessário para se ligar à energia. Permaneça pleno, guarde a postura interior de amor. Lembre-se de que, enquanto mantiver essa postura, não há nada, nem ninguém que lhe consiga tirar mais energia do que aquela que você é capaz de repor. Isto é, a energia fluirá de si e criará uma corrente que lhe trará de volta a mesma quantidade de energia. Não saia nunca dessa corrente. Permaneça consciente deste processo para que ele funcione. Isto é particularmente importante quando você estiver em relação com outras pessoas.

Ele fez uma pausa. Ao mesmo tempo, como se quisesse dar-me uma deixa, o padre Carl abeirou-se de mim e disse:

- Você teve acesso a todos, excepto a dois olhares profundos, o sétimo e o oitavo. O sétimo trata da maneira como se deve comportar conscientemente, como deve estar alerta, atento a todas as coincidências, a todas as respostas que o universo tem para lhe dar. - Estendeu-me um pequeno folheto: - Este é o sétimo. É muito curto e genérico, mas explica como certos objectos interferem connosco, como certos pensamentos vêm ter connosco para nos guiar. Relativamente ao oitavo, você vai encontrá-lo na altura certa. Ele explica como podemos ajudar os outros, e como eles nos trazem as respostas de

234

que andamos à procura. São duas faces de um mesmo processo, como verá. E, mais adiante, descreve uma nova ética integral. Os seres humanos vão descobrir uma nova maneira de se relacionarem entre si, de modo a tornarem mais fácil a evolução de cada um.

- Porque é que não me pode dar já o Oitavo Olhar Profundo? - perguntei-lhe.

O padre Carl sorriu e pôs-me a mão no ombro:

- Porque sentimos que não devemos fazê-lo. Nós também temos de seguir as nossas intuições. Logo que coloque a pergunta certa, você receberá o Oitavo Olhar Profundo.

Respondi-lhe que compreendia. Então os dois padres abraçaram-me e desejaram-me felicidades. O padre Carl insistiu em que voltaríamos a ver-nos muito em breve e que eu iria de facto encontrar as respostas de que viera à procura.

Entrámos nos nossos respectivos carros. De repente, Sanchez voltou-se e olhou-me:

- Tenho uma intuição que me sugere que lhe diga o seguinte. Você mais tarde compreenderá melhor tudo isto. Deixe-se conduzir pela sua percepção da beleza e da iridiscência. Os sítios e as pessoas que têm as respostas para si serão os que lhe parecerem mais luminosos e atraentes.

Fiz que sim com a cabeça e entrei no camião do padre Carl; enquanto descíamos a estrada rochosa, fui atrás deles, durante vários quilómetros, até chegarmos a um cruzamento. Sanchez acenou pela janela de trás, no momento em que ele e o padre Carl rumavam para leste. Segui-os com os olhos durante uns momentos e, em seguida, virei o velho calhambeque para norte, em direcção à bacia amazónica.

Um surto de impaciência subiu por mim acima. Depois de ter rolado a boa velocidade, durante umas

235

três horas, vi-me parado num cruzamento, incapaz de me decidir entre duas direcções.

Cortar à esquerda era uma possibilidade. A julgar pelo mapa, a estrada ia para norte, ao longo das montanhas, durante uns cento e cinquenta quilómetros, para depois virar de repente para leste, em direcção a Iquitos. Por outro lado, a outra estrada cortava à direita e atravessa a selva em diagonal, em direcção ao mesmo destino.

Respirei fundo e procurei relaxar-me; em seguida, dei uma olhadela rápida ao espelho retrovisor. Não havia ninguém à vista. Na realidade, há mais de uma hora que não via ninguém, nem tráfego, nem autóctones a andar pela estrada. Tentei afastar uma onda de ansiedade. Sabia que tinha de me relaxar e de permanecer ligado, se queria tomar a decisão certa.

Focalizei então o ambiente à minha volta. A estrada pela selva à minha direita continuava pelo meio de um

maciço de árvores enormes. Diversos afloramentos rochosos eram visíveis no solo, à sua volta. Muitos deles tinham arbustos tropicais enroscados aos troncos.

A outra estrada, à minha esquerda, a que atravessava as montanhas, parecia-me comparativamente mais nua.

Nessa direcção, só vi uma árvore. O resto da paisagem era composto por rochas e muito pouca vida vegetal.

Voltei a olhar para a direita e procurei induzir um estado de amor. As árvores e os arbustos eram de um verde claro. Olhei para a esquerda e tentei fazer o mesmo. Reparei logo num maciço de arbustos rasteiros floridos, à beira da estrada. As folhas dos arbustos eram claras e pintalgadas, mas as flores brancas, olhadas em conjunto, criavam à distância um desenho regular. Perguntei-me porque não dera por elas mais cedo. Porque naquele momento, pareciam até fulgir. Alarguei o ângulo da minha focalização, de modo a enquadrar o conjunto. As pequenas rochas e os pedacinhos de cascalho

castanhos sobressaíram e pareceram-me extraordinariamente coloridos naquele momento. Matizes de âmbar e de violeta e também de vermelho escuro atravessavam toda a cena abrangida pelo meu olhar.

Olhei de relance, mais uma vez, para as árvores e os arbustos. Apesar de belos, quando comparados com os da outra estrada, pareciam-me agora mais apagados e sem fulgor. Mas como é que uma coisa destas pode ser possível? pensei eu. Ao princípio, a estrada da direita tinha-me parecido mais atraente. Voltando a olhar de relance para a estrada da esquerda, a minha intuição tornou-se mais forte. A exuberância das formas e das cores causou-me profunda impressão.

Fiquei convencido. Pus o camião a funcionar e segui em frente, cortando à esquerda, confiante de que tomara a decisão certa. A estrada era acidentada, com buracos e pedras à mistura. À medida que seguia, aos solavancos, o meu corpo ia ficando mais leve. O meu peso concentrava-se nas nádegas, e as minhas costas e o meu pescoço mantinham-se direitos. Os meus braços seguravam o volante, sem se apoiarem nele.

Durante duas horas, guiei sem incidentes, mordiscando aqui e além a comida que o padre Carl preparara, sempre sem ver ninguém. A estrada serpenteava, ora subindo, ora descendo, uma encosta após outra. No cimo de uma encosta, deparei com dois carros velhos estacionados à minha direita. Não estavam mesmo à beira da estrada, mas um pouco para dentro, no meio de árvores baixas. Não vi nenhum ocupante e imaginei que estivessem abandonados. À minha frente, a estrada virava repentinamente para a esquerda e descia em círculos rumo a um amplo vale. Do pico em que me encontrava, a minha vista abarcava vários quilómetros à volta.

De repente, tive de parar. Mesmo no meio do vale, estavam três ou quatro veículos militares estacionados dos dois lados da estrada.

Um pequeno grupo de soldados estava parado junto dos veículos. Senti um arrepio. Eles bloqueavam a estrada. Voltei para trás e encostei o meu carro atrás de duas grandes rochas; só então saí do camião e voltei à crista para observar de novo a actividade que se desenrolava no vale. Um veículo afastava-se na direcção oposta.

De repente, ouvi um barulho atrás de mim.

Voltei-me imediatamente e deparei com Phil, o ecologista que tinha conhecido em Viciente. Também estava chocado.

- O que é que anda a fazer por aqui? - perguntou-me ele, correndo ao meu encontro.

- Tentando chegar a Iquitos - disse-lhe eu.

No rosto dele espelhou-se uma grande ansiedade.

- Nós também, mas o Governo perdeu o juízo por causa do tal Manuscrito. Estávamos a ponderar se devíamos correr o risco de furar aquele bloqueio. Somos quatro.

Apontou para a sua esquerda. Pude ver vários homens, por entre as árvores.

- Qual o motivo que o leva a Iquitos? - perguntou-me ele.

- Ando a ver se encontro Wil. Fomos separados em Cula. Mas ouvi dizer que era possível que tivesse ido para Iquitos, à procura do resto do Manuscrito.

Ele pareceu horrorizado.

- Ele não devia fazer isso. Os militares proibiram toda a gente de ter cópias. Não ouviu falar no que aconteceu em Viciente?

- Sim, umas coisas, mas que ouviu você?

- Eu não estava lá, mas soube que as autoridades invadiram a propriedade e prenderam quem tinha cópias. Todos os hóspedes foram detidos para interrogatório. Levaram Dale e outros cientistas. Ninguém sabe o que lhes aconteceu.

- Você sabe o que é que perturba tanto o Governo nesta questão do Manuscrito? - perguntei-lhe.

238

- Não, mas quando percebi que isto por aqui deixara de ser seguro, resolvi ir a Iquitos, pegar nos dados da minha investigação e zarpar do país.

Contei-lhe em pormenor o que tinha acontecido a Wil e a mim próprio depois de termos deixado Viciente, especialmente o tiro no alto da montanha.

- Bolas - disse ele. - E você ainda anda por aí a meter-se nisto?

A reacção dele abalou-me a confiança, mas ainda assim respondi-lhe:

- Repare, se não fizermos nada, o Governo vai acabar completamente com o Manuscrito. Vai impedir o mundo de ter acesso ao novo conhecimento que nos trazem os olhares profundos. Garanto-lhe que são uma coisa verdadeiramente importante.

- A ponto de arriscar a vida por eles? - perguntou-me. Um barulho de veículos chamou-nos a atenção. Os camiões estavam a atravessar o vale e vinham direitos a nós.

- Ó, merda! - exclamou ele. - Aí vêm eles.

Antes que pudéssemos esboçar qualquer movimento, ouvimos o barulho de veículos a aproximarem-se também pelo outro lado.

- Eles cercaram-nos! - gritou Phil. Parecia ter entrado em pânico.

Corri para o camião e esvaziei o cesto da comida para um pequeno saco. Peguei nas folhas do Manuscrito e coloquei-as igualmente no saco; depois pensei melhor e pu-las debaixo do assento.

O barulho dos veículos aumentava sempre mais, enquanto eu atravessava a estrada à minha direita para ir ter com Phil. Quando comecei a descer a encosta, deparei com ele e com os homens do seu grupo num magote confuso atrás de umas rochas. Escondi-me com eles. A minha esperança era que os camiões militares

239

não parassem e passassem à frente. O meu camião não estava à vista e tinha igualmente esperança em que eles pensassem, como eu, que os outros carros estavam para ali abandonados.

Os camiões que vinham de sul chegaram primeiro e, para nosso horror, pararam mesmo junto dos veículos.

- Não se mexam. Polícia! - gritou uma voz.

Sentimos um calafrio de todo o tamanho, ao vermos aparecer vários soldados nas nossas costas. Todos fortemente armados e com cara de poucos amigos. Revistaram-nos minuciosamente e pegaram em tudo; em seguida, forçaram-nos a ir para a estrada. Chegados aí, demos com dezenas deles a revistarem os veículos. Phil e os seus companheiros foram presos e metidos num dos veículos militares, que partiu imediatamente. Ao passar por mim, pude vê-lo de relance. Tinha um semblante pálido e angustiado.

Eu fui levado na direcção oposta.

Pedi para me sentar perto do alto da colina. Vários soldados ficaram comigo, todos com uma metralhadora automática nos braços. Por fim, um oficial abeirou-se de mim e atirou-me aos pés as pastas onde eu guardara as cópias dos olhares profundos. Deitou em seguida para cima delas as chaves do camião do padre Carl.

- Estas cópias são suas? - perguntou-me ele.

Limitei-me a olhar para ele, sem abrir a boca.

- Estas chaves foram encontradas consigo - disse ele. - Dentro do camião, encontrámos estas cópia. Volto a fazer-lhe a pergunta: são suas?

- Acho que não vou responder até ver um advogado - disse, a gaguejar. A minha afirmação provocou um sorriso sarcástico no rosto do oficial. Disse qualquer coisa aos soldados e foi-se embora. Os soldados indicaram-me um dos jipes. Sentei-me no banco da frente, ao lado do condutor, como me mandavam. Dois soldados sentaram-se no banco de trás, com as armas carregadas.

Atrás de nós, outros subiram para um segundo veículo. Após um pequeno compasso de espera, os dois veículos

partiram em direcção a norte e entraram no vale.

Pensamentos de ansiedade ocupavam-me totalmente o espírito. Para onde é que eles me levavam? Porque é que eu me tinha metido numa situação daquelas? Por mais preparação que os padres me tivessem dado, eu não aguentara sequer um dia. Lá atrás, no cruzamento, teria eu escolhido, indubitavelmente, o caminho certo? Esta estrada era a mais atraente; quanto a isso, eu tinha a certeza. Onde é que eu fizera asneira?

Respirei fundo e tentei relaxar, interrogando-me sobre o que se ia passar. Ia alegar ignorância, pensei, e apresentar-me como um turista um pouco perdido e bem intencionado. Acontecera tão-só que me metera com as pessoas erradas, diria eu. Deixem-me ir embora, pedir-lhes-ia.

As mãos repousavam-me no colo ligeiramente apertadas. Um dos soldados sentados atrás de mim ofereceu-me um cantil com água e eu aceitei, apesar de não conseguir engolir nada. O soldado era jovem e, quando lhe estendi o cantil, sorriu sem a mais pequena malícia no rosto. O rosto aterrorizado de Phil atravessou-me o espírito como um relâmpago. Que iriam fazer-lhe?

Ocorreu-me, entretanto, a ideia de que o encontro com Phil naquele morro tivesse sido uma coincidência. Mas que tinha ela a dizer-me? Sobre que teríamos conversado, se não tivéssemos sido interrompidos? Tal como as coisas se tinham passado, tudo o que fiz foi acentuar a importância do Manuscrito, e tudo o que ele fez foi alertar-me para os riscos que eu corria e aconselhar-me a pôr-me ao fresco, antes que fosse capturado. Infelizmente, o seu aviso chegara-me demasiado tarde.

Rolámos várias horas, sem trocarmos uma palavra. O terreno ia-se tornando progressivamente mais plano. O ar aquecera. A dada altura, o soldado jovem estendeu-me

240 241

uma lata aberta de ração C, algo parecido com carne picada, mas, mais uma vez, não consegui engolir nem uma garfada. Entretanto, pusera-se o Sol, e a claridade desvanecia-se rapidamente.

Eu continuava sem pensar, olhando a direito e aproveitando a luz dos faróis; em seguida, resvalei para um sono agitado durante o qual sonhei que estava a voar.

Fugia desesperadamente de um inimigo desconhecido, através de centenas de fogueiras imensas, convencido de que algures existia uma chave que podia abrir a porta do conhecimento e da salvação. No meio de um desses fogos gigantes, vi a chave. Deitei-me a ela, para a recuperar.

Acordei num sobressalto, a suar abundantemente. Os soldados olharam-me de esguelha, meio nervosos. Abanei a cabeça para voltar a mim e tornei a encostar-me à porta do camião. Durante muito tempo, fiquei a olhar pela janela para as formas escuras da paisagem, lutando contra o pânico que me invadia. Sentia-me só e sob vigilância, a entrar pela escuridão adentro, e não havia ninguém que se

preocupasse com os meus pesadelos.

Aí por volta da meia-noite, parámos junto de um edifício enorme e pouco iluminado, de pedra talhada e com dois andares de altura. Saímos do jipe, caminhámos por um arruamento, passámos pela frente da entrada e entrámos por uma porta lateral. Descemos por umas escadas para um hall apertado. No interior, as paredes também eram de pedra e o tecto era sustentado por uma estrutura de grandes vigas e coberto de tábuas de madeira virgem. Presas ao tecto, lâmpadas fracas iluminavam-nos o caminho. Atravessámos outra porta e entrámos finalmente numa zona de celas. Um soldado, que viera por um caminho diferente do nosso, abriu a porta de uma delas e fez-me sinal para que entrasse.

Lá dentro, havia três catres, uma mesa de madeira e um jarro de flores. Fiquei surpreendido por deparar com uma cela tão limpa. Quando entrei, um rapaz novo, de

nacionalidade peruana, com não mais de dezoito ou dezanove anos, postado atrás da porta, olhou para mim com mansidão. O soldado fechou a porta nas minhas costas e foi-se embora. Sentei-me num dos catres, enquanto o jovem peruano se aproximava e acendia um candeeiro a petróleo. Quando a luz lhe iluminou o rosto, reparei que de facto me encontrava na presença de um índio.

- Você fala inglês? - perguntei-Lhe.
- Sim, alguma coisa - respondeu ele.
- Onde é que estamos?
- Perto de Pullcupa.
- Isto aqui é uma prisão?
- Não. Só cá estão pessoas que vão ser interrogadas

sobre questões relacionadas com o Manuscrito.

- Há quanto tempo está você aqui? - perguntei.

Ele encarou-me com os seus olhos tímidos e castanhos e respondeu-me:

- Há dois meses.
- O que é que lhe fizeram?
- Tentam desacreditar o Manuscrito, para que eu deixe de acreditar. Pedem-me que indique outras pessoas que tenham cópias.
- Como?
- Falando comigo.
- É só conversa? Não há ameaças?
- É só conversa - voltou a dizer.
- Disseram-lhe quando o deixam ir-se embora?

- Não.

Parei de fazer perguntas. Entretanto, ele olhou para mim e perguntou-me:

- Foi apanhado com cópias do Manuscrito?
- Sim. E você?
- Também. Eu vivo aqui perto, num orfanato. O ensino do director baseava-se no Manuscrito. O meu também, a partir do momento em que ele me deixou ensinar as crianças. Ele conseguiu escapar, mas eu fui apanhado.

- Quantos olhares profundos é que conhece?perguntei.

- Todos os que foram encontrados - disse ele. - E você?

- Eu tinha visto todos, excepto o Sétimo e o Oitavo. Tinha comigo o Sétimo, mas não tive ocasião de o ler. Os soldados apareceram antes.

O jovem bocejou de sono e sugeriu:

- Vamos dormir?

- Sim - disse-lhe com um ar ausente. - Claro.

Deitei-me no meu catre e fechei os olhos, com o espírito em polvorosa. Que iria eu fazer? Como é que me deixara apanhar? Haveria maneira de fugir? Passaram-me pela cabeça várias estratégias, vários cenários, antes de, por fim, cair no sono.

Voltei a ter sonhos muito vívidos. Eu estava à procura da mesma chave, mas, desta vez, andava perdido numa densa floresta. Vagueei durante muito tempo sem norte, sempre com o desejo de encontrar uma orientação definida. Algum tempo depois, desabou um temporal e a paisagem ficou totalmente inundada. Durante o dilúvio, fui arrastado por uma ravina abaixo e atirado para um rio, que corria em sentido contrário. Senti que podia morrer afogado. Com todas as minhas forças, lutei contra a corrente, debatendo-me durante imenso tempo. Talvez vários dias. Acabei, finalmente, por conseguir sair da água, agarrando-me às rochas. Marinhei pelas rochas e simples penhascos que ocupavam as margens, procurando subir sempre mais alto até alcançar zonas cada vez mais perigosas. Embora me servisse de toda a minha força de vontade e de toda a minha perícia para ultrapassar os penhascos, a dada altura dei comigo perigosamente suspenso da superfície rochosa e impossibilitado de prosseguir. Olhei para o terreno situado mesmo por baixo de mim. Em estado de choque, reparei então que o rio onde estivera a flutuar saía da

floresta e ia dar placidamente a uma bonita praia e a um prado. No prado, envolta em flores, estava a chave. Então, deixei-me escorregar e caí, gritando, até bater no rio e me afundar.

Sentei-me bruscamente no meu catre, sentindo-me espantosamente oprimido. O jovem índio, aparentemente já acordado, abeirou-se de mim.

- Que foi? - perguntou-me.

Recuperei o fôlego e olhei à minha volta, procurando ver onde me encontrava. Só então reparei que na cela havia também uma janela e que lá fora já era dia.

- Foi um pesadelo - disse.

Ele sorriu-me, como se a minha resposta lhe agradasse: - Os pesadelos trazem as mensagens mais importantes - foi o seu comentário.

- Mensagens? - perguntei-lhe, levantando-me e vestindo a camisola.

Ele pareceu embaraçado por ter de explicar.

- O Sétimo Olhar Profundo fala dos sonhos - disse.
- Que diz ele a esse respeito?
- Explica como, eh...
- Como interpretar os sonhos, é isso?
- Sim.
- E o que diz a esse respeito?
- Diz para relacionar a história do sonho com a história da nossa vida.

Durante uns momentos, fiquei a pensar, sem perceber o alcance do conselho.

- Que quer ele dizer com isso de relacionar ou comparar as histórias?

O jovem índio mal conseguia olhar-me nos olhos.

- Quer interpretar o sonho que teve?

Fiz que sim com a cabeça e contei-lhe o que tinha vivido no sonho.

Ele ouviu com imensa atenção e depois disse:

- Compare partes da história com a sua vida.

244 245

Olhei para ele.

- Por onde começo?
- Pelo princípio. O que é que estava a fazer no princípio do sonho?
- Andava pela floresta à procura de uma chave.
- Como é que se sentia?
- Perdido.
- Compare essa situação com a sua situação real.
- Talvez haja de facto uma relação - disse-lhe eu.
- Eu ando, de facto, à procura de algumas respostas sobre o Manuscrito e, neste momento, sinto-me completamente baralhado.
- E que mais lhe está a acontecer na sua vida real?
- perguntou ele.
- Fui apanhado - respondi. - Apesar de tudo o que tentei, foi aqui que vim parar. Agora, tudo o que me resta é esperar e poder falar com alguém que me deixe regressar a casa.
- Está a lutar contra o facto de ter sido capturado?
- Evidentemente.
- E no sonho, que aconteceu a seguir?
- Bati-me contra a corrente.
- Porquê? - perguntou ele.

Eu começava a perceber aonde ele queria chegar.

- Porque na altura julguei que me ia afogar - respondi-lhe.
- E se não se tivesse batido contra a corrente?
- Ela ter-me-ia levado até à chave. O que é que está a insinuar? Que se eu não lutar contra a situação presente, talvez consiga ainda as respostas que procuro?

Ele voltou a olhar-me com aquele olhar de quem

está pouco à vontade.

- Eu não estou a dizer nada. O sonho é que está a dizer.

Fiquei a pensar durante uns momentos. Seria correcta aquela interpretação? O jovem índio continuava a olhar para mim e, a dada altura, perguntou-me:

- Se voltasse a viver o que viveu no sonho, há algum ponto em que agiria diferentemente?

- Não teria resistido ao movimento da água, mesmo tendo a impressão de que me ia afogar na corrente. Teria pensado melhor.

- Qual é a sua ameaça presente?

- Creio que os soldados. O facto de estar detido.

- Tudo somado, qual é a mensagem do sonho para si?

- Você acha que a mensagem do sonho é que devo encarar a presente captura como um facto positivo?

Ficou calado, limitando-se a sorrir.

Eu continuava sentado no meu catre, encostado à parede. A interpretação dele aguçara-me a curiosidade.

A ser correcta, queria dizer que, tudo somado, eu não fizera asneira no cruzamento, que a decisão que tomara fazia parte do que estava para me acontecer.

- Como se chama? - perguntei-lhe.

- Pablo - respondeu.

Sorri e apresentei-me; em poucas palavras, falei-lhe do porquê da minha estada no Perú e do que, entretanto, tinha acontecido. Pablo estava sentado no seu catre, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Era baixo, magríssimo e tinha cabelos pretos.

- Porque é que está aqui? - perguntou ele.

- Para descobrir o que há sobre o Manuscrito - respondi-lhe.

- Com que objectivo específico? - voltou a perguntar.

- Conhecer o Sétimo Olhar Profundo e voltar a ver alguns amigos, Wil e Marjorie... e acho que também descobrir por que razão a Igreja se opõe tanto ao Manuscrito.

- Há aqui muitos padres com quem poderá abordar o assunto - disse ele.

246

247

Durante uns instantes, pensei na informação que ele me estava a dar e, em seguida, perguntei:

- Que mais diz sobre os sonhos o Sétimo Olhar Profundo?

Pablo contou-me então que os sonhos nos dizem algo que se relaciona directamente com as nossas vidas - algo que estamos a perder e nos faz falta. Em seguida, disse mais qualquer coisa, mas eu, em vez de o ouvir, comecei a pensar em Marjorie. No meu espírito, passou claramente o seu rosto. Comecei a pensar onde ela poderia estar e vi-a imediatamente. Vinha a correr para mim com um enorme sorriso.

De repente, tomei consciência de que há muito que

Pablo se calara. Olhei para ele.

- Desculpe, mas o meu espírito andava a vaguear

- disse-lhe eu. - O que é que estava a dizer?

- Não se preocupe - retorquiu ele. - Estava a pensar em quê?

- Apenas numa amiga minha. Nada de especial.

Ele olhou-me como quem queria insistir na pergunta, mas ouvimos alguém a aproximar-se da porta da cela.

Calámo-nos e, através das barras, vimos um soldado a correr o ferrolho.

- Hora do pequeno-almoço - disse Pablo.

O soldado abriu a porta e fez-nos sinal com a cabeça para que passássemos ao hall. Pablo dirigiu-se para o corredor de pedra. Fomos dar a uma escada, subimos uns degraus, e entrámos num pequeno refeitório. Havia um grupo de uns quatro ou cinco soldados a conversar num dos cantos da sala, enquanto vários civis, dois homens e uma mulher, aguardavam na fila o momento de serem servidos. E de repente... Estaquei. Não podia ser! Não podia acreditar no que os meus olhos viam. A mulher, na fila à minha frente, era Marjorie. Ela também me viu, e cobriu com a mão a boca, os seus olhos abrindo-se com a imensa surpresa. Olhei de viés para o soldado que vinha atrás de mim. Estava a sorrir, despreocupado, enquanto se dirigia para junto dos outros que estavam no canto da sala e proferia algumas palavras em espanhol. Eu segui Pablo, que nos guiou pela sala até nos colocarmos no fim da fila.

Marjorie estava a ser servida. Os dois outros homens foram com as respectivas bandejas para uma mesa, continuando a conversar. Por diversas vezes, Marjorie olhou em volta e encontrou o meu olhar, contendo-se para não falar. Após a segunda troca de olhares, Pablo achou que nós já nos conhecíamos e olhou para mim de forma interrogativa. Marjorie levou a sua refeição para uma mesa e, depois de sermos servidos, fomo-nos sentar ao pé dela. Os soldados continuavam a falar entre si, parecendo alheados dos nossos movimentos.

- Meu Deus, como estou feliz por vê-lo - disse-me ela.

- Como veio aqui parar?

- Estive este tempo todo escondido com uns padres, numa missão - respondi-lhe. - Deixei-os, há pouco, para ir à procura de Wil e ontem fui capturado. há quanto tempo está aqui?

- Desde que eles me apanharam, na montanha - disse ela.

Reparei que Pablo nos olhava com muita intensidade e apresentei-o a Marjorie.

- Você deve ser Marjorie - disse ele.

Trocaram entre si algumas palavras e, a dada altura, perguntei a Marjorie:

- Que mais aconteceu?

- Não muito mais - disse ela. - Continuo sem saber porque estou aqui. Todos os dias sou levada a um dos padres ou a um dos oficiais para interrogatório. Querem saber quem eram os meus contactos em Viciente e se sei onde estão as outras cópias do Manuscrito. Não se

cansam de fazer perguntas.

248 249

Marjorie sorriu e pareceu-me vulnerável; quando ela sorriu, senti de novo uma forte atracção por ela. Ela lançou-me um olhar agudo pelo canto do olho. Rimos os dois baixinho. Seguiu-se um período de silêncio, enquanto comíamos, e foi nessa altura que a porta se abriu e entrou um padre vestido formalmente. Vinha acompanhado por um homem aparentemente ocupar um alto posto militar.

- Aquele é o padre mais importante - disse Pablo.

O oficial disse qualquer coisa aos soldados, que se puseram em sentido; logo depois, o oficial e o padre atravessaram a sala direitos à cozinha. Quando passaram por nós, o padre reparou em mim e, por instantes, os nossos olhos cruzaram-se. Olhei para o lado, a fazer que comia, porque a última coisa que desejava era atrair as atenções. Os dois homens continuaram o seu périplo, atravessaram a cozinha e saíram pela outra porta.

- Aquele é um dos padres com quem conversaste?

- perguntei a Marjorie.

- Não - disse Marjorie. - Nunca o vi cá.

- Eu conheço aquele padre - disse Pablo. - Chegou ontem.

O seu nome é cardeal Sebastian.

Pus-me direito como se tivesse sido esticado por uma mola:

- Aquele era Sebastian?

- Parece que já ouviu falar dele - disse Marjorie.

- Pois já - retorqui-lhe. - Dentro da Igreja, é o principal opositor ao Manuscrito. É ele que está por detrás de tudo isto. Pensava até que se encontrava na missão do padre Sanchez.

- Quem é o padre Sanchez? - perguntou Marjorie.

Eu ia para lho dizer quando o soldado que nos tinha escoltado se aproximou da mesa e fez sinal a mim e a Pablo para que o seguissemos.

- É a hora do exercício - disse Pablo.

250

Eu e Marjorie olhámos um para o outro. Os seus olhos revelavam uma íntima ansiedade.

- Não se inquiete - disse-lhe. - Voltaremos a falar na próxima refeição. Vai correr tudo bem.

Enquanto saíamos, perguntei a mim mesmo se o meu optimismo era realista. Aquela gente podia fazer desaparecer qualquer um de nós, a qualquer altura e sem deixar rasto. O soldado guiou-nos até um pequeno hall e passámos por uma porta que dava para uma escada exterior. Descemos por ela para um pátio lateral, cercado por um alto muro de pedra. O soldado ficou à entrada. Pablo fez-me sinal para irmos os dois dar umas voltas no pátio. Enquanto passeávamos, ele inclinou-se várias vezes para apanhar algumas flores que cresciam em canteiros rentes ao muro.

- E que mais diz o Sétimo Olhar Profundo? - comecei por

Lhe perguntar.

Ele inclinou-se e colheu mais outra flor:

- Diz que não são só os sonhos que nos guiam. Os pensamentos flutuantes e os sonhos acordado têm idêntica função.

- Sim, é verdade. O padre Carl disse-me a mesma coisa. Como é que os sonhos acordado intervêm na questão?

- Mostrando-nos uma cena, um acontecimento. Isso é uma indicação de que esse acontecimento vai, talvez, aparecer na realidade. Se nós, em troca dessa indicação, ficarmos atentos, estaremos automaticamente preparados para um eventual ponto de viragem nas nossas vidas.

Olhei para ele.

- Sabe, Pablo, veio ter comigo a imagem de que eu ia ao encontro de Marjorie. E, de facto, fui.

Ele sorriu. Senti um calafrio pela espinha acima. Era então aquele o lugar em que eu agora devia estar? Era o lugar certo? O facto é que eu intuira algo que se tinha

251

tornado verdade. Pensara, por diversas vezes, que me ia encontrar de novo com Marjorie... e o facto é que isso tinha acontecido. As coincidências estavam a tomar o seu lugar. Senti-me mais leve.

- Não me sucede muito ter pensamentos destes - disse-lhe. Um olhar vago espelhou-se no rosto de Pablo.

- O Sétimo Olhar Profundo afirma que temos muitos mais pensamentos desses do que imaginamos. Para nos darmos conta de que existem, temos de adoptar o ponto de vista do observador. Quando os pensamentos surgem, devemos perguntarmo-nos porquê. Porque é que este pensamento, e não outro, me veio agora ao espírito? Que relação tem ele com o problema de base da minha vida? Assim, a adopção do ponto de vista do observador satisfaz, em parte, a nossa necessidade de controlar os acontecimentos. Coloca-nos no fluxo da evolução.

- E se surgirem pensamentos negativos? - perguntei-lhe. - Como imagens de medo que nos levam a pressentir que algo de mau está para acontecer? Como quando temos o pressentimento de que alguém que amamos vai ser ferido, ou de que não vamos conseguir o que muito desejamos?

- É muito simples - respondeu Pablo. - O Sétimo Olhar Profundo diz que as imagens de medo devem ser prontamente atacadas. Paradas à nascença. Nesses casos, uma outra imagem, uma de bom augúrio, deve ser imposta ao espírito, por um acto de vontade. Muito rapidamente, as imagens negativas quase que deixam de aparecer. As intuições que tiver a seguir serão sobre coisas positivas. Mas, se depois disto, as imagens negativas voltarem a aparecer, o Manuscrito aconselha-nos a tomá-las muito a sério. E a não lhes dar campo para agir. Por exemplo, se lhe vem ao espírito a ideia de que vai ter um desastre de camião e se, entretanto, alguém lhe oferece boleia, em casos desses, não deve aceitar.

Demos uma volta completa ao pátio e estávamos quase a passar ao pé do guarda. Nenhum de nós falou, ao passarmos à sua frente. Pablo colheu mais uma flor e eu respirei fundo. O ar estava quente e húmido, e a cobertura vegetal para lá dos muros era densa e tropical. Eu dera por mosquitos.

- Vamos! - chamou de repente o soldado.

Conduziu-nos de novo à nossa cela. Pablo entrou adiante, mas, quando chegou a minha vez de passar, o soldado barrou-me o caminho com o braço.

- Você não - disse ele, fazendo-me sinal para que eu descesse com ele o corredor. Subimos depois os degraus, e saímos pela porta por onde tínhamos entrado na noite anterior. No parque de estacionamento, o padre Sebastian estava a entrar para o banco de trás de um enorme automóvel. O motorista fechou a porta, logo que ele se instalou no assento. Durante breves segundos, Sebastian voltou a olhar para mim. Depois, virou-me as costas e disse qualquer coisa ao motorista. O carro disparou a toda a mecha.

O soldado empurrou-me ligeiramente com o cotovelo e conduziu-me para a parte da frente do edifício, onde entrámos. Fui levado para uma sala de trabalho.

Mandaram-me sentar numa cadeira de madeira, em

frente de uma secretária de metal branca. Alguns minutos depois, entrou um padre baixinho, de cabelos grisalhos e de uns trinta anos de idade. Sentou-se à secretária, parecendo ignorar-me. Durante um bom minuto, entretive-me a folhear uma pasta, e só depois olhou para mim. Os óculos redondos, de hastes douradas, davam-lhe um ar de intelectual.

- No momento em que foi preso, estava de posse de documentos ilegais - disse ele, num tom de objectividade. - Estou aqui para determinar se a acusação está em regra. Apreciaria que cooperasse.

Fiz que sim com a cabeça.

- Onde é que conseguiu as cópias?

- Não estou a compreender - respondi-lhe. - Porque são consideradas ilegais cópias de um velho manuscrito?

- O

Governo do Perú tem as suas razões - retorquiu. - Queira responder à minha pergunta.

- Qual o motivo por que a Igreja está envolvida no assunto? - quis saber.

- Porque o Manuscrito contradiz as nossas tradições religiosas - informou-me ele. - Deturpa a verdade da nossa natureza espiritual. Onde...

- Espere um pouco - disse eu, interrompendo-o.

- Eu só estou a tentar compreender. Não passo de um turista interessado no Manuscrito. Não constituo perigo

para nenhuma das partes. Só quero saber porque é que isso é assim tão preocupante.

Olhou-me interrogativo, como se estivesse a decidir qual a melhor estratégia a adoptar comigo. Eu estava conscientemente a pressioná-lo para obter pormenores.

- A Igreja sente que o Manuscrito cria confusão no espírito do povo - disse ele, medindo as palavras. - Porque, ao lê-lo, fica-se com a impressão de que as pessoas gozam da faculdade de decidirem por si próprias a sua maneira de viver, sem tomar em consideração os textos sagrados.

- Quais textos?

- O mandamento de honrar pai e mãe, por exemplo.

- Não estou a compreender.

- O Manuscrito culpa os pais pelos problemas que existem. Ao fazê-lo, a família fica posta em causa.

- Eu pensava que o Manuscrito falava em ultrapassar velhos ressentimentos - retorqui-lhe. - E em adoptar um ponto de vista positivo sobre a nossa vida anterior.

- Não - reagiu ele. - Isso é capcioso, porque, para começar, jamais deveria ter havido um sentimento negativo.

- Os pais não podem errar?

- Os pais fazem o melhor que podem. Os filhos têm a obrigação de os perdoar.

- Mas não é precisamente isso que o Manuscrito esclarece? O perdão não nasce justamente da visão positiva que se adopta relativamente à nossa infância?

Ele levantou a voz com cólera, dizendo:

- Mas que autoridade tem o Manuscrito para falar?

Como é que podemos confiar no que ele afirma?

Deu a volta à secretária e olhou-me de alto, ainda encolerizado.

- Você não sabe do que está a falar - atirou-me ele.

- Porventura é um especialista religioso? Penso que não. Você é a prova evidente do tipo de confusão que o Manuscrito provoca. Você não percebe que há ordem no mundo unicamente porque a lei e a autoridade estão lá para a manter? Como é que se permite questionar a autoridade nesta matéria?

Fiquei calado, o que pareceu aumentar-lhe a cólera.

- Deixe-me que lhe diga o seguinte - disse ele: - o crime que você cometeu é punido com anos de prisão. Já

esteve alguma vez numa prisão peruana? A sua curiosidade de ianque anseia por ver como são as nossas prisões? Aí está uma coisa que eu lhe posso arranjar! Está a compreender? Isso posso eu arranjar-lhe!

Levou as mãos aos olhos e calou-se. Respirou fundo, procurando evidentemente acalmar-se. Finalmente, disse-me:

- Estou aqui para saber quem tem cópias em seu poder, e de onde vieram. Vou perguntar-lhe mais uma vez: onde é que obteve as suas?

A explosão de cólera a que assistira acabou por me encher de ansiedade. Com as minhas perguntas piorara em muito a minha situação. Que poderia ele fazer se eu não colaborasse? Mas como é que eu ia implicar o padre Sanchez e o padre Carl?

- Antes de lhe dar uma resposta, preciso de reflectir - acabei por lhe dizer.

Por momentos, tive a impressão de que ele ia, de novo deixar-se dominar pela cólera. Depois acalmou e pareceu-me muito cansado.

- Dou-lhe até amanhã de manhã - disse, fazendo sinal ao soldado que estava à entrada para me reconduzir. Segui o soldado até ao hall, e fui daí directamente para a cela. Sem abrir a boca, entrei e fui deitar-me no meu catre, sentindo-me também exausto. Pablo olhava para o exterior pelas barras da janela.

- Falou com o padre Sebastian? - perguntou-me.

- Não. Era um outro padre. Queria saber como obtive as minhas cópias.

- O que é que você lhe disse?

- Nada. Pedi-lhe um prazo para pensar e ele deu-me até amanhã.

- Ele disse alguma coisa sobre o Manuscrito? perguntou Pablo.

Olhei Pablo, olhos nos olhos, e dessa vez ele não baixou a cabeça.

- Falou um pouco sobre o assunto. Em seu entender, o Manuscrito mina a autoridade tradicional - respondi-lhe. - Depois ficou furioso e ameaçou-me.

Pablo olhou-me, francamente admirado.

- Era um tipo de olhos castanhos e óculos redondos?

- Sim.

- Chama-se padre Costous - disse Pablo. - Sobre que mais é que ele falou?

Retomei o que estávamos a dizer:

- Discordei dele quanto ao facto de o Manuscrito estar a minar a tradição. Ele ameaçou-me com a prisão. Acha que estava a falar a sério?

- Não sei - disse Pablo. Em seguida, foi sentar-se no catre dele, à minha frente.

Dir-se-ia que tinha qualquer coisa em mente para me dizer, mas eu sentia-me de tal modo cansado e angustiado que fechei os olhos. Quando despertei, Pablo estava a abanar-me.

- É a hora do almoço - disse-me.

Seguimos o guarda até lá acima e foi-nos servida uma refeição de carne picada com batatas. Os dois homens que víamos de manhã chegaram depois de nós. Marjorie não estava com eles.

- Onde é que está Marjorie? - perguntei-lhes, tentando falar baixinho. Os dois homens ficaram cheios de medo por eu me estar a dirigir directamente. Os olhos dos soldados não me largavam.

- Creio que eles não sabem falar inglês - disse Pablo.

- Só gostava de saber onde ela pára - respondi-lhe.

Pablo disse qualquer coisa em resposta, mas eu tinha voltado a não lhe prestar atenção. De repente, senti como se estivesse a fugir e vi-me a mim mesmo a correr por uma rua inclinada, e a baixar a cabeça ao enfiar-me por uma porta adentro, a caminho da liberdade.

- Em que é que está a pensar? - perguntou-me Pablo.

- Estava a fantasiar uma fuga - disse. - O que é que estava a dizer?

- Espere aí - disse ele, sem me responder. - Não se esqueça do que estava a pensar. Pode ser uma coisa importante. Que espécie de fuga?

- Eu ia a correr por uma ruela, ou por uma verdadeira rua, não sei, só sei que ia a correr por ela abaixo e que, em seguida, me enfiava por uma porta. Tive a impressão de que a fuga fora bem sucedida.

- Que pensa sobre essa imagem? - perguntou Pablo.

- Não sei o que pensar - respondi-lhe. - Não me

256 257

pareceu que houvesse uma ligação lógica com aquilo de que estávamos a falar.

- Ainda se lembra do que estávamos a falar?

- Sim. De que gostaria de saber onde estava Marjorie.

- Pensa que não há uma ligação entre Marjorie e essa imagem?

- De óbvio, não vejo nada.

- E nas entrelinhas?

- Se consigo ver uma ligação escondida entre as duas ordens de factos? Como é que o facto de fugir está relacionado com Marjorie? Acha que ela fugiu?

Ele pareceu pensativo.

- Mas era você quem ia a fugir.

- Ah, pois... - disse. - Talvez eu fuja sem ela. Olhei para ele: - Ou talvez com ela.

- Esse seria o meu palpite

- opinou ele.

- Mas onde é que ela está?

- Isso não sei.

Terminámos a refeição calados. Eu tinha fome, mas a comida era pesada demais. Por uma razão qualquer que eu desconhecia, sentia-me cansado e frouxo. A sensação de fome desapareceu rapidamente.

Reparei que Pablo também não comia.

- Acho que devíamos voltar para a cela - disse ele.

Acedi e ele fez sinal ao soldado para nos reconduzir. Quando chegámos, espreguicei-me no meu catre e Pablo sentou-se a olhar para mim.

- A sua energia parece estar em baixo - disse ele.

- E está - retorqui-lhe. - Não sei o que se passa.

- Tem tentado recarregar as suas baterias? - quis saber.

- Acho que não - respondi-lhe. - E esta comida não ajuda nada.

- Mas você não precisa de muita comida, se for

absorvendo tudo - ele andou de volta com o braço à sua frente para realçar que era mesmo tudo.

- Eu sei. É difícil para mim fazer fluir o amor em situações como esta.

Ele olhou-me com uma certa ironia:

- Mas não o fazer é prejudicar-se a si próprio.

- Como?

- O seu corpo vibra a um certo nível. Se deixar que esse nível desça, o seu corpo sofre com isso. É nisso que consiste a relação entre cansaço excessivo e doença. Amar e manter o nível adequado de energia é uma e a mesma coisa. Ter saúde é estar a esse nível. Creio que é importante que não se esqueça disso.

- Dê-me alguns minutos - pedi-lhe.

Pus-me a praticar o método que o padre Sanchez me ensinara. Senti-me imediatamente melhor. Os objectos à minha volta destacavam-se pela sua presença. Fechei os olhos e concentrei-me na sensação que estava a experimentar.

- Assim está bem - disse ele.

Abri os olhos e a primeira coisa que vi foram os seus olhos a sorrirem-me intensamente. O seu rosto e o seu corpo ainda eram os de um rapaz novo e sem experiência, mas os olhos pareceram-me plenos de sabedoria.

- Estou a ver a energia a fluir para si - disse ele.

Também eu começava a ver um campo luminoso a envolver o corpo de Pablo. As flores que de manhã tínhamos posto numa jarra sobre a mesa pareciam radiantes.

- Para compreender verdadeiramente o Sétimo olhar Profundo e entrar a sério no movimento da evolução - explicou ele -, você tem de fazer entrar todos os olhares profundos num único feixe de ser.

Não disse nada.

- Consegue dizer em poucas palavras - continuou ele - como é que o mundo mudou para si, por efeito dos olhares profundos?

Fiquei a pensar e depois disse-lhe:

- Acho que abri os olhos e passei a ver o mundo

258 259

como um lugar misterioso que nos proporciona tudo aquilo de que precisamos. E que vemos isso com clareza abre caminho para que essa visão se torne efectiva em nós.

- E que acontece então? - perguntou.

- A partir desse momento, podemos dar continuidade ao fluxo da evolução.

- E como é que damos início a esse processo?

Pensei uns instantes no que ia dizer.

- Não deixando que nos saia do espírito, de modo algum, a noção dos nossos problemas imediatos. Em seguida, ficarmos atentos aos sinais que nos serão dados por um sonho, por meio de um pensamento intuitivo, ou pelo modo como o meio-ambiente se ilumina e nos

salta à vista.

Voltei a fazer uma pausa, tentando lembrar-me do conteúdo de todo o olhar profundo, e só depois continuei:

- Quando acumulamos energia e nos concentramos na nossa própria situação, nas perguntas que nos colocamos acolhemos algo que vem da orientação intuitiva, uma ideia do que fazer ou de para onde ir; a partir desse momento, as coincidências ocorrem para nos permitir mover-nos nessa direcção.

- Sim, sim, é isso mesmo - disse Pablo. - É esse o caminho. E cada vez que as coincidências nos conduzem para algo de novo, nós crescemos, tornamo-nos pessoas mais realizadas; passamos a existir a um nível mais elevado de vibração.

Curvou-se para mim e reparei na energia incrível que pairava à sua volta. Estava radiante, já não parecia o mesmo tímido, nem sequer jovem. Dava a sensação de estar repleto de força e de poder.

- Pablo, que lhe está a acontecer? - perguntei-lhe.
- Comparado com a primeira vez em que o vi, você parece muito mais confiante, muito mais sabedor e, de certo modo, muito mais completo.

260

Ele pôs-se a rir.

- Quando você chegou aqui pela primeira vez, eu tinha deixado que a minha energia se dissipasse. Para começar, pensei que talvez pudesse ajudar-me a fazer fluir a minha energia, mas depressa me dei conta de que você ainda não tinha aprendido como fazê-lo. Essa arte só é ensinada no Oitavo Olhar Profundo.

Eu estava siderado.

- O que é que eu não fiz?

- Tem de aprender que todas as respostas que vêm ter consigo, na realidade são as outras pessoas que lhas dão. Pense em tudo o que aprendeu desde que está no Perú. Não vieram todas as respostas ter consigo por intermédio de outras pessoas, que misteriosamente cruzaram o seu caminho?

Pensei no que ele me estava a dizer e vi que tinha razão. Eu encontrara as pessoas certas exactamente no momento certo: Charlene, Dobson, Wil, Dale, Marjorie, Phil, Reneau, o padre Sanchez e o padre Carl, e finalmente Pablo.

- Não se esqueça de que o Manuscrito foi escrito por uma pessoa - acrescentou Pablo. - Mas nem todas as pessoas que você encontra têm a energia e a clareza necessárias para lhe transmitirem a mensagem que têm para si. Nesse caso, é você quem deve ajudá-las, dando-lhes energia. Calou-se uns momentos e depois acrescentou: - Você contou-me que se aprende a projectar energia numa planta focalizando a sua beleza, lembra-se?

- Sim.

- Bem, procede-se exactamente da mesma maneira

com uma pessoa. Quando a energia flui para ela, ajuda-a a ver a sua própria verdade. Nessa altura, ela pode dar-lhe a conhecer essa verdade.

E depois continuou dizendo:

- O padre Costous é um exemplo do que lhe estou a tentar dizer. Ele tem uma importante mensagem para

261

si. Mas você não tem energia suficiente para o ajudar a revelar-lha. Tentou sacar-lhe respostas, não foi? E que aconteceu? Criaram entre vocês uma relação de competição pela energia. Quando ele sentiu isso, o que fez? O seu drama infantil de controlo, o intimidador dele, tomou conta da conversa.

- O que é que eu devia ter dito? - perguntei-lhe.

Pablo não respondeu. Ouvimos de novo alguém a bater à porta da cela.

O padre Costous entrou. Acenou com a cabeça para Pablo, com um leve sorriso no rosto. Pablo respondeu-lhe com um largo sorriso. O padre Costous desviou o olhar para mim, e o rosto dele endureceu-se. A ansiedade apertou-me o estômago.

- O cardeal Sebastian pediu para o ver a si - disse ele. - Será conduzido a Iquitos esta tarde. Aconselho-o a responder a todas as perguntas.

- Porque é que ele me quer ver? - perguntei-lhe.

- Porque o camião em que você foi preso pertence a um dos nossos padres. Deduzimos que tenha sido dele que você recebeu as cópias do Manuscrito. Que um dos nossos próprios padres desrespeite a lei é uma coisa extremamente grave.

Encarava-me com determinação. Olhei de relance para Pablo, que me fez sinal com a cabeça para continuar.

- Você acha que o Manuscrito está a minar a sua religião, não é assim? - perguntei a Costous com delicadeza.

Como reacção, ele olhou para mim, com um ar de condescendência:

262

- Não só a nossa, mas também todas as outras. Você acha que não há um plano para este mundo? É Deus que está no comando e nos indica o nosso destino. A nossa tarefa é obedecer às leis estabelecidas por Ele. A evolução é um mito. Deus cria o futuro como entender. Afirmar que os seres humanos podem determinar a sua própria evolução é pôr a vontade de Deus fora do esquema. Isso contribui para que as pessoas sejam egoístas e vivam separadas umas das outras. Acabam por pensar que o importante é a sua própria evolução e não o plano de Deus. Vão-se tratar umas às outras pior do que se tratam agora.

Não me ocorreu mais nenhuma pergunta. O padre olhou para mim durante uns instantes e depois disse-me, quase gentilmente: - Espero que coopere com o cardeal

Sebastian.

Voltou-se e olhou para Pablo, obviamente brioso pela maneira como tinha lidado com as minhas perguntas. Pablo limitou-se a sorrir e a menear de novo com a cabeça. O padre saiu e o soldado fechou a porta** atrás dele. Pablo recostou-se no seu catre e sorriu para mim, com a aparência ainda completamente transformada e a confiança espelhada no rosto.

Olhei-o um instante e a seguir sorri-lhe também.

- Que acha que acabou de acontecer agora mesmo?

- perguntei-lhe e, tentando fazer humor, acrescentei: Descobri que estou mais enalacrado do que pensava.

Ele riu.

- Que mais aconteceu? - perguntou.

- Não estou a ver bem onde quer chegar. Seja mais preciso.

- Quais eram os seus objectivos quando chegou aqui?

- Querer encontrar Wil e Marjorie, é isso?

- Bem, um já você encontrou. Qual era o outro?

- Eu tinha a sensação de que os padres eram contra o Manuscrito não por maldade, mas por ignorância, por o terem interpretado mal. E queria saber o que eles andavam a pensar. Por uma razão que ignoro, achei que alguém os podia convencer a procederem de outro modo.

Mal tinha dito isto, compreendi aonde Pablo queria

263

chegar. Eu encontrara Costous, precisamente ali e naquele momento, unicamente para ouvir da boca dele o motivo da sua oposição ao Manuscrito.

- E qual é a mensagem que você recebeu? - perguntou ele.

- A mensagem?

- Sim, a mensagem.

Olhei para ele:

- No fundo, o que eles não suportam é a ideia de participação na evolução, não é? - disse eu.

- E - confirmou ele.

- E a coisa faz sentido - acrescentei. - A ideia de evolução física já não lhes agradava muito. Mas alargá-la à vida diária, às decisões individuais que devemos tomar, à própria história é uma ideia que, para eles, é inaceitável. Eles imaginam que as pessoas vão ensandecer com esta ideia de evolução, que as relações entre as pessoas vão degradar-se. Não admira que só queiram ver desaparecer o Manuscrito.

- Você era capaz de os convencer do contrário? perguntou Pablo.

- Não... quer dizer, eu próprio não sei o bastante.

- E para alguém os convencer, de que conhecimentos precisaria?

- Precisaria de conhecer a verdade. Precisaria de saber como se relacionariam os seres humanos entre si. se toda a gente seguisse os olhares profundos. Precisaria de saber

como seriam as relações humanas no contexto da auto-evolução.

Pablo pareceu satisfeito com a resposta.

- Que foi? - perguntei-lhe, sorrindo em conjunto com ele.

- A maneira como os seres humanos se relacionarão uns com os outros vem descrita no olhar profundo seguinte, o oitavo. A sua pergunta sobre o porquê de os padres estarem contra o Manuscrito já tem resposta

264

e essa resposta, por sua vez, evoluiu para outra pergunta.

- Sim - disse eu, absorto nos meus pensamentos.

- Tenho de ir à procura do oitavo. Tenho de sair daqui.

- Não seja tão apressado - advertiu Pablo. - Tem de ter a certeza que compreendeu bem o Sétimo, antes de ir mais adiante.

- Acha que eu já o compreendi? - perguntei-lhe.

- Na sua opinião, estou a manter-me na corrente da evolução?

- Manter-se-á - disse ele -, se não se esquecer de ter sempre presentes as suas perguntas evolucionárias. Mesmo as pessoas que ainda não estão despertas podem, por mero acaso, encontrar algumas respostas e, retrospectivamente, identificar coincidências que lhes aconteceram. O Sétimo Olhar Profundo dá-se quando somos capazes de ver essas respostas no momento em que estão a ser dadas. E dá outra intensidade à experiência do dia-a-dia.

Temos de partir da premissa de que todos os acontecimentos têm um significado, e que este contém uma mensagem que, de certo modo, está relacionada com as nossas perguntas. Isto aplica-se, muito particularmente, aos acontecimentos que normalmente apelidamos de maus ou negativos. O Sétimo Olhar Profundo diz que o desafio está em encontrar o lado bom, a saída evolucionária, de cada acontecimento, por mais negativo que surja aos nossos olhos. O seu primeiro pensamento, ao ser capturado, foi o de que tudo estava perdido. Mas agora pode ver como o seu lugar era aqui. Era aqui que estavam as respostas.

Ele tinha toda a razão. Se eu estava ali para receber respostas e evoluir para um nível mais elevado, nesse caso, também Pablo se encontrava ali com uma finalidade idêntica.

De repente, ouvimos alguém descer para o hall: Pablo

265

olhou-me directamente, olhos nos olhos, com uma expressão grave a espelhar-se-lhe no rosto.

- Escute aqui - disse ele. - Lembre-se do que eu lhe disse. O seu próximo olhar profundo é o oitavo. Ele aborda o problema da ética interpessoal, uma metodologia de relacionamento entre as pessoas, que permite que haja mais mensagens e mais pessoas a partilhá-las. Mas

não se esqueça de que toda a pressa é inútil. Permaneça concentrado na sua situação. Quais são os seus objectivos?

- Quero saber onde está Wil - respondi-lhe. Quero encontrar o Oitavo Olhar Profundo. E quero encontrar Marjorie.

- E qual era a sua intuição directora àcerca de Marjorie?

Reflecti um pouco e respondi:

- Que eu ia fugir... que nós íamos fugir.

Ouvimos alguém mesmo do outro lado da porta.

- Trouxe-lhe alguma mensagem? - perguntei à pressa a Pablo.

- Certamente - disse ele. - Quando você chegou eu não sabia porque estava aqui. Sabia unicamente que tinha algo a ver com a transmissão do Sétimo Olhar Profundo, mas duvidava de que fosse capaz disso. Julguei que não sabia o suficiente. Devido a si - continuou ele -, sei agora que sou capaz de o transmitir. Esta é uma das mensagens que me trouxe.

- Há outra?

- Sim, a sua intuição de que os padres podem ser persuadidos a aceitar o Manuscrito foi também para mim uma mensagem. Fez-me pensar que estou aqui para persuadir o padre Costous.

Mal ele tinha acabado de falar, um soldado abriu a porta e fez-me sinal para que o seguisse.

Olhei para Pablo.

- Quero revelar-lhe um dos conceitos do próximo olhar profundo - disse ele.

266

O soldado olhou, zangado, para Pablo, pegou-me no braço, empurrou-me para fora da cela e trancou a porta. Enquanto me levavam, Pablo continuou a olhar-me através das grades.

- O Oitavo Olhar Profundo põe-nos em guarda contra uma coisa - ouvi-o gritar. - Ele previne-nos contra a interrupção do nosso crescimento... que acontece quando nos viciamos numa outra pessoa.

267

VIII

A ÉTICA INTERPESSOAL

Segui o soldado pela escada acima e saímos para a claridade exterior. O aviso de Pablo ainda ecoava na minha cabeça. Devoção a uma outra pessoa? Viciar-se nela? O que é que ele queria dizer? E que tipo de dependência?

O soldado levou-me pelo arruamento que ia dar ao

parque de estacionamento, onde já se encontravam outros dois soldados, ao lado de um jipe militar. Observavam-nos atentamente, à medida que nos aproximávamos. Quando já estava suficientemente perto do jipe, olhei lá para dentro e reparei que um outro passageiro já se encontrava sentado no banco de trás: Marjorie! Ela estava pálida e parecia ansiosa. Antes que eu pudesse atrair-lhe o olhar, o soldado atrás de mim pegou-me num braço e mandou-me entrar para o lugar ao lado dela. Os dois outros soldados subiram para os lugares da frente. O que estava sentado no lugar do condutor olhou-nos por cima do ombro, depois pôs o veículo a funcionar e rumámos para norte.

- Falam inglês? - perguntei aos soldados.

269

O soldado sentado no banco dos passageiros, um tipo espadaúdo, encarou-me com uma expressão vazia e disse qualquer coisa em espanhol que eu não consegui compreender. Em seguida, desviou os olhos e voltou-se bruscamente para fora.

Aproveitei para voltar a minha atenção para Marjorie.

- Sentes-te bem? - perguntei-lhe, quase só mexendo os lábios.

- Eu... assim, assim.

A voz dela esmoreceu e reparei que lhe corriam lágrimas pelo rosto.

- Vai correr tudo bem - disse-lhe eu, pondo o meu braço à volta dela. Ela olhou para mim, esforçando-se por sorrir, e encostou a cabeça ao meu ombro. Uma vaga de desejo inundou-me o corpo.

Durante uma hora, andámos aos solavancos por uma estrada não alcatroada. No exterior, a paisagem ia-se tornando crescentemente exuberante e selvagem. A dada altura, a seguir a uma curva, na densa vegetação abriu-se uma clareira onde fora construída uma pequena povoação. Construções de madeira alinhavam-se dos dois lados da rua principal.

Aí a uns cem metros, um enorme camião bloqueava a estrada. Vários soldados fizeram-nos sinal para parar. Atrás deles estavam igualmente outros veículos, alguns com piscas amarelos acesos. Pus-me alerta. Quando encostámos para parar, um dos soldados que estava a controlar a estrada abeirou-se do nosso veículo e disse qualquer coisa que não consegui compreender. A única palavra que reconheci foi gasolina. A nossa escolta saiu do jipe e foi para a estrada falar com os outros soldados. Uma vez por outra, olhavam na nossa direcção. Tinham deixado as armas nos assentos dentro do jipe.

Reparei que havia uma ruela que dobrava à esquerda. Quando eu estava a olhar para as lojas e para

os vãos das portas, senti algo a modificar-se na minha percepção, porque subitamente as formas e as cores das casas destacaram-se e ganharam nitidez.

Murmurei o nome de Marjorie e senti-a erguer os olhos, mas antes que ela pudesse dizer o que quer que fosse, uma explosão enorme sacudiu o jipe. Um clarão de fogo e de luz partiu da zona à nossa frente, e os soldados atiraram-se para o chão. Logo em seguida, a nossa visibilidade ficou totalmente obnubilada pelo fumo e pelas cinzas.

- Vamos embora! - gritei, puxando Marjorie para fora do jipe. No meio da confusão, descemos a correr a estrada, na direcção para onde eu olhara precedentemente. Atrás de nós, ouvia gritos distantes e gemidos. Ainda envolvidos pelo fumo, corremos cerca de cinquenta metros. De repente, reparei num vão de porta à esquerda.

- Para aqui! - gritei.

A porta estava aberta e, sempre a correr, enfiámo-nos por ela adentro. Encostei-me à porta e certifiquei-me de que ficara bem fechada. Quando nos virámos, deparámos com uma mulher de meia-idade que nos observava. Tínhamos entrado numa casa onde moravam pessoas.

Encarámo-la, tentando sorrir, e reparei que a expressão dela não era, de modo algum, a de alguém que estivesse com medo, nem angustiado, pelo facto de dois estranhos lhe terem invadido a casa a seguir a uma

explosão. Pelo contrário, o que mostrava era um meio-sorriso divertido, mais parecido com a resignação, como se estivesse à nossa espera e agora tivesse de fazer alguma coisa. Numa cadeira ao lado, estava sentada uma criança de uns quatro anos.

- Depressa! - disse-nos ela em inglês. - Eles vão pôr-se à vossa procura!

Levou-nos para o fundo de uma sala de estar pouco mobilada, atravessámos um corredor, descemos alguns

270 271

degraus e entrámos numa cave comprida. A criança caminhava ao nosso lado. Atravessámos rapidamente a cave, subimos mais uns degraus e saímos por uma outra porta que dava para uma ruela.

A mulher abriu a porta de um carro pequeno, mas sólido, ali estacionado e empurrou-nos para dentro. Mandou-nos ir para o banco de trás e pediu-nos que nos mantivéssemos agachados; cobriu-nos, em seguida, com uma manta, e arrancou em direcção a norte, ao que nos pareceu. Em todo este processo, obedeci sem abrir a boca, impressionado com a capacidade de iniciativa revelada pela mulher. Uma onda de energia invadia-me o corpo todo, à medida que ia realizando o que tinha acontecido. A intuição de que fugiria acabara de se concretizar.

Marjorie continuava deitada ao meu lado, com os olhos bem fechados.

- Sentes-te bem? - sussurrei-lhe.

Ela olhou-me com os olhos cheios de lágrimas e fez com a cabeça que sim.

- Acho que já se podem sentar - disse a mulher, uns quinze minutos depois.

Tirei o cobertor e olhei à minha volta. Parecíamos estar a seguir pela mesma estrada onde se dera a explosão, só que mais a norte.

- Quem é você? - perguntei-lhe.

Ela voltou-se para trás e olhou-me com um meio-sorriso. Era uma mulher com um corpo bonito e tinha uns cabelos escuros que lhe davam pelos ombros. Não devia ter mais de quarenta anos.

- Sou Karla Deez - disse ela. - Esta é a minha filha, Mareta.

A criança sorriu e olhou para nós com os seus olhos grandes e interrogativos. Tinha também cabelos compridos e negríssimos.

Contei-lhes quem éramos e, no fim, perguntei-lhes:

- Como é que soube que nos devia ajudar?

272

Karla sorriu-nos abertamente:

- Estavam a fugir dos soldados por causa do Manuscrito, não é verdade?

- Sim, mas como é que soube?

- Eu também conheço o Manuscrito.

- Para onde é que nos leva? - perguntei-lhe.

- Não sei - disse ela. - Vai ter de me ajudar.

Olhei para Marjorie. Ela estava a prestar atenção ao que se dizia.

- Para onde devemos ir agora, não sei - disse-lhe.

- Antes de ter sido apanhado, eu estava a tentar ir para Iquitos.

- Qual era a razão que o levava lá? - perguntou ela.

- Ir ter com um amigo que anda à procura do Nono

Olhar Profundo.

- Isso é perigoso.

- Eu sei.

- Vamos levá-los lá; não é verdade, Mareta?

A rapariguinha deu um risinho e disse com uma sofisticação pouco própria da sua idade:

- Evidentemente.

- Que explosão era aquela? - perguntei.

- Creio que era um camião de gasolina - respondeu ela. - Já tinha havido um acidente antes. Uma fuga.

Eu continuava espantado com a rapidez com que Karla decidira prestar-nos ajuda. Resolvi, por isso, voltar a perguntar-lhe:

- Como é que topou que estávamos a fugir dos soldados?

Ela respirou fundo, antes de me responder:

- Ontem, muitos camiões militares atravessaram a aldeia, em direcção a norte. Não é coisa que aconteça todos os dias e isso fez-me pensar em há dois meses atrás, quando foram presos os meus amigos. Estudávamos em conjunto o Manuscrito e éramos os únicos na aldeia que tínhamos os oito olhares profundos. Foi

273

então que chegaram os soldados e os prenderam a todos. Não voltei a ouvir falar deles.

Ao ver ontem os camiões - continuou ela a explicar -, percebi que os soldados ainda andavam à procura de cópias do Manuscrito e que outras pessoas tal como os meus amigos, precisavam de ajuda. Vi-me a mim própria a ajudar essas pessoas, caso pudesse. Como é óbvio, suspeitei de que devia ter algum significado o facto de eu ter tido esse pensamento precisamente naquela altura. Essa é a razão porque, quando vos vi entrar na minha casa, não fiquei admirada.

Ela calou-se e depois perguntou:

- Já sentiu algo idêntico?

- Já, sim - respondi-lhe.

Karla abrandou o carro. Mais à frente, havia um cruzamento.

- Acho que devíamos seguir pela direita - disse ela. - Levará mais tempo, mas será mais seguro.

Quando Karla voltou à direita, Mareta escorregou para a esquerda e teve de se agarrar ao banco, para não cair. Soltou um risinho. Marjorie olhava com admiração para a rapariguinha.

- Que idade tem Mareta? - perguntou Marjorie a Karla.

Karla ficou pouco à vontade, mas respondeu-lhe com bonomia:

- Por favor, não fale dela como se ela não estivesse aqui. Se ela fosse um adulto, você ter-lhe-ia colocado directamente a pergunta.

- Oh, peço desculpa - disse Marjorie.

- Tenho cinco anos - respondeu Mareta, toda cheia de brios.

- Já estudou o Oitavo Olhar Profundo? - perguntou Karla.

- Não - disse Marjorie. - Só vi o terceiro.

- Estou no oitavo - disse eu, pelo meu lado. - Tem alguma cópia?

- Não, não tenho - disse Karla. - Todas as cópias foram confiscadas pelos soldados.

- O oitavo refere como devemos relacionar-nos com as crianças?

- Sim. O tema geral é o relacionamento dos seres humanos entre si, como devem aprender a fazê-lo, e refere, nesse contexto, muitas outras coisas, nomeadamente como projectar a energia sobre os outros e como evitar depender deles.

Lá estava, de novo, o aviso. Eu ia para interrogar Karla sobre esse ponto em particular, quando Marjorie interveio.

- Fale-nos do Oitavo Olhar Profundo - disse ela.

- O tema desse olhar - explicou Karla - é a utilização da energia. Como utilizá-la de uma nova maneira nos relacionamentos com as pessoas, em geral. Mas, como é óbvio, começa pelo princípio dos princípios, ou seja, pelas crianças.

- Como devemos passar a ver as crianças? - perguntei.

- Devemos encará-las como elas são na realidade, como a ponta final de uma evolução que aponta para o futuro. Mas para aprender a evoluir, elas necessitam da

nossa energia, de uma maneira permanente e incondicional. A pior coisa que podemos fazer a uma criança é tirar-lhe, em nosso proveito, a energia que ela tem, enquanto a educamos. Porque é precisamente isso que cria nelas os dramas de controlo, como já sabe. Mas essas manipulações habituais da energia que pertence à criança podem ser evitadas se os adultos, sejam quais forem as circunstâncias, lhe derem toda a energia de que ela necessita. Essa é a razão por que devemos sempre integrá-las nas conversas, especialmente quando falamos delas. Por outro lado, você nunca deve assumir

274 275

responsabilidade por mais crianças do que aquelas a quem pode dar atenção.

- O Manuscrito fala disso tudo? - perguntei-lhe.

- Sim - disse ela -, e o ponto sobre o número de filhos é particularmente posto em destaque.

Senti-me confuso.

- Porque é que o número de filhos é tão importante?

Continuando a guiar, ela enviou-me de relance um olhar, enquanto me respondia:

- Porque um adulto só pode concentrar-se e dar a sua atenção a uma criança de cada vez. Se há demasiadas crianças para os adultos disponíveis, estes vão ficar sobrecarregados e incapazes de lhes dar a energia necessária. É nesse contexto que as crianças acabam por disputar entre si o tempo disponível do adulto.

- Rivalidade entre irmãos - disse eu.

- Sim. Mas, para o Manuscrito, este problema é muitíssimo mais importante do que as pessoas julgam. Os adultos cultivam frequentemente a ideia da grande família, em que as crianças crescem juntas. é puro romantismo, porque é com os adultos que as crianças aprendem o que é o mundo, não com as outras crianças. Há culturas onde as crianças vivem em bandos. Já há culturas dessas que cheguem. O Manuscrito refere que os seres humanos irão progressivamente compreender que não devem pôr no mundo uma criança a menos que haja um adulto disponível para lhe dar toda a atenção, e a tempo inteiro.

- Espere aí - interrompi. - Há muitas situações em que ambos os pais são obrigados a trabalhar por uma questão de sobrevivência. O que o Manuscrito afirma é o mesmo que lhes negar o direito a terem filhos.

- Não necessariamente - retorquiu ela. - O Manuscrito afirma que os seres humanos vão aprender a conceber famílias que não se baseiem exclusivamente em laços de sangue. Nesse contexto, é possível que haja sempre alguém disponível para dar atenção às crianças. Uma a uma. A energia não tem de vir toda dos pais. De facto, é melhor que isso não aconteça. Mas seja quem for que se ocupe das crianças deve dar-lhes essa atenção individual.

- Muito bem - disse eu -, você parece ter agido correctamente. Não há dúvida de que Mareta parece ter

grande maturidade.

Karla franziu o sobrolho e disse-me:

- Não é a mim que o deve dizer, mas a ela.

- Oh, está certo - disse eu. Em seguida, dirigindo-me à criança:

- Você age com muita maturidade, Mareta.

Ela, envergonhada, desviou por instantes o olhar e depois disse:

- Muito obrigada.

Karla abraçou-a com carinho e, olhando-me, toda babada, disse:

- Durante estes dois últimos anos, tenho tentado estabelecer uma relação com Mareta de acordo com o que o Manuscrito aconselha, não é verdade, Mareta?

A criança sorriu, fazendo que sim com a cabecita.

- Tenho tentado dar-lhe energia e dizer-lhe sempre a verdade de cada situação, numa linguagem que ela possa compreender. Quando ela punha as perguntas que todas as crianças põem, tratei-as sempre com muita seriedade, afastando a tentação de lhe dar respostas fantasistas que só servem para divertir os adultos.

Sorri.

- Você quer dizer falsas, como são as cegonhas que trazem os bebés, esse género de coisas?

- Sim, mas essas expressões culturais nem são tão más quanto isso. As crianças topam rapidamente do que se trata, porque continuam a ser as mesmas. O pior são as distorsões criadas na altura, improvisadas por adultos

276 277

que só pretendem divertir-se. Agem assim porque julgam que a verdade é demasiado complexa para a cabeça das crianças. Não é correcto agir desse modo; a verdade pode sempre ser dita, desde que posta ao nível da compreensão da criança. Só é preciso pensar um pouco.

- E o que é que o Manuscrito diz sobre isso?

- Segundo ele, devemos sempre procurar uma maneira de contar a verdade à criança.

Uma parte de mim resistia à ideia. Eu era dos tais que têm prazer em fazer as crianças andar às voltas.

- Normalmente, os miúdos não compreendem logo que os adultos estão só a brincar? - disse eu. - Tudo isto me parece fazê-las crescer demasiado depressa e tirar à infância uma parte do seu encanto.

Ela olhou-me com severidade.

- Mareta diverte-se imenso. Nós brincamos às escondidas, damos cambalhotas e jogamos a todos os jogos maravilhosos da infância. A diferença está só em que, quando estamos a fantasiar, ela sabe que é isso que estamos a fazer.

Assenti; ela tinha razão, claro.

- Mareta parece confiante - continuou Karla -, porque eu estou disponível para ela. Eu dou-lhe, incondicionalmente, toda a minha atenção quando ela precisa. E

se eu não estiver, estará a minha irmã, que mora na porta ao lado. Ela teve sempre um adulto para responder às perguntas dela e, porque tem tido uma atenção sincera, nunca sentiu que tinha de representar um papel qualquer para atrair as atenções sobre si. Teve sempre acesso a energia suficiente e isso deu-lhe a certeza de que teria sempre a suficiente, o que torna muito mais fácil a transição entre receber a energia de um adulto e recebê-la do universo. Aliás, ela sabe que é assim. Reparei na paisagem exterior. Estávamos a atravessar

278

a floresta profunda e, embora eu não pudesse vê-lo, sabia que o Sol estava a baixar no céu da tarde.

- Vamos chegar a Iquitos ainda esta noite? - perguntei.

- Não - disse Karla. - Mas podemos ficar numa casa que conheço.

- Fica perto? - perguntei.

- Sim. É a casa de um amigo. Ele trabalha numa reserva selvagem.

- É funcionário do Governo?

- Uma parte da Amazónia é área protegida. Ele é o responsável local dessa área. É uma pessoa influente. Chama-se Juan Hinton. Não se preocupe. Ele acredita no Manuscrito. Por acaso, eles nunca o incomodaram.

Quando chegámos, o céu estava completamente escuro. À nossa volta, a selva vibrava com os sons da noite, o ar abafado. Uma grande casa de madeira, bem iluminada, elevava-se na extremidade de uma clareira no meio de uma densa mata. Perto, erguiam-se igualmente duas grandes construções e viam-se vários jipes. Numa zona iluminada, um outro veículo estava assente sobre blocos de pedra e dois homens trabalhavam debaixo dele.

Um peruano magro, vestindo roupas caras, veio abrir a porta a que Karla batera. Sorriu-lhe, mas não reparou em Marjorie, em Mareta nem em mim, que esperávamos nas escadas. O seu rosto tornou-se nervoso e desagradável, enquanto falava com ela em espanhol. Em resposta, ela disse-lhe qualquer coisa num tom de súplica, mas a atitude e a inflexão da sua voz indicavam que não queria que ficássemos.

Foi então que, pela porta entreaberta, reparei numa figura solitária feminina de pé no vestíbulo. Desviei-me um pouco para lhe ver o rosto. Era Júlia. Precisamente no momento em que eu estava a olhar para ela, ela voltou-se, viu-me e dirigiu-se-me com uma expressão de

279

surpresa estampada no rosto. Tocou no ombro do homem que viera à porta e disse-lhe baixo qualquer coisa ao ouvido. O homem fez que sim com a cabeça e abriu a porta de par em par, com um ar de evidente resignação.

Apresentámo-nos uns aos outros, enquanto Hinton indicava o caminho para a sala de estar. Júlia olhou para mim e não pôde deixar de dizer:

- Cá nos voltamos a encontrar.

Ela tinha vestidas umas calças de ganga com bolsos nas pernas e uma t-shirt vermelho-clara.

- Sim, cá nos voltamos a encontrar - anuí.

Um criado peruano reteve Hinton e, depois de lhe falar durante um minuto, foram os dois para uma outra parte da casa. Júlia sentou-se numa cadeira perto de uma mesa de chá e fez-nos sinal para que nos sentássemos num sofá à frente dela. Marjorie parecia estar em pânico. Não despegava os olhos de mim. Karla também parecia preocupada com o desespero de Marjorie.

Abeirou-se dela e pegou-lhe na mão.

- Vamos tomar um pouco de chá quente - sugeriu.

Ao saírem da sala, Marjorie olhou-me de relance por cima do ombro. Eu sorri-lhe e esperei que elas entrassem na cozinha, antes de me voltar para Júlia.

- Então, o que acha que isto significa? - perguntou-me ela.

- O que quer dizer com isso? - retorqui-lhe, ainda distraído.

- O facto de nos termos voltado a encontrar.

- Oh, isso... Não sei.

- Como é que encontrou Karla? Para onde é que iam com ela?

- Ela salvou-nos. Eu e Marjorie fomos detidos por tropas peruanas. Quando fugimos, aconteceu que ela estava lá para nos ajudar.

Júlia não tirava os olhos de mim.

- Conte-me tudo.

Recostei-me e contei-lhe a história toda, começando pelo momento em que fiquei com o camião do padre Carl, e terminando na captura que se seguiu e na nossa fuga recente.

- E Karla concordou em levá-lo até Iquitos? - perguntou júlia.

- Sim.

- Qual a razão que o leva lá?

- Era para lá que ia Wil, segundo disse ao padre Carl. Ao que parece, Wil tem uma pista para o Nono Olhar Profundo. E, só Deus sabe por que motivo, Sebastian também anda por lá.

Júlia anuiu.

- É verdade. Sebastian tem uma missão lá perto. Foi aí que ele ganhou a sua reputação, ao converter os Índios da região.

- E você? Que faz por aqui?

Júlia contou-me então que também ela andava à procura do Nono Olhar Profundo, mas que não encontrara, até ao momento, nenhuma pista. Viera para aquela casa, depois de repetidas vezes ter pensado no seu velho amigo, Hinton.

Eu mal conseguia ouvir. Marjorie e Karla haviam deixado a cozinha e conversavam no hall, de chávena na mão. Marjorie surpreendeu o meu olhar, mas não disse nada.

- Ela leu muito do Manuscrito? - perguntou Júlia, apontando com a cabeça para Marjorie.

- Unicamente o Terceiro Olhar Profundo - disse eu.

- Talvez possamos fazê-la sair do Perú, se é isso que ela quer.

Voltei-me e olhei para ela:

- Como?

- Rolando parte amanhã para o Brasil. Temos lá alguns amigos na embaixada americana. Eles podem embarcá-la para os Estados Unidos. Já ajudámos outros americanos desse modo.

280 281

Olhei para ela e abanei a cabeça, hesitante. Dei-me conta de que havia uma grande mistura de sentimentos relativamente ao que ela me estava a propor. Uma parte de mim sabia que era melhor para Marjorie deixar o Perú. Mas uma outra parte desejava que ela ficasse, que continuasse comigo. Eu sentia-me diferente, como que com mais energia, quando ela estava por perto.

- Acho que preciso de falar com ela - acabei por dizer finalmente.

- Com certeza - anuiu Júlia. - Podemos falar disso depois.

Levantei-me e fui ter com ela. Karla voltara para a cozinha. Marjorie entrara por um corredor, saindo do meu campo de visão. Deixara de a ver. Quando me aproximei, ela estava encostada à parede. Puxei-a para mim e abracei-a, sentindo todo o meu corpo vibrar.

- Sentes esta energia toda? - murmurei-lhe ao ouvido.

- É incrível - disse ela. - Que significa isto? Que se passa connosco?

- Não sei. Há entre nós uma espécie de ligação especial.

Olhei em volta. Ninguém nos podia ver. Beijámo-nos apaixonadamente.

Quando recuei para a olhar, ela pareceu-me diferente, de certo modo mais forte, e aí lembrei-me do dia em que a conhecera em Viciente e da conversa que tínhamos tido em Cula. Não queria acreditar que pudesse ser tanta a energia que eu sentia quando estava ao pé dela ou ela me tocava.

Ela abraçou-me com muita força.

- Desde aquele dia em Viciente - disse ela -, que eu queria ficar contigo. Não sabia então o que pensar de tudo isto, mas é um facto que a energia é maravilhosa. Nunca vivi nada assim.

Pelo canto do olho, reparei que Karla se aproximava,

282

sorrindo. Ela disse-nos que a refeição estava pronta; passámos à sala de jantar, onde tínhamos à nossa espera um enorme bufete de frutas frescas, legumes e pão. Cada um servia-se e ia sentar-se numa grande mesa. Depois de Mareta ter cantado uma canção de acção de graças, estivemos uma hora e meia a comer e a conversar despreocupadamente. Hinton tinha perdido o seu nervosismo inicial e criou um clima agradável que ajudou a tornar mais

suportável a tensão da nossa fuga. Marjorie falava livremente e ria. Estar sentado ao lado dela enchia-me de um sentimento caloroso de amor.

Depois do jantar, Hinton levou-nos de novo para a sala de estar, onde nos foi servida uma sobremesa de creme com um saboroso licor. Eu e Marjorie sentámo-nos no sofá e falámos longamente sobre os nossos passados e os passos mais significativos da nossa vida. Sentíamos que nos estávamos a tornar cada vez mais íntimos. A única diferença que encontrámos é que ela vivia na costa oeste e eu morava no Sul. Um pouco depois, Marjorie resolveu que isso não era problema e riu a bandeiras despregadas.

- Estou desejosa que voltemos aos Estados Unidos - disse ela. - Vamo-nos divertir imenso a viajar de um lado para o outro.

Eu encostei-me para trás e olhei-a com uma certa gravidade.

- Júlia disse-me que podias regressar imediatamente, que era uma coisa que ela podia resolver.

- Estás a referir-te a nós os dois, não é verdade? - replicou ela.

- Não, eu... Eu não posso ir já.

- Porquê? - perguntou ela. - Eu não consigo viver sem ti. E não aguento mais ficar aqui. Estou a dar em doida.

- Tu vais à frente. Eu poderei partir dentro em breve.

283

- Não - disse ela, bem alto. - Não vou aguentar uma coisa dessas!

Karla, que voltava à sala, depois de ter ido deitar Mareta, olhou para nós de relance e desviou rapidamente o olhar. Hinton e Júlia continuavam a conversar, aparentemente indiferentes à explosão de Marjorie.

- Por favor - disse Marjorie. - Vamos para casa e acabou-se tudo.

Eu desviei o olhar.

- Muito bem, se é isso que queres - disse ela -, então fica.

Levantou-se e foi a correr para o quarto.

Quando a vi ir-se embora, senti-me muito mal por dentro. A energia que eu ganhara por estar com ela começou a perder-se, e de repente senti-me fraco e sem saber que fazer. Tentei pôr isso de lado. Tudo somado, dizia para comigo, é possível que ela tenha razão. Possivelmente, o melhor que tenho a fazer é ir-me embora com ela. Seja como for, o meu peso em tudo o que está a acontecer é irrelevante, para não dizer nulo. Se eu partir agora, talvez consiga inclusivamente reunir apoios ao Manuscrito e, o que não é dispiciendo, continuar vivo. Levantei-me e disparei para ir atrás dela mas, não sei bem porquê, voltei a sentar-me. Não era capaz de decidir o que fazer.

- Posso juntar-me a si por um minuto? - perguntou de repente Karla.

Eu não reparara que ela estava de pé ao lado do sofá.

- Certamente - respondi.

Ela sentou-se e encarou-me com respeito.

- Eu não pude deixar de ouvir o que aconteceu - disse ela. - Mas pensei que, antes de tomar uma decisão, talvez quisesse saber o que o Oitavo Olhar Profundo diz sobre a dependência afectiva das pessoas.

- Faça o favor. Gostaria de saber o que isso significa.

- Quando alguém começa a aprender a ver claro e se compromete com o seu próprio processo evolutivo é, por vezes, e repentinamente, bloqueado pela dependência afectiva para com uma outra pessoa.

- Está-se a referir a mim e a Marjorie, não é verdade?

- Deixe-me explicar-lhe o processo - disse ela - Depois, você julgará por si.

- Tudo bem.

- Primeiro, deixe-me dizer-lhe que tive muita dificuldade com essa parte do olhar profundo. Creio que jamais a teria compreendido se não tivesse encontrado o professor Reneau.

- Reneau?! - exclamei eu. - Eu conheço-o. Encontrei-o quando andava a estudar o Quarto Olhar Profundo.

- Folgo em saber - disse ela. - Nós encontrámo-nos na altura em que ambos acedemos ao Oitavo Olhar Profundo. Ele esteve em minha casa vários dias.

Acenei com a cabeça, impressionado.

- Ele contou-me - continuou ela - que o conceito de dependência, tal como vem descrito no Manuscrito, explica por que motivo surgem nas relações amorosas os conflitos de poder. Sempre procurámos saber por que razão a felicidade e a euforia amorosas acabam tão depressa, para dar lugar, subitamente, a terríveis conflitos. Hoje sabemos porquê. Esses conflitos que destróem o amor resultam do fluxo de energia que circula entre os indivíduos envolvidos no relacionamento.

Quando o amor começa, os dois indivíduos dão inconscientemente energia um ao outro, e ambos se sentem extasiados e eufóricos. Quando isso acontece entre duas pessoas, dizemos que elas estão apaixonadas. Infelizmente, como ambas esperam que esse sentimento seja alimentado pela outra, acabam uma e outra por se desligar da energia universal. Daí a contarem exclusivamente

284

285

com a energia uma da outra vai um passo. Só que, nesse caso, parece não haver energia suficiente. Deixam de poder dar mutuamente energia e, inevitavelmente, recaem nos seus dramas de controlo específicos. Como é óbvio, o ressurgir dos dramas manifesta-se por tácticas de captação para desviar em proveito próprio a energia que ainda flui entre ambas. É quando se chega a este ponto que a relação amorosa degenera numa banal luta pelo poder.

Ela hesitou por instantes, como que para verificar se eu estava a entender, e em seguida acrescentou:

- Reneau disse-me que a nossa susceptibilidade a

este tipo de dependência pode ser descrita em termos psicológicos. É uma outra maneira de explicar o mesmo fenómeno. Entende?

Fiz-lhe sinal para que continuasse.

- Reneau explicou-me que o problema começa na nossa família de origem. Devido à competição pela energia de que ela é o terreno, não foi dada a nenhum de nós a possibilidade de completar um importante processo psicológico: a integração do nosso outro lado sexual.

- Nosso quê?

- No meu caso - continuou ela -, não tive oportunidade de integrar o meu lado masculino. E, no seu caso, você não teve oportunidade de integrar a sua parte feminina. A razão porque não podemos ficar dependentes de alguém do outro sexo é porque ainda temos necessidade, nós próprios, de aceder à energia sexual oposta. Veja o que acontece com a energia mística. Podemos utilizá-la como uma fonte interna e ela é, ao mesmo tempo, masculina e feminina. Podemos eventualmente abrir-nos a ela, mas quando estamos no início da nossa evolução, devemos tomar umas certas precauções. O processo de integração leva o seu tempo. Se nos ligarmos prematuramente a uma fonte humana para obtermos a nossa energia masculina ou feminina, desligamo-nos da fonte universal.

286

Interrompia-a para lhe dizer que não estava a seguir.

- Imagine como esta integração devia ser feita numa família ideal - explicou ela -, e talvez veja o que eu estou a tentar dizer-lhe. Em toda e qualquer família, a criança deve começar por receber dos adultos a energia de que necessita. Em geral, a identificação com, e a integração da, energia do progenitor do mesmo sexo realiza-se facilmente, mas receber energia do outro progenitor pode revelar-se bem mais complicado, devido às diferenças entre sexos.

Peguemos no exemplo de uma menina. Qualquer rapariguinha sabe, quando começa a integrar o seu lado masculino, que o faz por estar extremamente atraída pelo seu pai: Ela quer-o em redor dela, por perto, o tempo todo. O Manuscrito explica que o que ela realmente quer é a energia masculina, porque essa energia masculina complementa a sua parte feminina. Dessa energia masculina ela receberá uma sensação de plenitude e de euforia. Mas ela engana-se redondamente ao pensar que o único processo de a obter é possuir sexualmente o pai e conservá-lo fisicamente na sua proximidade.

Por puro interesse, e porque intui que essa energia lhe está de facto destinada e imagina que é capaz de a comandar à vontade, ela deseja directamente o pai, como se ele fosse uma parte de si própria. Ela imagina que ele é mágico e perfeito e capaz de lhe dar tudo o que ela quer. Numa família menos ideal do que a do nosso exemplo, este processo cria um conflito de poder entre a rapariguinha e o pai. Formam-se então dramas,

como se ela estivesse a aprender a posicionar-se, em ordem a poder manipulá-lo e a desviar em seu proveito a energia dele que ela tanto deseja.

Mas, numa família ideal, a energia do pai nunca seria objecto de competição. O pai continuaria a relacionar-se com a menina numa base de franqueza e a ter

287

suficiente energia para lhe dar incondicionalmente, mesmo que ele não pudesse fazer tudo o que ela quisesse. O que há a reter de realmente importante sobre esta matéria, no nosso exemplo ideal, é que o pai permaneceria aberto e comunicativo. Ela julga que ele é ideal e mágico, mas se ele, honestamente, lhe explicar quem é, e lhe mostrar o que faz e porquê, a rapariguinha, num contexto desses, pode integrar o estilo próprio do pai, com as suas virtudes e defeitos, e ultrapassar desse modo a visão irrealista que tinha construído sobre ele. Este processo é dado por terminado quando ela consegue ver o pai como um ser humano concreto, com qualidades e defeitos. O resultado desta emulação autêntica é que a criança consegue com facilidade passar da recepção da energia sexual oposta do pai à recepção da energia do universo como um todo, de que ela, a criança, é uma parte. O problema - continuou ela - é que a maior parte dos pais continua a estar em competição com os filhos pela energia, e isso acaba por afectar todos e cada um. Foi e é porque esta competição teve e tem lugar que não foi dada a nenhum de nós a oportunidade de resolver correctamente a integração do sexo oposto. Estamos todos bloqueados nesse nível de evolução, em que continuamos a olhar para a questão da energia da nossa parte sexual oposta como algo de exterior a nós, e a projectá-la na pessoa do homem ou da mulher que nós pensamos ser ideal e mágico e a quem julgamos poder possuir sexualmente. Está a ver o problema?

- Sim - disse eu. - Penso que sim.

- Relativamente à nossa capacidade de evoluirmos conscientemente - prosseguiu ela -, somos todos confrontados, portanto, com uma situação crítica. Como já lhe disse, quando começamos a evoluir, de acordo com o Oitavo Olhar Profundo, começamos, automaticamente, a receber a energia do sexo oposto. Ela vem naturalmente da energia do universo. Esse momento é, contudo, um momento particularmente perigoso, porque pode dar-se o caso de surgir alguém que no-la ofereça directamente e aí nós desligamo-nos da verdadeira fonte... e regredimos.

Ela riu-se um pouco para si própria.

- De que é que está a rir? - perguntei-lhe.

- O Reneau fez, uma vez, uma analogia - disse ela. - Ele disse que, até aprendermos a evitar esta situação, andamos às voltas como se fôssemos a metade de um círculo. Está a ver? Algo de parecido com a letra C. Ficamos muito abertos a uma pessoa do sexo oposto,

um outro meio círculo, que eventualmente surja e se junte a nós, completando o círculo e trazendo-nos uma explosão de euforia e de energia que nos dá uma sensação de plenitude, como se se tivesse efectuado uma ligação plena com o universo. Na realidade, o que aconteceu é que nos juntámos a alguém que anda à procura, também ele e fora dele, da outra metade de si próprio.

Reneau dizia que esta situação clássica de codependência traz consigo uma série de problemas, que começam logo a manifestar-se.

Ela parou, hesitante, como se estivesse à espera de algum comentário da minha parte. Mas eu limitei-me a anuir, sem nada acrescentar.

- Está a ver - continuou ela -, o problema dessa pessoa completa, desse O, que as duas pessoas imaginam ter alcançado, é que foram necessárias duas pessoas para fazer uma pessoa completa, uma contribuindo com a energia feminina e a outra com a energia masculina. Essa pessoa integral tem, pois, duas cabeças, ou dois egos. Mas quer uma, quer outra, pretende governar

essa pessoa integral que é uma criação das duas. Começam assim a reviver o drama de controlo adquirido na infância, ambos querendo mandar no outro, como se o outro fosse eles próprios. Esta ilusão de complementariedade acabou sempre em guerra de poder.

288 289

No fim, cada pessoa é forçada a mandar na outra e, até mesmo, incapacitá-la, de modo a conduzir esse eu integral para onde o quer levar. Mas é óbvio que isso não funciona, ou pelo menos, já não funciona. Talvez no passado, um deles, normalmente a mulher e algumas vezes o homem, estivesse disposto a submeter-se ao outro. Mas estamos todos a acordar. Já não há quem queira ser subserviente em relação a outra pessoa.

Pensei então no que o Primeiro Olhar Profundo havia transmitido sobre as lutas de poder nas relações de intimidade, e veio-me ao espírito a explosão de cólera daquela mulher no restaurante onde me encontrara com Charlene.

- Demasiado para um romance de amor - disse eu.

- Oh, ainda podemos ter as nossas histórias amorosas - replicou Karla, mas primeiro temos de completar o círculo em nós próprios e por nós próprios.

Temos de estabilizar o canal que nos liga ao universo.

É coisa para levar tempo mas, feito isso, nunca mais ficaremos propensos a voltar a passar de novo por essa situação, porque podemos aceder ao que o Manuscrito chama relacionamento mais elevado. Podemos então ligar-nos amorosamente com qualquer outra pessoa, porque na realidade criámos uma super-pessoa... mas isso não nos vai desviar do caminho da nossa própria evolução.

- É isso que você acha que eu e Marjorie estamos a

fazer um ao outro neste momento, não é? Acha que nos estamos a desviar dos nossos caminhos respectivos?

- Acho.

- Então, como vamos evitar esses choques? - perguntei-lhe.

- Resistindo algum tempo à sensação de amor à primeira vista, aprendendo a ter relações platónicas com membros do sexo oposto. Mas lembre-se do processo: só deve ter essas relações com pessoas que se abram totalmente, sem segundas intenções, e lhe digam como e porquê estão a fazer o que fazem, exactamente como aconteceria nas relações com o progenitor do sexo oposto numa relação ideal. Compreendendo por dentro quem de facto são esses amigos do sexo oposto, você quebra a sua própria projecção fantasista sobre eles, e, mais uma vez, isso permite-lhe reatar a ligação com a energia do universo.

Lembre-se ainda - continuou ela - de que isto não é fácil, especialmente se se tem de romper um relacionamento de codependência. Nesses casos, assiste-se a uma autêntica desmontagem de todo o dispositivo energético da pessoa. Dói. Mas tem de ser feito. A codependência não é uma espécie de doença recente que alguns de nós contraíram. Todos somos codependentes, e só agora estamos, uns e outros, a tentar sair disso.

A ideia é começarmos a experimentar, sozinhos, aquela sensação de bem-estar e de euforia que sentimos nos primeiros momentos de uma relação codependente. É preciso termos ele, ou ela, dentro de nós. Depois de o experimentar, você pode passar ao passo seguinte, que é talvez o de encontrar aquela relação amorosa especial que realmente se ajusta a si. - Ela voltou a fazer uma pausa. - E quem sabe? É possível que, se você e Marjorie evoluírem mais, cada um acabe por descobrir que é com o outro que deve ficar. Mas compreenda-me bem: a vossa relação não é, actualmente, viável.

A nossa conversa foi interrompida quando Hinton se abeirou de nós e nos explicou que ia sair durante a noite e que os nossos quartos estavam preparados. Expressámos os dois quanto tínhamos apreciado a maneira como fôramos recebidos e, quando ele ia a sair, Karla disse:

- Acho que também me vou deitar. Voltaremos a falar depois.

290 291

Anuí com um gesto de cabeça e fiquei a vê-la sair. Foi então que senti uma mão pousar no meu ombro. Era Júlia.

- Vou para o meu quarto - disse-me ela. - Sabe onde fica o seu? Posso mostrar-lho.

- Agradeço - respondi-lhe; e aproveitei para lhe perguntar:

- Onde é o quarto de Marjorie?

Ela não respondeu, mas, quando íamos a passar em frente de uma determinada porta, sorriu para mim e

disse:

- Nada perto do seu - disse ela. - O senhor Hinton é muito conservador.

Eu devolvi-lhe o sorriso e desejei-lhe boa noite. Depois, entrei no meu quarto e agarrei-me ao estômago até adormecer.

Acordei com o cheiro forte do café. O aroma difundira-se por toda a casa. Depois de me arranjar, fui ter à sala de estar. Um velho criado da casa ofereceu-me um copo de sumo fresco de uva, que aceitei.

- Bom dia - disse Júlia, atrás de mim.

Voltei-me e respondi:

- Bom dia.

Ela olhava-me intensamente. A seguir, perguntou-me:

- Já descobriu porque é que os nossos caminhos se voltaram a cruzar?

- Não - respondi-lhe. - Não me sentia capaz de pensar nesse assunto. Estive a tentar perceber a história das dependências afectivas.

- Sim, dei-me conta disso - retorquiu ela.

- Como?

- Pelo aspecto do seu campo de energia, pude ver o que estava a acontecer.

- Que aspecto é que ele tinha?

- A sua energia ligara-se à de Marjorie. Quando você estava aqui sentado e ela estava na outra sala, o seu campo estendia-se até lá e prendia-se ao dela.

Concordei com um sinal de cabeça. Ela sorriu e pôs a sua mão sobre o meu ombro.

- Tinha perdido o seu contacto com o universo.

Tinha-se tornado dependente da energia de Marjorie, que funcionava como um substituto. Como acontece com todas as dependências: alguém passa por alguém ou por alguma coisa para se ligar ao universo. A maneira de lidar com isso consiste em aumentar a sua energia e, em seguida, concentrar-se de novo no que está realmente a fazer aqui.

Concordei e saí para a rua, enquanto ela ficou à espera na sala de estar. Durante uns dez minutos, pratiquei o método de acumulação de energia que Sanchez me ensinara. A pouco e pouco, a beleza voltou e comecei a sentir-me muito mais leve. Voltei de novo para dentro.

- Você parece estar muito melhor - disse Júlia.

- E, de facto, sinto-me melhor - assenti.

- Chegado aqui, quais são então as suas perguntas?

Pensei um pouco, antes de responder. Tinha encontrado Marjorie. Para essa pergunta já tinha, portanto, resposta. Mas ainda queria saber por onde andava Wil. E queria compreender também como iriam relacionar-se entre si as pessoas que se orientassem pelo Manuscrito. Se o seu efeito era positivo, o que é que no Manuscrito irritava tanto Sebastian e os outros padres?

Olhei para Júlia.

- Preciso de compreender o resto do Oitavo Olhar Profundo e quero igualmente encontrar Wil. Talvez ele tenha o Nono.

- Eu parto para Iquitos amanhã - disse ela. Você gostaria de ir?

292 293

Senti-me hesitar.

- Acho que Wil está lá - acrescentou ela.

- Como é que sabe?

- Devido aos pensamentos que, esta noite, tive a seu respeito.

Fiquei calado.

- E também tive pensamentos sobre si - continuou Júlia. - De que estávamos os dois a ir para Iquitos. De algum modo, você está envolvido na coisa.

- Envolvido em que coisa? - quis saber.

Ela sorriu.

- Na descoberta do último olhar profundo, antes que Sebastian o consiga.

Enquanto ela falava, veio-me a imagem da nossa chegada, minha e de Júlia, a Iquitos, mas, por uma razão qualquer, tínhamos decidido em seguida tomar direcções diferentes. Senti que me estava a ser dada uma missão, mas o seu conteúdo não me era revelado.

Voltei a concentrar-me em Júlia. Ela continuava a sorrir.

- Por onde é que você andava? - perguntou ela.

- Peço desculpa - disse eu. - Estava a pensar numas coisas.

- Valiam a pena?

- Não sei. Estava a pensar que, uma vez chegados a Iquitos, iríamos em direcções diferentes.

Rolando entrou na sala.

- Trouxe os mantimentos que você queria - disse ele para Júlia.

Ele reconheceu-me e cumprimentou-me polidamente com um aceno de cabeça.

- Está muito bem; obrigado - retorquiu Júlia. Deparou com muitos soldados?

- Não. Não vi nenhum - disse ele.

Marjorie entrou entretanto na sala e distraí-me, mas ainda consegui ouvir Júlia a explicar a Rolando que, segundo ela, Marjorie desejava partir com ele para o Brasil, onde obteria certamente uma passagem para os Estados Unidos.

Abeirei-me de Marjorie.

- Como é que dormiste? - perguntei-lhe.

Ela olhou para mim como se tivesse decidido, apesar de tudo, continuar zangada.

- Não muito bem - respondeu-me.

Apontei com a cabeça na direcção de Rolando.

- É o amigo de Júlia. Parte esta manhã para o Brasil. De lá, ele ajudar-te-á a voltar para os Estados Unidos.

Ela pareceu assustada.

- Escuta, vai correr tudo bem - disse-lhe eu. Eles já ajudaram outros americanos. Conhecem pessoas na embaixada americana no Brasil. Num abrir e fechar de olhos, estarás em casa.

Ela abanou a cabeça.

- Estou preocupada contigo.

- Eu fico bem. Não te preocupes. Logo que possa, volto para os Estados Unidos. Eu telefono-te.

Atrás de mim, Hinton anunciava que o pequeno-almoço ia começar a ser servido. Fomos para a sala de jantar.

Logo a seguir à refeição, Júlia e Rolando mostraram estar com pressa; Júlia explicou que era importante que Rolando e Marjorie passassem a fronteira antes do anoitecer e que iam precisar de um dia inteiro para fazer a viagem.

Marjorie embalou algumas roupas que Hinton lhe deu e, enquanto Júlia e Rolando estavam a conversar à porta, chamei-a à parte.

- Não fiques preocupada com nada - disse-lhe eu.

- Mantém só os olhos bem abertos e é possível que venhas ainda a conhecer outros olhares profundos.

Ela sorriu, mas não disse nada. Fiquei a ver, com Júlia, Rolando a ajudá-la a arrumar as coisas dela no seu pequeno carro. Quando este se pôs a andar, o seu olhar, por um instante, cruzou-se com o meu.

295

294

- Acha que vai correr tudo bem? - perguntei a Júlia.

Ela olhou para mim e piscou-me o olho.

- De certeza que sim. E agora é melhor irmo-nos embora também. Tenho algumas roupas para si.

Estendeu-me um saco com roupas e fomos arrumá-las ao pé de várias caixas de comida na parte de trás do carro. Em seguida, despedimo-nos de Hinton, de Karla e de Mareta e rumámos para norte, em direcção de Iquitos.

A medida que decorria a nossa viagem, a paisagem ia-se tornando cada vez mais selvagem e rareavam os sinais de presença humana. Comecei a falar sobre o Oitavo Olhar Profundo. Era, visivelmente, um novo ponto de vista sobre o relacionamento humano, mas cuja compreensão, em parte, me escapava ainda. Karla falara-me do modo como deviam ser tratadas as crianças e dos perigos inerentes às relações de dependência. Mas quer Pablo, quer Karla tinham aludido conscientemente a um processo de projecção de energia de uns sobre os outros. Em que consistia?

Captei o olhar de Júlia e disse-lhe:

- Ainda não percebi completamente o Oitavo Olhar Profundo.

- A maneira como abordamos as outras pessoas determina o ritmo da nossa evolução e a maior ou menor rapidez com que obtemos resposta às nossas perguntas

imediatas - disse ela.

- Como é que isso funciona? - perguntei.

- Reflicta sobre a sua própria situação - sugeriu ela. - Como é que tem obtido as respostas para os seus problemas?

- Através de pessoas que foram aparecendo, imagino.

- Estava completamente aberto às mensagens que elas lhe traziam?

- Não totalmente. Muitas vezes, armei-me em distante.

- As pessoas que lhe trouxeram mensagens também se fecharam?

- Não, foram sempre bastante abertas e prestáveis.

Elas... - comecei a responder, mas hesitei, sentindo-me incapaz de encontrar a palavra certa para expressar a minha ideia.

- Elas ajudaram-no a abrir-se ainda mais? - perguntou ela.

- De algum modo, encheram-no de calor humano e de energia?

Esta observação provocou em mim uma erupção de recordações. Voltei a recordar-me da postura tranquilizante de Wil, em Lima, quando me encontrava à beira do pânico, da hospitalidade paternal de Sanchez e dos conselhos interessados do padre Carl, de Pablo e de Karla. E agora de Júlia. Eles tinham todos o mesmo olhar, a mesma expressão no rosto.

- Sim - respondi-lhe. - Vocês todos fizeram isso.

- É assim que se deve fazer - disse ela. - Fizemos, e estávamos a fazê-lo conscientemente, seguindo o Oitavo Olhar Profundo. Estimulando-o e ajudando-o a esclarecer-se, pudemos procurar a verdade, a mensagem que você trazia para nós. Compreende o que lhe estou a dizer? Dar-lhe energia era a melhor coisa que podíamos fazer para nosso próprio benefício.

- O que é que o Manuscrito diz exactamente a respeito de tudo isto?

- Diz que quando alguém cruza o nosso caminho traz sempre uma mensagem para nós. Encontros de acaso é coisa que não existe. Mas o modo como respondemos a esses encontros mostra se estamos à altura de recebermos a mensagem. Se temos uma conversa com alguém que cruza o nosso caminho e não captamos nenhuma mensagem relativa às nossas perguntas imediatas, isso não quer dizer que não haja mensagem,

296 297

mas sim que, por uma razão qualquer, não estivemos à altura de a receber. Reflectiu um momento e continuou: - Já lhe aconteceu encontrar um velho amigo ou conhecido, falar com ele um ou dois minutos, em seguida ir à sua vida e, nesse mesmo dia ou na mesma semana, voltar a encontrá-lo?

- Sim, já aconteceu - respondi.

- E qual é, habitualmente, a sua reacção? Costuma dizer algo como É engraçado voltarmos a ver-nos!, ri-se e sai dali como se nada fosse?

- Às vezes é assim.
- O Manuscrito diz que o que devemos fazer em vez disso, nessa situação, é parar tudo o que estivermos a fazer, seja o que for, e descobrirmos a mensagem que temos para essa pessoa, assim como a que ela tem para nós. O Manuscrito prediz que assim que os seres humanos compreenderem esta realidade, a nossa interacção adquirirá um ritmo mais compassado e tornar-se-á mais orientada e deliberada.
- Mas não será difícil fazer isso, sobretudo quando interagimos com alguém que nem sequer sabe a que nos estamos a referir?
- Sim, mas o Manuscrito indica, em linhas gerais, como agir.
- Quer dizer, a maneira exacta como nos devemos relacionar uns com os outros, é isso?
- É isso mesmo.
- E que diz ele?
- Recorda-se do Terceiro Olhar Profundo? De como os seres humanos são únicos no mundo da energia, no sentido em que só eles podem projectar conscientemente a sua energia?
- Sim.
- Lembra-se de como é que isso se faz?
- Lembrei-me das lições de John.
- Sim, apreciando a beleza de um objecto até haver

298

suficiente energia que possa refluir para nós e fazer-nos sentir a sensação de amor. Quando atingimos esse ponto, podemos reenviar a energia.

- Isso mesmo. E o mesmo princípio se aplica às pessoas. Quando apreciamos os contornos e a maneira de ser de alguém, e nos concentramos, de facto, nele, até as suas formas e feições começarem a destacar-se e a ter uma presença mais consistente, podemos reenviar-lhe a energia que recebemos dele e, dessa forma, revigorá-lo.

Como é óbvio, a primeira coisa a fazer é manter elevado o nosso próprio nível de energia; só depois podemos dar início ao processo de chamamento da energia; quando ele está estabilizado, podemos reenviá-la para a outra pessoa. Quanto mais apreciarmos a sua globalidade, a sua beleza interior, mais a energia fluirá para ela e, naturalmente, dela para nós. - Ela riu-se. Na realidade, o que fazemos é algo que tem o seu quê de hedonista - disse ela. - Quanto maior for a nossa capacidade de amar e de admirar os outros, tanto mais energia fluirá para eles. Essa é a razão por que dar energia aos outros é o melhor que podemos fazer por nós mesmos.

- Já ouvi isso antes - disse eu. - O padre Sanchez repetia-o muitas vezes.

Olhei atentamente para Júlia. Tive a impressão de estar a ver mais profundamente a sua personalidade do que das outras vezes. Ela retribuiu-me por momentos o

meu próprio olhar e, em seguida, concentrou-se de novo na estrada.

- O efeito sobre os indivíduos resultante desta projecção de energia é imenso - disse ela. - Por exemplo, neste instante, você está a encher-me de energia. Eu sinto-o. O que eu sinto é uma sensação de maior leveza e claridade ao formular verbalmente os meus pensamentos. Como você me está a dar mais energia do que a que eu normalmente teria, eu posso ver qual é a minha

299

verdade e transmiti-la melhor a si. Quando eu faço isso, você, pelo seu lado, experimenta uma sensação de revelação relativamente ao que lhe estou a dizer. Isso leva-o a ver o meu eu mais elevado e até mais completo e a apreciá-lo mais concentrando-se mais intensamente nele, a um nível mais profundo e menos volátil; quando me vê assim, eu recebo mais energia e maior se torna a percepção da minha verdade, fazendo com que o ciclo recomece. Duas ou mais pessoas a fazer isto umas às outras acedem a níveis inacreditáveis, enquanto se constróem umas às outras, projectam reciprocamente energia e, em retorno, a recebem imediatamente dos outros. Temos, contudo, de compreender em que é que uma relação destas é completamente diferente de uma relação de codependência. De facto, é assim que começa uma relação de codependência; mas ela transforma-se muito rapidamente numa relação de controlo, porque a dependência separa os codependentes da sua fonte de energia e esta, entretanto, esgota-se neles. Uma verdadeira projecção de energia não supõe nem uma ligação, nem uma intenção pessoais. As duas pessoas estão unicamente à espera das respectivas mensagens.

Enquanto ela falava, pensei numa questão: Pablo dissera que eu, da primeira vez, não recebera a mensagem do padre Costous porque o provocara quanto ao seu drama de infância.

- Que fazer - perguntei a Júlia - se a pessoa com quem falamos já está a agir segundo o seu drama de controlo e tenta atrair-nos para ela? Como fazer para não lho alimentar?

Júlia respondeu em poucas palavras:

- O Manuscrito afirma que, se não aceitarmos o drama concorrente, o drama dessa pessoa cai por terra.

- Não tenho a certeza de ter compreendido - disse eu.

Júlia estava a olhar para a estrada à sua frente.

Apercebi-me de que pensava.

- Há um lugar perto daqui onde podemos meter gasolina.

Baixei os olhos para o marcador. Indicava que o reservatório do camião ainda estava a metade.

- Ainda temos muita gasolina - disse eu.

- Eu sei - replicou ela -, mas eu tive o pensamento de que parávamos e de que o enchíamos. Logo, é isso que faremos.

- Nesse caso, tudo bem.

- Lá está a estrada - disse ela, apontando para a direita.

Cortámos onde ela indicara e andámos quase um quilómetro e meio no meio da selva antes de chegarmos ao que parecia ser uma loja de artigos de caça e de pesca. O edifício fora construído à beira de um rio e vários barcos de pesca estavam amarrados ao ancoradouro. Encostámos a uma bomba enferrujada e Júlia foi lá dentro procurar o proprietário.

Saí do camião e espreguicei-me; depois, dei a volta à casa até à beira do rio. O ar estava extremamente húmido. Apesar de a densa abóbada de árvores tapar o Sol, eu diria que ele estava quase na nossa vertical. Em breve, a temperatura ia ficar escaldante.

De repente, apareceu um homem atrás de mim, a falar espanhol em tom zangado. Virei-me e deparei com um peruano baixo e atarracado. Olhou para mim ameaçadoramente e voltou a repetir o que já tinha dito.

- Não compreendo o que está a dizer.

Ele mudou para o inglês.

- Quem é você? O que anda a fazer por estas paragens?

Procurei ignorá-lo.

- Só estamos aqui para comprar gasolina. Mal sejamos servidos, vamo-nos embora.

300 301

Voltei-me mais uma vez para a beira da água, esperando que ele me deixasse em paz.

Contrariamente ao que eu esperava, veio pôr-se ao meu lado.

- Acho melhor que me diga quem é você, ianque.

- Sou americano - disse eu. - Não sei ainda para onde vou. Estou a viajar com uma amiga.

- Um americano perdido - disse ele agressivamente.

- É isso mesmo, adivinhou - disse eu.

- De que anda à procura por estes sítios, americano?

- Não ando à procura de coisíssima nenhumadisse eu, procurando voltar para o carro -, e não lhe fiz nada de mal. Deixe-me em paz.

De repente, reparei que Júlia estava de pé junto ao carro. Quando olhei, o peruano virou-se e também olhou.

- É altura de partir - disse Júlia. - Já fecharam o negócio aqui.

- Quem é você? - perguntou-lhe o peruano no mesmo tom hostil.

- Porque é que você está tão zangado? - perguntou-lhe Júlia, como resposta.

A postura do homem mudou.

- Porque o meu trabalho é vigiar este sítio.

- Não há dúvida de que você faz um bom trabalho.

Mas é difícil para as pessoas falarem se você as assusta.

O homem olhou para ela fixamente, tentando perceber aonde Júlia queria chegar.

- Vamos para Iquitos - disse Júlia. - Estamos a trabalhar com o padre Sanchez e com o padre Carl. Sabe

quem são?

Ele sacudiu a cabeça, mas os nomes dos dois padres fizeram-no acalmar ainda mais. Acabou por acenar com a cabeça e afastar-se.

- Vamos embora! - disse Júlia.

302

Entrámos no camião e fizémo-nos à estrada. Só então me dei conta de como tinha estado ansioso e me enchera de nervos. Procurei afastar esses sentimentos.

- Aconteceu alguma coisa lá dentro? - perguntei.

Júlia olhou para mim.

- Que quer dizer com isso?

- Quero saber se aconteceu alguma coisa lá dentro que explique por que motivo você teve o pensamento de pararmos.

Ela riu-se e depois disse:

- Não. Tudo se passou cá fora.

Fiquei a olhar para ela.

- Já topou? - disse ela.

- Não - retorqui-lhe.

- Em que estava a pensar momentos antes de termos parado?

- Em que queria esticar as pernas.

- Não. Antes disso. O que perguntou quando estávamos a conversar?

Tentei pensar. Tínhamos estado a falar dos dramas de infância. E então lembrei-me:

- Você tinha dito uma coisa que me deixou confuso - disse eu. - Você disse que uma pessoa não

pode representar para nós um drama de controlo se nós não representarmos o drama concorrente. Eu não compreendi.

- E agora, já compreende?

- Não muito. Aonde é que quer chegar?

- A cena que se passou no exterior foi uma demonstração clara do que acontece quando você representa o drama concorrente.

- Como assim?

Ela olhou-me de soslaio.

- Pense no homem que o abordou cá fora. Qual era a postura dele?

- Ele estava, obviamente, numa de intimidante.

303

- Certo. E você, estava em qual?

- Eu só estava a tentar que o tipo me largasse.

- Isso sei eu. Mas qual foi o drama que você representou?

- Bem, comecei por fazer de distante, mas o sujeito não me largou à mesma.

- E então?

A conversa estava a irritar-me, mas tentei concentrar-me e dar-lhe corda. Olhei para Júlia e respondi:

- Creio que a seguir entrei numa de vítima.

Ela sorriu.

- Foi isso mesmo.

- Também notei que você lhe deu a volta sem nenhuma dificuldade - disse eu.

- Unicamente porque entrei numa por que ele não esperava. Lembre-se de que o drama de controlo de cada pessoa se forma na infância em correlação com um outro que lhe pre-existe. Desse modo, todo o drama precisa de um drama concorrente para poder ser plenamente representado. Do que o intimidante necessita para desviar, em benefício próprio, a energia que flui entre as pessoas é de alguém que faça de vítima, ou de um outro intimidante.

- E como é que você lhe deu a volta? - perguntei-lhe, ainda meio confuso.

- O meu drama de reacção poderia ter sido o de intimidante, tentar intimidá-lo ainda mais a ele. É bem provável que tudo redundasse numa cena de violência. Mas, em vez disso, fiz o que o Manuscrito manda fazer: identifiquei o drama que o homem estava a representar. Todos os dramas são estratégias secretas para obter energia. Ele estava a tentar intimidá-lo a si para lhe sacar energia. Quando ele tentou a coisa comigo, eu identifiquei o que ele estava a fazer.

- Foi por isso que lhe perguntou por que estava tão zangado?

- Sim. O Manuscrito diz que as manipulações secretas

304

para captação de energia não resultam se você as tornar evidentes, apontando-as a dedo. Deixam de ser secretas. É um método muito simples. A verdade mais ampla sobre o que está a acontecer prevalece sempre, fica sempre por cima. Depois disso, a pessoa só tem uma saída: tornar-se mais real, mais honesta.

- Sim, tudo isso parece coerente - disse eu. Acho que, até agora, nunca identifiquei previamente os dramas. Era como se não soubesse onde estava metido.

- É isso mesmo. Aliás, todos fizemos como você. Só agora começamos a perceber o que está em jogo. E a chave para fazer com que isto funcione é olhar simultaneamente para a pessoa concreta que se tem à frente, para lá do drama que ela representa, e enviar-lhe toda a energia que se puder. Se ela conseguir, de uma maneira qualquer, sentir a energia que lhe está a ser enviada, então torna-se-lhe mais fácil abandonar a manipulação secreta que estava a usar para a obter.

- O que é que você conseguiu ver naquele sujeito? - disse eu.

- Vi-o como um rapazinho inseguro a precisar desesperadamente de energia. Além disso, ele trouxe-lhe uma mensagem que vinha mesmo a propósito, não acha?

Olhei para ela. Parecia estar à beira de uma gargalhada.

- Acha que parámos lá unicamente para eu aprender a lidar com alguém que estivesse a representar um drama?

- Era isso que você tinha perguntado, não era?

Sorri. A sensação de bem-estar tinha voltado.

- Sim, acho que foi.

Um mosquito zumbindo à minha volta forçou-me a acordar. Olhei para Júlia. Ela sorria, como se estivesse

305

a recordar alguma coisa com piada. Depois de termos deixado a loja junto ao rio, tínhamos andado várias horas, sempre em silêncio. Fomos mordiscando a comida que Júlia havia preparado para a viagem.

- Está acordado? - disse Júlia.

- Sim - respondi. - A que distância estamos de Iquitos?

- A cidade fica a uns quarenta e cinco quilómetros, mas a Estalagem Stewart fica a alguns minutos daqui. É uma pequena estalagem e uma coutada. O dono é um inglês que apoia o Manuscrito.

Ela voltou a sorrir e continuou:

- Passámos juntos bons momentos. A não ser que se tenha passado alguma coisa, ele deve estar lá. Espero que consigamos uma pista sobre o paradeiro de Wil.

Parou o camião à beira da estrada e olhou para mim.

- É bom fazermos o ponto da situação - disse ela.

- Antes de eu voltar a encontrá-lo a si, andava por aí aos caídos, na esperança de ajudar a encontrar o Nono Olhar Profundo. Na realidade, não sabia bem para onde ir. A dada altura, dei-me conta de que o pensamento de Hinton me vinha ao espírito repetidíssimas vezes. Decidi ir a casa dele e... quem é que aparece? Você. E você conta-me que anda à procura de Wil e que ouviu uns zunzuns de que estaria em Iquitos. Tive então a intuição de que os dois iríamos estar envolvidos na busca do Nono, e você teve a intuição de que, a dada altura, nos iríamos separar. É mais ou menos isto, não é verdade?

- Sim - disse eu.

- Bem. Quero que saiba que, depois disso, tenho pensado em Willie Stewart e na estalagem. Alguma coisa vai acontecer lá.

Concordei.

Ela pôs a funcionar o camião e voltámos à estrada.

Numa curva mais à frente, disse:

- Lá está a estalagem.

Uns duzentos metros adiante, onde a estrada dava outra curva para a direita, deparámos com uma casa de dois andares em estilo vitoriano.

Entrámos num parque de estacionamento em cascalho e parámos. Vários homens conversavam na varanda.

Abri a porta do camião e ia a sair quando Júlia me tocou no ombro.

- Não se esqueça - disse ela. - Ninguém está aqui por acaso. Fique atento às mensagens.

Fui atrás dela até à varanda. Os homens, peruanos bem vestidos, cumprimentaram-nos distraidamente com a cabeça quando passámos por eles e entrámos na estalagem. Uma vez no largo vestíbulo, Júlia apontou para a sala de jantar, pediu-me que ocupasse uma mesa e esperasse lá por ela, enquanto ia procurar o proprietário.

Passei os olhos pela sala. Continha uma dúzia de

mesas alinhadas em duas filas. Escolhi uma no meio e sentei-me de costas para a parede. Mais três homens, todos peruanos, entraram depois de mim e sentaram-se na mesa à minha frente. Um outro entrou logo depois e sentou-se numa outra, uns seis metros à minha direita. Da maneira como se sentou, as suas costas ficavam ligeiramente voltadas para mim. Reparei que era estrangeiro, talvez europeu.

Júlia entrou na sala, localizou-me, veio para o pé de mim e sentou-se à minha frente.

- O proprietário não está cá - disse ela - e o gerente dele não sabe nada sobre Wil.

- E agora? - perguntei.

Ela olhou para mim e encolheu os ombros.

- Não sei. Temos de partir do princípio de que está aqui alguém que tem uma mensagem para nós.

- Quem acha que é?

- Não faço a menor ideia.

- Como é que sabe que isso vai acontecer? -

306

307

perguntei-lhe, sentindo-me de repente céptico. Apesar de todas as misteriosas coincidências que me tinham sucedido, desde que estava no Perú, ainda me era difícil acreditar que se ia dar outra naquele momento, só porque nós o desejávamos.

- Não se esqueça do Terceiro Olhar Profundo replicou ela.

- O universo é energia, energia que responde às nossas expectativas. As pessoas também fazem parte desse universo de energia; é por isso que quando temos uma pergunta, a pessoa que tem a resposta, de uma maneira ou de outra, revela-se.

Ela desviou o olhar para as outras pessoas que se encontravam na sala.

- Não sei quem são estas pessoas mas, se pudéssemos falar com elas o tempo suficiente, descobriríamos a verdade que cada uma delas tem para nós, alguma resposta parcial às nossas perguntas.

Olhei-a de lado. Ela quase que se deitou sobre a mesa, ao aproximar-se de mim para me dizer:

- Ponha isto na sua cabeça: quem quer que se cruze consigo tem uma mensagem para si. Se assim não fosse, teriam ido por outro caminho, ou saído antes ou depois. O facto de toda esta gente estar aqui significa que estão aqui por alguma razão.

Olhei para ela, ainda sem saber se ia acreditar, ou não, que fosse assim tão simples.

- A parte complicada - disse ela - é perceber qual delas escolher, já que conversar com todas é impossível.

- Como é que decide? - quis saber.

- O Manuscrito diz que há sinais.

Eu estava a ouvi-la com muita atenção, mas por uma razão qualquer passei os olhos à minha volta e fitei o homem que estava sentado à minha direita. Ele virou-se exactamente nesse instante, e olhou para mim. Quando

encontrei o seu olhar, ele desviou-o para o que estava a comer. E eu também desviei o meu.

- Que sinais? - perguntei.

- Sinais como esse - disse ela.

- Como esse o quê?

- Como esse que acaba de fazer - disse ela, apontando para o homem à minha direita.

- Que quer dizer?

Júlia curvou-se de novo para mim.

- O Manuscrito diz que, a dada altura, como que de repente, vamos aprender que a troca espontânea de olhares entre duas pessoas é sinal de que elas têm algo a dizer uma à outra.

- Mas isso não está sempre a acontecer? - perguntei-lhe.

- Sim, é verdade - disse ela. - E, quando acontece, as pessoas na sua maioria depressa se esquecem e continuam a fazer o que estavam a fazer, como se de nada se tratasse.

Anuí, porque era mesmo assim.

- Que outros sinais são mencionados no Manuscrito? - perguntei.

- Uma espécie de novo sentido, um sentido de reconhecimento - respondeu ela. - Isso acontece quando, por exemplo, vemos alguém que não nos parece estranho, embora saibamos que nunca o vimos antes.

Quando ela disse isto, pensei em Dobson e em Reneau, em como me tinham parecido familiares quando os vira pela primeira vez.

- O Manuscrito dá alguma explicação para o facto de essas pessoas nos parecerem familiares? - perguntei.

- Não se alonga muito sobre isso. Limita-se a dizer que nós pertencemos ao mesmo grupo de pensamento de determinadas pessoas. Os grupos de pensamento evoluem normalmente segundo a mesma linha de interesses. Pensam da mesma maneira e isso produz a

mesma expressão e uma experiência exterior idêntica. Intuitivamente, reconhecemos os membros do nosso grupo de pensamento e com frequência recebemos mensagens deles.

Voltei, mais uma vez, a olhar para o homem à minha direita. Ele parecia-me vagamente familiar; estando a fitá-lo, ele virou-se e voltou a lançar-me um olhar de relance. Olhei rapidamente para Júlia.

- Você tem de falar com aquele homem - disse Júlia.

Não lhe respondi. Sentia-me desconfortável só de pensar em ir abordá-lo. O que eu queria era pôr-me a mexer dali e partir para Iquitos. Estava para fazer esta sugestão quando Júlia voltou a falar:

- É aqui que nós precisamos de estar - disse ela -, e não em Iquitos. Temos de pôr isto cá para fora. O tramado consigo é que você está a resistir à ideia de ir ter

com ele e de meter conversa.

- Como é que você faz isso? - perguntei.
- Isso o quê? - replicou ela.
- Saber o que estou a pensar.
- Não há nenhum mistério nisso. Basta olhar de

perto as expressões que você faz.

- Que quer dizer com isso?

- Quando você admira alguém a um nível mais profundo, você entra em contacto com o seu eu mais verdadeiro, por detrás da fachada que ele mostra, seja ela qual for. Quando você o focaliza realmente a esse nível, consegue perceber o que ele está a pensar, como se no rosto dele uma expressão subtil se espelhasse. Isto é perfeitamente natural.

- Para mim, soa a telepático - disse eu.

Ela sorriu e disse:

- A telepatia é uma coisa perfeitamente natural.

Voltei a olhar de viés para o homem. Desta vez, ele não olhou.

310

- É melhor arrebanhar a sua energia e ir falar com ele - disse ela -, antes que perca a oportunidade.

Decidi, pois, concentrar-me e intensificar a minha energia, até me sentir mais forte.

- O que é que eu vou dizer ao tipo? - perguntei então.

- A verdade - disse ela. - Diga a verdade de uma maneira que você julgue que ele entenda.

- Okay, lá vou eu.

Afastei para trás a minha cadeira e fui até onde o homem estava sentado. Pareceu-me tímido e nervoso, de uma maneira que me lembrou o olhar de Pablo na noite em que o conheci. Tentei vê-lo para lá do seu nervosismo, a um nível mais profundo. Quando o fiz, julguei notar uma nova expressão no rosto dele, uma expressão com mais energia.

- Olá - disse eu. - Você não parece ser peruano. Espero que me possa ajudar. Ando à procura de um amigo meu, Wil James.

- Por favor, sente-se - disse ele, com uma pronúncia escandinava. - Sou o professor Edmond Connor. Estendeu-me a mão e disse: - Lamento muito, mas não conheço o seu amigo Wil.

Apresentei-me e expliquei-lhe então - orientando-me pelo que eu sentia que podia ter algum significado para ele - que Wil andava à procura do Nono Olhar Profundo.

- Estou familiarizado com o Manuscrito - disse ele.

- Estou aqui para analisar a sua autenticidade.

- Veio só?

- Fiquei de me encontrar com um tal professor Dobson, aqui. Mas até agora não chegou. Não estou a perceber o atraso dele. Ele garantiu-me que estaria aqui quando eu chegasse.

- Conhece Dobson?

- Sim. É ele quem está a organizar o estudo do Manuscrito.

- E ele está bem? Vem? - O professor encarou-me, interrogativo: - Estes eram os planos que tínhamos feito. Aconteceu alguma coisa?

Senti a minha energia ir-se abaixo. Dei-me conta de que a reunião entre Dobson e Connor tinha sido combinada antes da prisão do primeiro.

- Conheci-o no avião - expliquei-lhe -, quando vinha para o Perú. Ele foi preso em Lima. Não faço a menor ideia do que lhe aconteceu.

- Preso! Deus do céu!

- Quando falou com ele pela última vez? perguntei-lhe.

- Há umas semanas, mas a data desta nossa reunião ficou confirmada. Ele disse-me que me telefonaria caso houvesse algum contratempo.

- Lembra-se do motivo por que ele preferiu encontrar-se aqui consigo, em vez de em Lima? - perguntei-lhe.

- Por existirem aqui umas ruínas e porque contava encontrar-se aqui com outro cientista.

- Mencionou onde era esse encontro com o outro cientista?

- Sim. Ele falou que tinha de ir a anh... San Luis, creio. Porquê?

- Não sei... Foi só por perguntar.

Ao dizer isto, aconteceram duas coisas em simultâneo. A primeira foi começar a pensar em Dobson, em que voltaria a vê-lo. O nosso encontro dar-se-ia numa estrada ladeada por grandes árvores. A segunda, que ocorreu em simultâneo, foi eu ver pela janela, para grande surpresa minha, o padre Sanchez a subir os degraus da escada que dava para a varanda. Parecia fatigado e tinha as roupas sujas. No parque de estacionamento, outro padre, num carro velho, ficara à sua espera.

- Quem é aquele que ali vem? - quis saber o professor Connor.

- É o padre Sanchez - respondi-lhe, quase sem poder conter a emoção que sentia.

Voltei-me à procura de Júlia, mas ela já não estava sentada à nossa mesa. Mal o padre Sanchez entrou na sala, levantei-me e ele, quando me viu, estacou abruptamente, com uma expressão de surpresa total reflectida no rosto. Só então veio na minha direcção e me abraçou.

- Sente-se bem? - perguntei-lhe.

- Sim, muito bem - disse ele. - Que faz aqui?

Rompendo a sua enorme fadiga, ouviu-se um risinho.

- Eu já não sabia para onde ir. E quase não consegui chegar até aqui. Vêm centenas de soldados a caminho.

- Porque é que os soldados vêm para aqui? - perguntou Connor, nas minhas costas, aproximando-se de onde Sanchez e eu nos encontrávamos.

- Lamento - respondeu Sanchez -, mas não sei dizer-lhe porquê. Só sei que são muitos.

Apresentei-os um ao outro e pus o padre Sanchez ao corrente da situação de Connor. Este parecia verdadeiramente aflito.

- Tenho de sair daqui - disse ele -, mas não tenho quem me conduza.

- O padre Paul está à espera lá fora - disse Sanchez. - Ele vai partir imediatamente para Lima. Você pode viajar com ele, se quiser.

- De facto, quero - disse Connor.

- Espere, e se eles derem de caras com os soldados? - perguntei.

- Não creio que mandem parar o padre Paul - disse Sanchez. - Ele não é pessoa conhecida.

Nesse instante, Júlia voltou à sala e viu o padre Sanchez. Os dois abraçaram-se calorosamente e, mais uma vez, fiz as apresentações. Enquanto eu conversava, Connor

312 313

parecia ficar cada vez mais apreensivo e, após alguns minutos, Sanchez avisou-o de que estava na hora de o padre Paul regressar. Connor saiu para ir ao quarto buscar as bagagens e voltou rapidamente. Sanchez e Júlia acompanharam-no lá fora. Eu disse-lhe adeus e fiquei na nossa mesa à espera. Queria pensar. Sabia que o encontro com Connor fora de algum modo significativo e o facto de Sanchez nos encontrar ali era importante, mas não conseguia ver bem em quê.

Ainda não passara quase tempo nenhum quando Júlia voltou a aparecer e veio sentar-se ao meu lado.

- Eu bem lhe disse que ia acontecer alguma coisa - começou ela por dizer. - Se não tivéssemos parado aqui, não teríamos encontrado Sanchez nem Connor. Por falar nele, que foi que lhe disse?

- Não sei bem ainda - disse eu. - Onde pára o padre Sanchez?

- Foi marcar um quarto para ir descansar. Há dois dias que não dorme.

Desviei os olhos. Eu sabia que o padre Sanchez estava cansado, mas ouvir que ele estava indisponível desapontou-me. Queria muito falar com ele, ver se ele podia acrescentar alguma perspectiva ao que estava a acontecer, sobretudo relativamente à tropa. Senti-me pouco à vontade e uma parte de mim quis zarpar com Connor.

Júlia topou de imediato a minha impaciência.

- Tenha calma - disse ela. - Acalme-se e, enquanto se acalma, diga-me o que pensa do Oitavo Olhar Profundo.

Olhei para ela e tentei concentrar-me.

- Nem sei por onde começar.

- Em sua opinião, qual é o tema desse olhar?

Pus-me a reflectir.

- O das relações interpessoais, nomeadamente

as relações entre crianças e adultos. Aborda igualmente

os chamados dramas de controlo, como identificá-los e como superá-los; indica também como devemos concentrar-nos nas outras pessoas e dirigir o feixe de energia para elas.

- E? - quis ela saber.

Concentrei-me no seu rosto e vi imediatamente o que ela queria saber.

- E se estivermos atentos às pessoas com quem conversamos, receberemos delas as respostas por que esperamos.

Júlia abriu-se num largo sorriso.

- Passei no exame? Acha que compreendi o olhar profundo?

- Quase - disse ela -, porque há mais outra coisa.

Você aprendeu até aqui como uma pessoa pode levantar o moral e o nível de energia de outra. Mas agora vai ver o que acontece num grupo, quando todos os participantes sabem agir dessa maneira.

Fui até à varanda e sentei-me numa das cadeiras de ferro fundido. Alguns minutos depois, Júlia saiu do edifício e veio juntar-se a mim. Tínhamos jantado sem pressa, sem ter muito que dizer e, quando acabáramos de comer, decidira ir lá para fora apanhar o ar da noite. Já tinham passado três horas desde que Sanchez fora para o seu quarto e eu senti que estava outra vez a ficar impaciente. Entretanto, Sanchez surgiu sem prevenir e veio sentar-se ao pé de nós. Só então me senti aliviado.

- Ouviu alguma coisa sobre Wil? - perguntei-lhe.

Enquanto eu falava, ele deslizou a sua cadeira, de modo a ficar voltado para mim e para Júlia. Reparei que tivera o cuidado de ajustar a sua posição, procurando ficar equidistante, quer de mim, quer dela.

- Sim - respondeu-me ele finalmente -, tive notícias.

314

315

Fez de novo uma pausa e, como me parecesse absorto nos seus pensamentos, perguntei-lhe:

- Que ouviu dizer?

- Deixe-me contar-lhe tudo o que aconteceuu-disse ele. -

Quando eu e o padre Carl regressámos à missão, estávamos à espera de lá ir encontrar o padre Sebastian, com os militares. Para dizer a verdade, estávamos à espera de uma inquisição. Quando chegámos, soubemos que os soldados e o padre Sebastian tinham partido bruscamente, umas horas antes, depois de este ter recebido um recado.

Durante todo o dia, não conseguimos saber por que se fora embora; entretanto, recebemos ontem a visita dum tal padre Costous, com que você, segundo depreendi, já se tinha encontrado. Contou-nos ele que fora encaminhado para a missão por Wil James. Aparentemente, Wil

lembrava-se do nome da missão, a partir de uma conversa que tivera anteriormente com o padre Carl, e intuitivamente sabia que precisávamos da informação que o padre Costous tinha para nos dar. O padre Costous decidira apoiar o Manuscrito.

- Porque é que Sebastian se fora embora bruscamente? - perguntei.

- Porque - disse Sanchez - pretendia acelerar a execução dos seus planos. O recado que recebera informava-o de que o padre Costous estava disposto a denunciar a intenção de Sebastian de destruir o Nono Olhar Profundo.

- Sebastian já encontrou o Nono?

- Ainda não, mas espera encontrá-lo muito em breve. Eles acharam um outro documento indicando onde ele se encontra.

- E onde é isso? - perguntou Júlia.

- Nas Ruínas Celestinas - respondeu Sanchez.

- Onde é que isso fica? - perguntei.

316

Júlia olhou para mim e disse:

- A uns sessenta e cinco quilómetros daqui. É um local arqueológico onde cientistas peruanos, e só peruanos, procederam a escavações, envoltas no maior segredo. Descobriram vários sedimentos, todos eles contendo templos antigos, inicialmente maias e depois incas. Aparentemente, as duas culturas acreditavam que naquele sítio havia algo de especial.

De súbito, dei-me conta de que Sanchez estava concentrado, com uma intensidade inabitual, na conversa que estávamos a ter. Quando era eu a falar, ele focalizava-se totalmente em mim, nunca deixando de me fitar. Quando era a vez de Júlia falar, o padre Sanchez mudava de posição, concentrando nela toda a sua focalização. Parecia saber perfeitamente o que estava a fazer e porque o fazia. E o manejo começava a intrigar-me. Foi nesse preciso momento que se abateu um silêncio entre nós. Dei com eles a olhar para mim, expectantes.

- O que se passa? - perguntei-lhes.

Sanchez sorriu para mim:

- É a sua vez de falar - limitou-se a dizer.

- Estamos a falar à vez? - quis saber.

- Não é disso que se trata - disse Júlia. - Acontece tão-só que estamos a ter uma conversa consciente em que cada pessoa fala quando a energia se move na sua direcção. Estamos só a dizer-lhe que a energia passou para si.

Fiquei sem saber o que dizer. Sanchez olhou para mim afectuosamente e explicou-me:

- Parte do Oitavo Olhar Profundo fala de aprender a interagir em grupo. Mas não fique constrangido. Precisa só de compreender o processo. Quando os membros de um grupo estão a falar, só um deles tem a ideia mais forte, num dado momento. Se estiverem atentos, os outros membros do grupo sentem quem deve tomar a

palavra e focalizam conscientemente a sua energia nessa pessoa, com o objectivo de a ajudarem a expressar o mais claramente possível o seu pensamento.

É assim que a conversa progride. E, à medida que progride, uma outra pessoa terá a ideia mais fecunda e assim por diante, sempre num crescendo de força. Se você se concentrar no que se está a dizer, sentirá então quando é a sua altura de falar. A ideia vir-lhe-á ao espírito.

Sanchez desviou os seus olhos para Júlia, que perguntou:

- Qual era a ideia que estava a ter e não expressou?

Tentei lembrar-me de qual era e, por fim, disse:

- Eu estava curioso em saber por que motivo o padre Sanchez olhava sempre tão intensamente para quem se encontrava no uso da palavra.

- A chave deste processo - respondeu Sanchez - está em cada um falar na sua vez e projectar a sua energia quando é a vez de outro.

- Num processo destes, muitas coisas podem correr

mal - interrompeu Júlia. - Há pessoas que, quando estão em grupo, se inflamam. Sentem o poder de uma ideia e expressam-na mas, como o ímpeto da energia é uma coisa muito saborosa, guardam o uso da palavra e nunca mais se calam, quando há muito a energia deveria ter passado para uma outra pessoa. Numa palavra, tendem a monopolizar o grupo.

Outras, pelo contrário, retraem-se e, sempre que sentem o poder de uma ideia, não se arriscam a exprimi-la. Quando isso acontece, o grupo fragmenta-se e as pessoas não podem, obviamente, tirar qualquer proveito das mensagens que se perdem. O mesmo acontece quando há membros do grupo que não são aceites por outros membros do grupo. Os indivíduos rejeitados ficam privados da energia que, de outro modo, receberiam, mas o grupo, por sua vez, perde o benefício das suas ideias.

Júlia calou-se e ambos olhámos para Sanchez, que respirava fundo antes de tomar a palavra:

- A maneira como as pessoas são excluídas é importante. Quando não gostamos, ou nos sentimos ameaçados por alguém, a tendência natural é focalizarmo-nos num aspecto qualquer que, nessa pessoa, não apreciamos, algo que ela tem e nos irrita. Ao procedermos desta maneira, em vez de vermos a beleza interna dessa pessoa e de lhe transmitirmos energia, estamos, infelizmente, a tirar-lha, prejudicando-a de facto. Muitas vezes, a única coisa que essas pessoas sentem repentinamente é que são menos belas e têm menos confiança em si próprias. E não admira, porque, ao agirmos como agimos, minámos a energia delas.

- É por isso - acrescentou Júlia - que este processo é tão importante. Lá fora, os seres humanos estão a envelhecer-se mutuamente uns aos outros, a um ritmo medonho, devido ao contexto de violenta competição em que vivem.

- Mas não se esqueça - continuou Sanchez - de

que num grupo verdadeiramente funcional a ideia é fazer justamente o contrário disso, a ideia é potenciar e aumentar a energia e a vibração de cada membro do grupo focalizando em cada um a energia de todos. Quando o processo se desenrola assim, o campo da energia individual entrelaça-se com, e abisma-se no de todos os outros, constituindo desse modo um reservatório de energia para todos. É como se o grupo se tornasse um único corpo, mas um corpo que não anula uma só das suas cabeças. Uma vez, uma cabeça fala pelo corpo. Noutras, o corpo fala por outra. Num grupo que funcione assim, cada indivíduo sabe quando falar e o que dizer, porque vê a vida efectivamente com mais clareza. Essa é a Pessoa Mais Elevada a que se referia o Oitavo Olhar Profundo, ao abordar a relação amorosa

318 319

entre um homem e uma mulher. Podem assim existir diversíssimas Pessoas Mais Elevadas.

As palavras do padre Sanchez fizeram-me, de repente, pensar no padre Costous e em Pablo, e em como o jovem índio tinha finalmente transformado o espírito daquele, levando-o depois a desejar salvar o Manuscrito. Como é que Pablo o tinha feito? Fora capaz disso devido ao poder do Oitavo Olhar Profundo?

- Onde está, neste momento, o padre Costous? perguntei.

Ambos ficaram meio surpresos com a minha pergunta, mas o padre Sanchez respondeu de imediato:

- Ele e o padre Carl

decidiram ir a Lima falar com responsáveis da nossa Igreja para os pôr ao corrente do que o cardeal Sebastian parece andar a fazer.

- Suponho que é por isso - disse eu - que ele estava tão firmemente decidido a ir à sua missão ter consigo. Ele sabia que tinha mais qualquer coisa a fazer.

- Exactamente - disse Sanchez.

Instalou-se de novo o silêncio entre nós. Olhámos uns para os outros, cada um de nós à espera da ideia seguinte.

- A questão agora - disse, por fim, o padre Sanchez - é saber o que nos compete fazer.

Júlia foi a primeira a intervir:

- Este tempo todo, tenho estado a pensar em como estou envolvida pelo Nono Olhar Profundo. Ou, mais exactamente, em como me apodero dele o tempo suficiente para permitir que alguma coisa... mas não consigo ver com clareza nem o que seja, nem para quê.

Eu e Sanchez fitávamo-la intensamente.

- Vejo que isto está a acontecer num determinado lugar... - continuou ela. - Esperem aí. O sítio em que estou a pensar são ruínas, as Ruínas Celestinas. Há lá um lugar especial no meio dos templos. já estava quase a esquecer-me.

320

Ela voltou a olhar para nós e, em seguida, continuou:
- É lá, a esse sítio, que eu preciso de ir. Preciso de ir para as Ruínas Celestinas.

Quando Júlia acabou de falar, ela e Sanchez deslizaram para mim o olhar.

- Não sei bem - disse eu. - Tenho andado a procurar saber o motivo da espantosa hostilidade que Sebastian e a sua gente nutrem pelo Manuscrito. Descobri que era por temerem a ideia da nossa evolução interior... mas, agora, não sei para onde ir... os soldados estão a vir para cá... parece que Sebastian está quase a chegar, antes de nós, ao Nono Olhar Profundo... não estou a ver; estou a ver-me de algum modo envolvido num processo de persuasão... alguém vai tentar persuadi-lo a não destruir o Manuscrito.

Não tinha mais nada a dizer.

Os meus pensamentos

corriam para Dobson, mais uma vez, para refluírem abruptamente no Nono Olhar Profundo. De repente, percebi que o último olhar vinha revelar para que meta se dirigiam os seres humanos com a sua evolução. Até àquele momento, a minha pergunta era: como é que os seres humanos podiam agir uns com os outros, em consequência do Manuscrito? E a esta pergunta viera responder o Oitavo Olhar Profundo. Agora, logicamente, a minha pergunta passaria a ser: aonde é que tudo isso

nos vai levar, como é que isso vai modificar a sociedade humana? Era a essa pergunta que vinha responder o Nono Olhar Profundo.

De algum modo, eu sabia que o conteúdo da resposta podia ser utilizado para aliviar os receios de Sebastian sobre a evolução consciente... se ele se dispusesse a ouvir.

- Eu penso que o cardeal Sebastian ainda pode ser persuadido a apoiar o Manuscrito - disse com convicção.

321

- Está-se a ver a si mesmo a persuadi-lo? - perguntou-me Sanchez.

- Não... não é bem isso que estou a ver. Vejo-me com mais outra pessoa. E é essa pessoa que pode sensibilizá-lo, alguém que o conhece e pode falar ao nível dele.

Mal acabei de dizer isto, eu e Júlia olhámos espontaneamente para o padre Sanchez.

Visivelmente, ele esforçava-se por sorrir e acabou por falar num tom de aceitação resignada:

- Há muito que eu e o cardeal Sebastian evitamos um confronto a propósito do Manuscrito. Ele sempre foi meu superior. Considerava-me seu protegido e sou forçado a admitir que sempre o respeitei. Mas acho que sempre soube também que chegaríamos a isto. A primeira vez que você falou nisso, eu soube que a tarefa de o persuadir me cabia a mim. Toda a minha vida me preparou para ela.

Olhou então intensamente para mim e para Júlia. Em seguida, continuou:

- A minha mãe era protestante. Detestava o uso da culpabilidade e da coacção na evangelização. Ela sentia que as pessoas podiam vir até à religião por amor, e não por medo. Por outro lado, o meu pai era um disciplinador que, mais tarde, se tornou padre e, como Sebastian, acreditava ferreamente na tradição e na autoridade. Isso fez com que eu quisesse trabalhar com a autoridade da Igreja, mas sempre procurando os caminhos que a pudessem corrigir, para que essa experiência religiosa superior tivesse a possibilidade de emergir.

Lidar com Sebastian é o meu próximo passo. Tenho vindo a resistir a isso, mas sei que preciso de ir a Iquitos, à missão de Sebastian.

- Eu vou consigo - disse eu.

IX

A CULTURA EMERGENTE

A estrada serpenteava para norte, através da selva densa, atravessando vários rios importantes - tributários, segundo me disse o padre Sanchez - do Amazonas. Tínhamo-nos levantado cedo e, depois de nos despedirmos de Júlia, partíramos num veículo que o padre Sanchez pedira emprestado, um jipe de pneus elevados e enormes, com tracção às quatro rodas. À medida que as horas iam passando, a estrada ia-se tornando mais íngreme, as árvores começavam a rarear, surgindo muito espaçadamente, aqui e além, mas cada vez mais imponentes.

- Isto aqui é parecido com as terras à volta de Viciente - disse a Sanchez.

Ele sorriu-me e disse:

- Entrámos numa zona que é muito diferente do resto, uma zona com mais energia. É uma faixa de terra com oitenta quilómetros de comprimento e uns trinta quilómetros de largura. É assim até às Ruínas Celestinas. Aqui, a toda a volta, é pura selva.

Ao longe, à direita, no extremo da selva, reparei num pedaço de terreno desbastado.

322 323

- O que é aquilo ali? - perguntei, apontando para lá.

- Aquilo - disse ele - é a ideia que o Governo tem de desenvolvimento agrícola.

Uma extensa zona arborizada fora desbastada; viam-se amontoados em pilhas os troncos derrubados, alguns parcialmente queimados. Um rebanho de gado pastava a esmo no mato bravo e numa terra onde já se detectavam os sinais da erosão. À medida que passávamos, vários olharam para nós, distraídos pelo barulho que fazíamos. Reparei ainda noutro pedaço de terra recém-terraplanado e percebi que o desenvolvimento

tinha em mira as grandes árvores por que íamos passando.

- Tudo isto é horrível - disse eu.

- Não há dúvida - respondeu Sanchez. - Até o cardeal Sebastian está contra.

Pensei em Phil. Talvez fosse aquele o sítio que ele andava a tentar proteger. O que é que lhe tinha acontecido? De repente, voltei a pensar em Dobson. Connor dissera que Dobson tinha a intenção de ir à estalagem.

Porque é que Connor se encontrava lá para me dizer isso? Onde estaria agora Dobson? Deportado? Na prisão? Não deixara de reparar que eu associara espontaneamente a imagem de Dobson à de Phil.

- A que distância fica a missão de Sebastian? perguntei.

- A cerca de uma hora daqui - respondeu Sanchez. - Como se está a sentir?

- O que quer dizer?

- Quero saber como está o seu nível de energia.

- Creio que está alto - disse eu. - Há imensa beleza aqui.

- Qual é a sua opinião sobre a conversa de ontem à noite? - perguntou ele.

- Achei-a surpreendente.

- Percebeu o que se estava a passar?

- Está-se a referir à maneira como as ideias foram surgindo em cada um de nós em momentos diferentes?

- Sim, mas qual é o grande significado do que aconteceu?

- Ignoro.

- Tenho pensado no assunto. Neste modo de relacionamento consciente em que cada um tenta estimular o que há de melhor nos outros, em vez de exercer poder sobre eles. Creio que é uma postura que toda a raça humana acabará por adoptar. Imagine como então se irão intensificar o nível de energia e o ritmo da evolução.

- Certo - disse eu. - Tenho-me interrogado sobre como é que a cultura humana vai evoluir e modificar-se, à medida que for aumentando o nível geral da energia.

Ele olhou para mim, como se eu tivesse tocado no ponto fulcral.

- É isso que eu também quero saber - disse ele.

Por breves instantes, olhámos um para o outro e ficámos ambos à espera de ver quem teria a ideia seguinte. Por fim, ele disse:

- A resposta a essa pergunta deve estar no Nono Olhar Profundo. Ele deve explicar o que vai acontecer à medida que a cultura for evoluindo.

- É o que acho - disse eu.

Sanchez abrandou a marcha. Estávamos a aproximar-nos de um cruzamento e ele parecia indeciso sobre qual direcção tomar.

- Vamos a algum sítio que fique perto de San Luis?

- perguntei.

Ele olhou-me directamente nos olhos.

- Só se cortarmos à esquerda, neste cruzamento.

Porquê?

- Connor disse-me que Dobson contava passar por

San Luis a caminho da estalagem. Eu penso que era uma mensagem.

Continuámos a olhar um para o outro.

324 325

- Você já vinha a reduzir a velocidade neste cruzamento - disse eu. - Porquê?

Ele encolheu os ombros.

- Sei lá porquê. O caminho mais directo para Iquitos é o que segue em frente. Por um motivo qualquer, tive uma hesitação.

Senti um calafrio percorrer-me o corpo.

Sanchez levantou o sobrolho e sorriu com malícia:

- Acho que é melhor irmos por San Luis, não acha?

Concordei e senti uma onda de energia. Eu sabia que o facto de ter parado na estalagem e ter entrado em contacto com Connor adquiria cada vez mais sentido.

Quando Sanchez voltou à esquerda, em direcção a San Luis, olhei esperançado para a berma da estrada. Trinta ou quarenta minutos depois, ainda nada acontecera.

Atravessámos San Luis, e sempre nada. Então, de repente, uma buzina tocou, virámo-nos e deparamos com um jipe prateado roncando atrás de nós. O condutor

acenava freneticamente. Tinha um ar familiar.

- É Phil! - disse eu.

Estacionámos à beira da estrada; Phil saiu do seu veículo e veio a correr para o meu lado, segurou-me na mão e acenou com a cabeça para Sanchez.

- Não sei o que andam a fazer por aqui - disse ele-, mas a estrada lá à frente está cheia de soldados. Fariam melhor em vir connosco e ficarem connosco à espera.

- Como é que soube que vínhamos? - perguntei-lhe.

- Eu não sabia de nada - disse ele. - Eu simplesmente levantei os olhos e vi-vos passar. Nós estávamos lá atrás, a um quilómetro e meio daqui. - Lançou uma vista de olhos em redor, durante uns segundos, e acrescentou em seguida: - É melhor sairmos desta estrada.

- Okay, nós seguimo-lo - disse o padre Sanchez.

Foi o que fizemos, mal Phil virou o carro e voltou

326

para trás, pela estrada por onde viéramos. Adiante, cortou por outra estrada, para leste, e estacionou pouco depois. Um outro homem saiu de trás de um grupo de árvores. Estava manifestamente à espera do carro. Eu nem queria acreditar no que via. Era Dobson. Saltei do jipe e fui ao seu encontro. Ele estava tão surpreendido como eu e abraçou-me calorosamente.

- É mesmo bom voltar a vê-lo - disse ele.

- O mesmo digo eu - respondi. - Pensei que lhe tivessem dado um tiro.

Dobson deu-me uma pancadinha nas costas e disse:

- Não, acho que entrei em pânico; eles limitaram-se a prender-me. Posteriormente, alguns responsáveis oficiais simpatizantes do Manuscrito libertaram-me. Desde então, ando

por aí à vontade.

Fez uma pausa e sorriu para mim:

- Folgo em vê-lo de boa saúde. Quando Phil me contou que esteve consigo em Viciente e que depois foram presos, fiquei sem saber o que pensar. Mas devia ter calculado que voltaríamos a encontrar-nos. Para onde é que vocês iam?

- Ver o cardeal Sebastian. Pensamos que ele tem a intenção de destruir o último olhar profundo.

Dobson era da mesma opinião e ia dizer alguma coisa quando o padre Sanchez se abeirou de nós.

Em poucas palavras, fiz as apresentações.

- Acho que ouvi mencionar o seu nome em Lima

- disse Dobson a Sanchez -, relacionado com dois padres que iam ser presos.

- O padre Carl e o padre Costous? - perguntei.

- Sim, acho que eram esses os seus nomes.

Sanchez apenas abanou ligeiramente a sua cabeça.

Observei-o um instante; em seguida, eu e Dobson estivemos vários minutos a descrever as nossas experiências respectivas desde que nos tínhamos separado. Ele contou-me que estudara os oito olhares profundos e parecia

327

mortinho por dizer mais qualquer coisa, mas eu interrompi-o para o informar de que estivera com Connor e que ele voltara para Lima.

- Provavelmente, será preso também - disse Dobson. -

Tenho pena de não ter chegado a tempo à estalagem, mas eu queria passar antes por San Luis para ver um outro cientista. Quando voltei, já não consegui encontrá-lo, mas encontrei Phil e...

- Que foi? - perguntou Sanchez.

- Talvez fosse melhor sentarmo-nos - disse Dobson. - Não vão acreditar no que lhes vou dizer. Phil encontrou uma cópia de uma parte do Nono Olhar Profundo.

Ninguém arredou pé.

- Encontrou uma cópia traduzida? - perguntou o padre Sanchez.

- Sim.

Phil estivera a fazer qualquer coisa dentro do seu veículo e vinha agora para o pé de nós.

- Você encontrou uma parte do Nono?

- A bem dizer, não encontrei - disse ele. - Para dizer a verdade, ela veio ter comigo. Depois de termos sido presos os dois, eu fui levado para uma outra cidade. Não sei onde. Pouco tempo depois, Sebastian apareceu por lá. Deteve-me porque queria saber informações sobre as experiências de Viciente e os meus esforços para salvar as florestas. Eu não estava a compreender o interesse dele por mim, até que um guarda me trouxe uma cópia parcial do Nono Olhar Profundo.

O guarda tinha-a roubado ao pessoal de Sebastian que, aparentemente, se limitara a fazer a tradução. A cópia refere-se à energia das florestas antigas.

- Em que termos? - perguntei a Phil.

Ele parou, para pensar, e Dobson aproveitou para sugerir, mais uma vez, que nos sentássemos. Levou-nos então para um sítio onde estendera um oleado no centro

328

de uma quase-clareira. Era um sítio verdadeiramente bonito. Uma dúzia de árvores imensas formava um círculo de uns nove metros de diâmetro. Dentro do círculo viam-se arbustos tropicais altamente aromáticos e fetos enormes do verde mais brilhante que eu já vira. Sentámo-nos em frente uns dos outros.

Phil olhou para Dobson. Então Dobson olhou para mim e para Sanchez e disse:

- O Nono Olhar Profundo explica como a cultura humana vai evoluir e modificar-se no próximo milénio por efeito de uma evolução consciente. Refere diferenças significativas na nossa maneira de viver. Por exemplo, o Manuscrito prediz que nós, os seres humanos, vamos voluntariamente reduzir-nos em termos demográficos. O objectivo é passarmos todos a viver nos lugares mais potentes e mais belos da Terra. Mas, facto notável, muitas dessas zonas irão existir no futuro, porque vamos parar intencionalmente com o abate das florestas, para que elas possam amadurecer e criar energia.

Ainda segundo o Nono Olhar Profundo, em meados do próximo milénio - continuou ele -, os seres humanos irão passar a viver entre árvores que, regra geral, terão uns quinhentos anos, e no meio de jardins cuidadosamente cultivados, mas a pouca distância das zonas urbanas. Estas caracterizar-se-ão por uma incrível magia tecnológica. Por essa altura, os meios de sobrevivência - alimentação, vestuário e transportes - serão produzidos de maneira integralmente automatizada e todos os seres humanos poderão dispôr deles à vontade. Tudo isso virá ao encontro das nossas necessidades, sem sistemas comerciais baseados no dinheiro, mas também sem indulgência excessiva, nem preguiça.

Guiando-se pelas suas intuições, cada um conhecerá com precisão o que tem a fazer e quando fazê-lo, e isso ajustar-se-á harmoniosamente às acções dos outros. Ninguém consumirá em excesso, pela boa razão que

329

teremos abandonado a ideia de que a segurança se obtém pela posse e pelo controlo dos outros. No próximo milénio, a vida ter-se-á tornado uma coisa totalmente diferente do que é hoje.

Segundo o Manuscrito - continuou ele -, o nosso impulso de projectar, que nos leva hoje a viver de projectos,

satisfar-se-á então com a emoção da nossa própria evolução, com a exaltação de receber intuições e com o acompanhar de perto o desenrolar dos nossos destinos. O Nono Olhar Profundo descreve um mundo humano onde toda a gente vive a um ritmo mais lento e compassado e se tornou muito mais atenta. Viverão todos na expectativa do encontro surpreendente que virá a seguir. Todos nós saberemos que, algures, ele vai acontecer: num caminho que serpenteia pela floresta, por exemplo, ou sobre uma ponte que galga uma garganta profunda.

São capazes de visualizar encontros humanos que tenham tanto sentido e significado como esses que se darão? Pensem como será para duas pessoas que se encontram pela primeira vez. Cada uma delas começará por observar o campo de energia da outra, pondo a claro quaisquer manipulações. Uma vez esclarecido este aspecto, partilharão conscientemente uma com a outra histórias das suas vidas respectivas, até se revelarem mutuamente mensagens, num crescendo de exaltação. Depois disso, cada uma regressará à sua vida quotidiana, mas o encontro tê-las-á alterado significativamente. Passarão a vibrar a um novo nível. A partir daí, farão vibrar outras pessoas, de uma maneira que, antes desse encontro, não teria sido possível.

À medida que lhe dávamos a nossa energia, Dobson ia crescendo em inspiração. A descrição que nos fazia da nova cultura humana era cada vez mais eloquente. E o que ele dizia soava a verdadeiro. Pessoalmente, não tinha dúvida de que ele estava a descrever um futuro

330

realizável. Mesmo sabendo que, ao longo da história, muitos visionários tinham vislumbrado um mundo como este. Por exemplo, Marx, que não conseguira descortinar os meios para realizar uma tal utopia. O comunismo tornara-se uma tragédia.

Mas confesso que, mesmo com os conhecimentos que me tinham sido facultados pelos anteriores olhares profundos, eu não conseguia imaginar como é que a raça humana poderia vir a tornar-se naquela que o Nono Olhar Profundo descrevia. Bastava-me ter em mente a maneira como habitualmente se comportava. Quando Dobson se calou, disse-lhe o que estava a pensar.

- O Manuscrito diz que a nossa busca natural da verdade nos levará a isso - explicou Dobson, sorrindo directamente para mim. - Mas, para compreender como se desenrolará o processo que conduzirá a essa nova cultura, talvez seja preciso visualizar o próximo milénio do mesmo ângulo que utilizámos no avião (lembra-se?) para compreender aquele em que ainda estamos. Como se estivesse a vivê-lo todo, a percorrê-lo, numa única existência. Vamos a isso?

Em poucas palavras, Dobson explicou aos outros o

processo e, em seguida, continuou:

- Pensem no que já aconteceu neste milénio. Durante a Idade Média, vivíamos num mundo simples, feito de bem e de mal, definido pelos clérigos. Mas durante o Renascimento, conquistámos a nossa liberdade. Sabíamos que a situação do Homem no universo era mais complexa do que faziam crer os clérigos. Eles só sabiam uma parte da verdade. E, por isso, fomos à procura da história completa.

Mandámos então a ciência saber qual era a nossa verdadeira situação, mas quando os seus esforços não descobriram as respostas de que precisávamos e no prazo em que as esperávamos, resolvemos fixar-nos aqui e focalizarmos a nossa moderna ética do trabalho

331

em preocupações que secularizavam a realidade e eliminavam o mistério que há no mundo. Mas, hoje, nós podemos ver a verdade que havia nessas preocupações.

Podemos ver que a razão que nos levou durante cinco séculos a criar suportes materiais para a vida humana era montar um palco onde se iria representar uma outra coisa totalmente diferente, uma forma de vida que devolverá o mistério à existência.

Porque a ciência sempre acabou por descobrir algumas respostas e a informação que ela nos traz é a isto que conduz: a humanidade está neste planeta para conduzir conscientemente a evolução. E como vamos aprender a evoluir e a prosseguir nos nossos caminhos respectivos, verdade após verdade, o Nono Olhar Profundo diz que toda a cultura humana evoluirá por um caminho bastante predizível.

Fez uma pausa, mas nenhum de nós fez qualquer comentário. Todos queríamos ouvir mais, obviamente.

- Quando atingirmos a massa crítica - continuou ele -, e os olhares profundos começarem a difundir-se a uma escala global, a raça humana começará por atravessar um período de intensa introspecção. Será evidente para todos como é realmente bela e espiritual a natureza do Mundo. Olharemos para as árvores, para os rios e para as montanhas como para templos de grande poder a preservar com reverência e admiração. Exigiremos o fim de toda a actividade económica que ameaça esse tesouro. E os que estiverem em contacto directo com essa situação vão encontrar soluções alternativas para o problema da poluição, porque de certeza que alguém intuirá essas alternativas ao procurar os caminhos da sua própria evolução.

Tudo isto fará parte da primeira grande mudança que vai ocorrer - continuou ele. - Ela vai provocar nas pessoas um movimento espectacular de mudança de ocupação - porque quando as pessoas começarem a receber intuições claras sobre quem de facto são e sobre

aquilo que devem fazer, muitas delas vão descobrir que andam metidas em tarefas erradas e vão ter de saltar

para um outro tipo de ocupação, para poderem continuar a evoluir. O Manuscrito diz que, durante esse período, as pessoas irão mudar de carreira em muitos momentos das suas vidas.

A mudança cultural seguinte será a automatização da produção de bens. Para as pessoas que estarão à frente desse processo, refiro-me aos técnicos, tornar-se-á evidente que essa será a única maneira de conferir eficiência à economia. Mas, à medida que as suas intuições se forem tornando crescentemente evidentes, eles vão descobrir que o que a automatização realmente faz é libertar tempo para cada um, para que todos possamos entregar-nos a outras tarefas.

Porque, enquanto esta mudança se processa, todas as outras pessoas vão continuar, pelas suas próprias intuições, e dentro das ocupações respectivas, a desejar mais tempo livre. Vamo-nos aperceber de que a verdade que temos para dizer e as coisas que temos para fazer serão demasiado únicas para poderem processar-se num quadro habitual de trabalho. Por isso, descobriremos como reduzir as nossas horas de trabalho obrigatório para darmos continuidade à procura da nossa própria verdade. Duas ou três pessoas farão o que antes era feito só por uma a tempo inteiro. Essa tendência facilitará a procura de nova ocupação, pelo menos a tempo parcial, aos que, por efeito da automatização, deixarem de fazer o que faziam.

- E que vai acontecer ao dinheiro? - perguntei. Não acredito que as pessoas passem a reduzir voluntariamente os seus rendimentos.

- Ah, ninguém será obrigado a fazê-lo - disse Dobson. - O Manuscrito diz que os nossos rendimentos permanecerão estáveis por causa das pessoas que nos pagarão pelas intuições que lhes proporcionamos.

332 333

Deu-me quase vontade de rir.

- O quê?

Ele sorriu e olhou directamente para mim.

- O Manuscrito diz que, à medida que formos descobrindo mais sobre a dinâmica energética do universo, veremos o que realmente acontece quando damos alguma coisa a alguém. Hoje, a única ideia espiritual sobre a dádiva é o conceito estreito da dízima. - Ele desviou o olhar na direcção do padre Sanchez. E continuou: - Como sabe, a noção escriturária de dízima é interpretada sobretudo como uma obrigação. A obrigação de dar dez por cento dos rendimentos à Igreja. A ideia que está por trás desta noção é a de que o que quer que demos ser-nos-á retribuído num valor muito superior. Mas o Nono explica que dar é na realidade um princípio universal de apoio ou de sustentação, que se aplica não só às igrejas, mas a qualquer pessoa. Quando damos, recebemos de volta de facto, porque essa é a maneira de a energia interagir no universo. Não nos esqueçamos de que, quando projectamos energia em alguém, estamos a criar com isso um vazio em nós mesmos. Claro

que se estivermos ligados ao universo, esse vazio será de imediato preenchido. O dinheiro funciona exactamente assim. O nono diz que, uma vez que comecemos a dar permanentemente, receberemos sempre mais energia do que aquela que poderíamos dar.

E os nossos dons - continuou ele - irão para pessoas que nos deram a conhecer uma verdade espiritual. Quando as pessoas vêm ter connosco, precisamente no momento exacto, para nos darem as respostas de que precisamos, nós dar-lhes-emos dinheiro. Será deste modo que começaremos a obter o complemento dos nossos rendimentos e a abandonar mais facilmente as ocupações que nos limitam. À medida que for aumentando o número de pessoas empenhadas nessa economia espiritual, começar-se-á a dar uma mudança real no interior da cultura do próximo milénio. Teremos passado do estádio em que, fundamentalmente, procurámos encontrar, e mudar para, a ocupação certa, para o estádio em que seremos pagos para evoluir livremente e oferecer a nossa verdade única aos outros.

Olhei para Sanchez; ele estava a ouvir intensamente e parecia radiante.

- Sim - disse ele para Dobson -, para mim está claro. Se todos estivessem a participar, estaríamos constantemente a dar e a receber, e essa interacção de uns para com os outros, essa troca de informação, tornar-se-ia o novo trabalho de todos, a nossa nova orientação económica. Seríamos pagos pelas pessoas que fizéssemos vibrar. Essa situação iria então contribuir para, de certo modo, exigir que os suportes materiais da vida passassem a ser integralmente automatizados, porque estaríamos todos demasiado ocupados para sermos proprietários desses sistemas ou para os manter a funcionar. Nós quereríamos que a produção material fosse automatizada e gerida como um serviço público. Teríamos talvez a nossa participação nesse sistema de produção, mas ficaríamos livres para expandir o que já hoje é a era da informação.

Mas o que mais importa, neste momento, é sermos capazes de compreender em que direcção estamos a evoluir. Antes, não podíamos salvar o meio-ambiente, democratizar o planeta e dar de comer aos pobres, porque durante muito tempo fomos incapazes de ver que o nosso medo da escassez e a nossa necessidade de controlar tudo nos impediam de partilhar com os outros.

Não podíamos fazê-lo porque nos faltava uma visão da vida que nos servisse de alternativa. E agora têmo-la!

Olhou para Phil e perguntou-lhe:

- Mas não precisaríamos de uma fonte de energia mais barata?

- Fusão, supercondutividade, inteligência artificial

334 335

-disse Phil. -Provavelmente não estamos assim tão longe da tecnologia para automatizar. Tanto mais que agora conhecemos porque motivo devemos fazê-lo.

- É isso mesmo - disse Dobson. - O mais importante é que estejamos a ver a verdade desse modo de vida. Não estamos aqui neste planeta para pôr de pé impérios pessoais, mas para evoluir. Pagar a outros pelos olhares profundos que recebemos será o princípio da transformação e, a partir daí, cada vez mais sectores da economia serão automatizados e a moeda desaparecerá totalmente. Não precisamos dela para nada. Se seguirmos correctamente as nossas orientações intuitivas, só iremos buscar, nesse caso, aquilo de que precisamos.

- E compreenderemos - interrompeu Phil - que as zonas naturais da Terra têm de ser nutridas e protegidas por serem, como são, fontes de um inacreditável poder.

Enquanto Phil falava, toda a nossa atenção foi focalizada nele, o que pareceu surpreendê-lo por causa da exaltação que isso lhe proporcionava.

- Eu não estudei todos os olhares profundos disse ele, olhando para mim. - Na realidade, depois de o guarda me ter ajudado a fugir, talvez nem tivesse guardado, de maneira nenhuma, esta parte do Nono, se não o tivesse encontrado antes. Lembrei-me de que você me falara quanto o Manuscrito começava a ser importante. Mas mesmo não tendo lido os outros olhares profundos, eu compreendo a importância de manter a automatização em harmonia com a dinâmica energética da Terra.

O meu centro de interesse têm sido as florestas e o papel que desempenham na ecoesfera - continuou ele.

- Sei agora que sempre foi assim, desde que eu era miúdo. O Nono Olhar Profundo diz que, à medida que a raça humana for evoluindo espiritualmente, nós começaremos a reduzir voluntariamente a população até a um nível sustentável pela Terra. Vamos assumir o compromisso de viver dentro dos limites dos sistemas energéticos naturais do planeta. As explorações agrícolas podem ser automatizadas, excepto no caso dos legumes que queiramos abastecer pessoalmente de energia para serem, em seguida, consumidos. As árvores necessárias à construção civil serão plantadas em regiões especiais, delimitadas. Isso deixará livres todas as outras árvores da Terra, para crescerem, atingirem idades avançadas e, por fim, amadurecerem em florestas frondosas.

Finalmente, essas florestas acabarão por ser mais a regra do que a excepção, e os seres humanos viverão na sua proximidade, perto do tipo de poder que elas proporcionam. Pensem em que mundo cheio de energia poderemos viver.

- Isso deve elevar o nível de energia de cada um - disse eu.

- Sim, e vai elevar - disse Sanchez distraidamente, como se estivesse a ver mais longe, a visualizar o significado desse aumento de energia.

Todos ficámos à espera do que ele tinha para dizer.

- Isso vai acelerar - disse, por fim - o ritmo da nossa evolução. Quanto mais rápida for a energia a fluir entre nós e dentro de nós, mais misteriosamente responderá o universo. E com isso haverá mais pessoas a surgir nas nossas vidas com as respostas às perguntas que nos colocamos. - De novo, pareceu mergulhar nos seus pensamentos. Depois, disse: - E de todas as vezes que seguirmos as nossas intuições, e algum

misterioso encontro nos fazer progredir, a nossa vibração pessoal tornar-se-á mais ampla. Para a frente e para cima - continuou ele, em parte para consigo. - Se a história continuar, então...

- Nós continuaremos a atingir níveis cada vez mais elevados de energia e de vibração - disse Dobson, concluindo o pensamento de Sanchez.

336 337

- Sim - disse Sanchez. - É isso mesmo. Dêem-me licença, é só um minuto.

Levantou-se, meteu-se alguns metros pela floresta adentro e sentou-se sozinho.

- Que mais diz o Nono Olhar Profundo? - perguntei a Dobson.

- Não lhe sei responder - disse ele. - É aqui que pára a parte que temos. Gostaria de a ler?

Disse-lhe que sim. Ele foi ao jipe e voltou com um envelope. Dentro havia vinte páginas dactilografadas. Li o manuscrito. Fiquei impressionado como Dobson e Phil tinham apanhado os pontos fundamentais. Quando cheguei à última página, compreendi por que razão tinham dito que era só uma parte do Nono. O documento acabava abruptamente a meio de um conceito. Justamente quando começava a abordar o tema de que a transformação do planeta criaria uma cultura totalmente espiritual e elevaria os seres humanos a níveis cada vez mais amplos de vibração, o documento sugeria que essa elevação levaria à ocorrência de algo mais, mas não dizia o quê.

Uma hora depois, Sanchez levantou-se e abeirou-se de mim. Eu contentara-me em continuar sentado no meio das plantas, a observar os seus inacreditáveis campos de energia. Dobson e Phil estavam atrás do jipe deles, a conversar.

- Acho que devíamos partir para Iquitos - disse ele.

- E que fazemos em relação aos soldados? - perguntei eu.

- Penso que devemos arriscar. Tive o pensamento claro de que podíamos fazê-lo se partíssemos já.

Concordei em seguir a sua intuição e fomos até junto de Dobson e de Phil dizer-lhes o que planeávamos fazer.

Os dois apoiaram a ideia, e Dobson disse:

- Nós também estávamos a discutir o que íamos fazer. Vamos directamente para as Ruínas Celestinas,

338

penso eu. Talvez consigamos ajudar a salvar o resto do Nono Olhar Profundo.

Despedimo-nos deles e retomámos a direcção norte.

- Em que é que está a pensar? - perguntei, após um período de silêncio.

O padre Sanchez reduziu a velocidade e olhou para mim:

- Estava a pensar no cardeal Sebastian, no que você

disse: que só iria desistir de lutar contra o Manuscrito se alguém conseguisse fazê-lo compreender.

Enquanto o padre Sanchez expunha a sua ideia, o meu espírito vagueava num sonho acordado: vi desenrolar-se o confronto com Sebastian. Ele estava numa sala de tribunal, olhando-nos de cima para baixo. Naquele momento, ele tinha o poder de destruir o Nono Olhar Profundo e nós estávamos a tentar dissuadi-lo do contrário, antes que fosse tarde demais.

Quando saí do sonho, dei com Sanchez a sorrir para mim.

- O que estava a ver? - quis ele saber.
- Estava só a pensar em Sebastian.
- O que é que acontecia?
- A imagem do confronto com Sebastian era clara.

Ele estava quase a destruir o último olhar profundo e nós procurávamos dissuadi-lo.

Sanchez respirou fundo.

- Parece que a divulgação do Nono depende de nós.

O meu estômago deu um nó só de ouvir aquilo.

- Que vai dizer-lhe?

- Não sei. Mas devemos levá-lo a ver o lado positivo, levá-lo a compreender que o Manuscrito, como um todo, não nega, antes clarifica a verdade da Igreja. Estou convencido de que esse é o tema do resto do olhar profundo.

339

Durante uma hora, viajámos em silêncio, não vendo passar por nós qualquer espécie de tráfego. No meu pensamento desfilaram os acontecimentos mais significativos, desde a minha chegada ao Perú. Travara conhecimento com os olhares profundos do Manuscrito e estes acabaram por confundir-se com o meu espírito, penetrando na minha consciência. Tornara-me atento à dimensão misteriosa em que evoluía a minha vida, como revelava o Primeiro Olhar. Eu sabia que se tratava de um fenómeno mais geral: toda a cultura humana era de novo sensível ao mistério. Encontrávamo-nos num processo de construção de uma nova visão do mundo, para que apontava o Segundo Olhar. O Terceiro e o Quarto tinham-me mostrado como o universo é na realidade um vasto sistema de energia e como os conflitos humanos radicam na sua escassez e não passam, por isso, de estratégias de manipulação que visam açambarcar um bem essencial e raro.

O Quinto Olhar revelara-me que podemos pôr fim a este conflito recebendo um influxo de energia, vinda de uma outra fonte. Para mim, esta capacidade tornara-se quase um hábito. O Sexto Olhar mostrara-me como podíamos esclarecer e trazer à luz os nossos velhos dramas e encontrar os nossos verdadeiros eus. Este tema também estava definitivamente gravado no meu espírito.

E o Sétimo mostrara-me como a evolução desses eus verdadeiros se encontrava já em movimento através das perguntas quotidianas que nos colocávamos, da intuição do que tínhamos a fazer, e das respostas que nos eram proporcionadas pelos encontros. Permanecer nesta corrente mágica era o verdadeiro segredo da felicidade.

E o Oitavo

Olhar, ao indicar como entrar, de uma maneira nova, numa relação com os outros - exponenciando o que têm de melhor - revelava, finalmente, a maneira de agir do mistério. Ele actua respondendo, dando resposta às nossas perguntas imediatas. Manter o mistério em movimento e deixar fluir as respostas são uma e a mesma coisa.

Todos os olhares convergiam, finalmente, num processo de consciência que, no seu sentido mais amplo, era um estado permanente e complexo de vigília e de expectativa. O olhar que faltava, sabia-o eu, era o Nono, que revelava para onde nos conduzia a nossa evolução. Uma parte dessa meta já nós conhecíamos. Que nos diria o resto?

O padre Sanchez parou o veículo na berma da estrada.

- Estamos a seis quilómetros da missão do cardeal

Sebastian - disse ele. - Acho que devíamos conversar.

- Okay.

- Não sei o que nos espera, mas imagino que tudo o que podemos fazer é ir a direito e entrar lá.

- Qual o tamanho da missão?

- É uma grande missão. Há vinte anos que ele a vem ampliando. Escolheu este sítio para servir os índios camponeses que ele sentia serem desprezados. Mas actualmente recebe estudantes vindos de todas as regiões do Perú. Também tem responsabilidades administrativas em organizações eclesiais em Lima, mas esta missão é o seu projecto especial. É-lhe totalmente devotado. - Ele olhou-me directamente nos olhos. - Por favor, mantenha-se vigilante. Poderá chegar o momento em que teremos de nos ajudar um ao outro.

Depois de ter dito isto, Sanchez meteu-se de novo à estrada. Durante vários quilómetros, mantivemo-nos em silêncio. A dada altura, passámos por dois jipes militares, estacionados na berma direita da estrada. Os seus ocupantes olharam-nos fixamente ao passarmos.

- Bem - disse o padre Sanchez -, agora já sabem que estamos aqui.

Um quilómetro e meio à frente, chegámos à entrada da missão. Uns grandes portões de ferro guardavam um caminho pavimentado. Apesar de estes estarem abertos,

340 341

um jipe e quatro soldados bloqueavam-nos o caminho e fizeram-nos sinal para que parássemos. Um dos soldados falava para um rádio de ondas curtas.

Sanchez sorriu quando o soldado chegou à nossa beira.

- Sou o padre Sanchez. Vim falar com o cardeal Sebastian.

O soldado revistou o padre Sanchez e, em seguida, fez o mesmo comigo. Voltou-se e foi ter com o soldado que tinha o rádio. Falaram um com o outro, sem despegar os olhos de nós. Alguns minutos depois, o soldado veio ter connosco e disse-nos que podíamos segui-lo.

O jipe avançou por uma avenida ladeada de árvores e, umas centenas de metros mais à frente, desembocou no pátio da missão. Havia uma igreja imponente e outros edifícios. Na igreja de pedra, podiam caber, segundo os meus cálculos, umas mil pessoas. De ambos os seus lados, viam-se mais duas construções, com uma altura de quatro andares, que tinham todo o ar de pertencer a uma escola, com as suas típicas salas de aula.

- É um lugar impressionante - disse eu.

- Sim, mas onde estão as pessoas? - perguntou Sanchez.

Reparei, de facto, que as ruas e travessas estavam vazias.

- Sebastian montou aqui uma escola extraordinária

- disse ele. - Porque é que não se vêem estudantes?

Os soldados conduziram-nos até à entrada da igreja e pediram-nos, educada mas firmemente, que saíssemos do jipe e entrássemos com eles no edifício. Ao subirmos as escadas de cimento, vi vários camiões estacionados atrás do edifício vizinho. Trinta a quarenta soldados encontravam-se por perto, prontos a intervir. Uma vez dentro do edifício, atravessámos o santuário e, ao fundo, indicaram-nos uma pequena sala, para onde entrámos.

Fomos então cuidadosamente revistados e disseram-nos para esperar. Os soldados saíram e fecharam a porta.

- Onde é o gabinete de Sebastian? - perguntei a Sanchez.

- Lá mais para o fundo da igreja - disse ele.

De súbito, a porta abriu-se. Flanqueado por vários soldados, surgiu Sebastian. Tinha um porte alto e a prumo.

- Que fazes aqui? - perguntou Sebastian a Sanchez.

- Estou aqui para falar contigo - respondeu-lhe Sanchez.

- Sobre que assunto?

- Sobre o Nono Olhar Profundo do Manuscrito.

- Não há nada a discutir sobre isso. Ele nunca foi encontrado.

- Nós sabemos que já o encontraste.

Sebastian abriu os olhos de surpresa.

- Não vou deixar que esse olhar se disseminasse ele. - Não é a verdade.

- Como é que sabes que não é a verdade?

- perguntou Sanchez. - Podes estar enganado. Deixa-me lê-lo.

O rosto de Sebastian suavizou-se ao olhar de frente para Sanchez:

- Normalmente, tu confiarias em mim; pensarias que eu tomaria, numa questão como esta, a decisão certa.

- Sei disso - disse Sanchez. - Tu foste o meu

mentor. A minha inspiração. Modelei a minha missão pela tua.

- Até o Manuscrito ser descoberto, respeitavas-me - disse Sebastian. - Não estás a ver como ele nos divide? Procurei não interferir no teu próprio caminho. Deixei-te sempre em paz, mesmo depois de saber que tu ensinavas os olhares profundos. Mas não vou permitir que este documento destrua tudo o que a nossa Igreja construiu.

342 343

Um outro soldado aproximou-se por detrás de Sebastian e pediu-lhe para falar com ele. Sebastian olhou de viés para Sanchez, enquanto saía para o vestíbulo. Podíamos vê-los, mas não conseguíamos ouvir o que diziam. A informação alarmou manifestamente Sebastian. Ao voltar-se para se ir embora, fez sinal a todos os soldados para que o seguissem, excepto a um, a quem aparentemente deu ordens para ficar connosco.

O soldado entrou na sala e encostou-se à parede. Via-se-lhe no rosto uma expressão perturbada. Não teria mais de vinte anos.

- O que é que se passa? - perguntou-lhe Sanchez.

O soldado limitou-se a abanar a cabeça.

- É a respeito do Manuscrito? Do Nono Olhar?

O rosto do soldado expressou surpresa.

- O que é que sabe sobre o Nono Olhar? - perguntou ele, timidamente.

- Estamos aqui para o salvar - disse Sanchez.

- Eu também quero salvá-lo - respondeu o soldado.

- Já o leu? - perguntei-lhe.

- Não - disse ele. - Mas ouvi falar. Ele vem trazer vida à nossa religião.

Subitamente, ouviu-se um barulho de tiros, vindo lá de fora.

- O que é isto? - perguntou Sanchez.

O soldado ficou imóvel.

Sanchez tocou-lhe delicadamente no braço:

- Ajude-nos.

O jovem soldado foi até à porta e olhou para o vestíbulo. Depois, disse:

- Houve alguém que entrou na igreja e roubou a cópia do Nono Olhar Profundo. Parece que são mais do que um e que ainda não saíram da missão.

Ouviram-se mais tiros.

- Temos de tentar ajudá-los - disse Sanchez ao rapaz. Este parecia cada vez mais apavorado.

- Temos de fazer o que está certo - insistiu Sanchez. - Temos de o fazer para proveito de todos.

O soldado anuiu e disse-nos para irmos para uma zona da igreja onde haveria menos agitação e que talvez aí arranjassem um meio de nos auxiliar. Ele foi à nossa frente, passámos pelo vestíbulo, subimos dois lanços de escada e chegámos a um longo corredor que se estendia

a toda a largura da igreja.

- O gabinete de Sebastian fica mesmo aqui, dois andares mais abaixo - disse o rapaz.

De repente, ouvimos um grupo de pessoas que, por um corredor lateral, vinha a correr na nossa direcção. Sanchez e o soldado iam à minha frente e ainda tiveram tempo para se enfiar por uma sala que ficava à direita. Eu percebi que não iria ter tempo para fazer o mesmo, corri e fui-me esconder numa outra, ao lado. Entrei e fechei a porta.

Era uma sala de aulas. Carteiras, estrado e armário. Corri para o armário, vi que não estava fechado à chave, e meti-me lá dentro no meio de caixas e de camisolas que cheiravam a mofo. Tentei esconder-me o melhor que pude, mesmo sabendo que, se alguém abrisse o armário, eu seria automaticamente descoberto. Tentei ficar imóvel, contendo a respiração. A porta da sala abriu-se e rangeu e ouvi distintamente várias pessoas a entrar e a andar pela sala. Pareceu-me que uma delas se abeirava do armário mas, por um motivo qualquer, parara e mudara de direcção. Falavam alto em espanhol. Depois, fez-se silêncio. E deixei de ouvir qualquer movimento.

Esperei dez minutos, antes de abrir lentamente a porta do armário e olhar para fora. A sala estava vazia. Fui até à porta. Não vi nenhum sinal de presença humana. Fui andando depressa para a sala onde Sanchez e o soldado se tinham escondido. Para minha grande surpresa,

345

não se tratava de uma sala, mas de um corredor. Pus-me à escuta, mas não captei o mais pequeno ruído. Encostei-me à parede, sentindo ansiedade no estômago. Chamei baixinho Sanchez pelo seu nome. Nenhuma resposta. Eu estava sozinho. E senti uma ligeira tontura provocada pela ansiedade.

Respirei fundo e tentei falar comigo próprio; não era altura para perder a cabeça, antes pelo contrário, devia intensificar a minha energia. Lutei durante vários minutos até as cores e as formas do corredor sobressaírem com mais presença. Tentei projectar amor. Finalmente, senti-me melhor, e Sebastian veio-me de novo à ideia. Se ele estivesse no seu gabinete, de certeza que seria para lá que Sanchez iria.

Mais à frente, o corredor ia dar a outra escada. Resolvi descer dois lanços e ir para o primeiro andar. Pelo vidro da porta da escada, olhei para o corredor. Não havia ninguém à vista. Abri a porta e fui andando, sem saber para onde queria ir.

Foi então que ouvi a voz de Sanchez vinda de uma sala à minha frente. A porta estava entreaberta. A voz de Sebastian ressoava até onde eu me encontrava. Ao aproximar-me da porta, um soldado abriu-a, de repente, por dentro e apontou-me uma espingarda ao coração, obrigando-me a entrar e a encostar-me à parede. Sanchez reconheceu de relance a minha presença e colocou

a mão no seu plexus solar. Sebastian abanava a cabeça, enojado. Não vi, em lado nenhum, o jovem soldado que nos ajudara.

Eu sabia que o gesto de Sanchez, apontando para o seu estômago, queria dizer alguma coisa. Tudo aquilo em que eu consegui pensar era que ele precisava de energia. Decidi, pois, focalizar-me no seu rosto, enquanto ele falava, procurando ver o seu eu mais amplo e, de facto, o seu campo de energia foi-se progressivamente ampliando.

346

- Tu não podes deter a verdade - disse Sanchez.
- As pessoas têm o direito de a conhecer.
Sebastian olhou condescendentemente para Sanchez.
- Esses olhares profundos violam as Escrituras.
Não podem, portanto, ser verdadeiros.
- Mas, bem vistas as coisas, eles violam as Escrituras

ou,
pura e simplesmente, dão-nos a conhecer o seu
real significado?

- Nós sabemos o que elas significam - disse
Sebastian. - Sabêmo-lo há séculos. Ou já te esqueceste
dos teus anos de formação, dos teus anos de estudo?

- Não, não me esqueci - disse Sanchez. - Mas
também sei que os olhares profundos dão uma outra
amplitude à nossa espiritualidade. Eles...

- Segundo quem? - gritou Sebastian. - Quem,
aliás, escreveu esse Manuscrito? Alguns pagãos maias
que, sabe-se lá onde, aprenderam a falar aramaico? O que
é que essa gente sabia? Acreditavam em lugares mágicos e numa
energia misteriosa. Não passavam de uns
primitivos. As ruínas onde o Nono foi encontrado têm
o nome de Templos Celestinos, de Templos Celestiais.
O que é que essa cultura podia saber sobre o céu?

Ou será que essa cultura conseguiu sobreviver?continuou
ele.

- Não. Nem sequer sabemos o que
aconteceu aos Maias. Limitaram-se a desaparecer, sem
deixar rasto. E tu queres que demos fé a um Manuscrito de
gente dessa? Este documento faz-nos crer que
são os seres humanos que estão à frente de tudo isto,
como se estivessem encarregues de transformar o
mundo. Mas não estamos. É Deus quem está. A única
coisa que os seres humanos têm a fazer é aceitar os
ensinamentos das Escrituras e, cumprindo-as, alcançarem a sua
salvação.

- Mas pensa numa coisa - retorquiu Sanchez. - O que
queres dizer com aceitar os ensinamentos e conquistar a
salvação? Qual é o processo pelo qual isso acontece?

347

Não nos mostra o Manuscrito, de uma maneira
precisa, como nos tornarmos mais espirituais, mais em
ligação, mais salvos - como parece ser o caso? E não

nos mostram o Oitavo e o Nono o que acontecerá se toda a gente agir como ele indica?

Sebastian abanou a cabeça e pôs-se a andar de um lado para o outro. Em seguida, voltou-se e lançou um olhar penetrante a Sanchez.

- Tu ainda não viste o Nono.

- Sim, vi. Vi uma parte.

- Como assim?

- Uma parte que me foi descrita antes de chegar aqui. E li uma outra parte há alguns minutos.

- O quê? Como?

Sanchez aproximou-se do velho padre.

- Cardeal Sebastian, as pessoas, em toda a parte, querem que este último olhar seja revelado. É ele que coloca em perspectiva todos os outros olhares profundos. Deixa-nos ver qual é o nosso destino. Em que consiste realmente a nossa consciência espiritual.

- Nós sabemos o que é a espiritualidade, padre Sanchez.

- Sabemos? Eu penso que não. Passámos séculos a falar sobre isso, a visualizar em que consistiria, a professar a nossa fé nela. Mas sempre caracterizámos essa ligação como algo de abstracto, algo em que acreditávamos intelectualmente. E sempre apresentámos essa ligação como uma obrigação que o indivíduo tinha de cumprir para evitar que algum mal lhe acontecesse, em vez de a cumprir para alcançar algo de espantosamente bom. O Manuscrito descreve a inspiração que virá quando, de facto, nos amarmos uns aos outros e estivermos a evoluir nas nossas próprias vidas.

- Evoluir! Evoluir! Ouve-te a ti próprio, padre, tu que sempre combatestes a influência da evolução. O que é que te deu?

348

Sanchez recompôs-se.

- Sim, é verdade, combati a ideia de evolução como substituto de Deus. Não admitia que fosse uma maneira de explicar o universo sem referência a Deus. Mas vejo, agora, que a verdade é uma síntese das duas maneiras de ver: da científica e da religiosa. A verdade é que a evolução é a via que Deus criou e continua a criar.

- Mas não existe evolução nenhuma - rebateu

Sebastian. - Deus criou este mundo e ponto final parágrafo.

Sanchez olhou para mim, à procura de auxílio, mas eu não tinha mais nenhuma ideia.

- Cardeal Sebastian - continuou ele -, o Manuscrito descreve o progresso realizado por sucessivas gerações como uma evolução na compreensão, uma evolução projectada para uma espiritualidade mais ampla e vibrante. Cada geração incorporou mais energia e acumulou mais verdade, transmitindo esse legado à geração seguinte, para que esta o levasse ainda mais longe.

- Isso é uma estupidez - disse Sebastian. - Só

existe uma maneira de nos tornarmos mais espirituais: é seguir os exemplos que vêm nas Escrituras.

- Estou de acordo! - disse Sanchez. - Mas, mais uma vez, o que são os exemplos? Não é a história que vem nas Escrituras a história de um povo que vai aprendendo a receber no seu seio a energia e a vontade de Deus? Não é a fazer isto que os profetas cativaram as pessoas no Antigo Testamento? E não foi essa receptividade à energia de Deus que culminou na vida de um filho de carpinteiro, a ponto de dizermos que o próprio Deus desceu à Terra? - Não é esta a história do Novo Testamento? - continuou ele. - A história de um grupo de pessoas que começou por receber um certo tipo de energia, até ela as transformar? Não foi o próprio Jesus que disse que o que Ele fazia nós podíamos também fazer e ainda melhor?

349

A realidade é que nós nunca levámos nada disto a sério. Nunca, até agora. Só agora é que começamos a compreender o que Jesus dizia, aquilo de que Ele falava, para onde ele nos estava a conduzir. O Manuscrito esclarece o que Ele queria dizer e como fazê-lo!

Sebastian desviou o olhar, o rosto vermelho de raiva. Durante a pausa que se verificou na conversa entre os dois homens, um oficial de patente elevada entrou na sala e disse a Sebastian que os intrusos tinham sido detectados.

- Olhe! - disse o oficial, apontando pela janela. Lá estão eles!

Olhámos e vimos, a uns trezentos a quatrocentos metros, dois vultos a correr pelo descampado direitos à floresta. Vários soldados na borda da clareira pareciam estar prontos a fazer fogo.

A alta patente virou as costas à janela e voltou-se para Sebastian, com o rádio a postos.

- Se eles chegarem à floresta - informou ele -, vai ser difícil apanhá-los. Tenho a sua autorização para abrir fogo?

Ao olhar atentamente para os dois vultos que continuavam a correr, reconheci de repente quem eles eram.

- São Wil e Júlia - gritei.

Sanchez abeirou-se ainda mais de Sebastian:

- Em nome de Deus, tu não podes cometer, ainda por cima, um assassinato.

A alta patente não desistia.

- Cardeal Sebastian, se quer que o Manuscrito não se difunda, é agora que tem de dar a ordem.

Eu estava gelado.

- Padre, confia em mim - estava Sanchez a dizer.

- O Manuscrito não vai destruir a obra das tuas mãos, tudo aquilo para que viveste. Não podes matar aquelas pessoas.

Sebastian sacudiu a cabeça.

350

- Confiar em ti... ?

Foi então que se foi sentar à sua secretária e ,olhou para a alta patente:

- Não abateremos nenhum deles. Dê ordens às suas tropas para os apanharem vivos.

A alta patente anuiu e saiu da sala. Sanchez disse:

- Obrigado, foi a escolha acertada.

- Sim, não matar - disse Sebastian. - Mas eu não mudei de ideias. Este Manuscrito é uma praga. Iria destruir a estrutura fundamental da autoridade que é a nossa. Levaria as pessoas a pensar que controlam o seu destino espiritual. Iria pôr em causa a disciplina que se impõe para trazer para o seio da Igreja todos os seres humanos deste planeta, e o povo ficaria à espera do momento em que o arrebatamento as levaria. - Olhou com dureza para Sanchez. - Neste momento, milhares de soldados vêm a caminho. Já não tem importância o que tu ou outra pessoa faça ou venha a fazer. O Nono Olhar Profundo nunca sairá do Perú. E agora sai da minha missão.

Ao sairmos a correr, ouvimos ao longe dezenas de camiões a aproximar-se.

- Porque é que ele nos deixou vir embora? - perguntei-lhe.

- Porque pensa, imagino eu, que isso não vai mudar nada - retorquiu Sanchez -, que não há nada que possamos fazer. Para dizer a verdade, não sei que pensar.

Os olhos dele encontraram-se com os meus:

- Não o convencemos, pois não?

Eu também me sentia confuso. Qual era o significado de tudo aquilo? Talvez que, tudo somado, nos tivéssemos encontrado com Sebastian não para o convencer, mas com qualquer outra finalidade. Talvez que o verdadeiro objectivo fosse tão-só retardá-lo.

351

Olhei de relance para Sanchez. Ele estava concentrado na condução e ia olhando para a beira da estrada, à espera de um sinal de Wil e Júlia. Tínhamos decidido fazer ida e volta na estrada, na direcção da qual os víramos correr, mas até ao momento não déramos com eles. Enquanto andávamos para trás e para diante à procura deles, o meu espírito pôs-se a vaguear pelas Ruínas Celestinas. Imaginei que o sítio se parecia com isto: as escavações em fila, as tendas dos cientistas e, em pano de fundo, as imponentes estruturas em pirâmide.

- Eles não parecem estar neste bosque - disse Sanchez. - Devem ter um veículo. Temos de decidir o que vamos fazer.

- Acho que devíamos ir para as ruínas - sugeri.

Ele olhou para mim.

- Também acho que podemos ir para lá. Aliás, não

há mais nenhum sítio para onde possamos ir.

Sanchez deu uma volta e dirigiu-se para oeste.

- O que é que sabe sobre aquelas ruínas? - perguntei.

- Como disse Júlia, foram construídas por duas culturas diferentes. A primeira, a dos Maias, estabeleceu no local uma civilização próspera, embora a maior parte dos seus templos se situasse mais para norte, no Iucatão. Misteriosamente, porque não se conhece uma causa aparente para o sucedido, todos os sinais da sua civilização desvaneceram-se por volta de 600 a.C. Os Incas vieram depois e, por sua vez, desenvolveram no mesmo local uma outra civilização.

- Em sua opinião, que terá acontecido aos Maias?

Sanchez passou rapidamente os olhos por mim.

- Não sei.

Rolámos vários minutos em silêncio e, repentinamente, lembrei-me que o padre Sanchez dissera a Sebastian que tinha lido mais uma parte do Nono Olhar Profundo.

- Como é que conseguiu ler mais uma parte do Nono? - perguntei-lhe.

- O jovem soldado que nos ajudou sabia onde estava escondida a outra parte. Depois de nos termos separado, eu e você, ele levou-me para uma outra sala e mostrou-ma. A parte que li acrescenta só alguns conceitos ao que Phil e Dobson nos disseram, mas forneceu-me os argumentos que servi a Sebastian.

- Mas, mais especificamente, que dizia essa parte?

- Que o Manuscrito clarificaria as principais religiões.

Que

ia ajudá-las a cumprir plenamente as suas promessas. Todas as religiões, dizia a cópia, são, na prática, maneiras que a humanidade tem de se relacionar com uma fonte mais elevada. E todas as religiões se referem à possibilidade de experimentar, no seu seio, uma percepção de Deus, uma percepção que nos amplia, nos torna mais nós próprios. As religiões corrompem-se quando escolhem líderes que têm por missão explicar a vontade de Deus às pessoas em vez de lhes explicar como é que, por si mesmas, encontrarão Deus nelas.

O Manuscrito diz ainda que, de tempos a tempos, na história, poderá surgir um indivíduo que compreenda o caminho exacto da ligação com a fonte de energia de Deus. Essa compreensão poderá tornar-se a orientação de muitos mais. Cada vez que isso acontece, torna-se culturalmente evidente que a ligação com Deus é possível.

Sanchez calou-se e olhou para mim.

- Diacho, mas não foi isso, no fundo, o que Jesus fez? Não ampliou ele a sua energia e a sua vibração a um ponto tal que se tornou suficientemente leve para...

Sanchez, em vez de terminar a frase que começara, parecia ter mergulhado em profundos pensamentos.

- Em que está a pensar? - quis saber.

Sanchez olhou-me com ar de grande perplexidade.

- Não sei. A cópia do soldado era aqui que findava.

Dizia ela que esse indivíduo ia abrir um caminho, que toda a raça humana estava destinada a orientar-se por ele. Mas não referia aonde levava esse caminho.

Durante quinze minutos, rolámos em silêncio. Eu esforçava-me por receber alguma indicação sobre o passo seguinte, mas não consegui pensar em nada. Parecia que me estava a esforçar demasiado.

- Lá estão as ruínas - disse Sanchez.

À nossa frente, no meio da floresta, à esquerda da estrada, consegui vislumbrar três grandes estruturas de forma piramidal. Depois de estacionarmos e de nos termos aproximado a pé, pude ver que as pirâmides tinham sido construídas em pedra talhada e se encontravam a igual distância umas das outras, qualquer coisa como uns trinta metros. Entre elas tinha sido construída uma área pavimentada com pedras mais polidas. Várias escavações tinham sido iniciadas no sopé das pirâmides.

- Olhe, ali! - disse Sanchez, apontando para a pirâmide mais distante.

Uma figura solitária estava sentada em frente da pirâmide. À medida que nos aproximávamos, fui notando um aumento do meu nível de energia. Mal entrámos no centro da área pavimentada, senti-me com incrivelmente mais energia. Olhei para Sanchez, que avançava de sobrolho franzido. Quando chegámos mais perto, reconheci a pessoa que estava junto da pirâmide: era Júlia. Tinha as pernas cruzadas e viam-se-lhe no colo várias folhas de papel.

- Júlia - chamou Sanchez.

Ela voltou-se e, em seguida, pôs-se de pé. O seu rosto parecia resplandecente.

- Onde está Wil? - perguntei-lhe.

Ela apontou para a sua direita. Na direcção que ela indicou, aí a uns cem metros, estava Wil. Parecia fulgir no crepúsculo.

- O que está ele a fazer ali? - perguntei.

- O Nono - disse Júlia, estendendo-nos os papéis.

Sanchez disse-lhe que já tinha visto uma parte do olhar profundo, a parte que predizia um mundo transformado pela evolução consciente.

- Mas para onde é que esta evolução nos leva? acabou por perguntar Sanchez.

Júlia não respondeu. Limitava-se a segurar os papéis na mão, como se esperasse que lhe lêssemos o espírito.

- O quê? - perguntei.

Sanchez estendeu o braço e tocou no meu. A sua expressão lembrava-me que eu devia estar alerta e esperar.

- O Nono revela o nosso destino final - disse Júlia.

- Torna tudo cristalino. Volta a afirmar que, enquanto seres humanos, nós somos o culminar de toda a evolução. E refere, referindo-se à matéria, que esta começou por ser uma forma frágil e foi aumentando de complexidade, elemento após elemento, e depois espécie após espécie, evoluindo sempre para estados de vibração progressivamente mais amplos.

Quando apareceram os homens primitivos, nós continuámos, inconscientemente, a nossa evolução, conquistando outros e ganhando energia, mas sempre avançando um pouco, para depois sermos conquistados nós mesmos por outros e perdermos a nossa energia. Este conflito físico continuou até à invenção da democracia, um sistema que não põe fim aos conflitos, mas os faz mudar de nível, do físico para o mental.

Agora - continuou Júlia -, nós estamos a tomar consciência de todo este processo. Podemos ver que toda a história humana nos foi preparando para completarmos conscientemente a evolução. Agora, podemos aumentar a nossa energia e experimentar conscientemente as coincidências. É este facto que vai acelerar a evolução, elevando as nossas vibrações para níveis cada vez mais amplos.

354 355

Ela hesitou durante uns instantes, olhando para cada um de nós, e depois repetiu o que tinha dito:

- O nosso destino é continuar a desenvolver a energia, fazê-la subir para níveis sempre mais amplos. E se se elevam esses níveis, o nível de vibração dos átomos do nosso corpo eleva-se também.

Ela voltou a hesitar.

- Que quer dizer isso? - perguntei-lhe.

- Isto quer dizer - disse Júlia - que nos estamos a tornar mais leves, mais puramente espirituais.

Olhei para Sanchez. Ele estava a focalizar intensamente Júlia.

- O Nono Olhar Profundo - continuou Júlia - diz que à medida que nós, os seres humanos, continuarmos a desenvolver as nossas vibrações, algo de verdadeiramente extraordinário vai começar a acontecer. Grupos inteiros de pessoas, uma vez atingido um certo nível, vão de repente tornar-se invisíveis aos olhos das que vibram ainda a um nível menos amplo. Para estas, as outras pura e simplesmente desaparecerão. Mas para os membros do mesmo nível, elas serão vistas como se ainda estivessem aqui. E, de facto, é aqui que continuarão, só que mais leves.

À medida que Júlia falava, fui notando que o seu rosto e o seu corpo se modificavam. O seu corpo estava a adquirir as características do seu campo de energia. Os seus traços ainda eram nítidos e distintos, mas já não eram músculos e pele o que se via. Ela dava a impressão de se estar a transformar em pura luz, com uma luminosidade vinda de dentro.

Olhei para Sanchez. Ele estava a ir pelo mesmo caminho. Para meu grande espanto, tudo estava a transformar-se da mesma maneira: as pirâmides, as pedras

debaixo dos nossos pés, a floresta que nos rodeava, as minhas próprias mãos. A beleza que eu podia perceber

superava em grandeza tudo o que eu jamais havia experimentado, mesmo no alto da montanha.

- Quando os seres humanos atingem um nível em que os outros já não conseguem aperceber-se fisicamente deles - continuou Júlia -, isso é o sinal de que atravessaram a barreira entre esta vida e o outro mundo, de onde vieram e para onde irão após a morte. Esta travessia consciente é o caminho que Cristo descobriu e nos mostrou. Ele abriu-se a um tal ponto à energia que ficou leve e pôde andar sobre as águas. Ele transcendeu a morte, aqui mesmo, na Terra, e foi o primeiro a fazer a travessia, a expandir o mundo físico no espiritual. A sua vida demonstrou como isso se fazia e, se nós ligarmos com a mesma fonte de energia, poderemos trilhar o mesmo caminho, degrau a degrau. Chegará o momento em que todos vibraremos com a intensidade necessária para entrarmos na eternidade com a nossa própria forma.

Reparei que Wil caminhava lentamente na nossa direcção. Os seus movimentos pareciam singularmente graciosos, como se ele viesse até nós deslizando.

- O Olhar Profundo - continuou Júlia - diz que a maioria das pessoas atingirá este nível de vibração no decorrer do terceiro milénio; que o farão em grupo e que esses grupos reunirão as pessoas mais particularmente ligadas entre si. Já houve culturas na história que atingiram esse nível de vibração. Segundo o Nono Olhar Profundo, os Maias, por exemplo, fizeram juntos a travessia.

Júlia deixou bruscamente de falar. Atrás de nós, ouvimos vozes abafadas em espanhol. Dezenas de soldados estavam a invadir as ruínas, direitos a nós. Para grande surpresa minha, não senti medo. Os soldados continuaram a avançar vagamente na nossa direcção, porque, por estranho que pareça, não davam exactamente connosco.

- Eles não nos podem ver! - disse Sanchez. Estamos a vibrar demasiado alto!
Olhei de novo para os soldados. Ele tinha razão.

356 357

Eles passavam por nós, a uns oito a dez metros à nossa esquerda, ignorando-nos por completo.

De repente, ouvimos gritos, perto da pirâmide à nossa esquerda. Os soldados que estavam mais próximos de nós pararam e foram a correr na direcção dos gritos.

Tentei ver o que acontecia. Um outro grupo de soldados emergia da floresta, trazendo pelo braço dois homens, Dobson e Phil. A visão da sua captura abalou-me, e senti que o meu nível de energia diminuía dramaticamente. Olhei para Sanchez e para Júlia. Os dois olhavam intensamente na direcção dos soldados e pareciam um e outro igualmente perturbados.

- Esperem! - pareceu gritar Wil da direcção oposta. - Não percam a vossa energia!

Eu senti tanto as suas palavras como as ouvi. Estavam

ligeiramente adulteradas.

Voltámo-nos e vimos Wil a caminhar rapidamente na nossa direcção. Enquanto olhávamos para ele, pareceu dizer qualquer coisa mais, mas dessa vez as suas palavras foram completamente ininteligíveis. Dei-me conta de que começava a ter perturbações de focalização. A sua imagem estava a tornar-se nebulosa, distorcida. Aos poucos e poucos, enquanto eu o olhava, incrédulo, ele foi desaparecendo completamente do meu campo de visão.

Júlia voltou o seu rosto para mim e para Sanchez. O seu nível de energia parecia menos amplo do que anteriormente, mas estava completamente impávida, como se o que estava a acontecer ocorresse precisamente para esclarecer algo.

- Não somos capazes de manter a vibração - disse ela. - O medo que sentimos reduz tremendamente a nossa vibração.

Ela olhou para o sítio onde Wil desaparecera da nossa vista.

- O Nono diz que embora alguns indivíduos possam passar para o outro lado esporadicamente, não

358

haverá um arrebatamento geral enquanto não abolirmos o medo, enquanto não formos capazes de manter uma vibração suficiente em todas as situações.

A emoção de Júlia ia num crescendo.

- Não estão a ver? Nós não podemos fazer isto constantemente, mas a função do Nono é ajudar-nos a ter confiança. O Nono é o olhar que nos revela para onde estamos a ir. Todos os outros olhares criaram um quadro do mundo como lugar de uma beleza e de uma energia inacreditáveis, e de nós mesmos como agentes da nossa ligação a esse mundo e, destarte, videntes da sua beleza.

Quanto mais beleza virmos, mais evoluiremos. Quanto mais evoluirmos, mais ampla será a vibração. O nono mostra-nos, em última análise, que o desenvolvimento da percepção e da vibração nos abrirá caminho para um Céu que já está à nossa frente. Só que não podemos vê-lo ainda.

Sempre que duvidarmos do nosso próprio caminho, ou perdermos a visão do processo, não devemos perder de vista que estamos num processo evolutivo de uma crescente amplitude. E que este processo é o processo de toda a nossa vida. Alcançar o Céu na Terra é a razão que aqui nos trouxe. E agora sabemos como se pode fazer isso... como será feito.

Ela calou-se momentaneamente.

- O Nono diz que existe ainda um Décimo Olhar Profundo. Acho que ele deve revelar...

Antes que ela pudesse concluir, uma rajada de metralhadora lascou as pedras polidas junto aos nossos pés. Atirámo-nos todos para o chão, com as mãos erguidas. Nenhum de nós falou quando os soldados chegaram, confiscaram os papéis e levaram cada um de nós

para um sítio diferente.

359

As primeiras semanas a seguir à captura foram passadas num constante terror. O nível da minha energia decaiu dramaticamente enquanto uma patente militar após outra me interrogava, no meio de ameaças, sobre o Manuscrito.

Eu fazia de turista idiota e defendia-me alegando ignorância. Tudo somado, era verdade que eu não fazia a menor ideia de quem, entre os padres, tinha ou não tinha cópias, ou até que ponto a aceitação pública do documento se tinha ampliado. Aos poucos e poucos, a minha táctica foi resultando. Passado um tempo, os militares pareceram cansar-se de mim e entregaram-me a um comité de autoridades civis que adoptaram uma abordagem diferente do problema.

Tentaram convencer-me de que a minha viagem ao Perú tinha sido, desde o princípio, uma loucura. Loucura, segundo eles, porque o Manuscrito, na realidade, nunca existira. Argumentavam dizendo que os olhares profundos tinham sido, na realidade, inventados por um pequeno grupo de padres com a intenção de fomentar uma revolta. Eu não passara, no meio de tudo aquilo, de um lorpa, como eles diziam, e eu deixava-os falar.

Passado um tempo, a conversa foi-se tornando quase cordial. Todos me passaram a tratar como a vítima inocente de uma conspiração, como um ianque ingénuo que lera muitas histórias de aventuras e acabara por se perder num país estrangeiro.

E dado que o nível da minha energia estava baixo, era possível que tivesse ficado vulnerável àquela lavagem ao cérebro se não tivesse ocorrido um outro facto: fui repentinamente transferido da base militar onde me encontrava preso para um complexo governamental perto do aeroporto de Lima - um complexo onde também se encontrava detido o padre Carl. A coincidência devolveu-me parte da minha confiança.

Eu passeava no pátio aberto quando pela primeira vez o vi sentado num banco, a ler. Fui andando até onde ele estava, procurando conter a minha exaltação e esperando não atrair as atenções dos oficiais que, do prédio, nos observavam. Quando me sentei, ele olhou para mim

e sorriu.

- Tenho estado à sua espera - disse ele.
- É verdade?

Ele pousou o seu livro, e pude ver-lhe o prazer espelhado nos olhos.

- Logo que eu e o padre Costous chegámos a Lima - explicou ele -, fomos imediatamente presos e separados e, desde então, fiquei aqui. Eu não conseguia compreender porquê, nada parecia ir acontecer. Então comecei a pensar repetidamente em si. - Ele lançou-me um olhar conhecedor. - Por isso, pensei que você acabaria por aparecer.

- Estou feliz por encontrá-lo aqui - disse eu. - Alguém lhe contou o que aconteceu nas Ruínas Celestinas?

- Sim - respondeu o padre Carl. - Falei muito rapidamente com o padre Sanchez. Ele esteve aqui preso um dia, antes de ser levado para outro lado.

- Ele está bem? E soube o que aconteceu aos outros? E quanto a ele? Onde é que o vão manter preso?

- Ele não tinha qualquer informação sobre os outros e eu estou como o padre Sanchez: também não sei nada. A estratégia do Governo é procurar sistematicamente e destruir todas as cópias do Manuscrito.

Depois, tratar todo o caso como um grande embuste.

Seremos todos desacreditados, imagino, mas quem pode saber o que, finalmente, nos vão fazer?

- E que se passou com as cópias de Dobson? - perguntei eu. - Ele não tinha deixado o Primeiro e o Segundo nos Estados Unidos?

- Eles já os têm - respondeu o padre Carl. - O padre Sanchez contou-me que os agentes do Governo descobriram onde ele os tinha guardado e conseguiram roubá-los. Aparentemente, os agentes peruanos estiveram

360 361

em tudo quanto era sítio. Desde o princípio que estavam ao corrente de Dobson, assim como da sua amiga Charlene.

- E por onde quer que eles passem todas as cópias vão desaparecer. É isso?

- Penso que será um milagre escapar alguma - respondeu o padre Carl.

Desviei o olhar, sentindo a minha recém-recuperada energia diminuir.

- Sabe o que isto significa, não sabe? - perguntou o padre Carl.

Olhei para ele e continuei calado.

- Isto quer dizer - continuou ele - que cada um de nós tem de guardar na memória as palavras exactas do Manuscrito. Você e Sanchez não conseguiram convencer o cardeal Sebastian, mas conseguiram entretê-lo o suficiente para que houvesse tempo para ler e compreender o Nono Olhar Profundo. Agora, ele tem de ser transmitido. Você está envolvido no processo da sua transmissão.

Esta sua afirmação fez-me sentir pressionado, activando o meu drama de distante. Recostei-me no banco e pus-me a olhar para outro sítio, o que fez rir o padre Carl. Precisamente nesse momento, reparámos que vários funcionários da embaixada estavam à janela de um gabinete a observar-nos.

- Preste atenção ao que lhe vou dizer - disse rapidamente o padre Carl. - A partir de agora, os olhares profundos têm de ser partilhados por todos. Logo que alguém recebe uma mensagem e se dá conta de que as percepções que teve são verdadeiras, deve transmitir a informação aos que achar preparados para a receber. As pessoas vão ter de se abrir: aprender a ligar-se à energia,

habituar-se a falar umas com as outras sobre isso, treinar-se na espera; de outro modo, os seres humanos, no seu todo, vão continuar a fazer de conta que o importante é

362

explorarem o planeta e terem mais poder uns sobre os outros. Se continuarmos a fazer isso, não teremos qualquer hipótese de sobrevivência. Cada um de nós vai ter de fazer tudo o que estiver ao seu alcance para transmitir esta mensagem.

Reparei que os dois funcionários tinham saído do edifício e vinham direitos a nós.

- Só mais uma coisa - disse o padre Carl, falando em voz baixa.

- Que é? - perguntei.

- O padre Sanchez contou-me que Júlia tinha falado num Décimo Olhar Profundo. Ainda não foi encontrado e ninguém faz ideia onde possa estar.

Os funcionários já estavam quase a chegar ao pé de nós.

- Eu estive a pensar - continuou o padre Carl. Você vai ser libertado e talvez seja a única pessoa a estar em condições de o procurar.

, Os tipos interromperam bruscamente a nossa conversa e escoltaram-me até ao edifício. O padre Carl sorriu, acenou e disse mais qualquer coisa, mas eu só consegui ouvir parte.

Quando o padre Carl mencionou o Décimo Olhar Profundo, pensei em Charlene. Porque estava eu a pensar nela? Qual seria a sua ligação com o Décimo Olhar Profundo?

Os dois tipos insistiram para que eu emalasse algumas coisas e os acompanhasse até à embaixada. Entrei num veículo oficial, fomos até lá, mas eu fiquei à porta e, em seguida, fui levado directamente para o aeroporto. Puseram-me numa fila de embarque. Um deles fez-me um leve sorriso e olhou para mim por de trás de lentes espessas.

O seu sorriso murchou quando me passou para as mãos um passaporte e um bilhete de avião para o voo que rumaria aos Estados Unidos... só então me disse com um forte sotaque peruano que nunca mais voltasse ao Perú, fosse por que motivo fosse.

Obras publicadas nesta colecção:

AVENTURAS DE UM JOVEM - John dos Passos
UM CAMPO DE BATALHA - Graham Greene
A CASA DAS SOMBRAS - Luiz Teixeira
CASAMENTO POR ANÚNCIO - Jean-Claude Carrière
CONTRA A CORRENTE - Bertrand Poirot-Delpech
DIÁRIO DE GUERRA NA RÚSSIA - Arthur Nisin
OS FALSOS IRMÃOS - Paul Guimard
A FALUA DOS IRMÃOS - Hans Baumann
O FUGITIVO NU - Francis Clifford
O GUIA - Frison Roche

HISTÓRIAS DO GOLFO - Erskine Caldwell
 A IRONIA DA SORTE - Paul Guimard
 O LAGO - Camille Bourniquel
 NAVEGAMOS NO MESMO BARCO - Graham Greene
 PALÁCIOS CONFUSOS - João Falcato
 PARIS NO MÊS DE AGOSTO... - René Fallet
 QUEM GANHA PERDE - Graham Greene
 REGRESSO À MONTANHA - Frison Roche
 RUA DO HAVRE - Paul Guimard
 O VENCIDO - Peter Ustinov
 O QUARTO 233 - Alberto Calderon Dinis
 O AGENTE SECRETO - Graham Greene
 PAGO PARA MATAR - Graham Greene
 OS NÁUFRAGOS DO AUTOCARRO - John Steinbeck
 E VÓS QUEM DIZEIS QUE EU SOU? - Roger Garaudy
 FÁBULAS PROIBIDAS-Alberto Moravia
 OS PECADOS DO CARDEAL - Andrew M. Greeley
 A MULHER DO PRÓXIMO - Andrew M. Greeley
 A ILHA AO CONTRÁRIO - Fernando Lopes
 VIRGEM E MÁRTIR-Andrew M. Greeley
 MEMÓRIA DELTA - António Cabral
 DRA. HELENA - Luís Salgado de Matos
 A FACE DA INOCÊNCIA - Margarida Fonseca e Silva
 A SANTA DO CALHAU - Maria Aurora Carvalho Homem
 SÓ DEUS E NÓS - Michel Folco
 CRÓNICA DA CASA ARDIDA - A. M. Pires Cabral
 UMA MULHER EM SI - Michel del Castillo
 O SILÊNCIO DOS INOCENTES - Thomas Harris
 ENREDOS DA MEMÓRIA - Orlando Gonçalves
 O CHEIRO DA MADEIRA - A. M. Galopim de Carvalho
 O DIABO VEIO AO ENTERRO - A. M. Pires Cabral
 TORRE DE DONA CHAMA - Ernesto Rodrigues
 MEMÓRIAS DE UMA MENINA VELHA - Sarah Pinto Coelho
 CAMILO - GÉNIO E FIGURA - Agustina Bessa-Luís
 DOMINGO NEGRO - Thomas Harris
 NÃO PODE SER - Celso Cruzzeiro
 O PREÇO DA BORREGA - A. M. Galopim de Carvalho
 LUGARES DE CASCAIS NA LITERATURA - Antologia
 organizada por Júlio Conrado
 OS DIAS DO FIM - Ricardo de Saavedra
 RAQUEL E O GUERREIRO - A. M. Pires Cabral
 A NOIVA DE CANÁ-António Cabral
 UM MOMENTO DE TERNURA E NADA MAIS - Afonso Praça
 A PROFECIA CELESTINA - James Redfield
 DRAGÃO VERMELHO-Thomas Harris
 A PASSAGEM - Valéry Giscard D'Estaing

Data da Digitalização

Amadora, Janeiro de 1997